



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**



ELIZÂNIA RODRIGUES OLIVEIRA

**PELOS BECOS DE GOIÁS, POEMAS DE CORA CORALINA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: LAÇOS ENTRE O LIDO E O VIVIDO**

Uberlândia - MG
2020

ELIZÂNIA RODRIGUES OLIVEIRA

PELOS BECOS DE GOIÁS, POEMAS DE CORA CORALINA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: LAÇOS ENTRE O LIDO E O VIVIDO

Dissertação, como trabalho de conclusão final, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Resende Ottoni.

Uberlândia - MG
2020



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Letras				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional				
Data:	15 de julho de 2020	Hora de início:	15:00	Hora de encerramento:	18:00
Matrícula do Discente:	11812MPL006				
Nome do Discente:	Elizânia Rodrigues Oliveira				
Título do Trabalho:	Pelos becos de Goiás, poemas de Cora Coralina na educação de jovens e adultos: laços entre o lido e o vivido				
Área de concentração:	LINGUAGENS E LETRAMENTOS				
Linhas de pesquisa:	Leitura de Produção Textual: diversidade social e práticas docentes				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Gêneros, discursos e identidades na sociedade brasileira				

Reuniu-se em plataforma online, via Google Meet, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras, assim composta: Professores Doutores: a) Prof. Dr. João Carlos Biella, Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista – UNESP; b) Profa. Dra. Neli Edite dos Santos, Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia; c) Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni, Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília – UNB, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Maria Aparecida Resende Ottoni, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

04/08/2020

SEI/UFU - 2134109 - Ata de Defesa - Pós-Graduação

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por João Carlos Biella, Professor(a) do Magistério Superior, em 15/07/2020, às 17:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 69, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Maria Aparecida Resende Ottoni, Professor(a) do Magistério Superior, em 15/07/2020, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 69, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Neli Edite dos Santos, Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, em 20/07/2020, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 69, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Elizânia Rodrigues Oliveira, Usuário Externo, em 04/08/2020, às 12:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 69, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_organizacao_externa=0, informando o código verificador 2134109 e o código CRC 84D3954B.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O48p
2020

Oliveira, Elizânia Rodrigues, 1972-

Pelos becos de Goiás, poemas de Cora Coralina na educação de jovens e adultos [recurso eletrônico] : laços entre o lido e o vivido / Elizânia Rodrigues Oliveira. - 2020.

Orientadora: Maria Aparecida Resende Ottoni.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras (PROFLETRAS).

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.3027>

Inclui ilustrações.

Acompanha Caderno suplementar com proposta didática de leitura e análise dos poemas selecionados de Cora Coralina, pertencentes à obra *Vintém de cobre*, da poetisa Cora Coralina, destinado aos professores de Língua portuguesa da Educação básica, em particular os que lecionam para a Educação de Jovens e Adultos.

I. Linguística. I. Ottoni, Maria Aparecida Resende, 1966-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Letras (PROFLETRAS). III. Título.

CDU: 801

Rejâne Maria da Silva – CRB6/1925

Aos grandes amores da minha vida e maiores incentivadores: meu amado pai Geraldo (*in memoriam*), minha mãe Maria Augusta, meus filhos, Hilário H. e Kmillye, meus netinhos Anninha Beatriz, Enzinho e Esterzinha, e ao meu esposo Juarez.

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento de prestar reverência a todas as pessoas que merecem ser lembradas e homenageadas com toda a minha profunda gratidão por contribuírem para com a realização desse airoso e árduo sonho que se tornou realidade: a conclusão do meu Mestrado. Por isso, agradeço...

A Deus, pela saúde e perseverança, por todas as constantes bênçãos em minha vida e por me conceder a grande dádiva de viver ao lado daqueles a quem amo com tanta plenitude.

Ao meu melhor amigo, eterno namorado, esposo, companheiro de vida pessoal e profissional, Juarez. Veja só como são muitos papéis que você desempenha na minha vida, meu amor! Mal consigo expressar quão grande é o respeito, o carinho, a gratidão que eu sinto por você que, nesses 30 anos de caminhada juntos, nunca permitiu que eu desistisse dos meus sonhos.

Aos meus eternos amados e admirados pais, Geraldo (*in memoriam*) e Maria Augusta com todo amor, dedicação e trabalho sempre fizeram de tudo para que eu pudesse crescer em um ambiente de muita paz, humildade, bondade, respeito e honestidade e que tivesse uma das maiores heranças que sonharam em me proporcionar, o estudo. Vocês são os melhores pais que Deus poderia ter me dado e sou muito grata por tê-los na minha vida, no meu coração e em todo o meu ser. A Elizânia que existe hoje é fruto do que sempre me ensinaram, pois são os maiores mestres que tive e nada poderia mensurar tudo que representam na minha vida. Meus amores, vocês são a personificação do amor mais puro e verdadeiro que pode existir. Meu paizinho querido que hoje está no céu e minha mãezinha, obrigada por terem decidido vir da fazenda pra morar na cidade para que pudesse estudar, pois vocês sempre disseram que jamais seria uma lavradora ou uma lavadeira, assim como vocês. Agradeço por terem me considerado uma mulher inteligente e esforçada, por todas as vezes que vocês deixaram de comer para alimentar os três filhos biológicos e ainda os cinco filhos que vocês adotaram como seus. Hoje nos tornamos pessoas honestas e de bem, pois nossos espelhos foram vocês. Obrigada por não permitir que nós oito nunca desistíssemos dos estudos, pois vocês sempre deixaram claro que quando se nasce preto e pobre a luta é incansável para se viver com dignidade. Para sempre e incondicionalmente os amarei!

Ao meu irmão Evânio, muito obrigada por comemorar as minhas vitórias e por torcer pela minha felicidade! Amo você, meu irmão!

Ao meu irmão Eliênio, mesmo não demonstrando emoção com facilidade, sei que torce por mim sempre e vibra com minhas vitórias. Te amo, irmão!

Aos meus avós Joaquim e Laurinda, “vô” Bandi e “vó” Bastianinha (*in memoriam*) pelo amor incondicional e pelo carinho de sempre! Amo vocês demasiadamente, minhas raízes, meu orgulho!

Aos meus tios e tias, tanto do lado paterno quanto materno. Ao meu tio do coração Lorim e todos os meus primos e primas, por comemorarem as minhas vitórias e por terem orado por mim.

À minha querida professora e orientadora, Maria Aparecida Resende Ottoni, por todas as oportunidades proporcionadas. Desde quando a vi pela primeira vez naquele primeiro dia de aula do PROFLETRAS, dia de apresentação e escolha dos orientadores, pude conhecer e me encantar pela senhora e pelo mundo da pesquisa, cuja experiência, simpatia, graça e leveza no falar foi o estímulo inicial para chegar ao que sou hoje como docente e acertadamente impulsionou-me à conquista do título de Mestre e me estimula a sonhar com o doutorado. Eu e a senhora sabemos o quanto foi árduo o caminho que trilhamos, o quanto eu tive que me refazer, e a senhora também para chegarmos a este momento. Obrigada por não ter desistido de mim e contribuir para o meu crescimento pessoal e profissional.

À minha coordenadora do Profletras-UFU Profa. Dra. Marlúcia, que prontamente me atendeu durante todo o curso e de tudo fez para que nenhum prejuízo eu tivesse e durante todo o tempo contribuiu com toda a sua experiência docente para ampliar as reflexões práticas para o ensino.

À professora Elisete Mesquita, que, com a sua doce forma de me tratar, contribuiu imensamente durante os momentos em que precisei de sua ajuda. Por todas as correções que fez nos textos que produzi, tornando-os mais objetivos e acadêmicos. Obrigada pelo carinho, minha querida Elis!

Ao querido professor João Carlos Biella pela iluminada torcida, acredito que não pode mensurar o quanto a sua metodologia nos instiga ao alcance do nosso protagonismo.

À também querida Eliana Dias, por dedicar-se a nos ensinar sobre a necessidade dos letramentos e dos multiletramentos. Hoje leio, conheço e admiro Rojo porque você me apresentou. Você foi uma das maiores lindezas que encontrei na UFU. Obrigada pelo acolhimento e pela dedicação!

À professora Marisa, por me ensinar que eu tenho algumas dificuldades e que eu preciso me esforçar sempre. Nunca subestimar a capacidade de julgamento de ninguém, e por desejar que o curso nos proporcionasse bons frutos. Grata, Marisa!

À professora Simone Floripi por me ensinar a resenhar textos e obras corretamente.

Ao Andson por nos receber tão prontamente na Secretaria, sempre. Valeu!

À professora Adriana, por me ensinar que, mesmo com muito cansaço, ao se trabalhar com pessoas, é necessário demonstrar alegria. Com você descobri a importância do bom humor.

À amiga, parceira de profissão, Marcela, pela força nos momentos difíceis. Por ajudar nas etapas de elaboração do projeto, da qualificação, das comunicações orais. Por ter segurado a minha mão e não ter soltado em momento algum enquanto eu caminhava. Por ter sido alicerce, apoio constante, confidente e até ter exposto minhas intimidades no intuito de me ajudar, principalmente pela grande amiga que é. O mérito dessa conquista também é seu. Muito obrigada, minha amiga!

Ao Júnio pela nobreza do caráter, pela bondade e por sempre me querer por perto. Além de ter sido um dos grandes apoios que tive durante estes dois anos. Não quero nunca perder sua amizade, amigo. Você contará sempre com meu carinho, respeito e admiração. Vamos sim, fazer o doutorado juntos! Jesus vai nos abençoar. Valeu, amigo. Conseguimos!

Aos colegas do Profletras, turma 5, por terem me escutado e dado força quando precisei. Por compartilharem as experiências desenvolvidas, por dialogarem comigo a ponto de me fazer repensar outro viés de pesquisa. Por serem exemplos de profissionais e, mais ainda, pela amizade que cultivamos durante esses anos.

Aos colegas de trabalho das escolas públicas de Mineiros - GO, Santa Rita do Araguaia - GO e Alto Araguaia - MT, por todo o apoio que me concederam no período do Mestrado e pelas conversas reflexivas quando ainda estava aplicando a pesquisa, por me incentivarem com seus exemplos e me encorajarem a nunca desistir dos meus objetivos. Sou eternamente grata!

Aos acadêmicos do curso de Letras, da Unemat - 2016/2020, com os quais fizemos uma linda parceria.

À minha prima Neuzair e toda a sua família, em especial ao seu filho Talysson Henrique, ela amiga que é, e ele por me amar fraternalmente e incondicionalmente, por terem me apoiado cedendo o aconchego do seu lar todas as vezes que eu precisei. Vocês nunca me deixaram desistir, todas as vezes que me julguei incapaz. Obrigada, amiga! Obrigada Talysson! Eu adoro vocês!

À minha amiga Lúcia, pela leitura atenta de todas as versões de minha dissertação, pela dedicação e incentivo de sempre. Grata, Lúcia!

À amiga Conceição, por me receber em sua casa, com seu lindo filho e seu esposo para esclarecer como funcionava a submissão do projeto ao Comitê de Ética e pelo apoio à escrita da primeira versão do projeto de qualificação. Essas etapas só foram concluídas porque você, com toda generosidade e bondade de seu coração, se dispôs a me ajudar. Obrigada, amiga e doutora! Você é para mim um grande exemplo de mulher!

À Andréia, pela amizade fortalecida durante esse período do Mestrado. Obrigada pela torcida, “miga”!

Aos alunos participantes da pesquisa, por tornarem meu caminho mais florido, por terem contribuído para que a execução das aulas fosse proveitosa e que os objetivos de pesquisa fossem alcançados, por sempre me associarem à Cora, e por participarem desse meu momento de formação pessoal e profissional. Obrigada, “meus meninos”!

À professora Lúcia, por todo o apoio dedicado no período de coleta geração de dados e pelas inúmeras conversas que redimensionavam minha escrita.

Ao amigo sempre presente Paulo Roberto, por me incentivar, segurar em minhas mãos e dizer que acreditava que eu seria capaz de concluir o curso com louvor, por fazer comida em sua casa e levar em casa para que eu me alimentasse, pois sabia que eu estava produzindo. Obrigada a toda a sua família e também à sua mãe. Somente Jesus poderá pagar-lhes o imenso favor.

Ao Instituto de Letras e Linguística – ILEEL e à Universidade Federal de Uberlândia/UFU, minha universidade do coração. Instituição que me acolheu e me proporcionou tanto crescimento pessoal e profissional durante meu Mestrado. Eu sinto muito orgulho de dizer que sou egressa dessa conceituada instituição de ensino.

À CAPES, por financiar minha pesquisa enquanto foi possível. Caso eu não tivesse sido agraciada com a bolsa de estudos, provavelmente eu teria encontrado mais dificuldades financeiras do que as que passei para concluir esse curso. Graças à bolsa, paguei passagens, alimentação, cópias do material para estudos e livros.

Por fim, agradeço a todos que torceram e contribuíram de alguma forma para a elaboração e a concretização de mais esta etapa da minha carreira estudantil. Dedico todos os esforços e os frutos deste trabalho a todas as pessoas que estiveram ao meu lado enquanto ele estava sendo concebido e gerado. A todos que souberam compreender a minha ausência neste período de estudos, que sempre acreditaram que daria certo, que me motivaram continuamente e colaboraram para que o desenvolvimento deste trabalho ocorresse com normalidade, Rogo a Deus para que proteja e abençoe meus animadores e cubra suas vidas de bênçãos poderosíssimas!

Muito obrigada!

Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir. (CORALINA, 2015).

RESUMO

Esta dissertação é resultante de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Uberlândia, cujo objetivo geral é elaborar e aplicar uma proposta didática de intervenção, centrada na leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina e no diálogo desses poemas com experiências de vida de alunos da Educação de Jovens e Adultos. Para atingir o objetivo, apoiamos-nos em pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003), em estudos sobre multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2000; ROJO 2009; ROJO 2012; ROJO; BARBOSA, 2015), letramento (KLEIMAN, 1995; SOARES, 2004), letramento literário (COSSON, 2012, 2014 a, b), sobre o gênero poema (PERFEITO, VEDOFATO, 2011). Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, de natureza aplicada e em consonância com os pressupostos da pesquisa-ação. A proposta, que compõe um caderno suplementar que acompanha esta dissertação, foi aplicada em uma escola da rede pública de Goiás, em Santa Rita do Araguaia, e os dados foram gerados por meio de questionário, diário de campo, diário de leitura orientada, de gravação de aulas e da produção de diferentes textos pelos participantes. Os resultados evidenciaram que esta pesquisa possibilitou aos alunos que estudam na EJA a oportunidade de participarem de práticas sistematizadas de leitura, de oralização e de análise crítica de poemas de Cora Coralina, o que contribuiu para: a aproximação dos discentes do texto literário; o desenvolvimento da capacidade de análise crítica de poemas, atentando-se para as especificidades do gênero, para as escolhas linguístico-discursivas e para as diferentes representações do mundo e identificações que elas constroem; o estabelecimento de relações, pelos participantes, entre o que leem e o que vivem; a reflexão sobre como representam o mundo, como se representam e se identificam. Além disso, este estudo fornece um material didático-pedagógico a professores de Língua Portuguesa, atuantes em diferentes níveis de ensino, especialmente na EJA, que poderá lhes dar subsídios para o trabalho de leitura e de análise de gêneros do campo artístico-literário.

Palavras-chave: Poema. Coralina. EJA. Letramento literário. Multiletramentos. Análise de discurso crítica.

ABSTRACT

This dissertation is the result of research developed within the scope of the Professional Master's Program in Letters (PROFLETRAS), from the Federal University of Uberlândia, whose general objective is to develop and apply a didactic intervention proposal, centered on the reading and critical analysis of Cora's poems *Coralina* and the dialogue of these poems with life experiences of students of Youth and Adult Education. To achieve the objective, we rely on theoretical-methodological assumptions of Critical Discourse Analysis (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003), in studies on multiliteracies (COPE; KALANTZIS, 2000; ROJO 2009; ROJO 2012; ROJO 2012; ROJO 2012; ROJO; BARBOSA, 2015), literacy (KLEIMAN, 1995; SOARES, 2004), literary literacy (COSSON, 2012, 2014 a, b), about the genre poem (PERFEITO, VEDOFATO, 2011). And in literary work (*CORALINA*, 1987). We developed a qualitative research, of an applied nature and in line with the assumptions of action research. The proposal, which makes up a supplementary booklet accompanying this dissertation, was applied at a public school in Goiás, in Santa Rita do Araguaia, and the data were generated through a questionnaire, field diary, guided reading diary, from recording of classes and the production of different texts by the participants. The results showed that this research provided students who study at EJA with the opportunity to participate in practices systematic reading, speaking and critical analysis of Cora Coralina's poems, which contributed to: bringing students closer to the literary text; the development of the capacity for critical analysis of poems, paying attention to the specifics of the genre, to the linguistic-discursive choices and to the different representations of the world and identifications that they build; the establishment of relationships, by the participants, between what they read and what they live; reflection on how they represent the world, how they represent and identify themselves. In addition, this study provides didactic-pedagogical material to Portuguese language teachers, working at different levels of education, especially in YAE which may provide them with subsidies for the work of reading and analyzing genres in the artistic-literary field.

Keywords: Poem. Cora Coralina. YAE Literary literacy. Multiliteracies. Critical Discourse Analysis.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Abordagem Tridimensional do discurso em Fairclough (2001).....	40
FIGURA 2	Modos como o discurso figura nas práticas sociais.....	46
FIGURA 3	Diário de leitura dos alunos	76
FIGURA 4	Página do diário da aluna A14.....	76
FIGURA 5	Apresentação da biografia de Cora Coralina	86
FIGURA 6	Capa do livro: Vintém de Cobre de Cora Coralina.....	87
FIGURA 7	Atividades relativas aos elementos constituintes do gênero.....	91
FIGURA 8	Interpretação do poema (1ª parte).....	107
FIGURA 9	Interpretação do poema (2ª parte).....	108
FIGURA 10	Interpretação do poema (3ª parte).....	109
FIGURA 11	Interpretação do poema (4ª parte).....	110
FIGURA 12	Interpretação do poema (5ª parte).....	111
FIGURA 13	Interpretação do poema (6ª parte).....	112
FIGURA 14	Preparação para as apresentações orais.....	124
FIGURA 15	Convite do Café literário.....	138
FIGURA 16	Ensaio para as apresentações	139
FIGURA 17	Ensaio para as apresentações (continuação).....	139
FIGURA 18	Apresentação dos textos durante o Café	141
FIGURA 19	Apresentação dos textos durante o Café (continuação).....	142
FIGURA 20	Apresentação dos textos durante o Café (continuação).....	143

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Diferentes abordagens em ADC.....	39
QUADRO 2	Categorias de análise.....	42
QUADRO 3	Arcabouço para o desenvolvimento de pesquisas em ADC.....	44
QUADRO 4	Características do gênero poema.....	53
QUADRO 5	Respostas para o questionário de sondagem.....	63
QUADRO 6	Preferências de leitura.....	66
QUADRO 7	Síntese das respostas dadas pelos alunos a cada questão trabalhada.....	91
QUADRO 8	Texto produzido pelo participante A02.....	96
QUADRO 9	Texto produzido por A09.....	97
QUADRO 10	Texto escrito por A16.....	98

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Você gosta de ler? Por quê?.....	64
GRÁFICO 2	Questão 6: A partir de nossos estudos, como você se sente hoje ao ler um poema?.....	146
GRÁFICO 3	Questão 8: Você acredita que atividades sistematizadas e direcionadas da forma com que estas foram podem contribuir para o despertar da consciência crítica dos alunos da EJA?	147

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: DO OBJETO, DOS OBJETIVOS E DAS JUSTIFICATIVAS DA PESQUISA	17
2	REVISÃO DOCUMENTAL, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
2.1	Conquistas e desafios: os marcos legais da EJA no BRASIL	27
2.2	Os estudos sobre letramento, sobre os multiletramentos e sobre o letramento literário	29
2.2.1	O letramento literário.....	35
2.3	A Análise de Discurso Crítica e o ensino de Língua Portuguesa: uma proposta de análise crítica da linguagem	38
2.4	Algumas considerações sobre gênero discursivo com foco no poema.....	51
2.5	Pressupostos metodológicos	54
2.6	Procedimentos metodológicos.....	56
3	APLICAÇÃO DA PROPOSTA: RELATO, ANÁLISE E REFLEXÃO.....	60
3.1	Relato e análise da aplicação da proposta	60
3.1.1	Bloco 1: apresentação da proposta	61
3.1.2	Bloco 2: motivação.....	72
3.1.3	Bloco 3: introdução	84
3.1.4	Bloco 4: leitura, interpretação e intervalo de leitura	103
3.1.5	Bloco 5: Leitura / Interpretação / Intervalo de leitura / Produção oral e escrita.....	122
3.1.6	Bloco 6: desenvolvendo talentos – café literário.....	137
3.1.7	Bloco 7: Avaliação da proposta didática de leitura e de análise de poemas de Cora Coralina	144
3.2	Reflexão sobre a análise e sobre a pesquisa	148
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
	REFERÊNCIAS	158
	APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido (pais).....	164
	APÊNDICE B – Termo de assentimento	166
	APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	168
	ANEXO A – Questionário de sondagem.....	170
	ANEXO B – Questionário de avaliação	171
	ANEXO C – Biografia de Cora Coralina	172
	ANEXO D – Poemas selecionados de Cora Coralina	176

ANEXO E – Textos produzidos pelos alunos	180
ANEXO F - Caderno complementar.....	189

1 INTRODUÇÃO: DO OBJETO, DOS OBJETIVOS E DAS JUSTIFICATIVAS DA PESQUISA

No limiar do século XXI, podemos observar o quanto a humanidade se desenvolveu, ao aprimorar suas relações pessoais e de produção, fazendo com que toda a sociedade esteja constantemente em contato com uma grande variedade de gêneros do discurso que permite a interação cotidiana entre as pessoas, por intermédio da linguagem.

Estamos em meio a uma diversidade enorme de possibilidades e recursos comunicativos e a construção de conhecimento entre as pessoas sempre foi muito importante, ao ponto de a escola ter sido criada como órgão responsável por sua produção, sendo, portanto, elo de ligação entre o educando e a sociedade, usando como objeto de interação social a Língua portuguesa, doravante LP.

Trazida pelos portugueses, a LP foi se enraizando às línguas indígenas aqui existentes. Posteriormente, com a chegada dos africanos e todos os seus dialetos, foi-se ampliando o universo linguístico dos brasileiros, fazendo com que certos falares emergissem e outros desaparecessem do cotidiano das pessoas, criando-se, assim, um português peculiar, falado como língua geral da Colônia. Tal língua foi considerada, a partir de 1759, a língua oficial do Brasil, constituída de um vasto vocabulário dos indígenas, dos africanos e ainda de todos os imigrantes que aqui aportaram e deixaram suas contribuições linguísticas e culturais (HAUY, 1994, p. 59).

Desse modo, a LP falada em nosso país foi se distanciando cada vez mais da Língua Portuguesa falada em Portugal, absorvendo várias influências, inclusive do francês, língua muito prestigiada na época. No entanto, nossa língua sofreu ainda influência dos espanhóis, holandeses, e demais países europeus que chegaram ao Brasil, entre os séculos XVII e XIX, passando também por influências literárias muito expressivas tais como o Romantismo (movimento artístico-cultural que aconteceu no início do século XIX), não deixando de sofrer a influência de tantos outros movimentos literários igualmente importantes, despertando na comunidade, principalmente a elite que ditava os costumes culturais da época, um individualismo e um nacionalismo exacerbado, por meio dos postulados literários, que distanciava e diferenciava ainda mais a LP brasileira falada da LP de Portugal.

Para exemplificar, citamos o caso da celebrada estética literária, o Parnasianismo, posterior ao Romantismo, escola literária de origem francesa que predominou no Brasil no final do século XIX, buscando recuperar os valores linguísticos e estéticos da Antiguidade clássica, valorizando excessivamente as regras gramaticais, da forma e produção poética, além do preciosismo vocabular, cujo maior expoente foi o poeta Olavo Bilac.

A LP torna-se a língua oficial do Brasil em 1532, por um lado, pautada na valorização excessiva da cultura europeia, e por outro, a rigidez motivou o povo a valorizar seu próprio modo de falar com suas características próprias de oralidade, consideravelmente distintas.

Nesse caso, pode-se dizer que temos, como idioma oficial, uma língua que tem fortes raízes europeias e africanas, sem deixar de se misturar com os falares indígenas presentes em todo o território brasileiro e sofrer suas influências, a saber, uma língua de caráter multifacetado.

Percebemos, pelo exposto anteriormente, que nossa língua sofreu diversas influências, assim sendo, a forma como os brasileiros utilizam sua língua, cotidianamente, é diferente do rigor da norma culta, privilegiada na escola, fazendo com que alguns estudantes não se adaptem e não consigam prosseguir e concluir seus estudos, cumprindo integralmente a educação básica. Assim, os estudantes acabam abandonando a escola por não se sentirem acolhidos e valorizados pelo sistema educacional, que tem prestigiado somente a variedade padrão da língua, tanto na fala quanto na escrita, formando uma enorme multidão de pessoas jovens e adultas que abandonam o sistema educacional.

Entretanto, essas mesmas pessoas que se viram obrigadas a abandonar seus estudos, e outras, porque ao longo do caminho surgiram algumas barreiras que as impediram de prosseguir na escola, não favorecendo a conclusão de seus estudos na idade certa, segundo preconiza o Ministério da Educação, entretanto essas pessoas veem-se obrigadas a voltar a estudar, pois sua realidade pessoal ou profissional as obriga a ter uma compreensão maior dos processos produtivos.

Em decorrência desse fato, foi criada a modalidade escolar EJA – Educação de Jovens e Adultos, para dar condições educacionais significativas ao sujeito que nela se matricula.

Para alguns, essa modalidade de ensino é vista somente como uma etapa para se concluir a Educação Básica. No entanto, acreditamos que ela possa e deva ser vista como uma oportunidade de continuação dos estudos e uma consequente melhoria nas condições pessoais e sociais de toda a comunidade escolar, e, nesse sentido, as aulas de LP têm papel fundamental a desempenhar, pois é por meio das interações comunicativas que o educando vai perceber e compreender os sentidos implícitos e explícitos construídos nos/pelos discursos presentes na sociedade na qual ele está inserido.

É nesse sentido que surge o termo letramento. Para Soares (2008), a palavra alfabetização seria insuficiente para responder às novas demandas sociais que requerem cada vez mais a leitura e a escrita. Espera-se que um aluno, além de alfabetizado seja capaz de usar

socialmente a leitura e a escrita, ou seja, que ele seja alfabetizado e letrado. Soares (1998) elucida sobre o letramento:

Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento e entre alfabetizado e letrado [...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita de escrita (SOARES, 1998, p. 39-40).

Mais recentemente, com vistas a contemplar a multiplicidade de culturas e linguagens, surgiu o termo multiletramentos. Rojo (2012) afirma que existe à disposição do fazer pedagógico uma multiplicidade de linguagens, modos e semioses nos textos em circulação que permitem ao educando perceber, em uma leitura mais atenta, que sempre existe um outro universo que pode e deve ser desvendado por trás do que se encontra escrito, o texto. Portanto, tomará materialidade e adquirirá sentidos, segundo as interpretações feitas pelos seus leitores, dependendo do contexto ao qual estiverem inseridos.

De acordo com a autora, os textos contemporâneos, em sua totalidade, exigem ser compreendidos sob a ótica dos multiletramentos, uma vez que são compostos de muitas semioses e representam a multiplicidade cultural constitutiva da sociedade. Hoje, por exemplo, o indivíduo tem acesso a diferentes gêneros discursivos como o gênero panfleto, composto de modos semióticos diversos, como o verbal e o imagético com diversas cores de fundo, fotos, figuras, tamanhos distintos de fontes, os quais atuam em conjunto na construção de sentidos. Assim, podem influenciar o leitor a aderir ao que está divulgado por meio do panfleto. Nessa perspectiva, o ato de ler significa muito mais do que decodificar sinais, envolve articular diferentes modalidades de linguagem, além da escrita (ROJO, 2012). E, muitas vezes, a escola não prepara o aluno para esse tipo de leitura.

Observando as aulas praticadas na EJA, 8º ano, percebemos que, mesmo havendo avanços em muitos aspectos, essas aulas ainda continuam insuficientes para conduzir os alunos ao letramento. Segundo Kleiman:

O letramento são as práticas sociais culturalmente determinadas, com seus significados específicos, nuances e subterfúgios que permeiam e influenciam as questões discursivas e comunicativas. Ele tem como objeto de reflexão, de ensino, ou de aprendizagem, os aspectos sociais da língua escrita. Assumir como objetivo o letramento escolar implica adotar uma concepção social de leitura e de escrita, em contraste com uma concepção tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual como a aprendizagem de habilidades mecânicas, fragmentadas e individuais, desconsiderando a importância do texto e de toda a sua relevância para o

desenvolvimento de competências e habilidades discursivas para o educando (KLEIMAN, 1995, p. 38).

Assim sendo, aulas de LP baseadas exclusivamente no ensino de estruturas gramaticais, acreditamos não ser o adequado para o desenvolvimento da competência discursiva¹ de um público tão peculiar como o da EJA. Por conseguinte, sentimo-nos motivados a desenvolver esta pesquisa, que utiliza como objetos de ensino os poemas de Cora Coralina que têm temáticas voltadas para as questões do ser humano que se constrói enquanto pessoa na relação consigo próprio e com seus pares, nas mais diferentes esferas da sociedade, percebendo também as oportunidades de crescimento pessoal e social, mediante o domínio das questões comunicativas, ensinamentos estes mediados pela escola.

Nessa direção, trabalharemos com os seguintes poemas de Cora Coralina: **Aninha e suas pedras; Mascarados; Assim eu vejo a vida; Mãe; Amigo; Ofertas de Aninha**. Todos esses 06 (seis) poemas abordam como tema central a existência humana. Falam sobre como o ser humano se constrói na relação consigo próprio, com a natureza e com os seus semelhantes e eventos que o cercam; como a autora vê a vida que transcorre diante de si e dentro de si, suas mudanças, autorreflexões, seu amadurecimento, seu endurecimento e fragilidades, suas interações através de suas falas e de suas obras, sua posição enquanto mulher na sociedade, ou seja, uma mulher além de seu tempo; enfim, fatos que acontecem com os mais diferentes atores sociais, que nos fazem ainda mais humanos.

Acreditamos que existe um problema vivenciado na prática durante as aulas de Língua Portuguesa, em que são propostas leituras e análises de textos, desvinculados da realidade dos estudantes, assim se tornando desestimulantes e sem sentido para os alunos da EJA, que em sua maioria são jovens e adultos que se encontram em idade produtiva e no mercado de trabalho, o que faz com que seus interesses estejam mais voltados para essa temática.

Ademais, escolhemos estes poemas por acreditarmos, embasadas em nossas observações e experiência profissional, que os estudantes encontram dificuldades em sentir o gosto pelo encantamento da literatura e fazer leituras literárias, relacionando as ideias do autor com suas vivências, apropriando-se de um processo de identidade com a obra lida, trazendo-a para a realidade. Eles ainda apresentam muita dificuldade em compreender o que o autor diz e fazer interpretações com base em inferências do que leem ou do que ouvem, não completando

¹ A competência discursiva caracteriza-se por ser “a capacidade do usuário da língua, que produz e compreende textos orais e escritos, de contextualizar sua interação pela linguagem verbal (ou outras linguagens), adequando seu produto textual ao contexto de enunciação” (TRAVAGLIA, 2014, p. 1).

o ciclo Leitura-compreensão-interpretação-reflexão-aplicação-reinvenção, segundo nosso entendimento, ciclo necessário para um processo de leitura consciente.

Dessarte, estamos convictas de que essa situação pode ser desmistificada e revertida, por meio da mediação consciente e responsável do professor de LP, ao aplicar aulas que intencionem a melhoria da qualidade educacional para o estudante da EJA.

Por se tratar de um público peculiar, os alunos da EJA costumam ter certa resistência para ler e compreender determinados gêneros discursivos, no entanto, nossa prática tem nos mostrado que, em relação aos textos literários, tais dificuldades são mais aparentes, pois eles carregam uma carga muito grande de particularidades que tornam a linguagem menos acessível para aqueles que não estão acostumados a lidar com as características próprias da linguagem literária, tais como: plurissignificação, vocabulário arcaico ou neologismos, figuras de linguagem, menções a ocorrências históricas, sociais ou culturais, todos estes fatores, de natureza interna ou externa ao texto, acabam impedindo o aluno da EJA de realmente usufruir do bem cultural riquíssimo que o texto literário constitui e representa.

Inúmeros são os problemas que dificultam o desenvolvimento das habilidades cognitivas dos alunos da EJA em relação à leitura, compreensão, interpretação e produção de textos, especialmente do texto literário, mas é inegável que as aulas de LP devem ter como objeto pedagógico primordial o texto, e a partir dele desenvolver um trabalho que promova a ampliação da capacidade de interação discursiva de todos os alunos.

Considerando tudo isso, partimos do seguinte **objetivo geral**: elaborar e aplicar uma proposta de intervenção pedagógica, centrada na leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina e no diálogo desses poemas com experiências de vida de jovens e adultos da Educação de Jovens e Adultos.

E os **objetivos específicos** que nortearão a pesquisa são:

1. Investigar como uma proposta didática de leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina pode contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, para o estabelecimento de relações entre o lido e o vivido e para a fala e escrita de si;
2. Conhecer a biografia de Cora Coralina assim como o contexto social no qual está inserida e relacionar à biografia dos alunos da EJA;
3. Identificar as características do gênero poema, destacando as especificidades do texto literário;
4. Perscrutar como Cora Coralina representa discursivamente sua infância, a vida, e como se identifica em seus poemas;

5. Analisar e discutir essas representações e identificações, a partir das marcas linguístico-discursivas que as materializam no texto;
6. Perquirir como os alunos se identificam e como representam discursivamente sua infância, a vida, o cotidiano com todas as suas dificuldades e conquistas;
7. Produzir textos criativos sobre as experiências de vida dos alunos.

Nós partimos, ainda, das seguintes **questões de pesquisa:**

1. Como uma proposta didática de leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina pode contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, para o estabelecimento de relações entre o lido e o vivido e para a fala e escrita de si?
2. Quais são as características do gênero poema e as especificidades do texto literário?
3. Como Cora representa discursivamente sua infância, a vida, as questões existenciais inerentes a todos os seres humanos, e como ela se identifica em seus poemas?
4. Quais marcas linguístico-discursivas materializam no texto essas representações e identificações?
5. Como os alunos se identificam e como representam discursivamente sua infância, a vida, o cotidiano com todas as suas dificuldades e conquistas?
6. Quais relações os alunos estabelecem entre o modo como representam o mundo e se identificam e o modo como Cora se identifica e representa o mundo?

Para atingir os objetivos e responder às questões de pesquisa, apoiamo-nos em pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003), em estudos sobre multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2000; ROJO 2009, ROJO 2012; ROJO; BARBOSA, 2015), sobre letramento (KLEIMAN, 1995; SOARES, 1998, 2004), sobre letramento literário (COSSON, 2012, 2014).

O estudo proposto justifica-se por várias razões. Primeiramente, porque, em uma pesquisa, identificamos que alguns estudos já foram direcionados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e ao trabalho com a literatura, em especial com os poemas de Cora Coralina, mas que ainda não há um estudo centrado nos objetivos que propomos e desenvolvido com base nos aportes teórico-metodológicos que sustentam nossa proposta. Nesse sentido, nossa pesquisa mostra-se relevante e pertinente.

Com esse levantamento, identificamos trabalhos como o de Anjos (2013) que faz um levantamento bibliográfico dos poemas de Cora, buscando analisar as representações da autora e um levantamento historiográfico e literário dos poemas da escritora, procurando identificar as características comuns aos poemas modernistas de Bandeira e Drummond; o de Pereira

(2009), no qual a autora analisa a obra de Cora Coralina, sob a ótica da superação pessoal dos problemas existenciais abordados em seus poemas, por meio de uma leitura crítica e reflexiva; e o trabalho de Dias (2008), no qual a autora discorre sobre as representações de Cora Coralina e as vozes presentes em seus poemas, fazendo um estudo aprofundado sobre suas reminiscências, mas não de maneira crítica, apenas enumerando e caracterizando-as.

Todos apresentam uma contribuição significativa, no tocante ao trabalho com a literatura e com os textos de Cora, mas evidenciam ainda lacunas e possibilidades de investigação voltadas para o texto literário, especialmente de Cora Coralina, na EJA.

Em segundo lugar, nosso estudo se justifica porque acreditamos que o material disponível na Rede Pública de ensino deixa lacunas que se tornam intransponíveis, caso o professor tenha como suporte apenas um dos livros didáticos disponibilizados pelo MEC. Durante a nossa trajetória profissional, não conseguimos encontrar um material que abarcasse as possibilidades de análise crítica em consonância com a pedagogia dos multiletramentos. Talvez, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) possa contribuir para uma proposta de multiletramentos, no entanto, ela só será implantada em 2020, e ainda não temos resultados de sua implantação.

Assim sendo, percebendo que as aulas de LP da EJA precisam promover o desenvolvimento da competência discursiva dos estudantes, desenvolvemos este trabalho, em que apresentamos esta proposta de pesquisa centrada na leitura e análise dos poemas de Cora Coralina, para ampliar o repertório linguístico-discursivo dos alunos, explorar as especificidades do texto literário², e para possibilitar um espaço de reflexão sobre as representações construídas no texto literário e sua relação com o modo como os alunos da EJA representam o mundo e se identificam.

Acreditamos que os professores de LP devem sempre ter em mente que não se deve desvincular o ensino da língua do ensino de literatura, uma vez que as duas são associadas e não há como desvincular uma da outra em quaisquer níveis da Educação Básica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais³ (BRASIL, 1998), doravante PCN, preconizam que não se deve separar o ensino de língua portuguesa do ensino de literatura, sob pena de tornar o ensino ineficiente.

² Podemos classificar um texto como literário ou não, pela forma de linguagem e a apresentação dos fatos evidenciados no texto. Assim classificaremos como texto literário aquele que é apresentado em uma linguagem pessoal, evidenciando as emoções, os valores, a subjetividade do autor e o emprego do lirismo. Já o texto não-literário, é aquele que tem função utilitária, ou seja, é objetivo, direto e real, e tem como característica principal a linguagem referencial. (TRINCONI, 2017, p. 32).

³ Os PCN constituem-se de uma coletânea de livros que servem como balizadores de como deve se dar o processo ensino-aprendizagem que fazem parte dos currículos estudados nas escolas brasileiras.

O ensino da língua desenvolvido conjuntamente com a literatura vai proporcionar, além de uma aprendizagem significativa, possibilidades de reflexão crítica.

Além disso, observando as especificidades da EJA e a constituição dos seus alunos, podemos perceber que se trata de um curso noturno que atende aos operários da construção civil, empregadas domésticas, aposentados, vendedores de picolé, desempregados, cabeleireiros, manicures, donas de casa, aposentados, trabalhadores de modo geral. Desse modo, compreendemos que o ensino de LP ofertado a esse público não pode se limitar a conteúdos relativos à análise linguística, mas deve lidar com valores, perspectivas de emancipação pessoal e social, percepção da realidade circundante, tornando-se uma educação que possibilite o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos.

No tocante à escolha da autora, Cora Coralina, ela se deu por considerarmos que Cora é uma das poetisas mais reconhecidas da Literatura Brasileira, por ser goiana, mulher simples e humilde, que escreveu sobre o cotidiano de sua vida humilde em Goiás, e até hoje inspira gerações com sua linguagem única e peculiar. Apesar de ter tido sua primeira obra publicada, pela primeira vez, apenas aos 75 anos de idade, Cora já escrevia desde os 14 anos e acumulou um belo acervo de poemas contos e outros escritos. Ainda a escolhemos pelo fato de seus poemas terem grande relevância social, pois suas obras são objetos de reflexão sobre o papel da mulher, sobre a opressão, sobre as questões que atrapalhavam seu reconhecimento como poetisa, sobre a luta da mulher para conciliar as obrigações domésticas com a carreira profissional e os estudos.

Enfim, por todas as lutas e dificuldades que ela passou e venceu, tornando-se um exemplo de superação, que volta a estudar tardiamente e desabrocha como poetisa no sertão do estado de Goiás, servindo de exemplo e inspiração para jovens, adultos, idosos vencerem suas batalhas do dia a dia.

Cora era uma doceira que sabia muito bem aproveitar a vida (em muitos momentos, ela acreditava ser melhor doceira do que poetisa), valorizar a juventude e, aparentemente, criticava o formalismo exagerado da norma culta da língua, como se pode observar em seu livro: Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais, no qual ela critica, em algumas passagens, a preocupação excessiva dos críticos literários com os aspectos formais do poema. Nessa mesma obra, percebe-se que ela era a favor da linguagem simples do povo e do sabor da palavra em sua pureza, como se pode notar também em vários outros poemas.

O contato dos estudantes da EJA com os poemas de Cora Coralina é de fundamental importância porque a temática desenvolvida pela autora se entrelaça perfeitamente com nossos alunos, público da EJA, uma vez que se trata de pessoas adultas, que vivem no interior do país

e têm, tal qual a autora, uma infância sofrida, uma vida adulta de muita luta para criar seus filhos e exercer sua profissão de doceira. Por assim ser, tomando contato com esse universo, acreditamos que os estudantes se identificarão com a autora e, por conseguinte, perceberão que somos os agentes responsáveis por escrever nossa própria história e essa se constrói no cotidiano de vivência pessoal e social das pessoas, ainda que não devemos desistir de nossos ideais, por mais difícil que pareça a jornada.

Percebemos que os poemas de Cora, selecionados por nós, além de mostrarem a realidade do povo humilde goiano, também deixam um rastro de esperança para aqueles que lutam, pois inspirados em seu exemplo de mulher trabalhadora, acreditamos que os alunos sentir-se-ão motivados a se esforçarem cada vez mais, para conquistarem seus objetivos.

A experiência de resgatar a simplicidade de Cora fará com que os alunos vivenciem momentos singulares ao estudar esses poemas, porque a escola é espaço privilegiado para tal ação educativa, investigações, intervenções e promoções de mudanças sociais, pois no ambiente escolar, o fazer pedagógico e o discurso do professor podem promover uma educação libertadora sustentada no diálogo, e na interação com os textos estudados (FREIRE, 1987).

Como afirma Cosson (2012) o texto literário é essencial aos estudantes, ele assevera que o ensino de literatura ajuda a desenvolver o processo de letramento literário e, além disso, proporciona experimentar o mundo por meio da palavra além de envolver saberes e experiências. Baseando-se em Cândido (1995, p. 243), Cosson (2012) também diz que a literatura possui um papel humanizador e seus textos são capazes de dizer o que não sabemos expressar. Nessa perspectiva, é papel do educador levar aos estudantes a literatura, pois ela é capaz de promover transformações na vida dos estudantes por meio da leitura.

Considerando o exposto e o que se preconiza nas orientações curriculares para o Ensino Fundamental da área de LP, acreditamos que nossa proposta de pesquisa faz-se relevante porque entendemos que uma questão decisiva para o trabalho na EJA é o fato de os alunos serem capazes de analisar criticamente vários textos com os quais tomam contato, de relacioná-los ao que vivem e de, a partir da leitura e análise desses textos, serem capazes de falar de si e de escrever sobre si e sobre vários temas sociais.

Esta dissertação, vinculada à linha de atuação Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes e subsumida ao projeto “Gêneros, discursos e identidades na sociedade brasileira”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Resende Ottoni, encontra-se estruturada em três seções, além desta primeira. Na seção 2, realizamos uma revisão documental, discorremos sobre os fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa desenvolvida, fazemos uma exposição sobre os instrumentos de geração de dados usados, o

contexto de pesquisa, os/as participantes e os procedimentos metodológicos. Na seção 3, relatamos a aplicação da proposta de intervenção elaborada, analisamos e discutimos os resultados obtidos com a aplicação e produzimos uma reflexão sobre a análise, sobre a proposta e sobre a pesquisa. Na seção 4, apresentamos as considerações finais de nosso estudo. A referida proposta interventiva, parte constitutiva da pesquisa, é apresentada em um “caderno suplementar”, organizado à parte, de modo a facilitar o acesso a ela por docentes de Língua Portuguesa das diferentes regiões do país.

2 REVISÃO DOCUMENTAL, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir os objetivos e responder às questões de pesquisa, nesta seção, abordamos sobre a história da educação de jovens e adultos e seus marcos legais e discorremos sobre os fundamentos teóricos de nosso estudo. Como já mencionado, nós nos apoiamos em pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003), sobre multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2000; ROJO 2009, ROJO 2012; ROJO 2014), letramento (KLEIMAN, 1995; SOARES, 2004) e sobre letramento literário (COSSON, 2012, 2014) e sobre gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003).

2.1 Conquistas e desafios: os marcos legais da EJA no BRASIL

Segundo Paula e Oliveira (2011), em sua obra Educação de jovens e adultos: a educação ao longo da vida, a EJA, enquanto modalidade educativa, tem recebido atenção bastante recente por parte dos órgãos governamentais e também dos institutos de pesquisa. Somente após a criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96 é que foi emancipada para uma modalidade da Educação Básica, sendo, até então, utilizada como uma forma de alfabetização de jovens e adultos que saíram da escola com o intuito de entrar no mercado de trabalho.

Assim, nas décadas de 60 e 70, houve um grande número de estudantes adultos que adentrou as salas de aula, em cursos noturnos precários, denominados MOBREAL, Movimento Brasileiro de Alfabetização, que tinha o dever de promover a alfabetização do educando em um período de nove meses, buscando, o aprendiz, uma forma desesperada de aprender um pouco mais e se manter em seu emprego.

O MOBREAL tinha como objetivo principal erradicar o analfabetismo no Brasil em dez anos, conduzindo a pessoa a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la à comunidade. Tornando-se inviável economicamente ao país, o MOBREAL passou a se chamar Fundação EDUCAR, que, em 1990, também foi extinta. Acreditamos que a inviabilidade de tais programas também se deva à sua formatação pedagógica que se preocupava somente em ensinar a decodificação das letras, juntá-las e ler/escrever palavras soltas sem nenhuma relação com a realidade dos alunos.

De acordo com o Plano Nacional de Educação (PNE), previa-se a erradicação do analfabetismo no país até o final de 2024, em todos os níveis sociais e regiões brasileiras, entretanto o cumprimento dessa meta torna-se uma possibilidade cada vez mais distante, uma

vez que as pesquisas direcionadas para a EJA ainda são incipientes e as políticas públicas ainda não são suficientes para garantir o acesso e a continuidade desse aluno no sistema educacional até que se complete todo o seu itinerário formativo, tornando a universalização da Educação básica uma realidade constante em nosso país.

Pelas mudanças de paradigmas que passaram a orientar o campo educacional, no tocante às políticas públicas, às reformulações da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), às teorias pedagógicas e aos métodos de ensino, atualmente a EJA é considerada direito público subjetivo, tal qual previsto na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), cuja proposta foi feita em Jontiem, na Conferência Mundial sobre Educação para Todos (1990).

O direito à educação é conquista histórica, fundamental para o exercício da cidadania, tomada, portanto, como condição necessária à sobrevivência digna na sociedade atual. No Brasil, pós-ditadura, a educação pública e gratuita alçou legalidade, estendendo-se a todos os segmentos e classes sociais, inclusive aos que não tiveram acesso na idade própria. Nessa direção, a EJA, compreendida atualmente como uma modalidade da Educação Básica, conforme a Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1996), tem merecido, embora tardiamente, atenção especial por parte da legislação, dos governos, das instituições de ensino superior e principalmente por parte dos professores que percebem a necessidade de se trabalhar de forma diferenciada com tal público.

Observando o exposto acima e analisando a realidade social da EJA no Brasil, segundo o Parecer CEB/CNE/2000 (Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação), a EJA tem três funções: a reparadora (que desenvolve a escolarização não conseguida quando criança); a equalizadora (que cuida de pensar politicamente a necessidade de oferta maior para o que é mais desigual do ponto de vista da escolarização); a qualificadora (entendida como o verdadeiro sentido da EJA, por possibilitar o aprender por toda a vida, em processos de educação continuada).

Compreendemos, então, que o público EJA já traz para a escola um amplo conhecimento de mundo e uma vivência linguística cheia de experiências enriquecedoras. Tal fato, fará com que o professor de LP direcione seu trabalho de modo a refletir sobre esse universo e venha propor atividades diferenciadas que possam ampliar a capacidade de construção de novos saberes a partir do que os discentes trazem para a sala de aula. Tais sujeitos estão em permanente processo de interação com o mundo e com outras pessoas, tornando-se cada vez mais aptos a desenvolver sua competência discursiva.

2.2 Os estudos sobre letramento, sobre os multiletramentos e sobre o letramento literário

Percebendo-se a necessidade de reformular as metodologias e diretrizes pedagógicas, a partir da década de 80, mudanças significativas ocorreram no ensino de Língua portuguesa. A linguagem deixou de ser vista apenas como expressão do pensamento e como instrumento de comunicação e passou a ser compreendida como uma forma de interação.

Nesse período, o ensino consolidou-se em desenvolver habilidades de leitura e escrita, trouxe um novo perfil de professor e o aluno passou a ser considerado como sujeito ativo, construtor de habilidades e conhecimentos. Como parte dessas mudanças surgem, na década de 90, os PCN, pautados numa concepção de linguagem como forma de interação e com uma proposta de se tomar os gêneros como objeto de ensino e os textos como unidade de ensino.

Segundo Kleiman (1995), os estudos sobre o Letramento buscam acompanhar, através da história, o desenvolvimento e a expansão da escrita desde o século XVI, e, graças a isso, foi possível a compreensão e avaliação do impacto da presença ou ausência da escrita através dos tempos na sociedade. Pode-se também constatar que a aquisição ou não do código linguístico, oral ou escrito, influencia drasticamente na manutenção ou abalo das esferas de poder e da estratificação social.

Seguindo esse raciocínio, pesquisadores analisaram a relação que se estabelece entre pessoas analfabetas inseridas em ambientes altamente letrados, avaliaram seu desempenho frente a essas diferentes práticas e concluiu-se que ser letrado significa que o sujeito deve estar inserido nas práticas discursivas de determinado grupo social, que está relacionado ao papel da leitura e da escrita, para tornar significativa esta interação específica que envolve atividades de ler e escrever. Nesse sentido, um indivíduo pode ser analfabeto, mas, de certo modo, ser letrado (SOARES, 1998). Soares explica que

um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não é alfabetizada, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma letrada (SOARES, 1998, p. 24).

Isso significa que, mesmo sem o domínio do código, o indivíduo pode participar de práticas de letramento. Por exemplo, uma pessoa que não é alfabetizada e é capaz de receber dinheiro e dar o troco corretamente durante uma transação comercial; é capaz de se deslocar sozinha para diferentes locais, por meio de ônibus urbano. Já a alfabetização se preocupa apenas com o domínio do código para a leitura e a escrita, sem atentar para as demandas e o uso que o aluno deverá fazer dessas habilidades fora da escola. Esse processo educativo, finalizadas todas as etapas, irá classificar os indivíduos como alfabetizados ou não alfabetizados, segundo seu parco domínio da leitura e da escrita. Dessa forma, segundo Scribner e Cole (1981), podemos definir o Letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos, para objetivos específicos.

De acordo com os PCN, letramento é entendido como:

[...] produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnológico. São práticas discursivas que precisam da escrita para serem significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas (BRASIL, 1998, p. 19).

Após citar alguns exemplos práticos de como a escola desenvolve seu processo de alfabetização, segundo Kleiman (2005), chega-se à conclusão que o fenômeno do Letramento extrapola o mundo da escrita tal e qual ele é visto por ela (a alfabetização), como somente a aquisição mecânica de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente individual, necessário para o sucesso e promoção do aluno. No entanto, outras agências de Letramento como a família, a igreja, o local de trabalho, a rua, mostram e necessitam de orientações de Letramento muito diferentes.

Apoiando-nos em Kleiman (2005), concordamos que se caracteriza este um tema de extrema relevância, pois nele está contida a possibilidade real de o educando organizar reflexivamente seu pensamento, desenvolver a consciência crítica e com isso, tornar-se agente de uma revolução sociocultural real. Observando os estudos sobre o desenvolvimento social e a expansão da ciência por meio da cultura letrada e dos postulados de Paulo Freire, nas academias, começou-se a usar o termo Letramento para diferenciá-lo de Alfabetização, termo este que a partir de então passou a significar somente a decodificação de letras, sílabas e palavras, estejam elas unidas ou não. Ao contrário, para o indivíduo ser considerado letrado, o mesmo deve ser capaz de utilizar-se dos mais diferentes materiais escritos, bem como exprimir-

se verbalmente, fazendo uso da leitura e da escrita, formal ou informal, segundo os padrões da norma culta da língua.

Nesse sentido, nossa proposta de pesquisa é voltada para a leitura e análise crítica do gênero poema, visando contribuir com as práticas de letramentos e multiletramentos para os alunos do 8º ano da EJA, que estudam em um curso noturno, por isso, também consideramos importante, nesse momento, ampliar o conceito de letramentos e multiletramentos, como elemento fundamental da compreensão teórica acerca destes dois temas.

Conforme Soares (2003, p. 144), seria mais apropriado usarmos o termo letramentos, devido a uma grande diversidade de conceitos e caracterizações existentes atualmente. Assim, para a autora,

a discussão anterior permite concluir que o conceito de letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos individuais a práticas sociais e competências funcionais e, ainda, a valores ideológicos e metas políticas. Pode-se concluir que definir letramento é uma tarefa altamente controversa; a formulação de uma definição que possa ser aceita sem restrições parece impossível. Contudo, como observa Cervero (1985, p. 53), afirmar que uma definição geral e comum a todos não é possível... não quer dizer que não haja necessidade de uma definição geral e comum a todos (SOARES, 2009, p. 80-82).

Após nos depararmos com várias definições de letramento(s), concluímos que essa compreensão pertence a um conjunto de práticas sociais mediadas pela escrita, visando à ampliação do universo discursivo, cultural e humano das pessoas. Cope e Kalantzis (2000) afirmam que, após a década de 90, apenas o termo letramento tornou-se insuficiente para denominar as práticas sociais que são mediadas pela escrita.

Assim sendo, em um colóquio, organizado por um grupo de estudiosos denominado Grupo de Nova Londres-GNL, em 1996, onde estiveram reunidos pesquisadores tais como Courtney Cazden, Bill Cope, Mary Kalantzis, Norman Fairclough, Jim Gee, Gunther Kress, dentre outros, discutiu-se sobre a crescente diversidade linguística e cultural daquela década e a variedade crescente de canais e meios de interação discursiva.

Segundo Cope e Kalantzis (2000), o termo multiletramentos focaliza duas mudanças importantes e correlacionadas. A primeira refere-se ao crescimento da importância dada à diversidade cultural, isto é, em um mundo globalizado, precisamos entender e negociar diferenças e mudanças cotidianamente. A segunda trata da influência da linguagem das tecnologias, em praticamente todas as atividades humanas, especialmente da multiplicidade semiótica. No Brasil, a autora Roxane Rojo argumenta:

trabalhar com Multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados [...] ou desvalorizados [...] (ROJO, 2012, p. 08).

Os multiletramentos têm-nos feito refletir sobre como devemos fazer para redirecionar nossa forma de conduzir o ensino de língua portuguesa, considerando que as necessidades para o ensino se tornaram mais evidentes por conta da era digital, objetivando permitir ao educando a ampliação de seu universo linguístico e cultural. Tais processos decorrem das novas demandas socioculturais às quais toda a sociedade encontra-se inserida.

No Brasil, importante pesquisadora da pedagogia dos multiletramentos, Rojo (2012), resume os princípios sobre como encaminhar uma pedagogia dos multiletramentos:

formar um usuário funcional que tivesse competência técnica (“saber fazer”) nas ferramentas/textos/práticas letradas requeridas, ou seja, garantir os “alfabetismos” necessários às práticas de multiletramentos (às ferramentas, aos textos, às línguas/linguagens). Mas esse patamar, claramente, não basta a essa “pedagogia”: a questão é alfabetismos funcionais para que (e em favor de quem) (ROJO, 2012, p. 29).

Obviamente por viverem numa sociedade digital, as pessoas inevitavelmente tomam contato com uma multiplicidade de textos e recursos que a própria tecnologia permite, fazendo com que, atualmente, praticamente todas as pessoas tomem contato com os textos multimodais, que nada mais são que aqueles constituídos por dois ou mais modos semióticos.

A multimodalidade, segundo Dionísio (2005, 2011), refere-se às mais diferentes formas e modelos de representação utilizados na construção de um texto, tais como: palavras, imagens, cores, formatos, marcas/traços tipográficos, disposição da grafia, gestos, padrões de entonação, ou seja, são estratégias textual-discursivas traçadas pelo autor a fim de exteriorizar o seu dizer.

Segundo Rojo (2012), a multimodalidade refere-se ao uso de diversos modos semióticos na concepção de um produto ou evento semiótico, juntamente com o modo particular, segundo o qual esses modos são combinados – podem, por exemplo, reforçar-se mutuamente (dizer a mesma coisa de formas diferentes), desempenhar papéis complementares, ser hierarquicamente ordenados, utilizar-se de recursos como sons, imagens, movimentos, cores, desenhos, escritas diferentes, outras linguagens, ou seja, instrumentos semióticos que inovam e renovam as interações sociais utilizando-se da linguagem.

A crescente expansão de gêneros que reúnem diversas linguagens é algo indiscutível e impossível de ignorar. Os gêneros multimodais circulam no nosso cotidiano e muitas vezes

não nos damos conta do quanto eles estão presentes em nossas ações comunicativas, estando eles impregnados em todos os meios de comunicação, favorecendo inúmeras visões pelo uso de múltiplos recursos semióticos, ampliando, consideravelmente, as possibilidades interpretativas (ROJO, 2012).

Concordamos com a autora, quando afirma que:

hoje dispomos de novas tecnologias e ferramentas de leitura-escrita, que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua multissemioses (multiplicidade de semioses ou linguagens), ou multimodalidade. São modos de significar e configurações que se valem das possibilidades hipertextuais, multimidiáticas e hipermediáticas do texto eletrônico e que trazem novas feições para o ato de leitura: já não basta mais a leitura do texto verbal escrito – é preciso 33enomi-lo em relação com um conjunto de signos de outras modalidades de linguagem (imagem estática, imagem em movimento, som, fala) que o cercam, ou intercalam, ou impregnam. Esses textos multissemióticos extrapolaram os limites dos ambientes digitais e invadiram, hoje, também os impressos (jornais, revistas, livros didáticos). Isso se dá devido à linguagem digital que, indiferentemente, ou alheia, às múltiplas semioses (linguagens), reconfigura todas essas modalidades de linguagem e mídias em código numérico binário (ROJO, 2014, p. 1).

Utilizando esses textos multissemióticos ou multimodais, em sala de aula da EJA, o professor fortalecerá a atividade de leitura como prática dialógica, crítica e sociointerativa, visto que, por meio deles, é possível promover uma investigação da representação da realidade social à qual os educandos estão adaptados. Segundo Ottoni (2014, p. 47), “a representação é um processo de construção de práticas sociais, incluindo a autoconstrução reflexiva. Ela participa e molda os processos e práticas sociais”. Deverá, portanto, a atividade pedagógica ser desenvolvida de forma que favoreça a autoconstrução tanto do aluno quanto do professor enquanto seres sociais que interagem discursivamente.

Assim sendo, a escola é um espaço essencial para desenvolver práticas que interagem e dialoguem com o cotidiano do educando. Conforme Ottoni e Lima (2014, p. 14), “A escola é um *lócus* privilegiado para o investimento em possíveis mudanças sociais”; é o local possível para que se repensem determinadas práticas, ideal para problematizar, discutir e tentar minimizar o medo, o preconceito, o machismo, a domesticação. Isso tudo sendo mediado pelo estudo de textos significativos para o aluno.

Nessa perspectiva, o ensino de Língua Portuguesa tem como objetivo desenvolver a competência discursiva do aluno, tal qual propõem os PCN:

Tornando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares de Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos

orais e leitura de textos escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva (BRASIL, 1997, p. 35).

Procuramos, neste estudo, possibilitar ainda mais a inserção, nas aulas de LP da EJA, de textos significativos e de relevância social para os alunos, pois entendemos que o texto é o ponto de partida para qualquer trabalho pedagógico que tenha compromisso com o desenvolvimento social e a realidade dos educandos, não somente um artifício para o professor trabalhar questões de regras e normas gramaticais.

Pretendemos que os pressupostos aqui elencados sirvam como apontamentos para o redirecionar do profissional em educação que trabalha com aprendizes adultos, pois os aspectos teóricos expostos neste projeto nos deixam claro que a linguagem não pode estar dissociada da realidade dos atores sociais, devendo-se considerar todo o contexto e suas variantes para que ela, a linguagem, torne-se significativa, emancipadora dos sujeitos em permanente construção.

Para tanto, faz-se necessário que os professores sejam capazes de proporcionar uma ação educativa de natureza dialógica, transformando os espaços educativos em ambientes onde a diversidade sociocultural seja de fato respeitada. Apenas esse respeito fará com que os professores compreendam seus alunos adultos, que, ao retornarem para a escola, procuram novas formas de aprimoramento pessoal, profissional e social, objetivando relacionar suas práticas cotidianas aos conhecimentos oferecidos pela escola.

Nessa direção, o ensino de língua portuguesa deve ser o mais significativo e atrelado à realidade possível, a fim de proporcionar ao educando uma intimidade cada vez maior com a multiplicidade de textos e suas linguagens que circulam socialmente e com os quais o educando tem contato em seu cotidiano.

Atualmente, os desafios para o ensino de línguas são gigantescos, pois as mudanças sociais têm ocorrido num ritmo muito acelerado, e são elas que ditam como deve se conceber e organizar o ensino, juntamente com suas propostas metodológicas. Vivemos no sistema Capitalista e a escola não deixa de sentir seus efeitos; para atender às exigências do mercado de trabalho, ela está em constante transformação.

Segundo Rojo (2009), o ensino de Língua Portuguesa deve ser conduzido de modo a promover novas práticas pedagógicas que contemplem os atuais letramentos demandados pelas práticas que renovam e inovam as relações sociais e instalam conflitos entre as gerações. Segundo a autora,

As mudanças fazem ver a escola de hoje como um universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares autônomos, sempre em contato e em conflito, sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados. (ROJO, 2009, p. 106).

De acordo com Rojo (2012), os letramentos múltiplos apenas apontam para a existência da multiplicidade e a variedade das práticas letradas e, portanto, insuficiente para abranger todas as demandas que a sociedade atual necessita. Assim, o conceito de multiletramentos, segundo Rojo (2012, p. 13) “aponta para dois tipos específicos de multiplicidade presentes em nossa sociedade, principalmente urbanas [...] a multiplicidades cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica”.

A participação, portanto, em variadas práticas de multiletramentos criadas nas novas relações sócio históricas da sociedade digital leva a escola, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa, a desenvolver capacidades de uso e de análise de diferentes semioses, dentro do universo de textos e de gêneros que permeiam as relações sociais dentro e fora da sala de aula, e também, por meio do trabalho com a leitura e a escrita, a promover uma aprendizagem condizente com as necessidades e interesses da EJA, e principalmente, a fomentar o empoderamento social dos alunos da Educação dos Jovens e Adultos.

2.2.1 O letramento literário

Sempre compreendemos que o ensino da LP jamais deve se desvincular da literatura e vice-versa, pois um ancorado ao outro dará mais sentido ao estudo e à compreensão das questões linguístico-discursivas.

Assim, apontamos que a literatura, materializada no texto literário, trará ao ensino da língua maior abrangência histórico-social, sentido, contextualização e prazer, sendo instrumento de aproximação entre o estudante e sua gente, sua terra, seus valores, por intermédio da estética, da beleza e da sensibilidade provocada pelo texto literário. Tais experiências, por comum, são reveladoras de momentos peculiares em sala de aula, pois proporcionam a sensibilização do educando, fazendo com que tanto ele quanto o professor vivenciem novas sensações, pois o texto literário objetiva o afloramento das emoções, a crítica, o questionamento, entre outros, ao tratar de tudo o que diz respeito ao gênero humano.

A formação do leitor literário é vista aqui como um fator primordial para o desenvolvimento de leitores proficientes, e essa formação será mais exitosa dependendo da

mediação do professor, pois as pessoas mais indicadas para apresentar os livros aos alunos são os professores, preferencialmente aqueles que sejam leitores assíduos.

O professor deve assumir essa responsabilidade, assim ao desenvolver a mediação de leitura, facilitará a compreensão de textos e despertará o interesse dos alunos pela literatura, os professores-leitores precisam, além de discutir aspectos literários, falar dos livros com amor, paixão, desgosto, raiva, ou seja, se envolver com a leitura do texto apresentado, expondo suas compreensões e interpretações.

Ancorados em Cândia (1972), corroboramos que a leitura literária estando ligada à demonstração do real, atinge, diretamente o homem, na forma atuar na formação global do indivíduo, assim sendo, somos enfáticos em afirmar que o direito à literatura, é um direito irrefutável a uma uma boa formação humanística.

O processo de mediação de leitura envolve vários aspectos da oralidade: a apresentação prévia do texto e do autor; a leitura em voz alta, realizada por um leitor-narrador; a interação com o texto lido, que ocorre entre os leitores; gestos e olhares; a entonação e a pulsação da voz; etc., tudo isso favorece o encontro do leitor com o texto, proporcionando além da compreensão também a fruição.

Citando Coenga (2010), a escola precisa abrir novos horizontes para o trabalho com a leitura literária, deixar de tratá-la, apenas sob o viés utilitário e propedêutico, para revestir-lhe de sua real função, segundo o autor,

A escola é, sem sombra de dúvida, o lugar onde a maioria das crianças e jovens têm a chance para se familiarizar com a leitura. É neste ambiente que se dá o letramento, as primeiras práticas leitoras, portanto há necessidade de um projeto de tal envergadura que exija a presença de vários mediadores[...]. (COENGA, 2010, p. 52)

Por meio de uma mediação eficiente, o texto literário pode promover o encontro do leitor consigo próprio e com seus semelhantes, porque promove uma imersão do ser em si, e permite ao leitor vislumbrar novos horizontes, perspectivas, estilos, peculiaridades que oportunizam um repensar, um agir diferente, conseqüentemente uma transformação pessoal e social.

Nesse direcionamento é que optamos por desenvolver nosso trabalho seguindo a Sequência básica para o letramento literário elaborada e desenvolvida por Rildo Cosson (2012). Compreendemos também ser esta uma metodologia que oferece inúmeras possibilidades de estratégias e combinações para se desenvolver um trabalho com obras literárias na escola, pretendendo-se formar ou ampliar uma comunidade leitora.

Conforme Cosson (2012, p. 12), “o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio”. Considerando que o uso da leitura literatura literária pode potencializar o desenvolvimento da criticidade dos alunos, proporcionando um ensino significativo e eficaz, concordamos com o pensamento de Cosson ao afirmar que,

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2012, p. 13).

Ainda segundo Cosson (2012), o trabalho com a leitura literária deve ser efetivado de modo a contemplar a antecipação (postura do leitor antes de tomar contato com a obra); a decifração (leitura efetiva da obra) e a interpretação (momento de contextualizar e fazer inferências na obra), estes três tipos de aprendizagens são imprescindíveis para a formação de um leitor literário crítico, consciente e participativo nos destinos da sociedade. Para Cosson (2012), a Sequência básica do letramento literário é composta por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

- ✓ **Primeiro Passo: Motivação:** consiste na preparação do aluno para receber o texto. Deve se dar de forma lúdica, interessante, deve ser uma encarada como uma forma de estimular os alunos a ficarem curiosos para ler o texto.
- ✓ **Segundo passo: Introdução:** momento de apresentar aos alunos o autor e a obra e de explorar os elementos pretextuais do livro como capa, contracapa, prefácio e introdução, expondo as principais informações sem prolongar muito nos detalhes.
- ✓ **Terceiro passo: Leitura:** leitura do texto em si, com o acompanhamento do professor que deverá estar atento ao surgimento de dificuldades de qualquer natureza. Deverá o professor, também, utilizar-se de variadas estratégias de leitura objetivando o levantamento de inferências, a proximidade com o texto, a interpretação, e ainda que ela seja atrativa e prazerosa.
- ✓ **Quarto e último passo: Interpretação:** essa etapa se dá em dois momentos, o interior e o exterior. O momento interior é aquele que parte da decifração do íntimo do leitor, ou seja, é quando há o encontro do contexto do leitor com as ideias veiculadas pela obra, que deve ser feita de maneira direta, podemos denominá-la de interpretação pessoal. Já o momento exterior é quando o aluno constrói os sentidos da leitura por meio das

interações discursivas realizadas com outras pessoas que também conhecem a obra, essa interação pode fazer com que o leitor reforce sua interpretação ou, pelo contrário, que reformule sua forma de ver e entender as ideias e conceitos veiculados pela obra. Importante ressaltar que toda atividade interpretativa deve ser feita objetivando a sua externalização, para que favoreça a confirmação ou a refutação das convicções do leitor. É o momento de se fazer considerações críticas e reflexivas com a mediação do educador. Importante ressaltar que, em conformidade com os objetivos, esse passo pode ser desenvolvido concomitante aos anteriores.

Cosson (2012, 2014) leva-nos a perceber a importância do trabalho com literatura em sala de aula, para que as práticas de letramento literário se tornem proveitosas, pois elas estão ligadas à concepção de saberes culturais e sociais, provocando a ampliação do universo do leitor em todos os campos tratados nos gêneros literários.

2.3 A Análise de Discurso Crítica e o ensino de Língua Portuguesa: uma proposta de análise crítica da linguagem

Nesta seção, discorreremos sobre a Análise de Discurso Crítica, doravante ADC, seu surgimento e desenvolvimento, principais teóricos e suas contribuições para o ensino de Língua portuguesa.

A ADC é uma ciência de abordagem interdisciplinar, que surgiu com interesse voltado para a relação dialética entre a linguagem e sociedade (FAIRCLOUGH, 2001). Na década de setenta, época de seu surgimento, na Grã Bretanha, era praticada a Linguística Crítica (LC), que se refere a um campo transdisciplinar, com interesses no texto e nas relações de poder (MAGALHÃES, 2005).

Para Ottoni:

A LC contribuiu muito para a compreensão da linguagem, de sua relação com o social e com as noções de ideologia e poder. Com o desenvolvimento dessa perspectiva teórica, chegou-se à proposição da ADC. Por isso, a ADC pode ser considerada uma continuação da LC (Wodak, 2001), mas é importante destacar que a ADC transcendeu e ampliou muito os limites da LC (OTTONI, 2014, p. 28).

E é na década de oitenta, mais especificamente em 1985, que Norman Fairclough publica, no *Journal of Pragmatics*, um artigo, intitulado *Critical and descriptive goals in Discourse Analysis*, que marca o primeiro momento da ADC (OTTONI, 2014).

Somente na década de 90, em janeiro de 1991, é que a ADC é consolidada, quando se reuniram em um simpósio, em Amsterdã, os seguintes pesquisadores: Teun van Dijk, Gunter

Kress, Ruth Wodak, Theo van Leeuwen e Norman Fairclough. O objetivo desses pesquisadores é estudar a linguagem como prática social que desmistifica as relações de poder e subordinação entre as esferas sociais.

Para Fairclough:

A ADC, na minha visão, é muito mais uma teoria que um método, ou melhor, uma perspectiva teórica sobre a língua e, de uma maneira mais geral, sobre a semiose (que inclui a linguagem visual, linguagem corporal, e assim por diante) como um elemento ou momento do processo social material (WILLIAMS, 1977), que dá margem a análises linguísticas ou semióticas inseridas em reflexões mais amplas sobre o processo social (FAIRCLOUGH, 2012, p. 307).

Enquanto ciência social, a ADC estabelece diálogo com outros campos de pesquisa que têm como objeto as questões sociais, reunindo diferentes abordagens, a saber:

Quadro 1 – Diferentes abordagens em ADC

1. **Atores sociais** – Theo van Leeuwen
2. **Análise dispositiva** – Siegfried Jager, Florentine Maier
3. **Linguística de *corpus*** – Gerlinde Mauntner.
4. **Sociocognitiva** – Teun van Dijk
5. **Histórica** – Ruth Wodak e Martin Reisigl
6. **Dialético – Relacional** – Norman Fairclough

Fonte: Wodak e Meyer (2009).

No tocante à nossa pesquisa, filiamo-nos à abordagem dialético-relacional de Norman Fairclough, maior expoente em ADC.

Fairclough (2001) salienta que a ADC é uma teoria e um método de pesquisa com o objetivo de analisar o papel da linguagem nas práticas sociais e a relação da linguagem com outros elementos sociais nessas práticas. Nesse sentido, evidencia a importância da Linguística para a análise de questões sociais e a aproximação de outras ciências, especialmente da Ciência Social Crítica. Sobre isso, Chouliaraki e Fairclough explicam:

A ADC constitui um modelo teórico-metodológico que estabelece um diálogo entre a Ciência Social Crítica e a Linguística, especificamente a LSF. Uma das características que define esse modelo é o fato de que, na tentativa de compreender os problemas sociais, não fica estagnado dentro de um único campo disciplinar. Pelo contrário, defende ser necessário atravessar e relacionar algumas disciplinas, não se restringindo a nenhuma. Logo, na ADC, o diálogo é tanto parte do método quanto da teoria. Como a natureza da perspectiva é dialógica, ela é também dinâmica. A cada trabalho realizado, o problema investigado é o que vai demandar quais teorias estarão nesse campo de diálogo. A ADC, então, é uma teoria e método que estão em relação

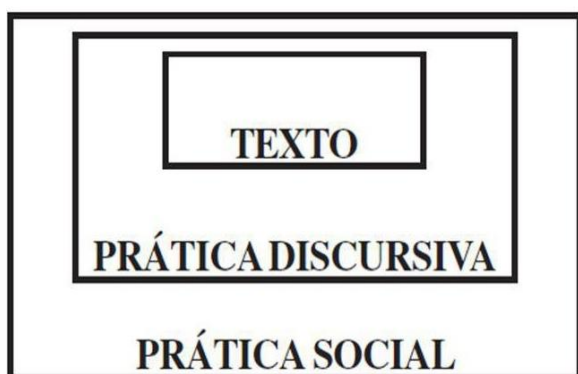
dialógica com outras teorias sociais e métodos, com os quais se deve envolver de um modo transdisciplinar e não somente interdisciplinar (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999 *apud* OTTONI, 2014, p. 28).

De acordo com Melo,

a ADC é uma abordagem que não corresponde em si a uma disciplina da Linguística [...], mas a uma forma de investigação que linguistas já filiados a diferentes disciplinas assumem ao analisar a linguagem oferecendo suporte científico para o questionamento de problemas sociais que engendram poder por meio da transformação e manutenção de representações, identidades, sistemas de crença e conhecimento e relações sociais [...]. Sendo assim, para alcançar seus objetivos, pesquisadores(as) da linguagem que se reconhecem como analistas críticos(as) do discurso procuram usar teorias já propostas pelas ciências sociais. [...] explicando a relação que elas podem manter com a Linguística e projetando estratégias pedagógicas para a conscientização e o empoderamento social (MELO, 2018, p. 26-27).

É preciso explicar que até a obra de 1992, traduzida em 2001, intitulada *Discurso e Mudança Social*, Fairclough concebe o discurso como prática social. Para Fairclough (2001, p. 92), “O discurso contribui para a construção de identidades sociais, para a construção de relações sociais entre as pessoas e para a construção de conhecimentos e crenças”. Na referida obra, o autor apresenta um esboço sobre a Teoria Social do Discurso e essa compreende um modelo tridimensional do discurso, constituído de três dimensões: a do texto, a da prática discursiva e da prática social. Vejamos a Figura 1:

Figura 1 – Abordagem Tridimensional do discurso em Fairclough



Fonte: Fairclough (2001, p. 101).

Essa abordagem tridimensional “permite avaliar as relações entre mudança discursiva e social e relacionar sistematicamente propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 27).

A primeira dimensão apresentada na figura é a dimensão textual. O autor argumenta que “nunca se fala sobre aspectos de um texto sem referência à produção e/ou à interpretação textual. Por causa dessa sobreposição, a divisão dos tópicos analíticos entre análise textual e análise da prática discursiva (...) não é nítida” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 101-102). Ele acrescenta que “ao analisar textos sempre se examinam simultaneamente questões de forma e questões de significado”. Para a análise da dimensão do texto, o linguista propõe quatro categorias: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual.

A segunda dimensão é a prática discursiva. Ela envolve processos de produção, de distribuição e de consumo textual, (FAIRCLOUGH, 2001). Conforme expõe Fairclough (2001, p. 107), “os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos”. Isso significa dizer que o contexto social influenciará, decisivamente, na forma como o texto será produzido ou consumido pelos sujeitos, podendo esse consumo ser efetuado de forma individual ou coletiva. O público ao qual o texto se destina, ou seja, os consumidores, os interlocutores, os ouvintes e os destinatários do texto são determinantes na produção e na distribuição do texto, que poderá ocorrer de forma simples ou complexa. Sobre este argumento, o autor esclarece:

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre ‘pistas’ no texto (FAIRCLOUGH, 2001, p. 35-36).

Além disso, Fairclough (2001, p. 92) explica que “A prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la”.

Para a análise da dimensão da prática discursiva, além das condições de produção, de distribuição e de consumo dos textos, Fairclough (2001) propõe as seguintes categorias: a força dos enunciados, a coerência, o contexto e a intertextualidade (FAIRCLOUGH, 2001).

A terceira dimensão é a da prática social. Para Fairclough (2001), o ato de produzir a linguagem é visto como efetivação da prática social, ele não apenas reproduz as práticas sociais, mas também transforma essas práticas. Nesse contexto, o discurso passa a ser visto como uma ação social com relações intrínsecas com ideologia e poder.

Para Fairclough,

ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117).

Concordamos com o pensamento de Fairclough (2001), ao afirmar que a prática discursiva é investida ideologicamente à medida que incorpora significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder.

Em relação ao poder, Fairclough (2001) utiliza a ideia de hegemonia de Gramsci e o parecer da evolução das relações de poder enquanto luta hegemônica, dando a seguinte definição para tal fenômeno.

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122).

Para a análise da dimensão da prática social, Fairclough (2001) elenca as seguintes categorias de análise:

Quadro 2 – Categorias de análise

DIMENSÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO	CATEGORIAS ANALÍTICAS
TEXTO	Vocabulário Gramática Coesão Estrutura textual
PRÁTICA DISCURSIVA	Produção Distribuição Consumo Contexto Força Coerência Intertextualidade

PRÁTICA SOCIAL	Ideologia Sentidos Pressuposições Metáforas Hegemonia Orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas
-----------------------	---

Fonte: Elaborado baseado em Resende e Ramalho (2011).

Pelo que podemos observar até o momento do que foi exposto, na abordagem tridimensional de análise do discurso, proposta por Fairclough em 1989 e ampliada em 1992, na obra *Discurso e mudança social*, traduzida em 2001, o discurso é concebido como uma prática social e sua análise compreende as três dimensões mencionadas, as quais são dialeticamente relacionadas.

Todavia, a partir da obra de 1999, *Discurso e Modernidade Tardia*, Chouliaraki e Fairclough (1999) voltam-se para a análise das práticas sociais, as quais são definidas como “modos habituais de ação social, ligados a um espaço e tempo particulares, nos quais as pessoas aplicam recursos (material e simbólico) para agir juntas no mundo⁴” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21). Eles compreendem que essas práticas são constituídas de diferentes elementos, dentre eles, o discurso. São estes os elementos das práticas sociais: a atividade material, as relações sociais, o poder, as instituições, os fenômenos mentais (crenças, valores, desejos) e discurso/semiose⁵. Assim, Chouliaraki e Fairclough (1999) concebem o discurso como um dos elementos das práticas sociais e não como uma prática social.

Na obra de 1999, Chouliaraki e Fairclough (1999) apresentam um arcabouço para nortear o desenvolvimento de pesquisas em ADC, o qual foi um pouco alterado em Fairclough (2012). Nossa pesquisa será desenvolvida com base na tradução constante no artigo de Fairclough (2012), exposta no Quadro 2 a seguir:

⁴ Tradução de Ottoni (2007).

⁵ Conforme tradução de Ottoni (2007, p. 21), “O termo 'semiose' se refere a signos, que incluem palavras e imagens (cf. Kress, e Van Leeuwen, 1996 e Chouliaraki e Fairclough, 1999)”.

Quadro 3 – Arcabouço para o desenvolvimento de pesquisas em ADC

Estágio 1. Dar ênfase em um problema social que tenha um aspecto semiótico.

Estágio 2. Identificar obstáculos para que esse problema seja resolvido, pela análise:

- a. Da rede de práticas no qual está inserido;
- b. Das relações de semiose com outros elementos dentro das práticas particulares em questão;
- c. Do discurso (a semiose em si):
 - i. Estrutura analítica: a ordem de discurso;
 - ii. Análise interacional;
 - iii. Análise interdiscursiva;
 - iv. Análise linguística e semiótica.

Estágio 3. Considerar se a ordem social (a rede de práticas) em algum sentido é um problema ou não;

Estágio 4. Identificar maneiras possíveis para superar os obstáculos;

Estágio 5. Refletir criticamente sobre a análise (1- 4)

Fonte: Fairclough (2012, p. 311-312).

Como observamos no quadro, para a realização de pesquisas em ADC, deve-se seguir 5 (cinco) passos básicos como estágios imanentes da análise orientada linguístico-discursivamente e socialmente.

Desta forma, no estágio 1, o pesquisador sempre partirá de um problema social com faceta semiótica. No estágio 2, buscar-se-á descobrir as razões e causas que dificultam a superação do problema, que forças hegemônicas agem por meio do discurso, favorecendo a dominação ideológica. Segundo Bessa e Sato (2018, p. 130), “nesse estágio, os discursos e semioses estão imbricados. [...] O discurso traz os elementos de dominação ideológica, que moldam a interação, percebidas como diferentes formas de contato, ainda que não sincronizadas no tempo ou não circunscritas no espaço”. Nesse sentido, os textos veiculados nos mais variados meios de comunicação tornam-se fontes de interação, articulados pelos mais diferentes elementos das ordens do discurso (gênero, discurso e estilo), oferecendo um vasto campo de análises para o pesquisador que poderá analisar as práticas discursivas através da estrutura analítica, interacional, interdiscursiva, linguística ou semiótica, a fim de evidenciar as forças de dominação hegemônicas presentes nos discursos de determinados grupos sociais.

No estágio 3, segundo Bessa e Sato (2018, p. 130), “voltamos nosso olhar para o social, buscando interpretar se esse problema identificado encontra suas raízes na ordem social. [...]”

nitidamente a formação ideológica sustentando posições de poder”. Ou seja, é nesse estágio que se busca identificar as ideologias presentes no discurso pois é por ele que as estruturas sociais se mantêm há décadas, séculos, uma vez que os grupos dominantes se perpetuam no poder não somente pela força bélica, mas principalmente pela força ideológica proferida em seus discursos. A esse ponto, revela-se a necessidade de, identificadas as forças, traçar estratégias para combatê-las, favorecendo as mudanças possíveis e necessárias na ordem social para a construção de uma sociedade justa, fraterna, solidária, consciente, livre.

O Estágio 4 é aquele que se identificam as maneiras possíveis para superar os obstáculos e minimizar o problema.

Finalmente, chegamos ao estágio 5, momento de refletir, criticamente, refazendo todos os passos dos estágios da análise dialético-relacional de Chouliaraki e Fairclough (1999). É momento de refletir também sobre a própria pesquisa.

Cada um desses passos deve estar inter-relacionado para que o problema identificado, se não resolvido, seja ao menos minimizado.

Partindo também da concepção de discurso como um dos momentos da prática social, na obra de 2003, intitulada *Analysing Discourse*, Fairclough (2003) concentra-se nos três modos como do discurso figura nas práticas sociais: como modos de (inter)agir, de representar e de identificar. Nessa obra, ele focaliza a análise linguística de textos. Todavia, Fairclough (2003, p. 3) destaca que a referida obra não é “apenas mais um livro de análise linguística de textos; ela é parte de um projeto mais amplo de desenvolvimento da ADC como um recurso para a análise e para a pesquisa social”. O linguista defende que “a análise textual é uma parte essencial da análise de discurso, mas a análise de discurso não é meramente a análise linguística de textos”. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 3).

Os textos são compreendidos como componentes de eventos sociais e, segundo Fairclough (2003, p. 8 *apud* MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 24) “[...] os textos causam mudanças em nosso conhecimento (podemos aprender coisas com eles), em nossas crenças, em nossas atitudes, em nossos valores, e assim por diante.” Tal qual definem Sato e Melo (2018), o texto é a unidade mínima de significado para a análise em ADC. Ele, portanto, constituir-se-á nosso objeto de investigação, pois é nele que encontraremos os elementos ideológicos que servirão para legitimar as relações de poder e dominação, dentre outros aspectos que podem ser estudados e identificados em um texto, ao analisá-lo.

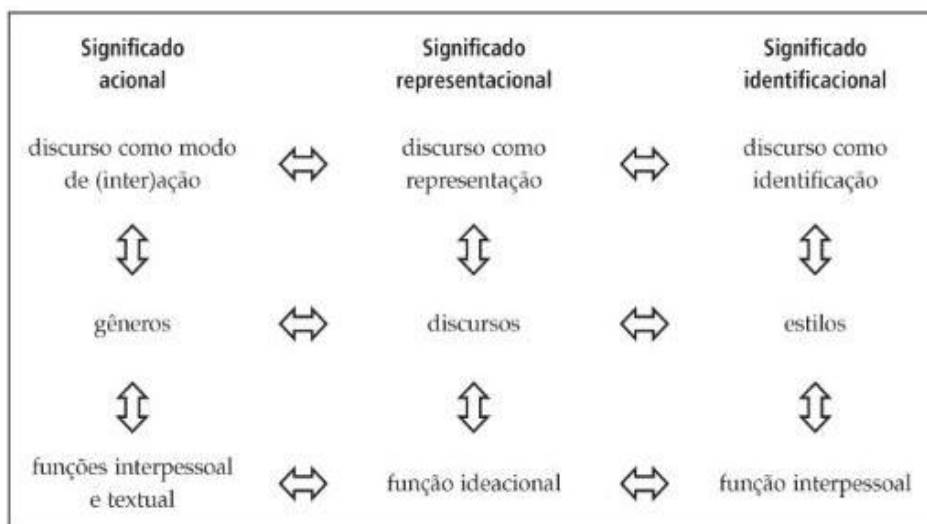
Barros (2018), baseando-se em Fairclough (2003), discorre sobre a importância dos textos:

Ao me posicionar discursivamente por meio de textos (orais ou escritos), apresento minhas representações acerca do mundo material, social e mental; expresso meus sentimentos, emoções e identidade. Essas são sempre partes das “práticas sociais”. [...] o discurso é [...] uma forma de ação no mundo. Não há como pensar no discurso de maneira estática, sem movimento. Os textos (orais ou escritos) podem trazer mudanças em nosso conhecimento (crenças, atitudes, valores etc.). Podem também produzir “efeitos causais”, gerando guerras, destruição por armas nucleares, perda de emprego etc. Os textos podem ainda contribuir para mudanças na sociedade. Seus efeitos incluem mudanças no mundo material, como, por exemplo, mudanças na arquitetura urbana, nas atitudes das pessoas, nas relações sociais e no mundo material (BARROS, 2018, p. 43-44).

Salientamos ainda que, por compreendermos que os alunos da EJA são pessoas de origem social humilde, portanto, geralmente, subalternos e subordinados, é que nos propomos a desenvolver esse trabalho com análise de textos poéticos da poetisa Cora Coralina, a fim de que os alunos ampliem sua capacidade de análise crítica e discursiva, percebendo que o discurso se materializa em forma de texto, e o contexto irá provocar-lhe múltiplos sentidos, no entanto, ele, no ato de sua produção, já se materializa carregado de várias ideologias que irão questionar ou legitimar o poder.

Todas as questões sociais que envolvem o uso da linguagem são de interesse da ADC, corrente de estudos críticos que envolvem a relação linguagem-sociedade; assim, as questões sociais são, em boa parte, questões de discurso. E, na obra de 2003, Fairclough propõe que se analisem os três significados do discurso: o acional, o representacional e o identificacional, os quais são respectivamente relacionados aos três modos como o discurso figura nas práticas sociais: como maneira de agir e interagir, como maneira de representar e como maneira de ser/identificar, conforme Figura 2 a seguir:

Figura 2 – Modos como o discurso figura nas práticas sociais



Conforme ilustrado na Figura 2, os significados - acional, representacional e identificacional – são associados às metafunções da linguagem propostas na Linguística Sistêmico-Funcional - a ideacional, a interpessoal e a textual⁶ – e aos três elementos das ordens do discurso⁷: gêneros, discursos e estilos. Nesse sentido, o significado acional relaciona-se aos modos de agir e de interagir nos eventos sociais – os gêneros discursivos -; o significado representacional relaciona-se aos modos de representar diferentes aspectos do mundo – os discursos -; e o significado identificacional relaciona-se aos modos de ser, de identificar – os estilos.

Portanto, segundo a ADC, compreender esses significados é compreender como o discurso funciona nas práticas sociais e todos esses significados estão materializados nos textos. Fairclough elenca as seguintes categorias para a análise de cada significado:

- ❖ Significado acional: Intertextualidade; Estrutura genérica; Relações semânticas/gramaticais entre períodos e orações; Trocas, funções da fala, modo gramatical.
- ❖ Significado representacional: Vocabulário/significado das palavras; Interdiscursividade; Processos de transitividade; Estrutura visual (imagens); Estruturas visuais; Representação de atores e de eventos sociais.
- ❖ Significado identificacional: Avaliação; Modalidade; Metáfora; Contato visual (imagens); Traços fonológicos e vocabulário; Interação entre a linguagem verbal e não verbal.

Em nossa pesquisa, trabalhamos com as seguintes categorias na análise dos dados gerados em campo:

1. O vocabulário - analisamos o sentido que as palavras individuais adquiriam no contexto discursivo, quais as marcas identitárias trazidas com elas quando os alunos as

⁶ Conforme explica Ottoni (2007, p. 32, grifos da autora), que se baseia em Halliday (1989, 1997) e em Butt *et al* (2000), a função ideacional “refere-se ao uso da linguagem para representar a nossa experiência do mundo; ela está relacionada à representação da realidade. Já a *função interpessoal* diz respeito ao uso da linguagem para codificar a interação, para codificar ideias sobre obrigação e inclinação e para expressar nossas atitudes (...) está associada à representação e negociação de relações sociais e identidades. A *função textual*, por sua vez, é usada para organizar nossos significados experienciais (ideacionais) e interpessoais dentro de um todo coerente e linear. Ela está ligada à construção do texto.

⁷ De acordo com Ottoni (2007, p. 21, grifos da autora), “Chouliaraki e Fairclough (*op. cit.*) e Fairclough (2003) explicam que as práticas sociais articuladas de uma forma particular constituem uma *ordem social* (por exemplo, a ordem social da educação em uma sociedade particular, em um tempo particular), e o aspecto discursivo/semiótico de uma ordem social é o que se chama de *ordem do discurso*. A ordem do discurso se refere à totalidade de discursos em uma sociedade ou instituição, à inter-relação entre as práticas sociais, às articulações e rearticulações entre elas (MAGALHÃES, 2000, p. 91).”

selecionaram para a composição textual, qual o seu valor semântico e as relações entre o léxico escolhido. Observamos ainda as maneiras e as ordens como as palavras foram estruturadas para dar sentido ao texto.

2. A interdiscursividade - Categoria analítica que se enquadra no sentido representacional - Segundo Fairclough (2003), esta categoria analítica, que se enquadra na no significado representacional, relaciona-se ao conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo. Desse modo, ao produzir discursos os seres humanos o fazem considerando os contextos nos quais se estabelecem, sejam eles, sociais, históricos e/ou culturais. Fairclough argumenta que:

Diferentes discursos são diferentes perspectivas do mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo, o que, por sua vez, depende de suas posições no mundo, de suas identidades pessoal e social, e das relações que elas estabelecem com outras pessoas (FAIRCLOUGH, 2003, p. 124).

De acordo com suas posições, os atores sociais percebem e representam a vida social. Assim, esses discursos são incorporados pelos atores sociais em suas próprias práticas e são utilizados de acordo com as representações e posicionamentos que cada um tem de si mesmo e das diferentes práticas das quais participa. Dessa forma, segundo Ottoni (2007, p. 42), “o discurso como modo de representação também molda os processos e práticas sociais e é por eles moldados, desempenhando papel fundamental na vida social”. É necessário esclarecer, seguindo Ottoni (2007, p. 41), que Fairclough (2003) trabalha com duas concepções de discurso: uma se referindo à linguagem e outras semioses como um dos elementos das práticas sociais.

Nos textos produzidos por nossos alunos, com base no trabalho efetivado por meio dos poemas de Cora Coralina, observamos a forma como eles se representam no mundo, como representam a si próprios, bem como as pessoas com as quais se relacionam em seu dia a dia, ademais analisamos a forma de representação feita com base nos eventos sociais por eles vivenciados.

3. A intertextualidade – Categoria analítica que se enquadra no significado acional – Segundo Ramalho e Resende (2011), essa categoria constitui-se como acional, por tratar-se de um traço textual moldado por gênero. Sobre essa categoria, foi Bakhtin (1997) quem desenvolveu a abordagem. A intertextualidade diz respeito à capacidade que os textos têm de serem repletos de partes de outros textos (FAIRCLOUGH, 2001), ou seja, ela acontece quando

é feita uma referência explícita ou implícita de um texto em outro. Pode ocorrer em outras linguagens todas as vezes que um texto fizer menção a outro haverá intertextualidade.

De maneira simplificada, Fairclough (2003) apresenta o conceito de intertextualidade como sendo maneira de outras vozes se configurarem nos textos produzidos, essas vozes podem ser percebidas de duas maneiras. De um modo mais literal, segundo o autor trata-se da “presença de elementos reais de outros textos dentro de um texto”, ou seja, diz respeito às citações, e de um modo mais abrangente, compreendendo a intertextualidade como variados modos de discurso relatados, por meio do discurso direto ou indireto, de modo que seja “possível não apenas citar o que foi dito ou escrito em outro lugar”, mas também parafraseá-lo (FAIRCLOUGH, 2003, p. 39).

Em nossa pesquisa, analisamos as vozes que se fizeram presentes nos discursos orais e escritos de nossos alunos, analisamos as vozes específicas, bem como as ideológicas, que encontram-se introjetadas em todas as práticas sociais. Segundo (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 133) a articulação dessas vozes no discurso “tende a ser disciplinadora ou transformadora em relação às lutas de poder”.

Por conseguinte, para Ottoni (2007, p. 36), as vozes presentes em um texto podem representar ou não perspectivas diferentes “e a relação entre elas pode ser de complementação ou de embate, numa tensão entre o texto que relata e o relatado”. Nessa direção nossa pesquisa analisou, quais eram as vozes presentes nos discursos de nossos alunos ao serem proferidos, observamos se havia entre si conformidade ou discordância, ainda que tipo de relação à sua dialética.

4. A avaliação – Categoria analítica que se enquadra no significado identificacional - Conforme Vieira e Resende (2011, p. 121), baseadas em Fairclough (2003, p. 172), a avaliação é “em princípio, uma categoria identificacional, moldada por estilos. São apreciações ou perspectivas do locutor, mais ou menos explícitas, sobre aspectos do mundo, sobre o que considera bom ou ruim, ou o que deseja ou não e assim por diante”. Considera-se, portanto como uma maneira particular de se posicionar, ou seja, é uma forma de apreciação de si próprio, das pessoas e dos eventos sociais dos quais o indivíduo participa.

A avaliação sempre será subjetiva, com tendência a deixar-se envolver pelos sentimentos, e pode se materializar em “traços textuais, como afirmações avaliativas, afirmações com modalidades deonticas, avaliações afetivas e presunções valorativas” (VIEIRA; RESENDE 2016, p. 121). Dessa forma, a categoria analítica da avaliação diz respeito às afirmações valorativas, aquelas que envolvem juízos de valor, afetividade, aprovação ou reprovação.

Nesta categoria analítica investigamos como os participantes se auto avaliavam, como avaliavam seus colegas, sua trajetória de vida, suas conquistas, bem como o grau de importância do estudo dos poemas de Cora para o seu processo de identificação e representação pessoal.

Sabemos que usamos a linguagem na construção dos textos, sendo esses, portanto, o material de pesquisa da ADC, pois é nas entrelinhas textuais e nas construções léxico-gramaticais que está contido todo o arcabouço de construções ideológicas as quais podem libertar ou dominar os sujeitos.

Sendo o texto, atualmente, um dos principais recursos didático-pedagógicos para o trabalho dos professores de Língua portuguesa, faz-se necessário e importante que tais profissionais conheçam, valorizem e apliquem os princípios da ADC para uma melhor compreensão do que se diz e do não dito.

Assim, esse aporte teórico-metodológico, em estudos textuais, nas aulas de Língua portuguesa, poderá fazer com que os alunos ampliem seus horizontes interpretativos e possam fazer análises linguístico-semióticas que levem em conta também questões sociais.

Neste ponto, vale a pena ressaltar que a elaboração e a aplicação da proposta didática, centrada na leitura e análise de poemas selecionados de Cora Coralina, à luz da ADC, poderá contribuir para a efetiva produção de mudanças nas práticas educativas, favorecendo o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos, uma vez que os mesmos deverão refletir a respeito de como a autora representa seu mundo e as pessoas por meio da linguagem e dos temas abordados em sua obra, como ela representa suas ações, suas dificuldades, suas conquistas, seus preconceitos, suas reflexões sobre o passado, sua visão de mundo enquanto ser humano que se constrói e reconstrói continuamente. Lima (2014, p. 69) esclarece que “a escola é uma instância social que tem muito a contribuir para a emancipação das pessoas caso nela sejam repensadas certas práticas”.

É com foco nessa emancipação que desenvolvemos esta pesquisa, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da ADC. Objetivamos que nossos alunos percebam que todo discurso é carregado de ideologias, valores, conceitos, crenças, verdades e preconceitos e que, se não fizermos um esforço para desvelar isso, podemos acabar sendo influenciados por eles, não sendo capaz de negá-los ou refutá-los para transformar nossa realidade.

Assim, segundo Ottoni:

Na minha opinião, cabe ao/à educador/a mediar o desvelamento dos sentidos e auxiliar os/as educandos/as na prática da reflexão sobre as ideologias subjacentes ao discurso humorístico, no sentido de não reproduzirem práticas excludentes e discriminatórias, mas, sim, tentarem transformá-las (OTTONI, 2007, p. 27).

2.4 Algumas considerações sobre gênero discursivo com foco no poema

De acordo com Marcuschi (2008), o estudo sobre a existência dos gêneros do discurso não é recente, remonta à época da Grécia Antiga, de Platão e Aristóteles, este em seu livro: Poética, Aristóteles criou e definiu o termo gênero para assim classificar os gêneros literários. No Brasil, somente a partir da década de 1990 é que os professores começaram a conhecer e dar importância aos gêneros discursivos, após a elaboração e divulgação dos PCN.

Partimos da premissa que as escolas brasileiras desenvolvem seu processo pedagógico sobre os gêneros baseado no conceito formulado pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin, pois percebe-se claramente grande influência do pensamento bakhtiniano nas práticas de sala de aula, principalmente no ensino de Língua portuguesa e no desenvolvimento das pesquisas sobre gênero. De acordo com Bakhtin (2003),

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seu tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

É salutar reconhecermos que o domínio da língua está estreitamente ligado com a efetiva participação social, é ele que permite aos seres humanos comunicar-se, expressar-se, argumentar, produzir conhecimentos, sendo a escola a principal responsável por garantir que o grau de letramento dos estudantes seja cada vez maior.

Produzir bons textos, sejam eles orais ou escritos, compreender o que é dito pelos semelhantes nas entrelinhas, é de fundamental importância para que se possa efetivar a participação social de maneira consciente, democrática e cidadã.

Isso posto, o trabalho com os gêneros proporciona ao educando uma ampla visão das formas como a sociedade se relaciona discursivamente, e proporciona o letramento do educando, ou seja, faz com que ele participe de diferentes eventos das práticas sociais de leitura e escrita satisfatória e criticamente. Nesse sentido as práticas educativas utilizadas pelos professores de Língua portuguesa necessariamente devem conduzir os estudantes a realizarem práticas reflexivas de leitura e escrita.

Corroborando com as ideias de Bakhtin, Marcuschi (2008) diz que todo texto ao ser construído numa perspectiva de enunciação evidencia a relação dos indivíduos entre si e com

suas escolhas e preferências discursivas mais adequadas ao processo interlocutivo, Conforme Marcuschi:

Ao se produzirem textos, quer orais quer escritos, enunciam-se conteúdos e sentidos que são construídos, inferidos e determinados mutuamente pelos participantes da enunciação. Assim, “o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo[...]. Ele refrata o mundo na medida em que o reordena e reconstrói” (MARCUSCHI, 2008, p. 72).

Nesse direcionamento, acreditamos que toda escola, enquanto instituição social, objetiva formar educandos que saibam utilizar os saberes linguísticos necessários ao exercício da cidadania, promovendo a ampliação do repertório linguístico-discursivo dos seus aprendizes, de modo a garantir o efetivo uso da leitura e da escrita, tendo como suporte o gênero adequado. Desse modo, podemos considerar o ensino de LP uma prática que tem como pilares principais três elementos variáveis e indissociáveis: o aluno, a língua e o ensino, esse último mediado pelos gêneros.

Concordamos com o que é defendido nos PCN, que uma educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem, de modo a incluir os estudantes efetivamente na cultura letrada. Isso inclui um trabalho efetivo com gêneros da esfera literária, como o poema, que é foco de nosso estudo.

Antes de tecermos considerações sobre o gênero poema, destacamos que acreditamos que, ao trabalhar com o texto literário, o professor trará às suas aulas um colorido e um sabor especial, uma vez que a literatura vai além do valor utilitário e denotativo das palavras, elas são usadas, muitas vezes, em sentido conotativo, ou seja, sentido figurado, dependendo do contexto em que elas são usadas, cheio de significados, permitindo inúmeras possibilidades de interpretação. Além disso, ela oferece a possibilidade de representatividade dos leitores, ou seja, de aproximação entre o conteúdo da obra e o cotidiano dos leitores, que, ao se sentirem representados, poderão vislumbrar possibilidades de transformação pessoal e social.

Sobre o gênero poema, Perfeito e Vedovato (2011) sintetizam, em um quadro, as suas características, levando em conta os elementos constitutivos dos gêneros, seguindo Bakhtin (2003). A seguir reproduzimos o quadro:

Quadro 4 – Características do gênero poema

Contexto de produção	Produtor: é representado sempre pelo papel social do poeta;
	Destinatário: varia de acordo com os objetivos do autor;
	Suporte: livros, revistas, internet, materiais didáticos diversos, entre outros
	Contexto histórico e pessoal: normalmente influencia a forma-linguagem empregada, bem como o arranjo do poema.
A construção composicional	Apresentação: organização em versos, estrofes, rimas ou em versos brancos e /ou livres. Pode respeitar, em casos específicos, a metrificação. O ritmo é marcado pela relação do poeta com o seu contexto. Assim pode pulsar desenfreado no Modernismo ou pode se apresentar de modo marcado como proposto pelos estudos literários tradicionais.
O conteúdo temático	Variável.
As marcas linguístico-enunciativas	Figura de linguagem e pensamento; forte presença de elementos fonéticos/ efeitos sonoros de linguagem. Preocupação com a construção visual. Possível emprego de neologismos, de utilização de palavras-imagem e de paralelismo sintático.

Fonte: Perfeito e Vedovato (2011, p. 251).

Todos esses elementos devem ser levados em conta no trabalho com o gênero. Consideramos que há várias possibilidades para o trabalho com o gênero poema e que o professor não deve utilizar esse e qualquer outro gênero como mero pretexto para se trabalhar a gramática. Às vezes um poema é levado para a sala de aula como um simples exemplo de uso de rimas, mas é um poema cheio de complexidades que precisam ser reveladas durante as aulas desenvolvidas principalmente pelos professores de LP.

Segundo Perfeito e Vedovato:

os poemas revelam o encanto das palavras, muitas vezes materializadas por desencontros entre a forma cotidiana, esperada e ordeira e aquela realmente construída. Essa tensão plurissignificativa é fruto também de um arranjo específico: ritmo, rimas, versos, aliterações, assonâncias... Aspectos nem todos presentes nos poemas (especialmente os modernos), mas que, em momentos tênues, são retomados para diferenciarem o poema dos demais gêneros (PERFEITO; VEDOVATO, 2001, p. 250).

Enfatizamos a necessidade de o professor levar o texto poético para a sala de aula e dele fazer instrumento frequente da proposta didático-pedagógica para o desenvolvimento das habilidades linguístico-discursivas dos alunos.

Acreditamos que contribuir para a formação de bons produtores culturais no tocante à leitura e à escrita exige, necessariamente, que se trabalhe com o texto literário, em particular o poema em sala de aula. Seja ele um cânone ou contemporâneo ou releitura, contribuirá para criações/recriações da linguagem, o autoconhecimento no reconhecimento das experiências alheias, transposições das subjetividades e das sensações, da representatividade o aguçamento da criticidade e o mover para as transformações das realidades pessoais e sociais.

Dessa forma, concordamos com Cosson (2012) ao afirmar que o estudo do cânone contribui muito para a formação da identidade cultural dos estudantes, porém não se deve supervalorizá-lo, tampouco menosprezar as obras contemporâneas ou de menor prestígio, uma vez que quanto mais diversificados forem os títulos estudados maior será a possibilidade de o leitor ter acesso a diferentes representações do mundo.

Apontamos, uma vez mais, para a necessidade de a escola disponibilizar para o trabalho em sala de aula uma vasta e variada gama de materiais para que os alunos tenham contato com o texto literário, em especial o poema, seja ele canônico ou não, para que os educandos possam ampliar suas experiências literárias e existenciais.

2.5 Pressupostos metodológicos

A pesquisa científica procura auxiliar na busca dos conhecimentos em todas as áreas e procura contribuir para a evolução do conhecimento humano em todos os setores. Para Andrade (2003, p. 121) “Pesquisa é o conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”.

Quanto à abordagem, ela pode ser quantitativa ou qualitativa. No caso desta pesquisa, ela será qualitativa, a qual é definida por Apolinário (2011, p. 149-150) como uma “modalidade de pesquisa na qual os dados são coletados por intermédio de interações sociais e analisados subjetivamente pelo pesquisador”. A opção por essa abordagem é importante porque leva em conta as interações, as atitudes, os motivos durante o processo e permite a flexibilidade possibilitando as adaptações durante a pesquisa, caso sejam necessárias.

A pesquisa sob o ponto da natureza divide-se em básica e aplicada, e este estudo será de natureza aplicada que “Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35).

Quanto aos procedimentos, optamos pela a pesquisa-ação, pois há um envolvimento da pesquisadora e dos participantes de maneira participativa e colaborativa. Thiollent (2005, p. 14)

afirma que a pesquisa-ação “é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”. Essa escolha permite que os caminhos escolhidos durante a pesquisa possam ser reavaliados durante o processo. Além disso, ela tem sido a principal escolha de método de procedimento pelos educadores por permitir a participação dos professores em todas as etapas da pesquisa e por propor ações práticas.

Nesse sentido, há a busca pela interação com os constituintes do estudo objetivando-se que o trabalho, intervenções e direcionamento dos pesquisadores apresentem papel relevante em relação à proposta desenvolvida, possibilitando assim que os objetivos definidos no planejamento se transformem em possibilidades reais de mudanças significativas para o contexto pessoal e social dos estudantes envolvidos.

Além disso, em termos de pressupostos metodológicos, pautamo-nos na abordagem metodológica de Cosson (2012) para o desenvolvimento de uma proposta de letramento literário e no arcabouço proposto por Chouliaraki e Fairclough (1999) para a realização de pesquisas em ADC. Tal arcabouço foi apresentado na seção 2.2.1 e 2.3.

Em consonância com o arcabouço para o desenvolvimento de pesquisas em ADC e com a proposta do Profletras, partimos da identificação de um problema que não é só escolar como também social, a saber: a forma com é trabalhado o gênero poema nas aulas de Língua portuguesa com os alunos da EJA, entretanto outros problemas foram detectados, como por exemplo os alunos terem dificuldade em estabelecer relações entre o que leem nos textos poéticos e o que vivem, não sendo menos importante o desinteresse pessoal pela leitura e pelo gênero em destaque. Também tecemos considerações sobre a conjuntura nas seções 2.4 e 2.5 quando falamos do ensino de Língua Portuguesa, da EJA, da realidade da escola e da turma participante, evidenciando, em parte, alguns dos obstáculos para a minimização do problema e a rede de práticas sociais da qual o problema em foco é parte. Como um possível caminho para minimizar os obstáculos apontados e o problema identificado, elaboramos e aplicamos uma proposta de intervenção⁸, na qual contemplamos, além de outros aspectos, as especificidades do gênero, à luz da abordagem bakhtiniana com a qual Fairclough (2003) dialoga, e na qual construímos uma possibilidade de análise dos poemas, levando em conta os modos como o discurso figura nas práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2003): como modos de (inter)agir (gêneros), como modos de representar (os discursos) e como modos de identificar (estilos). Na sequência, a partir dos dados gerados com a aplicação da proposta, analisamos relações do

⁸ Como já foi dito, esta proposta constitui um caderno suplementar para os professores de LP e acompanha esta dissertação.

discurso com outros elementos da prática social de ensino de Língua Portuguesa; analisamos, ainda que de modo ainda bem iniciante, o discurso propriamente dito, ao explorarmos as respostas e as produções dos alunos, na seção 4 e, por fim, fizemos uma reflexão sobre a análise e sobre a pesquisa na seção 5.

2.6 Procedimentos metodológicos

Tendo em vista os propósitos desta pesquisa, iniciamos uma revisão bibliográfica, a qual foi realizada ao longo de todo o trabalho. A partir dessa revisão, elaboramos o projeto de pesquisa, que foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Uberlândia⁹, e o apresentamos à direção da escola, onde pretendemos desenvolver a investigação, para sabermos do interesse da direção da instituição coparticipante. Após a produção do projeto e a explicitação do interesse da direção dessa instituição, elaboramos uma primeira versão de nossa proposta de intervenção centrada na leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina, tendo em vista o problema do qual partimos, as questões de pesquisa propostas e os objetivos apresentados.

Para isso, selecionamos os seguintes poemas da escritora: **Aninha e suas pedras; Mascarados; Assim eu vejo a vida; Mãe; Amigo; Ofertas de Aninha**, os quais se encontram no Anexo E. Como dissemos, todos esses poemas abordam como tema central a existência humana. Falam sobre como o ser humano se constrói na relação consigo próprio, com a natureza e com os seus semelhantes e eventos que o cercam e sobre como a autora vê a vida que transcorre diante de si e dentro de si, suas mudanças, autorreflexões, seu amadurecimento, seu endurecimento e fragilidades, suas interações através de suas falas e de suas obras, sua posição enquanto mulher na sociedade, ou seja, uma mulher além de seu tempo; enfim, fatos que acontecem com os mais diferentes atores sociais, que nos tomam ainda mais humanos.

Tal proposta foi avaliada por uma banca, durante o exame de qualificação. E, a partir das considerações feitas por essa banca, fizemos as alterações necessárias para posterior aplicação em sala de aula. Somente após a aprovação do projeto pelo CEP e da elaboração da versão final da proposta é que iniciamos o trabalho na escola.

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de 8º ano da EJA, em um Colégio Estadual da cidade de Santa Rita do Araguaia, em Goiás, onde a pesquisadora é também professora, conforme exigência do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras. Tal turma é constituída de 20 (vinte) jovens e adultos de faixa etária entre 15 e 58 anos, estudantes

⁹ Protocolo 10704918.0.0000.5152 aprovado pelo CEP em 21 de julho de 2019.

do noturno, frequentes, que concluíram esta etapa dos estudos em dezembro de 2019, seguindo posteriormente para o 9º ano, provavelmente nessa mesma instituição.

A turma acolhe estudantes trabalhadores, de variadas idades, em sua maioria mulheres, donas de casa, mães e esposas que trabalham como empregadas domésticas ou auxiliares de serviços gerais, e retornaram à escola em busca de conhecimento escolarizado para melhorar suas oportunidades no mercado de trabalho, o qual exige que se tenha, no mínimo, o Ensino Médio completo.

A escola ainda funciona no período noturno em função dos programas: Novo Médio e Profem, que são programas educacionais do governo do estado de Goiás formatados para a aceleração da aprendizagem dos estudantes, mais condensado que a EJA.

Antes de começar o desenvolvimento do estudo na instituição escolhida, foi feita uma reunião para a apresentação da proposta aos professores da escola, para que a conhecessem, aos alunos da referida turma e aos responsáveis pelos alunos menores de 18 anos, para que manifestassem o interesse ou não na participação na pesquisa. Depois da manifestação de interesse, foi apresentado, aos responsáveis pelos alunos menores de 18 anos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para responsável legal por menor de 18 anos (APÊNDICE A, p. 164); aos alunos menores de 18 anos, o Termo de Assentimento para o Menor entre 12 e 18 anos incompletos (APÊNDICE B, p. 166) e, para os alunos maiores de 18 anos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C, p. 168). Em consonância com o Capítulo III da Resolução CNS 510/2016, todos dispuseram do tempo que lhes foi adequado para a tomada de uma decisão autônoma. Houve uma negociação conjunta desse tempo.

Asseguramos que foi garantida a inteira liberdade de participar ou não da pesquisa, sem quaisquer represálias. Só demos início à pesquisa com os alunos, após o recebimento dos termos assinados.

É necessário e relevante ressaltar que o trabalho apresentado estava de acordo com a proposta curricular do 8º ano da Educação de Jovens e Adultos e que, por essa razão, ocorreu em horário regular de aula. Desse modo, todos os discentes participaram das aulas normalmente e realizaram as atividades propostas, pois atendiam ao previsto para o semestre letivo.

Todos ficaram cientes de que seria mantida em sigilo a identidade dos participantes. Para isso, nós utilizamos códigos para designar cada aluno participante como A01, A02, A03 e assim por diante. Além disso, para minimizar a possibilidade de constrangimento, foi dada total liberdade aos discentes para escreverem ou falarem de si apenas se se sentissem confortáveis para isso e desejosos de fazê-lo.

Para a coleta e geração de dados, foram utilizados diferentes instrumentos, tais como: questionário, diário de campo, diário de leitura orientada, gravação de aulas. Durante as aulas, usamos um caderno de registros que se constituiu em um diário de campo, no qual a professora registrou os acontecimentos da pesquisa, e os alunos fizeram, no diário de leitura orientada, o registro da trajetória de sua participação no projeto e suas impressões durante todo o processo. Além disso, gravamos algumas aulas e coletamos as respostas dadas pelos alunos às atividades de análise dos poemas e as produções de seus textos.

No início do trabalho, aplicamos um questionário de sondagem, com perguntas norteadoras para identificar os saberes e conhecimentos que os alunos traziam consigo a respeito da autora, de seus poemas (ver ANEXO D, p. 176). Esta foi uma atividade impressa em papel que os alunos receberam para responderem durante a aula. Nossa sondagem investigou também o que eles comumente leem durante as aulas e fora da escola, o que mais gostam de ler, etc.

A partir dos resultados dessa sondagem, os quais foram apresentados aos participantes e discutidos com eles, analisamos se seria necessário fazer alguma alteração na proposta de intervenção didática elaborada. Em seguida, procedemos à aplicação da proposta, que foi desenvolvida em forma de aulas.

Ao ler e analisar cada poema, os participantes puderam dizer que relação existia entre os textos apresentados e sua maneira particular de ver a vida, a sociedade e como interpretavam o discurso presente em cada obra. Tais aulas tiveram intuito também de auxiliar o aluno a desenvolver sua autocrítica, analisando o contexto no qual Cora vivia, e relacioná-lo com o cotidiano do aluno da EJA que, tal qual a autora, volta a estudar tardiamente, tem uma rotina de pessoa humilde, é profissional, batalhadora, cheia de sonhos e chega a vencer, no caso da autora, tornando-se uma escritora renomada e reconhecida em todo o país, servindo de exemplo e espelho para muitas gerações.

Para a aplicação da proposta, foram previstas 24 (vinte e quatro) aulas de cinquenta minutos cada uma.

Como culminância do trabalho, foi realizado um café literário para a divulgação dos textos autorais dos alunos participantes da pesquisa. E, para finalizar a aplicação da proposta, aplicamos um questionário de avaliação do trabalho (ver ANEXO B, p. 171) para avaliação do trabalho desenvolvido. Esse questionário foi respondido em dia e horário normal de aula. Ele foi respondido de forma escrita e tabulado em gráfico, posteriormente. Depois, foram descartadas as folhas impressas.

Os dados gerados e coletados foram analisados com base em pressupostos da ADC, dos multiletramentos, e do letramento literário. Em consonância com os pressupostos da ADC, as categorias de análise emanam do *corpus*. Tendo isso em vista, mostraram-se relevantes as seguintes categorias: escolhas lexicais (vocabulário), avaliação, interdiscursividade e intertextualidade. Além disso, focalizamos a produção, a distribuição e o consumo dos poemas.

3 APLICAÇÃO DA PROPOSTA: RELATO, ANÁLISE E REFLEXÃO

Nesta seção, objetivamos relatar como se deu a aplicação da proposta, apresentar os resultados dessa aplicação, analisá-los, refletir sobre a experiência de pesquisa, bem como sobre todos os contratempos que tivemos que enfrentar, os resultados positivos que a mesma proporcionou aos estudantes da EJA, nossos alunos, com os quais a proposta desenvolvida. Conforme já explicitado, a referida proposta traz em anexo um caderno suplementar produzido para professores de Língua Portuguesa, que acompanha esta dissertação.

Objetivando melhor organizar esta seção, optamos por estruturá-la em duas partes. Na primeira, apresentamos o relato da aplicação e a análise dos dados. Tal análise é feita consoante aos pressupostos teórico-metodológicos que sustentam este estudo e, no que concerne especificamente à ADC, utilizamos as seguintes categorias: escolhas lexicais (vocabulário), avaliação, interdiscursividade e intertextualidade.

Analizamos a produção oral e escrita dos alunos pautada na sequência básica de Cosson (2012) e suas contribuições para a ampliação do desenvolvimento do letramento literário dos estudantes da EJA, apresentamos as respostas dos alunos às questões relacionadas a como Cora Coralina se representa, se avalia e representa o mundo e as analisamos, evidenciando as dificuldades que tiveram, seus avanços, as relações que conseguiram estabelecer entre o lido e o vivido, como eles se representam e se identificam, as marcas linguístico-discursivas utilizadas por eles na construção das representações de si, das identificações e da forma como veem o mundo à sua volta, possibilitando a construção de novos olhares e novas perspectivas.

Além disso, analisamos como nossa proposta didática contribuiu para o desenvolvimento das práticas de multiletramentos e como ela contemplou a multiplicidade cultural e semiótica. Na segunda seção, tratamos da reflexão sobre a análise, sobre a pesquisa, a complexidade e as amenidades de uma proposta desafiadora.

3.1 Relato e análise da aplicação da proposta

Organizamos esta seção por aulas trabalhadas, de acordo com a estrutura da proposta apresentada anteriormente. Foram planejados 24 encontros para o desenvolvimento do trabalho que deveria iniciar-se em 05 de agosto, no entanto, por motivo explicitado nos parágrafos posteriores, tivemos que retardar bastante o início da aplicação da proposta.

Após iniciada a aplicação, em razão de algumas demandas de ordem pedagógica, a Gincana cultural e esportiva da escola, tivemos que interromper a aplicação da proposta, dificultando o trabalho com a mesma, houve também alterações no calendário escolar, em função das paralisações por melhorias salariais e de condições de trabalho, o mesmo foi alterado

por três vezes. Em função de todos os percalços, iniciamos a aplicação da proposta em 02 de setembro de 2019, com vinte alunos frequentes.

Acreditamos que seja importante salientar que, por se tratar de ensino noturno, os estudantes têm muitas dificuldades para estarem sempre frequentes às aulas, seja por problemas profissionais, ou por questões familiares, o índice de faltas é bem alto, frequentemente eles se ausentam. Ainda outro fator que dificultou a aplicação da proposta foi o fato de o primeiro horário iniciar-se às 19 horas e não dar tempo de os estudantes já terem ido em casa tomar banho, jantar, pegar o material e virem para a escola, apenas dois deles possuem veículos automotores, e três têm bicicletas. Assim os alunos, em sua maioria, sempre chegam atrasados para o primeiro horário, ou seja, o primeiro horário praticamente não existe, em nenhuma das seis turmas da escola, porque há um, dois ou três alunos somente que chegam às 19 horas, por sala, para sentar e descansar um pouco, impossibilitando os professores de iniciarem o conteúdo, às vezes eles passam a matéria no quadro para esperar que os alunos entrem no segundo horário.

Outro ponto muito negativo também foi que, ao retornarmos das férias de julho, percebemos que a turma não estava toda composta para a abertura da mesma, que deve ter um número mínimo de 10 (dez) de alunos matriculados para que a Secretaria da Educação autorize a abertura da sala. Então tivemos que colocar carro de som na rua, fazer uma campanha de chamamento na rádio local e com os próprios alunos para que aumentasse o número de alunos e a sala fosse autorizada. Mesmo assim conseguimos abrir o sétimo ano só com dois alunos, o oitavo abrimos com vinte e dois e em dezembro estava com vinte, o nono ano terminou com cinco alunos, porque os outros já haviam se evadido, e o sexto ano não teve matrículas.

3.1.1 Bloco 1: apresentação da proposta

Iniciamos a primeira aula da proposta apresentando-nos aos alunos e explicitando sobre a dinâmica adotada nas aulas. Uma vez que eles já sabiam antecipadamente da aplicação da mesma, assim restou-nos explicar detalhadamente o passo a passo a ser seguido. Esse momento deu-se em uma reunião feita com a coordenação da escola presente, quando ministrávamos a 2ª (segunda) aula, na própria sala do 8º ano EJA. Explicamos sobre a importância da pesquisa, seus benefícios para os alunos participantes e para outros estudantes da EJA, de outras escolas e regiões do país. De um modo geral, salientamos que, se algum outro professor tomar conhecimento da proposta e quiser aplicá-la em sua sala de aula, a mesma trará inúmeros benefícios ao desenvolvimento da leitura crítica de seus alunos.

Na reunião, deixamos claro para os alunos a necessidade de envolvimento e seriedade com as atividades propostas e a importância de eles estarem frequentes às aulas para que não houvesse quebra na sequência da aprendizagem deles. Como a maioria dos alunos é maior de idade e os pais/responsáveis dos alunos menores não compareceram, passamos a explicar sobre os TAM e o TCLE, para, em seguida, procedermos à assinatura dos mesmos, bem como o encaminhamento dos termos de autorização dos alunos menores para que os pais assinassem em casa. Após todas as explicações terem sido feitas, encerramos a reunião, a coordenadora pedagógica se retirou e prosseguimos com a aula normal.

Em seguida, também definimos os códigos de cada aluno, que por ordem de chamada receberam codinomes de A01 a A20, para garantir o sigilo com relação às identidades dos participantes. Nos casos em que não foi possível identificar o aluno, no momento de transcrever suas falas, identificamos como AX.

Feitos todos os esclarecimentos, procedemos à entrega do questionário de sondagem para avaliarmos a frequência com que os alunos liam fora da escola e qual a sua intimidade com textos literários, em especial o gênero poema. Ao ler as respostas dos questionários, a professora mestranda observou que todos se dispuseram a ler Cora Coralina e a conhecê-la mais profundamente, principalmente os alunos do sexo masculino, que diziam que não gostavam de poemas. Outros relataram que já haviam ouvido falar da poetisa, mas que nunca tiveram a curiosidade de pegar algo escrito por ela para ler, pois aquele tipo de leitura não lhes chamava a atenção, até aquele momento.

Tendo em vista esse fato e nossa experiência, consideramos um grave erro o sistema educacional de Goiás não incentivar mais os estudantes a conhecerem os autores goianos.

Como o questionário de sondagem é muito longo, composto por 15 questões dissertativas, as duas aulas planejadas para essa atividade e para a construção da abertura do diário de leitura orientada foram insuficientes. Essa construção foi feita na terceira aula planejada.

Isso já nos preocupou porque pressentimos que alguns atrasos pudessem ocorrer, pois, em nosso pensamento, o tempo de 2 aulas de 50 minutos seriam mais que suficientes para a apresentação da proposta, a assinatura dos termos, a leitura e facção do questionário de sondagem e a construção do diário de leitura orientada, além da escrita das primeiras páginas com suas primeiras impressões acerca das expectativas quanto à aplicação da proposta. Entretanto, infelizmente as coisas não aconteceram conforme planejamos, pois os alunos demoraram muito para responder às perguntas do questionário, e por vezes um ou outro dizia não ter compreendido a questão proposta, ou que não sabia como responder aquela pergunta,

assim sendo, não tivemos outra alternativa a não ser permitir os questionários para que os alunos terminassem de responder em casa e nos trouxessem na aula seguinte.

As perguntas feitas no questionário de sondagem foram todas subjetivas, fato que exigia dos alunos certo grau de concentração e reflexão para respondê-las. A primeira pergunta referia-se ao gosto pela leitura e o aluno deveria justificar sua resposta.

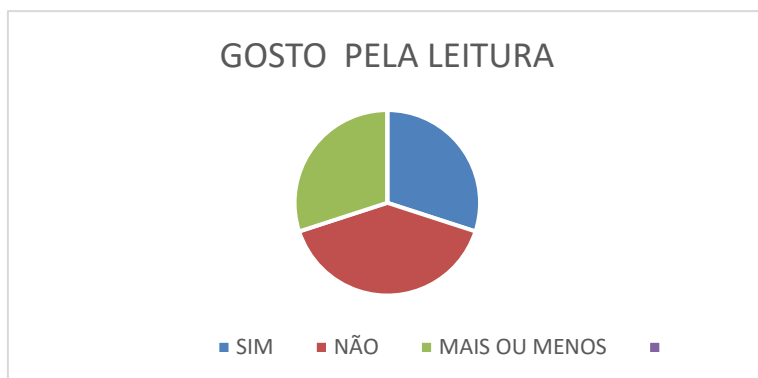
Apresentamos, a seguir, a imagem de um dos questionários de sondagem respondidos pelos alunos e, na sequência, os resultados obtidos.

Quadro 5 – Respostas para o questionário de sondagem

QUESTIONÁRIO DE SONDAEM	QUESTIONÁRIO DE SONDAEM
1- Você gosta de ler? Por quê?	1. Você gosta de ler? Por quê? R= Sim. Porque com a leitura aprendemos mais, sobre o mundo e ficamos mais informados.
2- Qual a importância da leitura em sua vida?	2. Qual a importância da leitura em sua vida? R= Sim. Porque aprendemos mais.
3- O que você costuma ler durante a semana?	3. O que você costuma ler durante a semana? R= Livros.
4- Qual o tipo de leitura mais lhe chama a atenção?	4. Qual o tipo de leitura mais lhe chama a atenção? R= Romance.
5- O que você tem lido atualmente?	5. O que você tem lido atualmente? R= Como eu era antes de você.
6- Você aprecia a leitura de poemas? Por quê?	6. Você aprecia a leitura de poemas? Por quê? R= Sim. Através dos versos entendemos o sentido do poema.
7- Relate o que você sabe sobre poema:	7. Relate o que você sabe sobre poema: R= Acho muito bom.
8- Qual o seu poeta/poetisa preferido(a)?	8. Qual o seu poeta/poetisa preferido(a)? R= Adélia Prado.
9- Você já ouviu falar da poetisa Cora Coralina? Se sim, como e quando?	9. Você já ouviu falar da poetisa Cora Coralina? Se sim, como e quando? R= Não.
10- Caso sua resposta anterior seja sim, o que você sabe falar a respeito de Cora?	10. Caso sua resposta anterior seja sim, o que você sabe falar a respeito de Cora? R=
11- Você gosta de falar sobre si, sua vida, suas experiências e descobertas?	11. Você gosta de falar sobre si, sua vida, suas experiências e descobertas? R= As vezes.
12- Qual o significado disso para você?	12. Qual o significado disso para você? R= Porque não gosto muito de expo minha experiências.
13- Você acha importante escrever textos que falem a respeito de si próprio?	13. Você acha importante escrever textos que falem a respeito de si próprio? R= Sim.
14- Onde você costuma fazer tais registros?	14. Onde você costuma fazer tais registros? R= No meu diário.
15- Você acha importante a escola conceder a oportunidade de os estudantes falarem sobre si próprios? Justifique.	15. Você acha importante a escola conceder a oportunidade de os estudantes falarem sobre si próprios? Justifique. R= Sim. Porque assim não guardamos só pra sim mais também temos dificuldade de falar.

Fonte: A própria autora.

Gráfico 1 – Você gosta de ler? Por quê?



Fonte: A própria autora.

Observa-se pela leitura do gráfico que a boa dos alunos da turma não tem grande apreço pela leitura, pois, dos 20 alunos da turma, 11 deles responderam que não gostam de ler, 4 responderam mais ou menos, consideramos que esses alunos, em termos gerais, se predispõem a ler, mesmo não dizendo que gostam, somente 4 alunos responderam que gostam de atividades que envolvem a leitura. Este fato que nos deixou preocupadas e ao mesmo tempo percebemos que, para o estudante da EJA, faz-se necessário que haja investimentos em propostas que incentivem nos alunos o gosto pela leitura, e nossa proposta é direcionada para este objetivo de contribuir para que um número maior de estudantes passe a se encantar e gostar de ler todos os gêneros que tiver à sua disposição, em especial os poemas de Cora Coralina.

Nessa direção, consideramos que o fato de não gostar de ler não é uma característica somente dessa turma, mas que infelizmente é uma realidade lamentável de toda educação brasileira, infelizmente não se consegue despertar nos jovens e adultos o gosto por essa atividade tão importante para todas as comunidades letradas, deve-se ler não apenas pela obrigação, mas sim para ampliar conhecimentos, perceber as coisas de modo diferenciado e também pelo prazer que o ato de ler proporciona àquele que se dispõe a se aventurar pelo mundo das letras.

Ao compartilharmos os resultados apresentados nos gráficos e discutirmos com os alunos, eles foram tentando entender os motivos pelos quais não apreciavam tanto a leitura. O aluno A14 relatou:

- (1) A14: Olha, professora, nós lê porque nós sabe que precisa, porque na escola tudo é leitura, os professor tudo põe a gente pa lê, mais a gente faz porque é obrigado, não porque gosta, mas porque se a gente num lê e num fazê as tarefa a gente vai bombar, e a gente já num tá mais na idade de ficá repetino de ano não. (A14, transcrição de gravação de vídeo do encontro de 24/10/19).

Salientamos ainda que todos os excertos com as falas dos alunos foram transcritos da forma como eles disseram, fizemos isso com o intuito de demonstrar, claramente, como os alunos se identificam e se representam por meio das suas escolhas linguísticas.

A aluna A18 também se sentiu à vontade para dar a sua opinião sobre o porquê de as pessoas não gostarem de ler:

- (2) A18: Olha, professora, eu acho que a maioria das pessoas lê mesmo porque é obrigada, porque a senhora já viu algum de nós aqui com um livro na mão, lendo? Eu acho até bacana ler, coisas do meu interesse, mas eu trabalho tanto, e chego em casa e tem tanta coisa pra fazê que eu nem tenho vontade de ler é nada. (A18, transcrição de gravação em vídeo do encontro de 24/10/19).

Podemos observar, pelas respostas das pelos alunos A14 e A18, que eles representam a leitura como uma atividade muito presente na escola, todos os alunos têm a oportunidade de tomar contato com ela, entretanto percebe-se que essa não é uma atividade prazerosa, mas que é algo feito por obrigação, tornando-se até enfadonho, e desestimulante.

A18 identifica a leitura de material de seu interesse como algo “bacana”, mas essa leitura não é aquela exigida pelo professor. E, mesmo avaliando a leitura como “bacana”, ela aponta as diferentes demandas de seu cotidiano como obstáculos para a prática da leitura.

Sabemos da importância da leitura na sociedade contemporânea e sua relevância para o cotidiano estudantil, principalmente para o estudante da EJA, que, em geral, não é de leitor assíduo, principalmente de textos literários.

Salientamos aqui que os alunos da EJA são trabalhadores, e que a maioria lida, boa parte do tempo com textos orais e escritos, no trabalho, em casa, nas instituições religiosas, haja vista que vivemos em uma sociedade letrada. Assim, precisam ter seus níveis de leitura e compreensão ampliados e alcançar níveis satisfatórios de compreensão textual, acreditamos que a escola deve privilegiar o trabalho com os textos literários, uma vez que estes podem ser trabalhados sob várias estratégias de leitura, estimulando o gosto pela leitura de um modo geral por intermédio dos textos literários.

Outros alunos também deram seus depoimentos, alguns dizendo que apreciavam a leitura e outros dizendo que não. Isso nos fez perceber que o gosto pela leitura deve ser estimulado o mais cedo possível, nas crianças, para que elas se tornem adultos leitores, e que a família, juntamente com a escola, deve incentivar muito e sempre as crianças e jovens a lerem, para que se perceba a importância da leitura, independente, da idade que se tenha.

Como o foco da nossa proposta é um trabalho com o texto literário, em especial os poemas de Cora Coralina, acreditamos que ela possa contribuir para que os alunos da EJA

possam desenvolver seu gosto por leituras literárias, enquanto constroem suas identificações e representações como sujeitos que interagem com os textos e constroem sentidos.

A segunda questão do questionário de sondagem perguntou sobre a importância da leitura na vida dos estudantes, ao que todos responderam ser muito importante, pois eles reconhecem que, por estarem inseridos em ambientes sociais letrados, seria muito difícil trabalhar e viver sem lidar com a leitura e a escrita.

A terceira questão era relativa ao tipo de leitura que os alunos costumam fazer durante a semana, a quarta questão perguntava sobre que tipo de leituras lhes chamava a atenção, e a quinta sobre o que eles tinham lido atualmente. Com elas objetivávamos descobrir quais eram as preferências de leituras dos alunos, bem como os gêneros que mais lhes chamavam a atenção.

Ao compilarmos os dados gerados a partir das respostas à terceira, à quarta e à quinta questões dadas nos vinte questionários, observamos que os alunos costumam fazer leituras variadas durante a semana e têm lido atualmente o que está listado na Tabela 1 a seguir:

Quadro 6: Preferências de leitura

Preferências de leitura	Quantitativo
Romances	3
Mistério	2
Drama	2
Leitura bíblica (Bíblia)	2
Ficção	3
Fofoca	3
Leitura online (mensagens em redes sociais)	5

Fonte: A própria autora.

Ao analisarmos as preferências de leituras acima e os dados numéricos, percebemos que os alunos da turma têm um gosto bem variado em relação aos tipos de leitura que fazem em seu dia a dia, e que, apesar de viverem em uma sociedade letrada, têm pouco contato com os livros, ou outros materiais escritos impressos, que não dizem respeito às redes sociais.

Todos concordamos que a leitura favorece o desenvolvimento da escrita e da aprendizagem, mas além destas vantagens o hábito de ler tem grande importância na vida das pessoas, pois além de proporcionar prazer aprimora o vocabulário e estimula o raciocínio e a compreensão dos fatos.

Observando as respostas das alunas mães, percebemos que elas disseram que quando eram mais jovens tinham mais tempo para a leitura e que agora, com a criação dos filhos, os afazeres domésticos, as obrigações profissionais e as atividades escolares ficava bem difícil elas manterem frequente o hábito de ler sem ser as leituras obrigatórias da escola ou do trabalho.

Somos adeptos ao pensamento que o ato de ler confere ao estudante da EJA uma experiência existencial, pois ao ler ele ativa mecanismos de análise e renova percepção da realidade, podendo questionar, criticar e propor novas configurações para o meio ao qual está inserido, desvencilhando-se das ideologias e dos costumes dominantes.

Se a educação tem como um de seus objetivos despertar a consciência dos educandos, isso é mediado também pela palavra escrita, então, proporcionar aos estudantes o máximo de leituras possível, com os mais variados propósitos, é fundamental para termos as habilidades linguístico-discursivas de nossos alunos sendo constantemente aprimoradas.

Percebemos, pelas respostas dadas às preferências de leitura dos alunos, que suas preferências se concentram em leituras que não exigem tanto esforço do leitor para compreender seu conteúdo, ou seja são leituras de fácil compreensão que se situam em um nível sensorial ou emocional, entretanto deve a escola oferecer aos seus alunos a oportunidade de ter contato com leituras que favoreçam também o nível racional, aquela leitura que possibilita o desenvolvimento intelectual dos leitores, além de possibilitar questionamentos, e ainda a construção, reordenação, reflexão e a ampliação dos conhecimentos.

Na questão 6, perguntamos aos alunos se apreciavam a leitura de poemas e o porquê dessa apreciação. Dos 20 participantes, 8 disseram que apreciavam sim a leitura de poemas, entretanto, 12 deles responderam que não gostavam por ser de difícil compreensão e não terem muito conhecimento.

Ao analisarmos a questão 6 do questionário de sondagem encontramos as seguintes respostas:

- (3) A04: Não, não gosto muito.
- A10: Eu gosto dos que fala de amor, mas tem uns difícil de entender.
- A14: Eu acho muito complicado de entender poesia, porque fica umas frase incompleta e a gente não entende direito.
- A17: Eu num sou chegado porque é difícil e é chato , só leio poesia na escola, porque as professora trabalha com elas.
- A08: Aprecio sim, porque é bonito. (Excerto retirado do Questionário de sondagem aplicado em 24/10/19).

Percebemos que eles não tinham muito contato com o gênero poema e que, por se tratar de um gênero que requer mais atenção, pois permite ao leitor fazer vários tipos de leituras, abrindo uma gama de possibilidades interpretativas, às vezes eles não se interessam tanto. Sabemos que o poema é uma forma de composição que exige do leitor o mínimo de conhecimento acerca das figuras de linguagem, a citar a metáfora, pois a linguagem figurada,

comumente, não é tão explícita, ainda exige-se que se façam inferências diversas para se entender o que o que está sendo posto.

O leitor, assim como os alunos participantes do projeto, certamente já percebeu que a leitura de todo tipo de texto é única, multifacetada e requer do leitor posicionamentos e estratégias diferenciadas para que se efetive a compreensão do texto, e a leitura do texto literário exige de quem o lê um esforço cognitivo bem maior para que se efetive a construção de sentido por parte do sujeito que se apropria da peça literária, construindo-se uma relação de vivência única, singular, diferenciada, entre o leitor e a obra.

Acreditamos que ao propormos um trabalho de leitura que privilegie o texto literário estamos oportunizando ao aluno da EJA uma reflexão sobre as suas próprias experiências e a relativização dessas com tempos e espaços diferenciados, porém com características comuns às vivências de todos os seres humanos. Assim, a leitura do texto vai além do simples fato de decodificar e compreender/interpretar o que o autor diz, ao transportar o texto para sua realidade o leitor reconstrói significados, ampliando sua visão de mundo, seus traços culturais, enfim reordena suas experiências familiares, sociais e profissionais por meio das práticas leitoras, em especial as literárias.

A questão 7 pedia que os alunos relatassem o que eles sabiam sobre o gênero poema. Apenas 9 (nove) alunos responderam, e basicamente disseram ser um texto que tem rimas e fala de sentimentos, os outros 11 (onze) alunos disseram que nada sabiam. No tocante à questão 8, 14 (catorze) dos alunos citaram Cora Coralina como poetisa preferida, 2 (dois) relataram não se lembrar, e 4 (quatro) disseram que não gostavam de nenhum poeta ou poetisa.

Quanto às questões 9 e 10: Você já ouviu falar da poetisa Cora Coralina? Se sim, quando e como? / Caso sua resposta anterior seja sim, o que você sabe falar a respeito de Cora?, interessante foi descobrir que todos os alunos já tinham ouvido falar dela, bem como já haviam ouvido e lido alguns poemas, no entanto não se recordavam de nenhum deles.

- (4) A03: Eu já ouvi falar de Cora Coralina, no desfile da cidade do ano passado a minha filha se fantasiou de Cora e foi no carro.
- (5) A12: Lá na escola Ivo, lá na Vila, a biblioteca de lá se chama Cora Coralina, eu lembrei porque eu já estudei lá, quando tinha aula a noite lá.
- (6) Eu também já vi na televisão, numa reportagem, e no livro do EJA do semestre passado tinha um poema dela, mas num me lembro qual era... (Excerto retirado da gravação feita em 24/10/19).

Sentimo-nos motivadas, pois este se apresentava como um fator importante para o desenvolvimento da nossa proposta, a aceitação do público era boa, concluímos que seria mais

fácil e prazeroso adentrar ao universo de Cora Coralina, como de fato foi, no desenvolver das aulas.

Na questão 11 perguntamos se os alunos gostavam de falar sobre si, ao que eles, quase todos, disseram que não. Dos 20 alunos da turma, apenas 3 alunas disseram que se sentiam à vontade para falar sobre si; assim entendemos que a exposição de suas particularidades e fatos de foro íntimo, os incomodava. Observamos que teríamos que tomar certo cuidado ao analisar os poemas de Cora, pois em alguns deles ela fala diretamente aos jovens, às mães, às pessoas de um modo geral, e o faz de modo a mexer com as emoções, e poderia ser que algum aluno em seu processo de identificação se emocionasse, como de fato ocorreu algumas vezes nas aulas. Um desses fatos é relatado nas linhas seguintes; o aluno A13 gostava muito de falar sobre suas experiências de quando era criança e morava na fazenda, tal qual Cora relata em um dos poemas estudados, percebendo muitas semelhanças entre as experiências da autora e as dele próprio no ambiente rural. Percebemos que em algumas passagens a infância e as experiências de A13 em muito se assemelhavam com a vida de Cora, fazendo-nos perceber que o aluno se identificava com os poemas da autora.

De maneira muito simples e humilde A13 nos contou a seguinte passagem de sua vida:

- (7) A13: Quando eu era piqueno e morava na fazenda, eu tinha que trabaiaí muito, desde piqueno eu sou de lutá na roça, mais aí meu pai morreu e minha mãe não tinha como criá nós lá sozinha, então meu avô troxe nós pra cidade, eu, minha mãe e meus oito irmão, como eu era dos mais velhos eu tive que ajudá minha mãe, intão eu trabaiei, limpando quintal, vendendo verdura, buscano bucho de roupa pra minha mãe lavá no rio. Passamu por muita dificuldade, mais ajudei minha mãe a criá meus irmão. Os mais novo até que istudou um pouco, mais eu não, tinha muita dó da minha mãe, daí quando ela arrumo o meu padastro, pra ajuda a criá nós, eu fui embora de casa, porque ele batia muito ni mim e nos meus irmão, eu num aguentava vê, daí eu pedi pro seu Joaquim, o dono de uma fazenda, pra me dar um serviço lá, e eu voltei pra roça. Lá eu mexia com gado, eu gostava muito, depois do almoço eu ia limpar o quintal na enchada ou varrê os terreros. E de tardinha ia apartá as vacas de novo. Eu crisciu na fazenda, na pobreza e na dificuldade, igual a dona Cora. (Excerto retirado do depoimento de A13 em 24/10/19).

O texto literário é território propício para o exercício da imaginação, nele o leitor projeta-se no texto podendo vir a sentir as mais diferentes sensações, e, nesse exercitar da imaginação, ele experimenta, interage e vivencia sensações que somente o processo de auto identificação permite que seja possível.

Nessa direção, podemos perceber que o aluno A13, ao fazer um exercício de imaginação, projetando-se no texto e na vida de Cora, constata que há muitas coisas em comum com o universo coraliano, há passagens em comum na trajetória de vida dos dois, pois ambos moraram em ambiente rural quando pequenos, passaram por grandes dificuldades e muitas

privações, sofreram violência doméstica, inúmeras dificuldades para estudar, foram vítimas de pais ou responsáveis que não os consideravam crianças em desenvolvimento, entretanto tanto um quanto o outro souberam transpor as dificuldades e superar suas limitações, ao tomarem conta de seus próprios destinos, inclusive optando pelo caminho da educação.

A13 é uma pessoa que se identifica como um homem sofrido, trabalhador e lutador, pois desde a infância luta para ajudar a mãe a criar os irmãos, ele se sente responsável pela família, por ser dos homens mais velho da casa, assim sendo, sente-se o provedor da família e o responsável pela mãe e por todos os irmãos, porém a chegada do padrasto na vida deles se dá como um evento inusitado e inesperado, pois acaba desorganizando o papel social de todos os membros da família. Obrigando A13 a se reelaborar e se reconstruir, mudanças ocorridas bruscamente.

É possível perceber ainda que A13 se representa como uma pessoa muito forte que vai se reconstruindo a cada passo que dá em sua caminhada, também fica evidente em sua fala que ele é alguém que acredita na força do trabalho, e no poder da resiliência, pois a cada dificuldade encontrada, ele busca meios para se reerguer.

Não haveria problema algum, se não se tratasse de uma criança em idade de brincar e estudar, entretanto, já assume a responsabilidade de um adulto, como esteio da família.

Bem similar foi a trajetória de Cora, obrigada pelas circunstâncias a amadurecer antes do tempo, em função da luta diária da mulher goiana.

A questão 12 continuava com a mesma proposta de perguntar sobre as experiências e descobertas dos alunos, ela dizia o seguinte: Qual o significado disso para você?, ou seja, o significado de o estudante falar sobre si. Novamente dos 20 (vinte) alunos, somente 4 (quatro) disseram ser importante expor suas experiências, descobertas, pensamentos e sentimentos, fato que analisamos como uma característica comum às pessoas tímidas, entretanto também observamos que talvez esse medo de se expor seja em função dos julgamentos que poderão sofrer por parte dos colegas.

A questão 13 tinha a seguinte pergunta: Você acha importante escrever textos que falem de si próprio? Dos 20 (vinte) alunos todos responderam que sim, apesar de não estarem dispostos a falar sobre si com os colegas, acham ser muito importante sim ter a oportunidade dada pela escola para os estudantes escreverem sobre suas particularidades. Compreendemos que o texto escrito talvez ficasse restrito somente à leitura do professor, assim a exposição seria menor e os riscos de sofrerem críticas também.

Ao perguntarmos na questão 14: Onde você costuma fazer esses registros? 11 (onze) alunos responderam não ter muito costume de fazer isso, 5 (cinco) disseram que em qualquer

lugar, e que comumente registram no caderno da escola, e quatro alunas relataram que têm diários, ou caderninhos onde escrevem sobre si, expondo seus pensamentos e sentimentos.

No tocante à questão 15 (quinze) dizia: Você acha importante a escola conceder a oportunidade de os estudantes falarem sobre si próprios? Todos os alunos responderam que considerava muito importante a escola conceder a oportunidade de os alunos exporem suas ideias.

Acreditamos que as práticas escolares devem ser repensadas no sentido de conceder cada vez mais espaço e voz aos educandos, em especial aos alunos da EJA, que após um dia exaustivo de trabalho ainda encontram motivação para ir à escola e tentar ampliar seus conhecimentos por meio da educação formal, melhorando sua escolarização. Os benefícios oriundos desse esforço são incomparáveis.

É sabido, que todo aquele que aprende tem também muito a ensinar, e o aluno da EJA se enquadra nesse perfil, de aprendiz que de repente se torna mestre, ensinando valiosas lições de vida aos mais jovens, lições essas abstraídas da própria vivência, da própria experiência dos anos passados, e isso a escola precisa passar a valorizar mais, pois sabemos que no empirismo, no saber popular, adquirido nas relações sociais, também há muito conhecimento e sabedoria a ser compartilhada.

Neste primeiro bloco, na segunda aula, após a socialização das respostas dadas aos questionários de sondagem, iniciamos a construção de nosso diário de leitura orientada, material que foi utilizado como instrumento de registro para responder as questões propostas, bem como para anotar as descobertas pessoais que os alunos fizessem e achassem interessante anotar, esse diário foi utilizado em todas as aulas, pois sempre havia algo novo ou diferente que nós, professoras, achamos que era conhecimento novo, e que pudesse servir de material para pesquisas futuras que porventura os alunos precisassem fazer.

Assim, os diários foram construídos de maneira pessoal, de forma que os alunos se empenharam para deixar a sua apresentação, tal como a capa e as páginas de abertura bem parecidas com eles próprios. Todos optaram por colar a imagem de Cora com frases que representam seus pensamentos ou partes de seus poemas. Observamos que nem todos se sentiram à vontade para criar sua própria arte, e que alguns ainda disseram que não sabiam desenhar muito bem. Dessa forma os diários foram construídos e os objetivos de usos dos mesmos foram explicitados.

Cabe-nos esclarecer que por ser uma atividade de criação, que portanto demanda tempo, não nos foi possível concluir essa atividade em sala de aula, assim fizemos mais de 70% da

atividade nessa segunda aula, mas não tendo sido possível terminá-la enviamos para casa e lá os alunos a concluíram, levando-os prontos para a sala de aula, no dia seguinte.

3.1.2 Bloco 2: motivação

Neste bloco fizemos a motivação dos alunos para adentrar, efetivamente, no universo de Cora Coralina.

Preparamos a sala colocando as cadeiras organizadas em círculo, iniciamos as nossas discussões a respeito do universo de Cora Coralina, assim, começamos explicando que Cora era uma mulher simples, do povo, que vivia de maneira modesta, fabricando doces caseiros para vender e melhorar a renda da família. Ao conversarmos sobre sua vida, os alunos descobriram também que ela praticava outras atividades para ganhar a vida, como por exemplo, ela também fazia linguiças caseiras para vender.

Ao descobrirem que Cora era do lar, doceira e poetisa alguns alunos ficaram surpresos. O aluno A09 chegou a comentar:

- (8) A09: Ué, mas eu pensava que para escrever poemas a gente tinha que estudar bastante professora, a gente até escreve uns versinho que rima, mas poesia mesmo, de verdade, dessa boua mesmo eu acha que só gente estudada que fazia. (A09, transcrição da gravação em áudio do encontro dia 25/10/19).

Ressaltamos que qualquer pessoa pode deleitar-se com o prazer de ler, ou de escrever um poema, basta deixar as emoções fluírem e a imaginação livre para que a inspiração se manifeste no poeta ou na poetisa. Assim, percebemos que alguns deles sentiram-se um pouco mais encorajados a exporem seus sentimentos e a darem suas opiniões sobre a autora e suas produções, além de se sentirem estimulados a conhecerem a autora um pouco mais.

Continuamos conversando sobre a vida de Cora e estabelecendo relações com a vida dos alunos, estabelecemos diferenças entre poema e poesia, e esclarecemos que Cora Coralina é apenas o pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas.

Consideramos importante esclarecer ao leitor que nem sempre essa abordagem traz benefícios ou é possível de ser feita, pois a relação entre autor e obra não necessariamente, ou obrigatoriamente, passa pela obra literária como expressão biográfica ou reflexo dela. O leitor deve estar atento à questão do espelhamento, pois se o contexto de Cora nos permitiu unificar eu lírico e autor é porque, de fato sua obra é autobiográfica, mas há casos em que isso não é possível de ser feito.

Estimulamos os alunos a fazerem uma leitura sensível sobre a vida de Cora e o poema: Aninha e suas pedras, o qual foi projetado por meio do *datashow* e declamado, primeiro pela professora e logo depois, pelos alunos da sala, de forma individual e coletiva, procurando encontrar o ritmo certo do poema, além de sensibilizar-se com a entonação utilizada durante as várias declamações.

Refletimos, coletivamente, sobre os “conselhos” que Cora dá aos leitores nesse poema, em especial a como as pessoas devem estar, continuamente, reconstruindo suas vidas, independente das dificuldades que atravessaram. Seguem transcritas abaixo as falas de A03, A05 e A15 sobre como a vida deve ser vivida.

(9) A03: Professora, eu me identifico com a parte que fala “Recria tua vida sempre, sempre”, porque a gente precisa se recriar todo dia, não pode deixar os problema nos abatê, porque problema sempre tem e todo mundo tem, mas se a gente não luta, fica difícil, porque senão a gente se entrega e daí não resolvi as coisa, eu, por exemplo, tô lutando aqui pra concluir meus estudo, mas não é facil, porque eu chego muito cansado da firma e ainda tenho que vim estudá.

A05: “Eu já gostei mais do verso que fala sobre os sedentos e os que têm sede, até me lembrou uma parte da bíblia que eu gosto de ler, e lá na minha igreja o pastor fala muito que devemos dar água a quem tem sede, porque foi assim que Jesus fez, e pão a quem tem fome. Eu entendi que a gente tem que ser cristão, ajudar as pessoas, porque isso é um mandamento de Deus, mas eu tô procurando também um companheiro que seja bom pra mim, porque eu criei meus filho e agora to sempre só lá em casa, lá na igreja tem um irmão que é viúvo, vamos vê se vai dá certo, porque eu vivo nos mandamentos de Deus.

A15: Já eu gostei muito da parte que fala de plantar roseira, porque eu gosto muito de plantar e acho importante ter planta na porta de casa. Entendi também que que a vida da pessoa pode ser ruim ou sem sentido, pode sempre ser melhor, basta a gente querer ser melhor, a minha, no meu caso, vai sê melhor assim que eu terminar meus estudo e melhorá minhas condição de emprego. (Trecho da transcrição da gravação em áudio do encontro de 25/10/19).

Esse foi um momento em que muitos alunos participaram das discussões das ideias presentes no poema, e as dificuldades que eles mais citaram como fatores que precisavam superar foram: a conclusão dos estudos, a busca por um companheiro e o desemprego, pois sendo a cidade muito pequena, cerca de 5.000 (cinco mil habitantes), o campo das oportunidades profissionais é restrito, fazendo com que alguns deles se mudem para as cidades vizinhas em busca de mais e melhores oportunidades, e as algumas alunas ainda esperam encontrar um companheiro para não terminarem a vida sozinhas.

Pelos excertos acima, podemos afirmar que após terem sido encorajados a falarem de si mesmos, os alunos foram criando confiança, no grupo e ficaram mais abertos a exporem seus pensamentos e opiniões, mas principalmente a fazerem relações entre o que leram e as suas vivências, estas, muitas vezes, com relatos de sofrimento, de desrespeito, de abusos, mas

também de muita esperança e de fé no futuro do país, fé no poder de Deus para resolver tudo aquilo que não conseguimos, nas gerações vindouras e no poder libertador da educação. Consideramos importante ressaltar que os três alunos citados consideram o grupo social em que vivem, um grupo que os incentiva e inspira a levar a vida na humildade, honestidade e preservando a dignidade e os valores humanos,

Nos três excertos acima é possível perceber que os participantes A03, A05 e A15 avaliam como positiva a oportunidade de falarem sobre si por meio dos versos de Cora, todos eles se vêem representados pela visão otimista do futuro que Cora compartilha nos versos estudados, bem como concordam com a autora que a única força que faz com que as pessoas obtenham melhorias pessoais e sociais é o poder da educação, é ele que liberta as pessoas das amarras ideológicas presentes na sociedade.

Interessante observarmos que A05, ao fazer seu comentário, consegue estabelecer intertextualidade entre um dos versos do poema estudado com as passagens bíblicas que ela lê e ouve em sua igreja, deixando claro que sua capacidade de estabelecer relações de semelhanças de assuntos entre os textos está bastante aguçada, sabendo estabelecer relações entre o lido e o vivido. Nesse sentido, A05 articula o discurso religioso em seu dizer.

Exploramos bastante as temáticas abordadas no poema, inclusive a questão de não deixarmos nos abater por problemas ou dificuldades, que sempre devemos ter a esperança de dias melhores e mais felizes.

Na sequência distribuimos o poema: Aninha e suas pedras, em folhas impressas a todos os alunos. Neste momento o sinal tocou e outros estudantes adentraram na sala de aula, tendo perdido a análise da primeira aula. Mesmo com essa lacuna, prosseguimos com a aula, fazendo a leitura silenciosa do poema, posteriormente a professora fez a declamação chamando a atenção para a articulação correta das palavras e a sonoridade do poema, além de fixar bem as sílabas que conferiam ritmo e musicalidade ao texto. Em seguida fizemos todos juntos, professora e alunos, a declamação por três vezes, até encontrarmos o ritmo certo do poema.

A partir desse ponto passamos a analisar os elementos linguístico-discursivos presentes no poema, com base na sequência de atividades abaixo descritas, após termos feito a declamação dele, chamando a atenção para a entonação dos versos, os alunos foram discutindo as questões e conversando sobre elas, dando suas opiniões.

Após a declamação do poema, encaminhamos as seguintes questões:

1. Pedimos aos alunos que refletissem sobre a poesia presente no poema e que identificassem quais conselhos a poetisa dava aos leitores.

- (10) A16: Professora, eu entendi que a poesia é um texto bonito, que fala de coisas de amor, de sentimentos do coração, e aqui eu entendo que a Cora quer falar que a gente deve ser forte quando aparecem os problema, porque a gente tem sempre que superar. (Excerto retirado da gravação do dia 28/10/19).

Refletindo sobre a fala de A16 no excerto acima, podemos perceber que o conceito geral da palavra poesia ele conseguiu identificar, pois a define como algo que se sente e se transforma em palavras, portanto para o referido aluno, a poesia é o sentimento do eu lírico que se materializa no gênero poema. Observamos que ele, A16, não confunde poema com poesia, mas distingue claramente uma coisa da outra.

Acerca dos conselhos emitidos por Cora, percebemos que o aluno focaliza em sua análise o quarto verso do poema, onde a autora cita que devemos recriar a vida sempre, sempre, para ele o que é mais significativo na fala da autora é o fato de apesar dos problemas e dificuldades, das decepções, dos dissabores da vida não podemos nos abater, pelo contrário, temos que nos reerguer sempre.

2. Exploramos como Cora representa o significado de se produzir poemas. Identificamos as marcas linguístico-discursivas que evidenciavam isso.

- (11) A08: Eu num sei se eu entendi bem, mas eu entendi q ela fala pra fazer poemas porque os poemas são coisas bonita, palavras que traiz alegria, que faiz a gente esquece os problema, eu num sei se tá certo, mas ela usa os verbo mais no presente, eu entendi que a gente num pode ficar falando no passado, mas temos que viver o presente, ela fala: recria, remove, faz e vem, tudo no presente, porque um dá pra viver do passado e nem esperando o futuro, tem que viver o presente.
 A02: Professora eu vi que as frases são curta e diretas, nesse caso eu entendo que ela não quer que a gente questiona ou duvida do que ela está falando, e usou o ponto final, que na minha visão é mesmo pra evitar dúvida e discussão.
 A09: Eu entendi que ela tá falando com as mulheres que tem dificuldade de se firmar na sociedade, de ser respeitada, eu acho que quando ela falou “vem a estas páginas” ela quis dizer que a gente tem que estudar nas páginas dos livros e fazer coisas boa pra ficar de exemplo pros jovens, principalmente na questão de lutar por uma vida melho através dos estudos. (Excerto retirado do depoimento dos participantes, retirado da gravação no dia 28/10/19).

Ao observamos as falas de A08, A02 e A09 fica evidenciado que os alunos conseguem identificar no poema que o eu poético é um ser feminino que expõe suas inquietações acerca das dificuldades encontradas para se estabelecer socialmente. Percebe-se que A02 consegue fazer uma análise bem estruturada no tocante ao tempo verbal presente no poema, tempo presente do modo indicativo, revelando a preocupação da autora com a importância de se viver o agora, pois é nesse momento que se vive.

Outra marca linguístico-discursiva que consideramos muito forte no poema foi o uso de substantivos concretos(pedras, poemas, doces, roseiras, páginas, gerações, etc.), revelando que

a autora é uma mulher forte que não se deixa abater, pois sempre recomeça, e aproximando a obra com a vida da autora e suas marcas linguísticas, percebemos que a educação formal era um fator de grande relevância, tanto que ela utiliza em seu poema a variedade linguística urbana de prestígio, revelando que para a mulher se projetar socialmente ela deve estudar bastante.

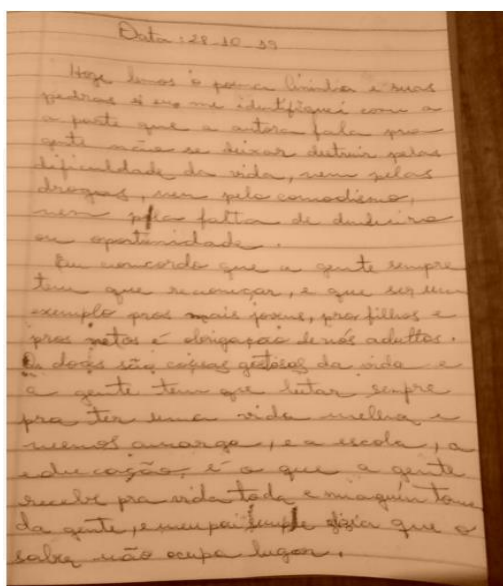
3. Solicitamos que registrassem no diário de leitura orientada se havia algo no poema Aninha e suas pedras com que eles se identificassem.

Figura 3 – Diário de leitura dos alunos



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Figura 4 – Página do diário da aluna A14



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Data: 28-10-19

Hoje lemos o poema Aninha e suas pedras e eu me identifiquei com a parte que a autora fala pra gente não se deixar destruir pelas dificuldades da vida, nem pelas drogas, nem pelo comodismo, nem pela falta de dinheiro ou de oportunidade.

Eu concordo que a gente sempre tem um amanhã pra recomeçar e que ser exemplo pros mais jovens, pros filhos e pros netos é obrigação de nós adultos. Os doces são coisas gostosas da vida e a gente tem que lutar sempre pra ter uma vida melhor e menos amarga, e a escola, a educação é o que a gente recebe pra vida toda e ninguém toma da gente, e meu pai dizia sempre que o saber não ocupa lugar.

(Excerto retirado do diário de leitura orientada, proferido pela aluna A14, em 28-10-19).

Diante do exposto, entendemos que existe uma forte relação entre os poemas de Cora, em particular “Aninha e suas pedras” e a fala de A13, pois há uma clara relação entre o texto e a vida da aprendiz, esta, por meio da leitura do poema, se reconhece e se revela ao mundo utilizando as ideias refletidas na obra.

É perceptível, pela fala da aluna que ela se compromete com o seu dizer, ao utilizar a expressão “a gente”, ela se identifica com as pessoas do grupo social ao qual pertence, qualificam-se como pessoas esperançosas e que valorizam bastante o saber escolarizado, como forma de libertação pessoal, como também instituição responsável pela evolução pessoal como pela ascensão social na sociedade capitalista, onde quem sabe mais domina e subjuga os que sabem menos. Pela fala da aluna podemos entender que o fato de concluir os estudos tem a ver com sua obediência aos pais, bem como com o fato de ela melhorar de vida por ter alcançado esse objetivo.

Acreditamos que ao tomar contato com a leitura literária, o leitor se vê diante de uma experiência ímpar, pois a imaginação o leva a experimentar sensações antes inimagináveis. Segundo Coelho (2000):

A escola como espaço formativo e privilegiado para os estudos literários deve possibilitar o encontro entre leitor-texto-vida, sendo esta vida real ou ficcional, uma vez que a leitura de literatura estimula o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis (COELHO, 2000, p. 16).

Nesse sentido, nossa proposta de trabalho com o gênero poema, juntamente com os procedimentos metodológicos adotados, são imprescindíveis para promover o encontro do leitor com o texto, objetivando seu aspecto produtivo, receptivo e comunicativo, buscando, ao mesmo tempo a construção identitária do leitor.

Ao identificar-se com o texto, ou no texto, o leitor torna-se um sujeito ativo e participativo, pois enquanto lê dialoga com as ideias do autor, e ao compreendê-las vai construindo novos sentidos para o que se encontra escrito, nesse processo de recepção e

identificação, autor e leitor tornam-se colaboradores mútuos para a construção de novos entendimentos e novas visões do mundo.

Considerando um dos objetivos de nossa pesquisa que é o de investigar como uma proposta didática de leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina pode contribuir para o estabelecimento de relações entre o lido e o vivido, muitos alunos registraram em seus diários que eles perceberam a intenção de Cora, que era falar sobre as dificuldades que a mulher encontra para conquistar seu espaço na sociedade, os obstáculos que ela enfrenta para sobressair-se no meio profissional, e a dura realidade de ter duas ou três jornadas de trabalho e ainda cuidar dos filhos e da casa.

Ponderaram que como têm a mesma origem humilde, a autora soube expor o que cada um deles sente quando se dispõem a retirar as pedras do caminho, plantar roseiras e fazê-las florir, pois não é fácil em meio às dificuldades do dia a dia a pessoa encontrar alegria e prazer em viver, encontrar forças para seguir caminhando uma estrada tão íngreme e com tantas “pedras”.

Não foram poucos os exemplos citados das dificuldades superadas, dos tombos e dos recomeços, mesmo sem saber que caminho seguir. Todos eles entenderam que temos que ser os protagonistas de nossa própria história, temos que escrever o livro de nossa própria vida, desprendendo-nos de todas as amarras que nos impedem de crescer e evoluir.

E assim, escrevendo e refletindo sobre o que foi lido nos textos e as experiências vividas por eles, ficou claro que os poemas estudados possibilitaram-lhes a transfiguração de suas vidas em outras realidades possíveis, mas até então inimaginadas (CÂNDIDO, 2004).

4. Apresentamos a seguinte questão aos alunos: No poema, Cora diz “Não te deixes destruir... Ajuntando novas pedras e construindo novos poemas. Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedra e planta roseiras e faz doces. Recomeça”.

Considerando os versos acima, perguntamos se eles acreditavam que quem luta para não se deixar destruir, para remover os obstáculos que surgem em suas vidas devem sempre construir novos caminhos.

Estimulados à participação e incentivados a falarem de si próprios e das suas batalhas, em círculo, os alunos socializaram suas respostas.

Essa aula foi interessante porque permitiu que todos os estudantes da turma e também a professora pudessem relatar as principais dificuldades pelas quais passaram em suas vidas, e os alunos A02 e A17 puderam expor seus sentimentos e experiências de vida de forma muito franca e tranquila, apesar de todos percebermos que as falas deles eram carregadas de sofrimento e de emoções.

- (12) A02: Professora, eu gostei mais da parte que fala sobre recriar a vida, pois eu já passei por tanta coisa, tanta dificuldade, como falta de comida, filhos pequenos que adoeciam muito, inclusive eu tenho uma filha que sofreu com paralisia infantil, hoje anda na cadeira de rodas, meu marido era muito violento comigo e com os mininus, eu lavei muita roupa no rio pra criar meus guris, agora mesmo com tudo isso, eu não perdi a fé em Deus, sempre lutei para melhorar, e toda oportunidade que aparece eu pego, hoje mesmo tô estudando e vendo produtos da Natura e do Avon, e faço costura para melhorar a renda, e eu recebo o Bolsa família, dinheiro que me ajuda muito.
- A17: Eu tenho tentado fazer com que a minha vida seja cada vez melhor, a senhora sabe que eu tenho um problema de cabeça e quando eu era pequeno eu desmaia muito, sentia muito mal até ter feito as cirurgias na cabeça lá em Goiânia, hoje sou estudante, gosto muito de vim pra escola, por isso que eu não falto. A escola é o lugar onde eu me sinto bem e quando terminá eu quero ir pra faculdade lá de Mineiros, tenho vontade de dar aula de física, fazer ginástica. (Transcrição de trecho da gravação em áudio do encontro de 24/10/2019).

Observando os excertos acima, em seus relatos percebemos que os alunos se revelam e se representam como pessoas comuns, pessoas que têm sonhos e desejos, que lutam em seu cotidiano para realizar pequenas conquistas, mas que para eles é de grande importância.

Analisando a fala de A12 podemos perceber que ela se representa e se identifica como uma mulher sofrida, que passou por inúmeras dificuldades, inclusive já sofreu violência doméstica, passou falta de alimentos em casa, mesmo assim ela se vê como uma pessoa otimista, orgulhosa de suas lutas e vitórias, jamais perdeu a fé em Deus e em muitos momentos Ele foi seu único consolo, sua religiosidade é bastante evidente em sua fala, a aluna ainda se considera uma pessoa perspicaz, pois soube identificar e aproveitar cada oportunidade que a vida lhe deu, por menor que fosse, e por insignificante que parecesse. Não se envergonha em dizer que participa do programa social do governo Bolsa família, mas está estudando para melhorar sua condição de vida, arrumando um emprego fixo, saindo da informalidade.

O aluno A17, tem consciência de que ele é especial, pois apresenta déficit mental e sofre com problemas de saúde constantemente, por isso faz tratamento em Goiânia, é interessante observar que ele se identifica como estudante, mesmo com os problemas e dificuldades que tem de aprendizagem, e que se sente incluso no sistema educacional como qualquer outro aluno. Por ter problemas mentais e psicológicos, e desmaiar constantemente, A17 ainda não entrou no mercado de trabalho, os pais têm medo que ele desmaie e o socorro não chegue a tempo, entretanto para se sentir valorizado, ele tem ido trabalhar junto com o pai que faz limpeza nas ruas da cidade, mesmo sendo um trabalho humilde faz com que A17 sinta-se útil, planeje o futuro e reconheça que a escola é uma instituição de grande importância na vida das pessoas. Talvez ele não realize seu sonho de ser professor assistente de Educação física, mas certamente reconhecerá que os bancos escolares frequentados, em salas da EJA, em período noturno, com

histórias de vida tão diferentes, contribuíram muito para o alargamento de sua visão de mundo e sua autoconstrução enquanto ser holístico.

Um dos objetivos de nossa pesquisa era o de possibilitar, por meio do trabalho com os poemas de Cora, que os alunos refizessem sua trajetória de vida e percebessem que muito já foi feito e que há muito ainda a se fazer, mas que, apesar dos desafios, das lutas, é possível sempre ter esperança de dias melhores, e que é importante e necessário que a caminhada seja constante, não importando o ponto de partida, nem o ponto de chegada.

A aluna A14 relatou as perdas que teve e tudo o que precisou superar para continuar tocando sua vida em frente, inclusive citou que nesse período de tantas lutas foi quando ela sofreu a perda de seu pai em um acidente vascular cerebral, e isso até hoje ela luta para superar.

- (13) A06: Uma das piores lutas que eu tive na vida foi quando meu pai morreu, eu sou a filha mais velha e eu tive que lutar muito trabalhando como doméstica nas casa alheia para ajudar a mamãe, eu mudei pra outra cidade e trabalhava e mandava o dinheiro, mesmo assim foi muito complicado, porque papai morreu de repente, de infarte e ninguém esperava que isso acontecesse, daí minha mãe teve que dar uma irmã nossa também para uma mulher que morava em Goiânia, e ela trabalhava lá na casa dela pela comida, e as roupa que ganhava era tudo usada, nos encontramos só depois que ela se casou, coitada! Nem ela e nem eu pudemos estudar, por isso que só agora é que vou terminar meus estudos. (Transcrição do comentário citado pela aluna A06, durante a aula de 24/10/19).

É salutar para nós, professores de LP, entendermos que toda atividade pedagógica direciona para uma intencionalidade específica, e no caso do trabalho que fizemos ao aplicar nossa proposta, o objetivo primeiro era mostrar aos alunos que o gênero poema nos possibilita este reencontro conosco mesmos, pois a partir daquilo que eu leio posso estabelecer relações entre o lido e minhas próprias experiências, ou seja, o vivido.

Presenciamos por inúmeras vezes nossos alunos fazendo essas associações, entre o universo literário e sua realidade, experimentando a *mímesis*, “a vida imitando a arte”. Ao estabelecerem relações entre os poemas lidos e o modo como vivem, perceberam que as questões existenciais humanas são universais, comuns a todos os homens, são atemporais e ultrapassaram os limites geográficos.

O desenvolvimento de nossa proposta estimulou nossos alunos a produzirem textos orais e escritos de forma verdadeira, autêntica e muito austera e singela, pois seus textos refletiam como eles eram e se sentiam, verdadeiramente.

Observamos, durante as exposições orais dos alunos, que eles identificaram bem o sentido metafórico da palavra “pedras” e para eles isso foi muito significativo porque as pedras

relacionavam-se com mágoas, perdas, sentimentos destruídos, esperanças desfeitas, confianças não correspondidas. A aluna A06 relatou:

- (14) A06: Eu carrego, ainda uma pedra muito grande de um relacionamento onde me dediquei muito, eu confiava e acreditava no meu marido, ele foi meu primeiro homem, mas ele não me deu valor, ele me traiu com a minha melhor amiga, mas eu não culpo ela, eu culpo ele, porque ele que tinha que me respeitar... (Transcrição do comentário feito pela aluna A06, durante a aula de 24/10/19).

E neste momento ela se emocionou muito, não pensamos que ela fosse expor um fato tão íntimo ali. Naquele instante, ficamos sem saber o que dizer, todos emudeceram e respeitamos o sentimento da colega. Refeitos daquele momento, comentamos que por decepções e dificuldades todos passamos e que as pedras que nos fazem mal devemos deixá-las à beira do caminho para nos darmos a chance de sermos felizes, tal qual Cora Coralina cita em seu poema: Aninha e suas pedras. Não devemos nos deixar destruir por mágoas e tristezas e nem ficarmos colecionando sentimentos negativos, mas sim recriar a vida o tempo todo, fazendo doces e escrevendo poemas...

Após essa atividade constatamos a importância de se estimular os alunos da EJA a falarem, de dar-lhes o direito de uma escuta atenta, bem como trabalhar com textos cujas temáticas sejam próximas do que vivem e de suas histórias de vida, Cora Coralina estabelece essas redes comunicativas com esse público, brilhantemente, quando permite, por meio de suas obras, que o leitor se identifique e recrie todo um significado para a sua trajetória, espelhando-se em suas poesias.

AULA 4: Ao sabor dos poemas de Cora Coralina

Iniciamos essa aula organizando a mesa enfeitada com os doces que a professora trouxera. Ao entrarem na sala, os alunos iam despertando a sua curiosidade sobre qual seria a finalidade daqueles doces.

Fizemos um círculo na sala para iniciarmos a aula, e as discussões ocorreram de forma profícua. Fizemos a seguinte pergunta: “- Vocês sabem pra quê foram trazidos doces para esta aula? ”. Alguns responderam que sim, que era por causa de Cora Coralina que havia sido doceira. Confirmamos que suas deduções estavam corretas, e falamos brevemente sobre a importância dessa profissão para a afirmação da identidade de Cora, bem como para que dela fosse tirado seu próprio sustento, e o de sua família.

Esclarecemos aos alunos que montamos a mesa com doces caseiros, assim como Cora fazia, valorizando a profissão de doceira e das lides domésticas, as quais Cora praticava, sem

deixar de valorizar também todas as profissões que têm uma característica mais braçal, pois percebemos que nossos alunos se caracterizam e se identificam assim, como trabalhadores braçais, do setor primário, sendo alguns prestadores de serviço.

Valorizamos bastante a garra e a vontade que nossos alunos têm de concluir os estudos para que suas oportunidades sejam ampliadas, citamos por várias vezes o exemplo pessoal de Cora, que mesmo após muita luta e idade já avançada conseguiu publicar seu primeiro livro de poemas.

Como nosso principal objetivo, neste bloco, era preparar os alunos para estabelecerem contato com o poema, e com a vida de Cora Coralina, sem silenciá-los, nós os incentivamos a falar cada vez mais de Cora, e a relacionar suas próprias vidas com a obra da autora, possibilitando uma leitura sensível aos alunos e uma reflexão crítica de aspectos que envolvem a vida e a obra da poetisa.

Aproveitamos o ensejo para explicar, novamente, sobre a diferença entre poema e poesia, e valorizar as construções poéticas populares, a citar Patativa do Assaré, que era lavrador e fazia poemas belíssimos, e outros poetas que vivem dessa arte, como, por exemplo Ferreira Gullar e tantos outros que realmente estudam para criar seus poemas. Mas fizemos questão de deixar claro que todos podem expor seus sentimentos em um poema, independente de altos níveis de escolaridade, uma prova disso são os poemas de Cora, que trazem beleza e simplicidade ímpares, mesmo ela sendo uma mulher simples, do povo.

Ressaltamos que qualquer pessoa pode deleitar-se com o prazer de ler, ou de escrever um poema, basta deixar as emoções fluírem e a imaginação livre para que a inspiração se manifeste no poeta ou na poetisa. Assim, percebemos que alguns deles sentiram-se um pouco mais encorajados a exporem seus sentimentos e a darem suas opiniões sobre a autora e suas produções, além de se sentirem estimulados a conhecerem a autora um pouco mais.

Entregamos uma cópia do poema para cada aluno, as quais foram coladas em seus cadernos de leitura orientada, e eles registraram o que sentiram ao ouvirem o poema sendo recitado. Como as produções trataram de exposições muito íntimas e particulares, passagens dolorosas para a maioria dos alunos, pois muitos deles citaram os momentos mais difíceis de sua jornada pela vida, eles descreveram seus sentimentos, de forma escrita, com muita espontaneidade e com a confiança de que ninguém mais, além de nós pesquisadoras, saberia de suas mágoas, dissabores, tristezas, enfim das dificuldades pelas quais passaram, tais como: violência doméstica, pouca alimentação (às vezes não tinham nada para comer), o desemprego, as traições, as humilhações, as doenças, entre outros.

Optamos por não reproduzir suas falas em respeito à confiança de nossos alunos ao exporem suas particularidades, intimidades e sofrimentos, entretanto salientamos que as materialidades discursivas observadas por nós decorrem das práticas sociais difíceis das quais eles participaram e participam, refletem o mundo real, duro e cruel que eles vivem, juntamente com as ideologias dominantes da sociedade, que, por muitas vezes, são perversas e cruéis.

Acreditamos ter sido muito oportuno termos escolhido como uma das linhas teórico-metodológica a ADC, pois ela nos permitiu realizar um estudo detalhado dos discursos produzidos por nossos alunos, compreender como representam o mundo, como se representam e se identificam, e promover com eles reflexões acerca da exclusão de toda natureza, buscando possibilidades de mudança com vistas à justiça social.

Tomamos sempre os textos de nossos alunos como um produto que parte de um determinado contexto social e refletimos criticamente sobre ele. Por meio da autorreflexão e das propostas de emancipação, nossos alunos foram conduzidos a perceberem que há sempre um novo caminho possível de ser feito, uma história que pode ser reescrita com mais leveza e doçura.

No tocante ao passo da motivação, da sequência básica de Cosson (2006), percebemos que houve excelente aceitação por parte dos estudantes em relação à autora e às temáticas que são desenvolvidas nos poemas. Apesar de o gênero poema não ser uma das preferências literárias da maioria dos estudantes, pudemos observar que os participantes se sentiram estimulados a conhecer melhor o universo de Cora Coralina, suas ideias, seus pensamentos e sentimentos, sensivelmente traduzidos por meio do gênero poema. Dispuseram-se também a viajar em seus versos identificando a si próprios nos caminhos que ela propôs. Percebemos isso por meio da empolgação para participar das questões orais, bem como por meio das respostas compartilhadas por eles em seus diários de leitura crítica.

- (15) A12: Eu quero muito fazer essas aulas porque já vi que nós vamos aprendê bastante coisas interessante, já vi que tem muitas coisa que a Cora passou que eu também passei quando eu era criança, e eu gosto dessas história.
A02: Pelo que eu já vi, vai ser muito bom mesmo, porque eu já vi muitas coisas da Cora e ela era uma mulher muito inteligente e gostava de fazer poesias, as poesias são boa, porque eu já li umas outra e gostei muito, vai ser muito bom estudar sobre ela.
(Excerto retirado do diário de leitura crítica, escrito em 29/10/19).

Esses excertos revelam como os participantes sentiram-se motivados para desenvolver o trabalho com os poemas de Cora. Podemos ainda perceber que os alunos avaliam a proposta afetivamente e acreditam que ela lhes trará grandes benefícios, percebemos que eles gostam da autora e se identificam com ela, não somente por sua história de vida e por seus poemas, também

pelo fato de ela ser goiana. Esse sentimento de identificação com a terra, com a cultura goiana, com as coisas da nossa gente, favoreceu demasiado a motivação dos alunos para estudarem os poemas.

Acreditamos que, concomitante a isso, o fato de ela ser uma senhora vivida, experiente, e os alunos da EJA têm muito forte a questão do respeito pelas pessoas mais velhas, sua sabedoria e experiência são reverenciadas, eles também respeitam muito o saber escolar, percebemos isso ao observar o tratamento que eles dispensam aos seus professores, geralmente de muita reverência por considerarem que eles merecem todo respeito por terem estudado mais.

3.1.3 Bloco 3: introdução

A partir das aulas 5, 6 e 7, deveríamos introduzir o uso de outras tecnologias digitais de informação e comunicação, além do *Datashow*, celulares e gravadores, uma vez que os alunos deveriam fazer pesquisas sobre a biografia de Cora Coralina para conhecerem um pouco mais o seu universo pessoal e literário, navegando por *sites* previamente selecionados e por outros que eles mesmos escolhessem, fazendo com que seu repertório fosse ampliado.

Infelizmente, fomos informados de que o laboratório de informática educacional se encontrava sucateado e fora de funcionamento, impossibilitando as pesquisas dos alunos naquele momento. Além disso, a escola não dispõe de sinal de internet suficiente para si e para os professores, a justificativa é que o sinal é muito fraco, e se distribuir com os profissionais, ou com o laboratório de informática a secretaria fica sem internet, inviabilizando o trabalho da parte administrativa da escola.

Por este motivo e tantos outros relacionados ao uso das tecnologias digitais, nosso trabalho sofreu interferências e adaptações que não estavam previstas no projeto original. Assim, tivemos que nos adequar ao que havia disponível enquanto recursos tecnológicos.

Entretanto, lamentamos não ter sido possível que usássemos o laboratório de informática educacional da escola, uma vez que intencionávamos, utilizando as tecnologias, promover momentos de letramentos significativos junto aos alunos, que nossas aulas trouxessem a possibilidade uma maior ampliação dos conhecimentos e da democratização do acesso ao mundo tecnológico e globalizado.

Gostaríamos de ressaltar que essa é uma realidade quase normal nas escolas públicas brasileiras que foram equipadas com laboratórios de informática do Ministério da Educação, mas não houve políticas públicas que destinassem recursos para a ampliação ou manutenção das máquinas e hoje elas não passam de um amontoado de sucatas eletrônicas sem funcionamento e sem utilidade. É necessário que se montem os laboratórios, mas também que

se dê condições para que o grupo gestor da escola o mantenha em funcionamento, por meio da liberação de recursos financeiros suficientes para que os equipamentos sejam utilizáveis e proporcionem o acesso dos estudantes ao mundo digitalizado.

Com essa impossibilidade, percebemos ainda mais a urgência e seriedade com que os órgãos públicos precisam tratar a educação investindo em tecnologias avançadas se quiserem, de fato, fomentar uma escola que prepare os alunos para a vida. Deve-se conceber uma escola que prepare os alunos para os desafios de uma sociedade competitiva, globalizada e tecnológica, pois o ambiente escolar não pode ficar descontextualizado do ambiente social, isso relegaria os alunos a uma exclusão perversa e cruel que traria consequências individuais e coletivas que talvez levem anos, ou décadas para se reparar a defasagem, em todas as áreas da sociedade na qual estamos inseridos.

Corroboramos com Rojo (2012), ao dizer que:

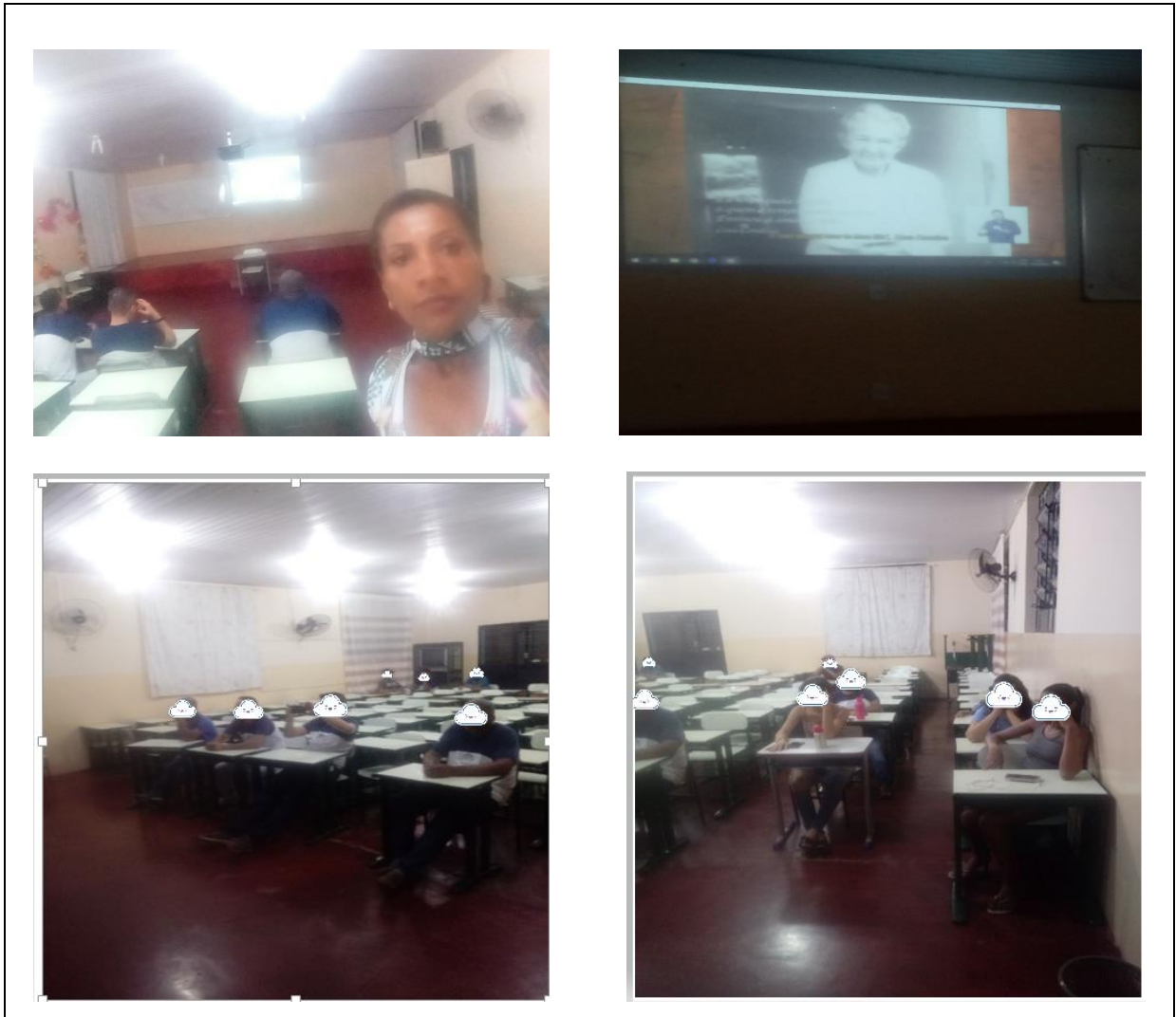
Com vistas a essa realidade, em que se observem mudanças nas mais diferentes esferas da vida, o GNL sustenta que é na escola que os sujeitos têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, rompendo as barreiras impostas pelas diferenças e pela rapidez com que as mudanças se processam. Essa ampliação das práticas de letramentos proporcionada pela escola, deve partir do que as escolas já realizam, ampliando as suas práticas para a realização de projetos que considerem, então, as três dimensões apresentadas acima: do trabalho, da cidadania e da vida pessoal. Como a arte se insere no âmbito da vida pessoal, está justificado o trabalho com a literatura (ROJO, 2012, p. 100).

Defendemos a ideia de que uma educação democrática e cidadã é aquela que forma sujeitos que ao se confrontarem com os desafios da vida cotidiana saibam como resolvê-los. Entretanto como os governos têm tratado a educação pública, com tão poucos investimentos em infraestrutura e falta de capacitação dos profissionais, torna-se cada vez mais difícil praticar uma educação de qualidade e que promova a equidade, a fim de minimizar as desigualdades sociais que temos vivenciado atualmente.

Tivemos que improvisar, quase sempre, durante a aplicação da proposta, no tocante ao uso das tecnologias. Salvamos em *pendrive* os três documentários sugeridos na aula 5, os quais falam sobre a biografia de Cora Coralina e passamos no *datashow* para os alunos. Eles ficaram maravilhados com a lucidez e a desenvoltura na fala por parte de Cora, no auge de seus 75 anos de idade.

As imagens abaixo evidenciam o momento em que fizemos a apresentação da biografia de Cora Coralina aos alunos. No vídeo, pessoas comentam sobre a vida de Cora, mas em alguns momentos ela mesma conta sobre a sua trajetória e comenta, de maneira particular, como ela fez para vencer os desafios de sua vida.

Figura 5 – Apresentação da biografia de Cora Coralina



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Os alunos consideraram que foi importante conhecer a vida e a obra de Cora Coralina, pois assim eles puderam relacionar melhor seus versos à sua história de vida compreendendo melhor as ideias que a autora expõe em sua obra.

Como parte fundamental da introdução, conforme Cosson (2012), este é o momento de apresentar a obra física (livro) de Cora Coralina, *Vintém de cobre*. A apresentação foi feita com o livro envolto em uma caixa embrulhada em papel colorido, como se fosse um belo presente. Nessa apresentação foi explorada a capa (veja Figura 7), com suas ilustrações, a contracapa, o prefácio e a introdução, para que os alunos reconhecessem os elementos pré-textuais do livro.

Figura 6 – Capa do livro: Vintém de Cobre de Cora Coralina



Fonte: Coralina (1987).

A essa altura da aplicação de nossa proposta nossos alunos já estavam orientados acerca das multissemioses que podem ser encontradas em um texto e da importância delas para o entendimento global do texto. Estavam também cientes de que a leitura não depende apenas do contexto linguístico, mas também do contexto extralinguístico que o acompanha. Assim, ao ser apresentada a capa do livro de poemas de Cora, de onde foram retirados a maioria dos poemas estudados, os alunos observaram que se tratava de uma imagem antiga, em primeiro plano, Cora como personagem principal da imagem, já é uma mulher bastante idosa, que transmite serenidade e sabedoria no olhar, externalizando grande afetividade por seus conterrâneos goianos. A aluna A16 disse que se parecia com a imagem de uma avó, cujo respeito e gratidão não se negam.

Ao fundo, vê-se a imagem de uma torre de igreja, que os alunos associaram à igreja de Nossa senhora do Rosário, na Cidade de Goiás, terra natal de Cora Coralina. Óbvio que conseguiram fazer essas leituras porque já tinham assistido aos vídeos sobre a vida da autora, e isso facilitou essas identificações todas. Sentiram-se orgulhosos por serem representados por uma mulher tão humilde e tão forte ao mesmo tempo.

Em seguida, citamos os nomes dos poemas selecionados, explicamos o motivo de cada um deles ter sido selecionado, deixando evidente que tratavam das temáticas mais direcionadas à vivência e identidade de cada um deles e que a obra tem um caráter universal, por se tratar de questões existenciais relacionadas a todos os homens, pois em todas as épocas da história da humanidade o homem questionou-se sobre o significado da vida, de sua existência pessoal e social, e sobre para onde estamos caminhando.

Explicitamos aos alunos, por meio de aula expositiva e dialogada, os motivos pelos quais foram aqueles os poemas selecionados para a aplicação da proposta.

Vale ressaltar que nesta etapa de desenvolvimento da proposta já estamos na aula de número 6, portanto chegamos a um quarto da aplicação, e percebemos que o interesse dos alunos cada vez aumenta mais para conhecer e reconhecer-se nos poemas de Cora. Interessante observar que os alunos homens começaram a participar mais, apesar de a participação das alunas ser bem maior, isso devido também ao fato de elas serem em número mais expressivo. Observamos que, a essa altura da aplicação da proposta, toda a turma já se sentia mais à vontade e menos temerosa de expor seus sentimentos.

Ainda na aula 6, centrada no (re)conhecimento do gênero, entregamos aos alunos os poemas: Assim eu vejo a vida, Mascarados e Mãe, os quais procederam à colagem dos textos, em seus diários de leitura orientada. Para procedermos à leitura crítica dos poemas realizamos a dinâmica da batata-quente, conforme explicamos na nossa proposta didática.

Foi providencial essa brincadeira, porque ela estimulou muito os alunos em suas participações, e houve muitas participações, eles se sentiram empolgados, e quando o colega retirava uma pergunta que o participante não sabia responder, não tinha segurança ou respondia de forma equivocada ou incompleta, os colegas sempre entravam com intervenções que auxiliassem os colegas a responder assertivamente. Só achamos que houve um pouco de tumulto ao realizar esta atividade, pois, como houve intensa participação dos alunos, eles queriam participar ao mesmo tempo e o barulho foi bem grande, difícil de controlar, pois como é uma dinâmica estimulante causou muito alvoroço entre eles, todos querendo participar ao mesmo tempo.

A seguir estão descritas as perguntas que os alunos responderam durante a realização da dinâmica, as respostas dadas a elas, o resultado das discussões e a nossa reflexão sobre essa atividade.

1. Vocês acabaram de ler 3 textos que seguem as convenções de qual gênero? Por que você acredita que é esse gênero?
2. Quem os produziu? É uma produção coletiva ou individual?
3. Qual é ou quais são o/s propósito/s desse gênero?
4. Para quem os textos foram produzidos?
5. Eles são consumidos individual ou coletivamente?
6. Onde eles costumam circular?
7. A sua distribuição é simples (só se dá face a face) ou complexa (pode ser distribuído em vários espaços)?

8. Quem costuma ler esse gênero discursivo? E por que o lê?
9. Após ler os três poemas, você consegue identificar qual o papel social de Cora Coralina?

É importante salientar que essas questões estão relacionadas às condições de produção, de distribuição e de consumo do gênero e aos seus propósitos.

Ao realizarmos a atividade, o aluno A06 pegou a primeira pergunta e respondeu: (...) “todos eles são poemas, porque já estudamos os poemas.” (...). Após o aluno concluir sua fala explicamos que se tratavam de textos que pertenciam ao gênero poema porque estavam escritos em versos, havia a presença de um eu lírico que expunha seus sentimentos, a linguagem utilizada é subjetiva, em primeira pessoa, linguagem figurada, presença de figuras de linguagem, e a função dos textos é trabalhar com as palavras de modo a conferir-lhes beleza, bem como despertar sentimentos. Explicamos que todas essas características são comuns aos poemas.

A questão 2 ficou para a aluna A01 responder, ela respondeu o seguinte: (...) “quem produziu foi a Cora Coralina, e ela escreveu sozinha”. (...). Não nos alongamos nessa questão, pois consideramos a resposta da aluna satisfatória.

Para a questão de número 3 o aluno A16 deu a seguinte resposta: (...) “eu acho que é emocionar através dos versos dela”. (...). Explicamos que o propósito de um texto é um elemento importante na sua constituição e na identificação das convenções do gênero e isso está relacionado às condições de produção, por exemplo, a notícia tem o objetivo de informar, o artigo de opinião, de apresentar a opinião de um especialista sobre um tema polêmico, a piada de divertir, um manual de instruções de instruir sobre determinados procedimentos, um anúncio publicitário de estimular o consumidor a consumir, um poema preocupa-se com a forma do discurso, ou seja, o modo utilizado para transmitir uma mensagem, etc.. No entanto, destacamos que um gênero pode ter mais de uma finalidade.

Já na questão 4 vários alunos responderam que não havia um público específico apesar de a autora falar sobre os jovens e sobre a mulher, os poemas não foram escritos só para esta parcela da sociedade.

A questão cinco foi respondida muito rapidamente, que os textos de Cora podem ser consumidos individual ou coletivamente, depende da escolha do leitor, por ser uma questão relativa ao consumo do gênero consideramos que eles compreenderam muito bem.

Sobre a questão 6 a aluna A12 respondeu: (...) “eles circulam em qualquer lugar, nos livros, na net, nas revista.” (...). Parabenizamos a aluna dizendo que sua análise estava

adequada, completamos dizendo que esse gênero pode circular também em jornais impressos, falados ou virtuais.

Para a questão número 8 discutimos que quem lê esse gênero são as pessoas que apreciam poemas e gostam de se emocionar com eles. O aluno A04 respondeu que sua distribuição é complexa por se dar em vários espaços.

A questão número 9 gerou muitas dúvidas entre os alunos, inicialmente eles compreenderam que o papel social seria a profissão da autora, então disseram que ela era poetisa, dona de casa, lavradora, escritora. Indagamos sobre o tipo de poesia que ela escrevia, para que ela se expressava daquela forma, se a poesia dela se caracterizava como lírica, ou seja, de amor, de protesto, de crítica social, ou servia para as pessoas, em especial, as mulheres se libertarem da submissão da sociedade machista. Nesse momento a aluna A08 disse: (...) “o papel dela é de fazer poesia de liberdade pras mulheres, porque ela fala que nós tem que estudar e lutar pra viver com dignidade, e se a gente cair tem que levantar e seguir em frente.”

Explicamos que muitos estudiosos caracterizam Cora como uma mulher forte, com discurso feminista e libertário, que se impôs e se fez respeitar na sociedade machista e conservadora da época em que ela viveu, e hoje serve de exemplo não só para as mulheres como também para todas as pessoas que passam pelas mesmas privações econômicas e sociais pelas quais ela passou.

Após discutirmos todas as questões relacionadas na caixa que nos serviu de bata-quente, fazendo as devidas intervenções quando os alunos se equivocavam ou se atrapalhavam para conceituar as questões, partimos para a análise dos elementos constitutivos do gênero com base no quadro apresentado na proposta com questões relacionadas ao conteúdo temático, à construção composicional e ao estilo do gênero.

A Figura 8 mostra o momento em que os alunos realizavam as atividades relativas aos elementos constituintes do gênero, comparando os três poemas para encontrarem os aspectos semelhantes entre si e que os caracterizam como pertencentes ao gênero poema.

Figura 7 – Atividades relativas aos elementos constituintes do gênero



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Esta foi uma atividade feita individualmente em que fomos discutindo cada uma das perguntas célula a célula e então fomos sintetizando as respostas produzidas pelos alunos e registrando-as no quadro para que eles pudessem anotar em suas folhas de atividades e posteriormente colá-las em seus diários de leitura orientada.

Quadro 7 – Síntese das respostas dadas pelos alunos a cada questão trabalhada

CONTEÚDO TEMÁTICO	CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL	ESTILO
<p>Esses poemas tratam da condição da mulher no século XX, da necessidade de os jovens semear coisas boas; das experiências da autora São temas interessantes que servem para reflexão e, considerando tudo que vimos, tudo aquilo que pensamos e sentimos é dizível no gênero poema.</p>	<p>Os poemas analisados são escritos em verso e não apresentam rimas. No gênero não predomina um pré-gênero (ou modo retórico) específico, pois nos exemplares há exposição, narração, descrição, injunção, por exemplo. Eles são estruturados em versos e só o poema Mãe é estruturado em estrofes. Ele tem 3 estrofes e 24 versos. Os poemas analisados são constituídos apenas pela linguagem verbal.</p> <p>Sobre sua superestrutura, em geral eles têm um título, são organizados em estrofes e</p>	<p>A linguagem dos poemas é subjetiva, pois fala dos sentimentos do “eu”. Eles estão escritos, em sua maioria, na 1ª pessoa do singular, referindo-se aos sentimentos da autora. Porém, há exemplares do gênero, como o poema Mascarados, que são escritos em 3ª pessoa. A metáfora é comum nos poemas, porque queria comparar as dificuldades da vida com situações que acontecem constantemente, não se percebeu se foram utilizadas outras figuras de linguagem. Nos poemas em análise, os tempos verbais utilizados são o presente e o pretérito perfeito.</p>

	versos e podem ou não conter rimas.	o modo verbal predominante é o indicativo. Todavia, outros modos também são utilizados no gênero, como o imperativo em Aninha e suas pedras. Há prevalência de frases afirmativas e não identificamos o predomínio de uma classe gramatical específica.
--	-------------------------------------	---

Fonte: A própria autora.

Após os alunos terem respondido as perguntas, por escrito em uma folha que posteriormente foi colada em seus diários de leitura, organizamos uma roda de conversa para que discutissem sobre as características do gênero poema, sobre os aspectos que mais chamaram a atenção nos três textos lidos até então.

Nesse ponto, chamamos a atenção dos alunos para alguns conceitos construídos por eles sobre a composição do poema, no tocante à presença de rimas e a composição das estrofes, obviamente por percebermos algumas colocações equivocadas acerca dessa temática

Explicamos de maneira genérica que as rimas de um poema podem ocorrer tanto interna quanto externamente, e que no caso dos poemas estudados elas apareciam na parte interna dos versos, e mostramos um exemplo somente, para não confundir os alunos, já em relação às estrofes, explicamos que podem ser de variadas extensões.

Optamos por não nos alongar nessas questões por não ser o estudo da métrica a tônica de nossa pesquisa.

Perguntamos a eles se gostaram ou não dos poemas já lidos durante as nossas aulas, e pedimos que explicitassem as razões de terem gostado ou não. Pedimos que registrassem essa avaliação do poema, em seu caderno de leitura orientada. A seguir, apresentamos alguns excertos que revelam o que os alunos apreciaram e os motivos da apreciação:

- (16) A16: Eu gostei muito do poema Mãe, porque fala sobre o papel que as mães tem na vida dos filhos, de cuidar e de proteger, mas eu não gostei quando ela fala que a mulher não pode trabalhar fora de casa, porque tem que criar os filhos mas hoje é muito difícil uma mulher que não trabalha fora para ajudar no sustento da família, porque as coisas hoje em dia é muito caro e o homem às vezes, ganha pouco e não consegue sustentar a família sozinho, mas eu entendo que a Cora viveu em uma outra época, e naquele tempo a mulher ficava só em casa mesmo cuidando dos filhos, minha mãe, por exemplo, costurava pra fora, mas trabalhava dentro de casa para poder cuidar de nós.
A18: Já eu gostei mais do poema Mascarados, pois fala sobre o semeador que semeia as semente da paz e da justiça, como eu cresci na lavoura, eu me lembrei de quando a gente plantava arroz, e colhia muitas sacas.
P: Eu gosto das três formas como Cora nos diz como ela percebe a vida e como ela deve vivida, em especial eu aprecio muito o primeiro poema, pois ela descreve de forma ímpar como ela se fez mulher e como em sua vida ela teve que se recriar o tempo todo para conseguir sobreviver neste mundo de contradições, onde nem sempre aquilo que pensamos ou a forma como agimos é o correto. Quando ela diz que aprendeu a viver eu compreendo que ela quer mostrar que nem sempre vale a pena

estar o tempo todo com a razão, ou que todos irão sempre concordar conosco, mas sim que em nossa caminhada devemos perceber eu às vezes erramos, às vezes acertamos, e devemos dar aos outros também a oportunidade de errar, acertar e aprender, sem julgamentos e sem condenações. (Transcrição de trechos da aula do dia 25/10/19).

Na transcrição da fala de A16 podemos perceber que a aluna dialoga com o poema concordando com o papel social que o eu poético caracteriza as mães, concorda que também percebe que a maternidade é ato sublime, e que torna completa a vida de toda mulher, entretanto ela se posiciona contrária à ideia da autora de que a mulher deve se preocupar somente com as lides domésticas, e não trabalhar fora de casa para ajudar nas despesas.

Segundo a fala da aluna, a mulher contemporânea pode e deve trabalhar fora para ajudar no sustento da família, estudar bastante e se profissionalizar para exercer qualquer profissão que ela quiser, no mercado de trabalho, deve deixar sim seus filhos na creche, pois hoje as crianças são estimuladas desde cedo nessas instituições.

Ser profissional não atrapalha em nada a maternidade, talvez dificulte um pouco mais, mas um papel social não exclui o outro, segundo A16.

Na fala de A18, podemos identificar facilmente, por sua análise a respeito do poema, que ele consegue fazer uma analogia entre trechos do poema e sua experiência de vida de lavrador, e isso faz com que ele tenha boas lembranças, a sua evasão no tempo provoca-lhe um sentimento de paz, de tranquilidade e de dever cumprido.

Consideramos importante compartilhar nossa análise a respeito do poema com os alunos para que eles soubessem que nós pesquisadoras também avaliamos os poemas trabalhados como obras importantes para a nossa reflexão pessoal e realinhamento de nossos atos e atitudes.

Observamos com alegria que os alunos, a essa altura, estavam compreendendo bem a nossa proposta, participando ativamente, e muitos conceitos e vocábulos que antes desconheciam, agora lhes soavam familiares e os mesmos os utilizavam sem receios, espantou-nos também a segurança com que os mais tímidos falavam e pediam atenção para participar das discussões, tanto acerca das temáticas desenvolvidas quanto de outros assuntos que por várias vezes pareciam-nos fugir do assunto, entretanto deixávamos fluir por percebermos tratar-se de uma exposição oral daquilo que os incomodava, geralmente essas temáticas giravam em torno do trabalho, desemprego, relacionamentos amorosos, relações familiares, violência, comportamentos humanos, enfim questões que estavam intimamente ligadas às inquietações sugeridas por Cora em seus poemas, como se pode ler no excerto a seguir:

- (17) A03: Professora, a gente tem dessas coisas mesmo, sabe, porque tem dia que a gente chega aqui, angustiado e preocupado com os problema da vida, mas mesmo assim tem que estudar as matérias, eu mesma, tem dia que eu tenho problema lá do serviço, coisas mesmos, sabe, porque tem dia que a gente chega aqui, angustiado e preocupado, e ninguém nem liga. Outro dia mesmo, eu briguei com meu marido, as coisa de cumê tão acabando lá em casa, e eu nem consegui me concentrar nas aula. (Transcrição do comentário citado pela aluna A03, durante a aula de 25/10/19).

Percebemos, pelo exposto acima, que o aluno se identifica com o tema abordado em um dos poemas, e que nesse processo se revela como alguém que tem seus problemas, e precisa de uma oportunidade de ser ouvido, tem necessidade de falar sobre o que lhe aflige, e esta atitude de auto exposição vai ao encontro dos objetivos de nosso trabalho, que era o de possibilitar aos alunos a oportunidade de falarem de si próprios e dos seus sentimentos.

A aula seguinte foi a aula 07 da proposta, na qual estava planejado assistirmos a um documentário sobre a vida de Cora Coralina, intitulado: Assim eu vejo a vida. Entretanto, no dia planejado, não nos foi possível assistir ao documentário, pois o único *datashow* da escola queimou e foi levado para o conserto. Tentamos improvisar mas não deu certo porque a direção da escola não nos permitiu entrar na sala dos professores para acessarmos o *site* do computador de lá.

Optamos por fazer a leitura compartilhada do poema sem o uso do recurso audiovisual; percebemos que fora um prejuízo grande e planejamos assistir em outro momento, entretanto quando fomos acessá-lo ele havia sido retirado do ar, até tentamos substituir por outro documentário que abordasse sobre a mesma temática, mas achamos que talvez não fosse fazer mais tanto sentido, então deixamos para uma próxima oportunidade por termos avaliado que o poema Assim eu vejo a vida foi bem explorado, e as discussões fluíram favoravelmente, mesmo sem a utilização da tecnologia conseguimos atingir os objetivos esperados.

Enfim, chegou o momento da primeira produção autoral dos alunos. Achamos que eles estavam bastante motivados para escreverem, pois já conheciam o poema Assim eu vejo a vida, já haviam assistido ao documentário sobre Cora, tínhamos comentado bastante sobre a temática do poema nas aulas anteriores. Para que houvesse mais envolvimento e a participação dos estudantes e para que tivessem mais liberdade, não definimos um gênero específico para a produção. Eles poderiam produzir o texto seguindo as convenções do gênero que achassem mais conveniente; apenas orientamos que a produção deveria girar em torno da temática de como eles enxergavam a vida, suas dificuldades e seus anseios, suas lutas diárias, suas decepções e suas eventuais conquistas, seus sonhos, realizados ou não; enfim eles deveriam escrever como era seu modo particular de ver a vida, e se possível deixar claro, direta ou indiretamente, se concordavam ou não com Cora Coralina, com suas ideias e posicionamentos.

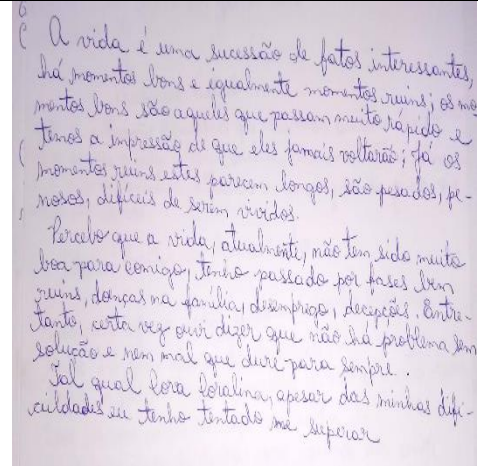
Conforme nossa proposta, solicitamos que os alunos ilustrassem suas produções, contudo houve certa resistência, pois eles não se consideravam bons desenhistas, além de o tempo da aula já estar se esgotando. Assim, optamos por não enviar essa atividade para casa para que fosse terminada, pois temíamos que, por trabalharem durante o dia, não tivessem tempo para executá-la. Ainda, tivemos receio de que os alunos perdessem o texto, e aquela atividade era objeto precioso ao nosso estudo, e esse material riquíssimo poderia se perder em meio às tantas demandas e obrigações escolares, profissionais e de ordem pessoal. Analisando todas essas variantes, resolvemos recolher os textos para concluir os desenhos na aula seguinte.

Guardamos os textos que deveriam ser concluídos na aula posterior, só que fomos informados de que os três dias letivos seguintes seriam de jogos interclasse e por esse motivo deveríamos todos ir para o ginásio municipal. Essa notícia nos pegou de surpresa, porque no meio da aplicação da nossa proposta pressentimos que essa pausa atrasaria ainda mais nosso cronograma que já estava atrasado. Assim sendo, tivemos que suspender a conclusão dos textos pictóricos. Para não atrasar ainda mais a finalização da proposta, devolvemos os textos com os desenhos iniciados aos alunos para que, caso tivessem tempo, terminassem em casa.

As imagens abaixo são referentes aos textos dos alunos A02, A07 e A17; escolhemos esses três exemplares por se tratarem de textos que exploram a mesma temática, porém escritos em gêneros diferentes. Podemos observar que esses alunos optaram pelo gênero relato de experiência, certamente por considerarem ser este um gênero mais fácil de escreverem. Na opinião deles, é como se estivessem contando uma história oralmente, então, segundo eles, escolheram este gênero pela intimidade e pela facilidade, entretanto outros gêneros também foram escolhidos para as produções, inclusive um poema, conforme se pode observar no Anexo E (p. 178).

Nos textos exemplificados nos Quadros 7, 8 e 9 podemos perceber que esses alunos conseguiram ficar bem à vontade para expor seus pensamentos sobre a forma como eles veem a vida, de maneira simples, porém muito sincera.

Quadro 8 – Texto produzido pelo participante A02

 <p>A vida é uma sucessão de fatos interessantes, há momentos bons e igualmente momentos ruins; os momentos bons são aqueles que passam muito rápido e temos a impressão de que eles jamais voltarão; já os momentos ruins estes parecem longos, são pesados, penosos, difícil de serem vividos.</p> <p>Percebo que a vida, atualmente, não tem sido muito boa para comigo, tenho passado por fases bem ruins, doenças na família, desemprego, decepções. Entretanto, certa vez ouvi dizer que não há problema sem solução e nem mal que dure para sempre.</p> <p>Tal qual Cora Coralina, apesar das minhas dificuldades eu tento me superar.</p>	<p>A vida é uma sucessão de fatos interessantes, há momentos bons e igualmente momentos ruins, os momentos bons são aqueles que passam muito rápido e temos a impressão de que eles jamais voltarão; Já os momentos ruins estes parece longos, são pesados, penoso, difícil de serem vividos.</p> <p>Percebo que a vida, atualmente, não tem sido muito boa para comigo, tenho passado por fases bem ruins, doenças na família, desemprego, decepções. Entretanto, certa vez ouvi dizer que não há problema sem solução e nem mal que dure para sempre.</p> <p>Tal qual Cora Coralina, apesar das minhas dificuldades eu tento me superar.</p>
--	--

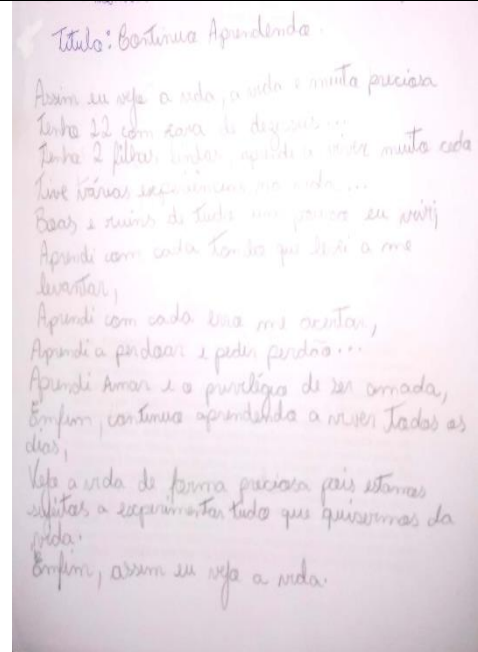
Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Ao analisar a escrita de A02, observamos que ela procurou seguir nossa orientação, pois produziu um texto expressando como ela vê a vida, falando de suas dificuldades e seus anseios, estabelecendo uma relação com os poemas de Cora Coralina. Acreditamos que isso denota uma contribuição de nosso trabalho, pois, antes nossos alunos pouco liam, compreendiam e escreviam, além disso, quase nunca falavam de si.

A produção de A02 revela que ela leu e compreendeu os poemas de Cora, compreendeu as orientações para a produção textual e ainda conseguiu estabelecer uma relação intertextual em sua produção com os textos de Cora. A02 representa a vida como “uma sucessão de fatos interessantes, há momentos bons e igualmente momentos ruins”, ela avalia sua vida atualmente como não “muito boa”, por diferentes razões. Todavia, manifesta uma representação identitária fortalecida, uma vez que “Tal qual Cora Coralina, apesar das minhas dificuldades eu tento me superar”.

Ao nos depararmos com a escrita de A02, percebemos que a vida para ele tem sido difícil, pois tem passado por vários problemas e decepções, entre eles o desemprego. Percebemos que a representação que A02 faz de si própria é de uma imagem positiva e que está vivendo “uma fase ruim”, ela tem enfrentado suas dificuldades, ao mesmo tempo em que tenta superá-las.

Quadro 9 – Texto produzido por A09

 <p>Título: Continuo Aprendendo.</p> <p>Assim eu vejo a vida, a vida é muito preciosa Tenho 22 com cara de dezesseis... Tenho 2 filhas lindas, aprendi a viver muito cedo Tive várias experiências na vida... Boas e ruins de tudo um pouco eu vivi, Aprendi com cada tombo que levei a me levantar, Aprendi com cada erro me acertar, Aprendi a perdoar e pedir perdão... Aprendi amar e o privilégio de ser amada, Enfim, continuo aprendendo a viver Todos os dias, Vejo a vida de forma preciosa pois estamos sujeitos a experimentar tudo que quisermos da vida. Enfim, assim eu vejo a vida.</p>	<p>“Título: Continuo aprendendo Assim eu vejo a vida, a vida é muito preciosa Tenho 22 com cara de dezesseis... Tenho 2 filhas lindas, aprendi a viver muito cedo Tive várias experiências na vida... Boas e ruins de tudo um pouco eu vivi, Aprendi com cada tombo que levei a me levantar, Aprendi com cada erro me acertar, Aprendi a perdoar e pedir perdão... Enfim, continuo aprendendo a viver todos os dias, Vejo a vida de forma preciosa pois estamos sujeitos a experimentar tudo que quisermos da Vida. Enfim, assim eu vejo a vida.”</p>
--	---

Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

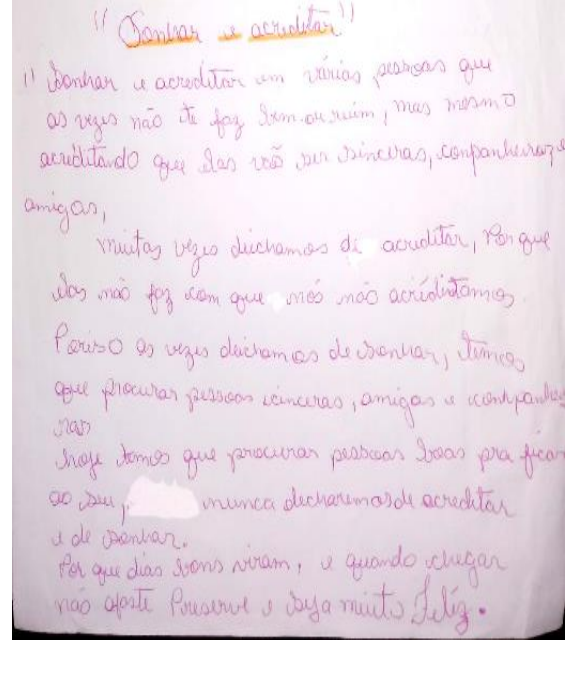
Analisamos como A09 produz um poema, estabelecendo uma relação intertextual com o poema *Assim eu vejo a vida*, de Cora, o que é materializado especialmente por meio da repetição em dois versos do título desse poema. Além disso, assim como Cora, A09 fala de suas experiências e do que aprendeu com elas. A09 avalia a vida como “muito preciosa” e se identifica a partir de sua ideia, de sua aparência, das filhas e como alguém em eterno aprendizado.

Percebemos que quando a aluna A09 diz em seu texto que a vida é preciosa, e que ela aprendeu a viver muito cedo, entendemos que a mesma teve que amadurecer às pressas por conta da maternidade, porque aos 22 (vinte e dois) anos já é mãe de duas filhas, que ela cria sozinha. Ao citar que cada tombo que levou a impulsionou a levantar, em seu discurso A09 deixa claro que as dificuldades e decepções de sua vida foram muitas, e algumas feridas ainda não foram cicatrizadas, entretanto, por suas filhas, ela sempre se reergue para lutar pelo pão de cada dia, e pela educação de suas crianças. Interessante é observar que a aluna, em sua fala, deixa transparecer que por mais que viva em um ambiente de dominação social e exploração, ela continua tendo esperança na vida e em dias melhores, pois relata que sabe perdoar e pedir perdão, que aprendeu a amar e sabe o gosto de ser amada. Ela se identifica muito com Cora nesse momento, quando diz que todos estamos sujeitos a experimentar de tudo na vida, porém temos o poder de escolher o que melhor nos convém.

Ao analisarmos a escrita de A09 percebemos que a mesma vai ao encontro de um de nossos objetivos de pesquisa que é o de produzir textos com base nas experiências de vida dos

alunos, consideramos como criativa a produção da aluna, porque ela, ao elaborar seu texto, preocupou-se em fazê-lo de modo a atrair a atenção do leitor pela forma como utilizou o léxico, a estruturação dos versos, e a temática foi desenvolvida de forma genuína, expondo seus pensamentos e sentimentos por meio de versos com muita conotação, lirismo e poesia.

Quadro 10 – Texto escrito por A16

 <p> "Sonhar e acreditar" "Sonhar e acreditar em várias pessoas que as vezes não te faz bem ou ruim, mas mesmo acreditando que elas vão ser sinceras, companheiras, e amigas, muitas vezes deixamos de acreditar, porque elas não faz com que nós não acreditemos. Porisso as vezes deixamos de sonhar, temos que procurar pessoas sinceras, amigas e companheiras não hoje temos que procurar pessoas boas para ficar ao lado, nunca deixaremos de acreditar e de sonhar. Por que dias bons viram, e quando chegar não afaste Preserve e seja muito Feliz." </p>	<p>“Título: Sonhar e acreditar</p> <p>Sonhar e acreditar em várias pessoas que as vezes não te faz bem ou ruim, mas mesmo acreditando que elas vão ser sinceras, companheiras, e amigas,</p> <p>Muitas vezes deixamos de acreditar, por que elas não faz com que nós não acreditamos.</p> <p>Porisso as vezes deixamos de sonhar, temos que procurar pessoas sinceras, amigas e companheiras</p> <p>hoje temos que procurar pessoas boas que ficam ao seu lado, nunca decharemos de acreditar e de sonhar.</p> <p>Por que dias bons viram, e quando chegar não afaste Preserve e Seja muito Feliz.”</p>
---	---

Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Observando os aspectos constitutivos da produção textual de A16 podemos perceber que a aluna dá bastante ênfase ao fato de que devemos acreditar em nossos sonhos e lutar para realizá-los. Por vários momentos, em sua produção, ela repete os verbos “sonhar” e “acreditar” deixando evidente sua visão acerca das lutas e conquistas das pessoas; acredita, ainda, que a vida vai melhorar, em todos os sentidos, e que “dias bons virão”. Isso mostra que A16 é uma pessoa otimista que acredita, assim como Cora, na força dos jovens e na beleza da vida.

Como em alguns poemas de Cora, como Mascarados, A16 também usa o imperativo no final, aconselhando o leitor “quando chegar, não afaste. Preserve e seja muito feliz”. Essa marca linguístico-discursiva nos faz perceber que A16 tem plena convicção no que diz e não vê outra forma de ser feliz. Demonstra firmeza nos propósitos e em suas convicções, crendo que nunca devemos perder a esperança nos seres humanos.

Ao analisarmos as escritas dos alunos percebemos tratar-se de uma escrita bem simples, de pessoas pouco acostumadas a expressar seu pensamento através do texto verbal escrito,

analisamos que os estudantes identificaram-se com a temática, consideramos que eles escreveram bastante sobre si e sobre a maneira como veem a vida.

Todas essas produções evidenciam o papel do discurso/semiose na prática social de ensino de Língua Portuguesa e sua relação com os outros elementos dessa prática, tais como as pessoas com suas crenças, valores e desejos, as relações sociais, o mundo material (FAIRCLOUGH, 2003). Evidenciam, ainda, os três modos como o discurso figura nessa prática social: como modos de (inter) agir, pois os alunos agiram e interagiram por meio da produção de textos de diferentes gêneros; como modos de representar, pois nos textos os discentes articulam representações de mundo, de si e dos outros; como modos de identificar, pois as identidades desses discentes são também constituídas nesses textos.

Percebemos que a manifestação da linguagem se revela como algo condicionado ao momento no qual a pessoa está vivendo, reproduzindo e construindo suas identidades sociais, bem como evidenciando, produzindo ou reproduzindo as relações de poder com as quais convivemos em nosso cotidiano. Assim, os discursos materializados por esses alunos representam as suas visões de mundo, suas experiências de vida, suas ideologias e o estabelecimento de relações de poder, às vezes desiguais, de dominação, de exploração e de injustiça social.

Por esses motivos, consideramos os textos escritos exemplos genuínos de escrita criativa, pois eles relatam passagens da vida dos alunos, o que os tornam originais, pois as experiências vividas por eles são únicas, além de ir ao encontro de nossos objetivos de pesquisa: 1. Perquirir como os alunos se identificam e como representam discursivamente sua infância, a vida, o cotidiano com todas as suas dificuldades e conquistas; 2. Produzir textos criativos sobre as experiências de vida dos alunos.

Após a produção, os alunos trocaram os textos para ver o que os colegas tinham escrito, e como esperado, ninguém criticou negativamente o de ninguém; houve muito respeito para com a produção dos colegas e também muitos elogios e palavras de incentivo.

Há um ditado popular que se tornou uma máxima em nosso país que afirma que “o brasileiro não gosta de ler”, conseqüentemente não gostará de escrever porque a leitura é fundamental para o desenvolvimento da escrita, a formação do leitor deve ser motivada tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, deve-se ler por prazer, e não por obrigação. Nessa direção, acreditamos que além da falta de hábito de leitura, o que vem a influenciar negativamente a produção textual dos alunos, é a forma como os professores têm conduzido esse momento, com a exigência de produções “mecânicas”, sem explorar temáticas que sejam

atuais, interessantes e que dialoguem com a realidade dos alunos, além de esta se tornar uma atividade exaustiva e repetitiva.

Outro fator que desfavorece a produção de bons textos pelos alunos é o fato de o material ser lido apenas pelo professor (às vezes nem isso), tornando-se uma atividade que objetiva meramente ganhar nota, ou cumprimento da tarefa solicitada. Ao contrário, nossa experiência com a produção textual mostrou-se eficaz e prazerosa porque partiu das interações discursivas travadas em sala de aula, sobre temas que eram de interesse dos alunos, assim eles foram estimulados a se tornarem protagonistas de seus textos, colocando neles suas ideias e seus pensamentos acerca do mundo e da vida.

Outro fator que acreditamos ter contribuído bastante foi o fato de eles mesmos lerem seus textos, verificando se estava tudo de acordo com o que intencionavam dizer, posteriormente esses mesmos textos foram trocados com os colegas de sala para que eles lessem e avaliassem. Essa dinâmica fez com que os alunos percebessem que o texto que produzimos é um organismo vivo, que carrega parte de nossa essência em cada palavra, cada linha que é meticulosamente planejada e estruturada.

As pistas que deixamos, as impressões que sugerimos revelam ao nosso interlocutor nosso estado de espírito, nossas percepções, ideologias, verdades, dúvidas e certezas, portanto escrever um texto vai além de emparelhar um número x de palavras, significa, sim, um momento de exposição intencional, selecionada e ordenada para conferir informações novas a um conhecimento elaborado previamente.

Acreditamos que outros fatores influenciaram para que os textos produzidos fossem avaliados como boas produções textuais, tais como: a atividade ocorreu de forma espontânea e natural, os alunos já tinham conhecimento sobre o que deveria ser escrito, foram valorizadas a cultura e a linguagem dos alunos, as temáticas atuais e universais, em momento algum houve qualquer tipo de imposição ou coação, todos eles conheciam o gênero em estudo, se identificaram com os temas que deveriam ser abordados nas produções, assim sendo, tinham o que dizer, sabiam como dizer, tinham para quem dizer.

Nos momentos finais desta aula, percebemos que todos se encontravam satisfeitos, e leves por terem realizado a tarefa a contento e suas ideias não terem recebido críticas. O aluno A08 fez a seguinte colocação:

- (18) A08: Professora, eu não me senti muito a vontade para falar das minhas ideia não, porque eu penso um pouco diferente do que as pessoa pensa, eu sempre tive minhas opinião e nem sempre as pessoa concorda comigo, eu sou uma pessoa que também não aceita fácil a opinião dos outros não, lá em casa mesmo, de vez em quando eu tenho uns conflitos lá, minha mulher e meus filhos pensa de um jeito e eu, sabe

professora, eu sou do tempo antigo, eu gosto das certa, do jeito que meus pais me ensinou, e daí num é todo mundo que gosta das coisa certa, ainda mais nesses dia de hoje, a juventude acha que tudo é permitido e que tudo pode, eu não concordo com isso não. O que é certo é certo e o que é errado é errado. Nesses assunto de liberdade eu sou bem sério. Aprendi que os mais novo tem que obedece os mais vei e pronto, mais hoje em dia eles que te o direito de discutir com a gente, daí a gente acaba tendo que mostra quem é que manda. (Excerto retirado da gravação em áudio do encontro do dia 28/10/19).

Percebemos pela fala do aluno A08, tratar-se de uma fala bem simples e direta, própria das pessoas que estão acostumadas a usar com maior frequência a fala de variedade coloquial, sem muita preocupação com a concordância verbal ou nominal, fato, aliás, que repetir-se-á nas construções textuais orais e escritas da maioria dos alunos desta turma.

Entendemos que o modo como usam a linguagem é elemento constitutivo da identidade deles e também da situação de interação. Ao tecer comentários e opiniões em sala de aula, com seus colegas do dia a dia, como se conhecem e têm intimidade e liberdade entre si, não seria adequado ficarem utilizando o padrão formal da língua, ou se preocuparem com isso, se assim fosse, suas falas perderiam a originalidade e a espontaneidade, característicos desta situação de interação.

Observamos que A08 se identifica como alguém que pensa diferente dos outros, que tem dificuldades para aceitar ou considerar opiniões ou comportamentos diferentes dos seus padrões, e materializa um discurso conservador e autoritário. Essa identificação é construída a partir das seguintes pistas: “eu penso um pouco diferente do que as pessoa pensa”; “eu sou uma pessoa que também não aceita fácil a opinião dos outros não”; “de vez em quando eu tenho uns conflitos lá, minha mulher e meus filhos pensa de um jeito e eu, sabe professora, eu sou do tempo antigo”; “eu sou do tempo antigo, eu gosto das certa, do jeito que meus pais me ensinou”; “Aprendi que os mais novo tem que obedece os mais vei e pronto”; “daí a gente acaba tendo que mostra quem é que manda”.

Ao dizer: “...o que é certo, é certo. E o que é errado é errado...”, percebemos que para ele, o meio termo e o equilíbrio não existem, e o que é certo ou errado é considerando o seu ponto de vista, uma visão pessoal e particular. Ele valoriza a forma como os pais o criaram, em um regime de obediência servil aos mandamentos dos mais velhos, podemos também perceber tratar-se de uma pessoa que valoriza as relações que se estabelecem sem espaços para discussões ou questionamentos das ordens que são dadas, sua postura é bastante autoritária.

Percebemos essa identificação claramente no momento da produção do texto oral, quando o falante utiliza-se do tom de voz grave, beirando ao agressivo para impor sua opinião e seu posicionamento aos seus interlocutores, minimizando qualquer possibilidade de

discordância ou de abertura às discussões, ou ainda de interpretação errada ao que fora proferido por ele.

Outro fator interessante de se observar é que o interlocutor desse trecho faz questão de deixar claro o seu juízo de valor em relação ao comportamento dos jovens atualmente, o que nos remete a perceber que a forma como A08 se expressa, suas ideologias e suas avaliações apreciativas tornam-se evidentes no momento em que o autor manifesta seu posicionamento.

Nesse sentido, segundo Fairclough (2001), o discurso se manifesta como forma de expressar os diferentes modos como os sujeitos se identificam enquanto seres sociais, sendo produzido sob diferentes vertentes, refletindo suas condições de produção e a concepção dos interlocutores em relação a determinados fatos ou situações do cotidiano.

Com essa atividade encerramos o bloco 3, que foi o bloco de intensificação do estudo das especificidades do gênero poema, além de iniciarmos as leituras e as interpretações mais aprofundadas dos poemas estudados buscando a compreensão e a identificação com as temáticas desenvolvidas nas obras selecionadas.

Antes de concluirmos a aplicação do bloco, voltamos a apresentar brevemente todos os poemas aos alunos. Eles todos leram, silenciosamente, para recordarem das temáticas abordadas e fortalecerem seus conhecimentos adquiridos.

Acreditamos que essa etapa da proposta pode contribuir bastante para o letramento dos alunos, o desenvolvimento da oralidade e o despertar da criticidade acerca dos textos poéticos. Também observamos que foi importante perceberem as relações entre o que leem no texto literário e o que vivem, além de constatarem que a literatura permite que cada leitor vá construindo o significado do texto juntamente com o autor, por meio das pistas deixadas ao longo do texto. Portanto não há apenas um significado possível, pelo contrário, os significados vão sendo construídos, ao longo das leituras, pelos interlocutores.

Em relação aos multiletramentos, levamos em conta a multiplicidade cultural representada na turma da EJA, e percebemos que as tecnologias digitais fizeram sim muita falta na aplicação da proposta. Entretanto, mesmo utilizando pouca tecnologia, e poucos recursos financeiros, a proposta possibilita que as aulas de Língua portuguesa na EJA possam ser menos monótonas e focadas na aprendizagem dos alunos em relação aos eixos que devem ser trabalhados na área de Linguagens, a saber: o eixo da leitura, oralidade, análise linguística/semiótica, produção de textos orais e escritos.

3.1.4 Bloco 4: leitura, interpretação e intervalo de leitura

Neste bloco contemplamos os passos da sequência básica de Cosson, tais como: leitura, interpretação e intervalo de leitura. Esse foi um momento muito significativo, pois os alunos foram preparados para construir outros sentidos a partir daquilo que leram nos poemas e do filme *Hotel Rwanda*, ao qual assistiram. Sentidos esses que foram construídos com base nas pistas linguístico-semióticas, e no conhecimento de mundo dos leitores.

Ao cruzarem a linguagem poética e a cinematográfica, observarem os recursos estilísticos e as figuras de linguagem utilizadas em ambas as linguagens, buscaram significados nos conhecimentos prévios que puderam construir até então, considerando nossos estudos, além de trazer para a realidade todos os conceitos construídos nos momentos de leitura. Os alunos puderam reconhecer e valorizar as duas linguagens como pertencentes à esfera artístico-literária, tendo seu sentido construído por via das vivências e interpretações particulares de seus interlocutores.

Assim, corroboramos do pensamento de Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2000a), que a linguagem, incluindo todas as formas de semioses, pode reproduzir as estruturas sociais, entretanto pode também transformá-las à medida que a consciência crítica vai sendo despertada, e novas identidades sociais vão sendo reconstruídas.

Percebemos essa possibilidade de recontextualização ao trabalharmos com as semioses presentes nos poemas e no filme, elas proporcionaram aos nossos alunos a possibilidade de descobertas diversas, enquanto atuavam como atores sociais que conseguem realizar representações reflexivas, nesse ato, identificaram-se como corresponsáveis pela manutenção ou reordenação das estruturas sociais vigentes, tudo isso sendo mediado pelas linguagens e semioses presentes na sociedade.

Portanto, trabalhar com diversos gêneros é salutar para que, ao estudante, seja ofertada a possibilidade de sair da posição de receptor, por meio do entrelaçamento de gêneros do discurso, que atualmente recebe o nome de interdiscursividade, ele perceba que é possível despertar sua consciência crítica e questionar todo discurso legitimador de estruturas injustas ou hegemônicas.

Inicialmente, nas aulas 08 e 09, apresentamos o título do poema *Amigo* e fizemos a seguinte indagação: “Do que trata o poema?” Os alunos levantaram hipóteses sobre qual seria a temática principal abordada no poema e a maioria deles disse que se tratava de uma amizade entre dois ou mais amigos, o que consideramos como uma hipótese lógica e óbvia.

Ao levantar hipóteses, os alunos problematizam as ideias veiculadas pelo autor, segundo suas experiências, vivências e saberes. Segundo (KLEIMAN, 2013, p. 85), a formação de

hipóteses de leitura é uma estratégia de leitura baseada em diversos elementos textuais. O leitor proficiente, em seu processo de engajamento textual, vai formulando, reformulando e/ou desprezando suas hipóteses durante o seu processo de interação com o texto e de construção de significados. É recomendável que essa estratégia de leitura seja utilizada desde a educação infantil para que os desenvolvam sua capacidade investigativa.

Após apresentarmos o título do poema aos alunos, e discutirmos as hipóteses levantadas, fatiamos as estrofes e as colocamos dentro de cinco envelopes. Reunidos em grupos de 4 (quatro) integrantes, os alunos tentaram montar a sequência correta das estrofes, em seguida, apresentamos a versão original, a qual somente dois grupos não acertaram totalmente. Os alunos acharam esse um exercício interessante, principalmente porque trabalharam em grupo e tiveram que fazer inúmeras negociações para chegarem a um acordo. Ao comparar a sequência montada com a original ficaram surpresos por não terem acertado totalmente, pois já conheciam o texto original, mas isso não foi suficiente para garantir que a atividade fosse realizada com perfeição.

Em seguida, distribuimos a cópia original do poema a todos os alunos, e foi feita a leitura silenciosa. Durante o momento da leitura oral, cada aluno leu um verso do poema. Fizemos, também, a declamação coletiva do poema, primeiramente, cada grupo leu uma estrofe, como havia mais estrofes do que grupos, nós fizemos a leitura da penúltima estrofe, e todos juntos lemos os três últimos versos. Finalizando a parte de leitura, lemos, em coro, todo o poema, sempre atentando para o ritmo e a entonação vocal. Eles acharam a experiência de leitura com várias estratégias diferentes, interessante, e ela foi muito bem aceita.

Durante a etapa de interpretação, observamos que os alunos se surpreenderam ao perceber que o poema é intitulado “Amigo”, entretanto a relação entre os interlocutores vai além de uma simples amizade, pois quando levantamos as hipóteses acerca do título, em momento algum os alunos levantaram a possibilidade de a palavra amigo ter outro sentido, só vindo a perceber que se tratava de uma relação amorosa não concretizada entre os personagens, nos dois últimos versos do poema.

Ao entregarmos o roteiro para a abordagem do poema, os alunos fizeram as atividades relativas a ele, coletivamente, bem como as formas de leituras propostas. Optamos por fazer a leitura do poema utilizando várias estratégias (oral, jogralizada, fatiada) por tratar-se de estratégias de leitura pouco exploradas nas aulas de LP, pois utiliza-se, mais comumente, a leitura oral individual. Por esse motivo, propusemos ler o texto de maneiras variadas, por querermos observar como seria a transição interpretativa dos alunos, passando das partes para o todo, acreditamos que foi importante ler o mesmo texto de formas diferentes.

Alguns alunos relataram que nunca tinham participado de uma experiência de leitura daquela forma e que foi diferente, e ao mesmo tempo interessante, pois ler o mesmo poema várias vezes, utilizando estratégias diferentes ampliava as possibilidades de se compreender o poema. Ao analisarmos a estrofe abaixo,

É que havia dentro de mim,
no fundo obscuro de meu ser
vivências e atavismo ancestrais:
fazendas, latifúndios,
engenhos e currais.
(CORALINA, 1987).

Muitos alunos tiveram dificuldade em estabelecer relações de representação entre a imagem que já haviam construído da poetisa com a forma como ela se representa nos versos acima, muito se deu pelo fato de haver palavras desconhecidas nos versos, fato que os alunos analisaram como o desconhecimento do léxico ser prejudicial à compreensão global do texto. As palavras que os alunos desconheciam o significado eram: obscuro, atavismo, ancestrais e latifúndios, conseguiram estabelecer relações de significado quando lhes dissemos os sinônimos.

Ao analisarmos a estrofe:

Mas...ai de mim!
Era moça da cidade,
escrevia versos e era sofisticada,
você teve medo,
o medo que todo homem sente
da mulher letrada.
(CORALINA, 1987).

Os alunos compreenderam que, no poema, o homem é representado como alguém que se sente inferiorizado quando a mulher é mais culta que ele, por este motivo ele evita fortalecer os laços amorosos por uma questão de orgulho, ou de machismo, fato que o aluno A17 não concordou, citando que ele preferiu formar a esposa e as filhas para somente agora investir em sua própria formação. Outros alunos disseram que namoraram ou são casados com mulheres mais estudadas, no entanto não há constrangimento nenhum em estarem ao lado delas, pelo contrário, sentem-se orgulhosos desta situação.

Todos eles se identificaram com a temática abordada no poema, embora uma boa porcentagem não concordasse com certos posicionamentos do eu lírico.

Ao discorrerem sobre os possíveis sentidos para a palavra medo, A19 ponderou: “Eu nunca tive medo de me aproximar de uma mulher porque me senti inferior a ela não, não existe ninguém melhor do que ninguém, todo mundo é igual.” (Excerto retirado da gravação de áudio, no dia 13/11/19).

Compreendemos que nossos alunos construíram sobre si uma imagem muito positiva, e que a autoconfiança fazia com eles não se sentissem inferiorizados ou humilhados por não terem frequentado a escola na “idade certa”, isso foi apenas consequência das poucas oportunidades que a vida lhes deu.

Ao analisar o eu lírico do poema, puderam perceber que se trata de uma pessoa humilde, apesar dos títulos de estudos que recebeu, é alguém que cultiva a empatia e o respeito pelo seu próximo, e ele está sempre disposto a caminhar junto, o mesmo caminho pelo qual o seu amigo passar.

Essa característica do eu poético de ser solidário é bastante condizente com o comportamento do aluno da EJA, que está sempre aberto e disposto a ajudar seus colegas de sala, seus “amigos de jornada.”

Figura 8 – Interpretação do poema (1ª parte)

Amigo

Vamos conversar
Como dois velhos que se encontraram
no fim da caminhada.
Foi o mesmo nosso marco de partida.
Palmilhamos juntos a mesma estrada.

Eu era moça.
Sentia sem saber
seu cheiro de terra,
seu cheiro de mato,
seu cheiro de pastagens.

É que havia dentro de mim,
no fundo obscuro de meu ser
vivências e atavismo ancestrais:
fazendas, latifúndios,
engenhos e currais.

Mas... ai de mim!
Era moça da cidade.
Escrevia versos e era sofisticada.
Você teve medo. O medo que todo homem sente
da mulher letrada.

Não pressentiu, não adivinhou
aquela que o esperava
mesmo antes de nascer.

Indiferente
tomaste teu caminho
por estrada diferente.
Longo tempo o esperei
na encruzilhada,
depois... depois...
carreguei sozinha
a pedra do meu destino.

Hoje, no tarde da vida,
apenas,
uma suave e perdida lembrança.

Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Figura 9 – Interpretação do poema (2ª parte)

1. Do que trata o poema?
*dos distúrbios e dos poderes de
 meu coração*

2. Você passou por um momento de reflexão ao ler o poema? Explique.
*Sim. Por que podemos não que se passaram
 por esse caminho.*

3. Considerando o que estudamos sobre a vida de Cora Coralina, que relação é possível estabelecer entre a representação que você construiu da poetisa com a que está presente no seguinte trecho:

É que havia dentro de mim,
 no fundo obscuro de meu ser
 vivências e atavismo ancestrais:
 fazendas, latifúndios,
 engenhos e currais.

4. O que podemos compreender, em termos de representação do homem na sociedade, tomando como base a seguinte estrofe:

Mas... ai de mim!
 Era moça da cidade,
 Escrevia versos e era sofisticada,
 Você teve medo. O medo que todo homem sente
 da mulher letrada.

5. Você se identificou com a temática abordada? Explique.
Sim. Fato de uma poeta que viveu em um tempo em de resistência.

6. Pensando em aspectos semânticos, a palavra medo pode ser entendida como um estado de consciência que se tem diante do perigo. Geralmente, sentimos medo da violência, da morte, de algo que possa prejudicar nossa existência. No poema, qual (s) sentido (s), podemos construir sobre a palavra medo?
Angústia ou pavor.

7. Como podemos avaliar o eu lírico do poema? Que atributos (adjetivos) são usados a fim de reforçar a identidade do eu lírico?
*Era uma mulher jovem que passou sua vida por medo;
 e por fim envelheceu e teve vários filhos no seu destino.*

Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Figura 10 – Interpretação do poema (3ª parte)

1. Do que trata o poema?
*De duas pessoas que a muito tempo
 não se encontravam*

2. Você passou por um momento de reflexão ao ler o poema? Explique.
*Sempre voltei a pensar nos sentimentos
 de uma mulher letrada em minha vida*

3. Considerando o que estudamos sobre a vida de Cora Corulina, que relação é possível estabelecer entre a representação que você construiu da poetisa com o que está presente no seguinte trecho:

É que havia dentro de mim,
 no fundo obscuro de meu ser
 vivências e atavismo ancestrais:
 fazendas, latifúndios,
 engenhos e currais.

*Que o tempo não faz esquecer
 suas origens*

4. O que podemos compreender, em termos de representação do homem na sociedade, tomando como base a seguinte estrofe:

Mas... ai de mim!
 Era moça da cidade.
 Escrevia versos e era sofisticada.
 Você teve medo. O medo que todo homem sente
 da mulher letrada.

Por serem mais inteligente

5. Você se identificou com a temática abordada? Explique.
Que nosso lado nos culamos só

6. Pensando em aspectos semânticos, a palavra medo pode ser entendida como um estado de consciência que se tem diante do perigo. Geralmente, sentimos medo da violência, da morte, de algo que possa prejudicar nossa existência. No poema, qual (s) sentido (s), podemos construir sobre a palavra medo?

7. Como podemos avaliar o eu lírico do poema? Que atributos (adjetivos) são usados a fim de reforçar a identidade do eu lírico?
Éra uma moça ingênua

Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Figura 11 – Interpretação do poema (4ª parte)

1. Do que trata o poema?
Da amizade

2. Você passou por um momento de reflexão ao ler o poema? Explique.
Me identifiquei porque tenho um amigo de infância. Sombra de passado

3. Considerando o que estudamos sobre a vida de Cora Coralina, que relação é possível estabelecer entre a representação que você construiu da poetisa com o que está presente no seguinte trecho:

É que havia dentro de mim,
 no fundo obscuro de meus ser
 vivências e utlavismo ancestrais:
 fazendas, latifúndios,
 engarhos e currais.

Acho que ela estava lembrando de passadas

4. O que podemos compreender, em termos de representação do homem na sociedade, tomando como base o seguinte estrofe:

Mas... ai de mim!
 Era moça da cidade,
 Escrevia versos e era sofisticada.
 Você teve medo. O medo que todo homem sente
 da mulher letrada.

Acho que naquela época o homem tinha um receio sobre o avanço em que a mulher estava.

5. Você se identificou com a temática abordada? Explique.
Mais eu menos, porque não foi exatamente a experiência que tive com amigos

6. Pensando em aspectos semânticos, a palavra medo pode ser entendida como um estado de consciência que se tem diante do perigo. Geralmente, sentimos medo da violência, da morte, de algo que possa prejudicar nossa existência. No poema, qual (st) sentido (st), podemos construir sobre a palavra medo?
Em que o medo do homem tinha pela avanço da mulher mais estudada.

7. Como podemos avaliar o eu lírico do poema? Que atributos (adjetivos) são usados a fim de reforçar a identidade do eu lírico?
"Se trata de Cora Coralina, "Eu era moça", "Dentro sem saber", "É que havia dentro de mim", "mas... ai de mim!"

Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Figura 12 – Interpretação do poema (5ª parte)

1. Do que trata o poema?
*Fala de como ela que eram crianças e se distanciaram
 em alguns tempos na infância - a Cora Coralina - fala da
 própria*

2. Você passou por um momento de reflexão ao ler o poema? Explique!
*eu pensei de quando eu era criança e tinha meus amigos
 da rua nova*

3. Considerando o que estudamos sobre a vida de Cora Coralina, que relação é possível estabelecer entre a representação que você construiu da poetisa com o que está presente no seguinte trecho:

É que havia dentro de mim,
 no fundo obscuro de meu ser
 vivências e atavismo ancestrais:
 fazendas, latifúndios,
 engenhos e currais.

*é que ela escrevia toda lembranças do tempo que ela
 era criança - escrevia suas lembranças*

4. O que podemos compreender, em termos de representação do homem na sociedade, tomando como base o seguinte estrofe:

Mas... ai de mim!
 Era moça da cidade.
 Escrevia versos e era sofisticada.
 Você teve medo. O medo que todo homem sente
 da mulher letrada.

*que o homem podia perder que ela queria mandar,
 deitar o que tinha que fazer*

5. Você se identificou com a temática abordada? Explique.
*eu sim, o contrário porque a mulher pode conseguir
 o homem também tem todo direito*

6. Pensando em aspectos semânticos, a palavra medo pode ser entendida como um estado de consciência que se tem diante do perigo. Geralmente, sentimos medo da violência, da morte, de algo que possa prejudicar nossa existência. No poema, qual (s) sentido (s) podemos construir sobre a palavra medo?
*medo de não conseguir aquilo que tinha em
 mente*

7. Como podemos avaliar o eu lírico do poema? Que atributos (adjetivos) são usados a fim de reforçar a identidade do eu lírico?
Elma pulsoza sabia

Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Figura 13 – Interpretação do poema (6ª parte)

1. Do que trata o poema?
 Trata-se de dois amigos que mencionam
 no fundo do coração

2. Você passou por um momento de reflexão ao ler o poema? Explique.
 que os dois velhos amigos se मिलhoram
 na mesma estrada.

3. Considerando o que estudamos sobre a vida de Cora Coralina, que relação é possível estabelecer entre a representação que você construiu da poetisa com o que está presente no seguinte trecho:

É que havia dentro de mim,
 no fundo obscuro de meu ser
 vivências e atavismo ancestrais;
 fazendas, latifúndios,
 engenhos e currais.

4. O que podemos compreender, em termos de representação do homem na sociedade, tomando como base a seguinte estrofe:

Mas... ai de mim!
 Era moça ãa cidade,
 Escrevia versos e era sofisticada.
 Você teve medo. O medo que todo homem sente
 da mulher letrada.

5. Você se identificou com a temática abordada? Explique. Seu cheio
 de Jesus e do cheio de mota e do
 bonito e cujo.

6. Pensando em aspectos semânticos, a palavra medo pode ser entendida como um estado de consciência que se tem diante do perigo. Geralmente, sentimos medo da violência, da morte, de algo que possa prejudicar nossa existência. No poema, qual (s) sentido (s), podemos construir sobre a palavra medo?
 o medo que todo homem sente
 da mulher letrada.

7. Como podemos avaliar o eu lírico do poema? Que atributos (adjetivos) são usados a fim de reforçar a identidade do eu lírico?
 independente tomaste teu caminho por
 estrada diferente longo tempo e esperei
 na manjedoura depois consegui segurar
 a pedras do meu destino.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2019).

Para as aulas 10 e 11, do bloco 4, estava prevista a exibição de poemas representados em vídeos. Porém, não conseguimos exibí-los, pelo fato já citado de não ter internet disponível na escola, de o laboratório de informática estar sucateado, além de o *datashow* estar queimado. Assim sendo, a estratégia de leitura selecionada foi fazermos uma leitura oral e compartilhada do poema *Ofertas de Aninha*, em dois grupos, grupo A composto somente pelas alunas e grupo B composto pelos alunos, para que percebessem que uma das principais características do

poema é que ele contém ritmo e em específico, o poema *Ofertas de Aninha* de Cora Coralina, ele se enquadra nas características da poesia modernista, que aboliu a necessidade de o poema ter rimas. Após concluirmos a atividade, perguntamos aos alunos se eles perceberam rimas no poema, eles responderam que não, e relacionaram a ausência delas como uma das características da poesia moderna.

Por questões de ordem tecnológica, não pudemos trabalhar algumas questões relacionadas ao vídeo, entretanto duas questões foram possíveis de serem trabalhadas, questão 1: Como a postura dos membros do grupo contribuíram para a construção de sentidos do poema recitado, a esta questão os alunos responderam que conseguiram perceber mais emoção quando os alunos recitaram o poema do que quando fazem leitura silenciosa ou oral, percebemos que a presença das multissemiões amplia a capacidade de compreensão do material linguístico, bem como confere ao texto mais emoção e interatividade.

No que se refere à questão 2: Quais foram os pontos positivos e negativos da recitação feita em sala, a esta questão os alunos responderam que acharam muito legal, que já haviam presenciado esse tipo de apresentação, na própria escola, na igreja, pela tevê, etc., e que achavam bonitas essas apresentações. O ponto negativo foi que, de certa forma, eles foram obrigados a fazer, e a timidez dificultou muito a exposição deles, mas em contrapartida foi bom para superar um pouco dela.

Conversamos com nossos alunos a respeito das multissemiões estarem presentes em quase todos os processos comunicativos dos seres humanos e sua importância para a compreensão global dos enunciados linguísticos, nessa direção, explicamos que temos liberdade para escolher o modo de linguagem mais adequado para representar aquilo que queremos, de combinar as mais variadas formas buscando atingir o efeito semiótico pretendido.

Assim, para tornar nossos textos mais expressivos podemos lançar mão de recursos da linguagem verbal, visual ou sonora, combinados ou individualmente, almejando tornar nossa comunicação mais expressiva, cumprindo nosso propósito comunicativo.

Nosso objetivo ao trabalhar com esse poema foi mostrar aos alunos a preocupação que Cora tinha com a juventude e o papel fundamental que os jovens desempenham nas mudanças sociais. Ressaltamos ainda que a autora deixa uma mensagem de muito otimismo para as pessoas quando ela diz que crê na solidariedade humana, na fraternidade universal, na superação dos erros e que acredita nos moços... entre tantas outras mensagens otimistas que ela deixa nesse poema.

Ao trabalharmos com o poema *Ofertas de Aninha*, nossos alunos perceberam que ele é um poema totalmente dedicado à juventude, em que Cora expressa sua opinião sobre como

deve ser vivida a vida, e como ela e toda a humanidade tem a esperança de que os jovens encontrem a profilaxia para o extermínio de todo o mal, ainda Cora deixa clara a convicção de que ela acredita que os jovens farão da Terra um lugar melhor para todos viverem em paz e com justiça social.

Foi muito bom ter explorado este poema, porque ele dialogou diretamente com os 4 alunos muito jovens que temos presentes na sala de aula, pois eles quase nunca se interessam por essas aulas e por nenhuma outra, pois sempre estão perambulando pelos corredores, ou indo embora mais cedo.

Tanto eles, quanto os outros alunos conseguiram identificar a voz que expõe seus sentimentos no poema. Disseram tratar-se de uma mulher idosa que tinha muita experiência e sabedoria para passar aos jovens. Chegaram a essa conclusão analisando as marcas linguístico-discursivas presentes no poema em análise. Para exemplificar sua ideia, citaram o verso “Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou.” Também identificaram a quais interlocutores o poema é direcionado, o aluno A03 disse que o poema era direcionado às mulheres, porque o eu lírico além de ser mulher, falava das “coisas” próprias do universo feminino, já na segunda parte do poema ele se direcionava aos jovens.

Eles sentiram que o “eu lírico” “se reportou” a eles em vários momentos, um desses momentos foi na primeira estrofe, quando ela diz:

Eu sou aquela mulher
A quem o tempo
Muito ensinou.
Ensinou a amar a vida,
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar palavras e sentimentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
(CORALINA, 1987).

Várias alunas mães se emocionaram com este trecho do poema.

Continuando nossas análises, de acordo com os alunos, Aninha é representada no poema como uma mulher muito forte, apesar de aparentar ser uma pessoa franzina, daí, provavelmente a alcunha no diminutivo, entretanto se é pequena em aparência física, ela se agiganta diante dos problemas e dificuldades que a vida lhe impõe, servindo de espelho para todas as mulheres que dela vierem ter conhecimento. Segundo A07, Aninha é uma mistura de fragilidade e resistência, características que fazem dela, Aninha e Cora, mulheres admiráveis.

Durante o processo de identificação com o eu lírico do poema, o aluno A16 mencionou que ele compreendia bem qual era a intencionalidade da autora ao escrever aquele poema aos jovens, e que se identificava com ele porque, sendo jovem também tinha muitas expectativas para o futuro, a sua simplicidade, o jeito de ser, segundo A16, também o assemelhavam à voz do poema, porque nem o eu lírico nem A16, esperam realizar grandes feitos, mas sim, conquistar o que for suficiente para levar uma vida tranquila, ele comentou ainda que tinha certeza que a Cora estava falando de si própria, e que ele respeitava muito isso e dava valor.

Considerando ainda a fala de A16, ele citou que, no poema, ela ensina aos jovens que a vida é feita de lutas e conquistas, que problemas acontecem, mas devemos ter força para superá-los, que os erros cometidos devem nos servir de lições para estarmos sempre corrigindo as rotas de nossas vidas, finalizou sua fala dizendo que concordava com tudo o que o eu lírico do poema disse.

Durante o estudo dessa segunda parte do poema, ao analisarmos os seguintes versos, muitos alunos se manifestaram:

Acredito nos moços.
Exalto sua confiança, generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências do presente.
(CORALINA, 1987).

O aluno A03 disse serem estes os versos que mais dialogavam com ele, por se tratar de uma fala direcionada aos jovens, e como ele ainda era muito novo, então ele se sentia interlocutor de Aninha, nesse momento, entretanto outros alunos também deram sua opinião, por exemplo, o aluno A17 comentou que o verso: “Acredito nos moços”, era muito forte, porque se alguém acredita em nós, não podemos decepcionar a pessoa, então devemos sempre procurar fazer as coisas com honestidade. Ele concluiu sua fala dizendo que, hoje em dia, tem muitos jovens fazendo coisas erradas, mas que sempre é tempo de voltar para o caminho certo.

O aluno A01 disse que aqueles conselhos, dados por Aninha e por Cora, por meio do poema Ofertas de Aninha, eram importantes para quem quer levar uma vida mais certa e menos complicada, ao que a aluna A05 concordou plenamente.

Ao explorarmos o verso “Recomeçar na derrota”, os alunos relataram que, apesar de não ser nada fácil, temos sempre que recomeçar após uma derrota ou decepção, e isso é algo natural da vida de todos nós.

Eles compartilharam algumas passagens de sua infância e compararam com a de Aninha, perceberam que havia mais semelhanças do que diferenças, as brincadeiras, as

diversões, as obrigações das crianças, o modo de tratamento com os mais velhos, era tudo muito semelhante e disseram sentir muita saudade daquele tempo bom.

Todos concordaram com o eu lírico que as coisas vão melhorar, que dias menos difíceis estão por vir, basta acreditar e lutar bastante que a tendência é sempre a melhoria das coisas.

Neste ponto, A07 fez o seguinte comentário, em resposta à pergunta: O que o tempo ensinou ao eu lírico no poema Ofertas de Aninha. E o que o tempo tem ensinado a você, esse comentário também ficou registrado em seu diário de leitura orientada:

- (19) A07: Um dos grandes erros que eu cometi em minha vida foi ter parado de estudar...eu deveria ter continuado, mas como eu não tive apoio, e meu padrasto era muito ruim, eu preferi ir trabalhar na fazenda do que ficar em casa apanhando, e vendo minha mãe e meus irmão apanhá... (Excerto retirado das anotações do diário de leitura orientada do aluno A07, em 04/11/19).

Podemos notar pela fala de A07 que ele se identifica como interlocutor da autora, ao fazer uma volta ao passado, utilizando-se da técnica do *flashback*, recurso tão explorado nos textos literários, ele se coloca como um jovem ao qual a autora se direciona, e dialoga com ela ao dizer que se arrepende, aprendeu e esse erro não mais será por ele cometido.

Pelo exposto acima, percebe-se a grande necessidade de que ao aluno da EJA sejam oferecidas leituras que o levem a esse processo de identificação com o texto, provocando reflexões e gerando mudanças em seu comportamento, conseqüentemente, favorecendo seu processo de apropriação sobre o que foi dito no texto, tornando a sua compreensão acerca dos discursos presentes na sociedade cada vez mais crítica e consciente.

Nesse cenário, Resende e Ramalho (2011, p. 13) nos orientam que o discurso nos faz interagir com o outro e conosco mesmos, à medida em que vamos construindo nossas identidades pessoais e sociais, nessa perspectiva a escola, por meio do trabalho com exemplares de textos significativos para o aluno, pode contribuir para a promoção de práticas menos excludentes e segregatórias.

Apesar de não termos podido projetar o poema em vídeo, tal qual planejado na proposta, e assim explorar mais as multissemioses presentes na apresentação dele para que se tornasse mais significativo e representativo aos alunos, pois estaria explorando os sons, as imagens, a linguagem não verbal, enfim uma forma de proporcionar um momento de apropriação de saberes por meio da linguagem multissemiótica, ele foi trabalhado.

Finalmente chegamos ao nosso primeiro intervalo de leitura. Esse momento, de acordo com a sequência básica de Cosson (2006), é considerado parte das estratégias de leitura utilizadas para dinamizar o processo de compreensão e interpretação. Utilizamos desta

estratégia, neste momento, com o intuito de diversificar momentos de leituras de trechos da obra, bem como utilizar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital – para promover a ampliação do conhecimento acerca da intertextualidade, a fim de que os estudantes identificassem, no filme *Hotel Rwanda*, as mesmas temáticas abordadas nos poemas estudados, e pudessem construir diferentes sentidos.

Projetamos o filme *Hotel Rwanda*, em *datashow*, pois nessa data ele já havia voltado da assistência técnica, o qual chamou muito a atenção dos alunos, apesar de ser um filme antigo e não ter muitas cenas chocantes ou emocionantes. Optamos por esse filme porque ele se relaciona intimamente com os poemas de Cora Coralina que estamos estudando, uma vez que o protagonista é um homem forte e valente que luta incansavelmente para salvar sua família e muitas outras pessoas do genocídio de ocorreu em Ruanda, Kigali, na África em 1994.

Após a projeção do filme, em roda de conversa, ao abordarmos com os alunos o caráter histórico do filme, buscamos estabelecer as relações possíveis entre o filme e os poemas selecionados de Cora Coralina. Os alunos estabeleceram várias relações com situações vividas por eles, ou que tomaram conhecimento por meio de leituras e do estudo formal; perceberam claramente também que, durante sua trajetória, Paul, o protagonista do filme, se viu várias vezes diante de situações difíceis de suportar e/ou transpor, pois durante sua saga presenciou, em várias situações, os Direitos Humanos serem violados, combateu a desvalorização da vida humana em um massacre decorrente de conflitos armados entre os grupos étnicos Hutus e Tutsis, em Ruanda, pelo controle do território. Sobre os conflitos étnicos na África acreditamos que,

A diversidade étnica no continente africano é um dos fatores responsáveis pelo desencadeamento de vários conflitos armados, no entanto, muitas dessas guerras no continente são consequências dos processos de colonização e descolonização dos países africanos, pois os colonizadores não respeitaram as diferenças culturais entre as diversas etnias, separando grupos que viviam em harmonia e, muitas vezes, colocando em mesmo território grupos rivais. Essa atitude contribuiu bastante para intensificar os problemas na África, após terem explorado a riqueza do continente, os europeus deixaram o território com graves problemas econômicos, sociais e uma série de conflitos separatistas e étnicos (FRANCISCO, Canal do educador, [2020?]).

Paul desfez-se de tudo o que possuía, quase perdeu sua família, seu maior bem, viu seus amigos e parentes morrerem inocentemente, crianças serem abusadas e maltratadas, violação da liberdade, discriminação entre pessoas, e tudo isso perante aos olhos da lei, legitimado pelas leis de seu país.

Ao final do filme, pedimos aos alunos que falassem e registrassem suas impressões sobre o mesmo, das quais transcrevemos os dois trechos que se seguem.

- (20) A09: Eu gostei bastante do filme, professora, mas também vi que o povo da África sofre muito com a guerra e a fome, eu já vi no Jornal Nacional o sofrimento deles porque o lugar é pobre e eles é preto, lá eles passa muita fome, aqui, graças a Deus é melho, nós pelo menos não morre de fome e nem tem a guerra...
A19: Sabe, professora, eu fiquei com dó daquela mulher que perdeu seu filho na guerra, mas ela foi forte e lutou pra sobreviver, a gente passa por muitas luta na vida, eu mesma já tive que superar muitas coisas... mais a gente tem qui vencê, quando eu perdi minha mãe foi muito difícil, nós ainda era piqueno e fomos criado por mão dos outro, passando necessidade e apanhando, sem chance de istudá, mais a gente cresceu e venceu... (Excerto retirado das anotações do diário de leitura orientada , em 07/11/19).

Com base no exposto acima, salientamos a importância de se possibilitar ao aluno experiências leitoras significativas que estimulem a reflexão e a percepção das intertextualidades presentes nas diferentes linguagens. Em relação à linguagem cinematográfica, percebemos que ela é constituída por diferentes modos semióticos e que a escola precisa explorar melhor, pois ela permite que o aluno construa uma multiplicidade de sentidos.

Segundo Fairclough (2003, p. 65) é perceptível a importância da ligação entre o material linguístico e o material semiótico para facilitar e ampliar a possibilidade de compreensão dos sentidos. Assim, imagens e palavras combinadas possibilitam a construção de significados a partir da combinação dos dois elementos, facilitando a compreensão do texto em sua totalidade.

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva é uma das dez competências gerais que todos os estudantes precisam consolidar ao longo da Educação Básica, conforme BNCC (BRASIL, 2017). Assim sendo, proporcionar aos alunos o maior contato com todas as formas que representam e caracterizam a linguagem, o estará capacitando a ser tornar um leitor atento às relações que existem entre as mais variadas formas comunicativas e seus significados representacionais.

Identificamos nas falas de A09 e A19 uma concordância com nossa pesquisa, valorização das estratégias de leitura apresentadas, além da ampliação de sua capacidade crítica, bem como do estabelecimento de relações entre o que foi lido e a realidade. Observamos que tais desenvolvimentos estão em consonância com nossos objetivos de aprendizagem estabelecidos em nossa proposta.

É fundamental que o professor possa proporcionar aos alunos da EJA as mais variadas experiências discursivas em sua prática pedagógica, para que este possa desenvolver sua

oralidade, leitura e análise linguístico/semiótica de forma consistente e eficaz, expandindo sua capacidade discursiva.

Na aula 12 da proposta didática, planejamos que levaríamos os alunos ao Laboratório de Informática Educacional para que eles visitassem o museu online Casa de Cora Coralina, na Cidade de Goiás, nossa intenção era que cada aluno acessasse o site indicado por nós e eles mesmos visitassem as salas e se detivessem naquelas partes que lhes chamassem mais atenção, entretanto por falta de equipamentos em funcionamento e o não acesso à internet, não nos foi possível realizá-la conforme o planejado.

Pedimos aos alunos que levassem seus celulares, porém nem todos se interessaram, e alguns estavam sem acesso à *internet*, assim sendo, a única alternativa viável, por nós encontrada, foi salvar em *pendrive* o conteúdo do site, e em sala de aula projetá-lo aos alunos, estratégia essa que foi possível e viável, pois os alunos gostaram bastante de fazer uma visita assim, e alguns nunca tinham visto um museu de forma alguma, e despertaram o gosto por conhecer outros museus virtuais. Compreendemos que de variadas formas nossa proposta tem contribuído para ampliar o repertório cultural dos alunos.

Visitando o museu virtual Casa de Cora Coralina, fomos mostrando as excentricidades da casa e da própria Cora. Os alunos acharam interessante saber que Cora também fora uma mulher acolhedora, pois descobrimos que morou com ela, em sua residência, uma amiga querida, a figura lendária na Cidade de Goiás, a andarilha conhecida como Maria Grampinho, a qual era amiga e confidente de Cora, e a autora escreveu um poema e dedicou-lhe, tamanha era a amizade entre as duas. Ainda morou junto com Cora, na Casa vela da ponte, um grande amigo e jardineiro, Tomé, que viera com ela de São Paulo, ajudando-a na mudança e resolveu não mais voltar.

Ao projetarmos o vídeo do **Museu de Cora Coralina** optamos pelo material que se encontra no site: https://www.youtube.com/watch?v=xkqA_TIPqm4, no qual os alunos puderam conhecer mais detalhes acerca da vida da poetisa e suas particularidades. A visita ao museu virtual foi uma verdadeira aula sobre a vida dela, inclusive que ela recebeu o título de *honoris causa* pela Universidade Federal de Goiás, e também souberam que ela foi a primeira mulher a receber o Prêmio Juca Pato, importante honraria concedida aos melhores escritores brasileiros. Ao final da apresentação do vídeo fizemos todas as explicações para sanar as dúvidas que surgiram, em uma conversa informal com os alunos, ao passo que eles iam descobrindo fatos novos a respeito da autora, iam também reforçando seus conceitos já construídos ao longo da aplicação da proposta.

Todas as questões planejadas para esta aula foram trabalhadas em forma de perguntas e respostas, com exceção das questões 8, 9 e 12, pois estas necessitavam que os alunos estivessem conectados à *WEB*, e, como já relatamos, o laboratório não estava disponível e por isso não foi possível realizá-las. Entretanto sugerimos aos alunos que poderiam avaliar o site de maneira individual, ler os poemas disponíveis em outros locais, bem como visitar outros *sites* disponíveis, seria só escolher um navegador e digitar: Museu de Cora Coralina.

Para as questões trabalhadas em sala de aula, os alunos todos responderam desconhecer a existência de um museu virtual, e também nenhum deles havia visitado um museu, entretanto sabiam do que se tratava, inclusive na aula de História, há algumas semanas atrás, haviam ficado sabendo da presença de uma casa de cultura que funciona como museu na cidade de Mineiros, a 80 Km de nossa localidade.

O conceito que tinham acerca de museu era o estereótipo de que se tratava de um lugar onde só havia velharias, ou seja, coisas antigas que já não mais prestavam. Desmistificamos este conceito criando a ideia de que museu é um lugar feito para abrigar e proteger o patrimônio artístico/cultural de determinada região, e que as peças que encontramos lá são relíquias que os antepassados nos deixaram, ainda deixamos claro que por meio das peças presentes nos museus podemos compreender melhor como vivam nossos antepassados.

Ao compartilharmos nossas aprendizagens com o grupo, em momento de avaliação/discussão, a aluna A04 disse:

- (21) A014: Nossa! Muito legal essa visita, vou falar pros meus filhos colocar na internet e eu vou procurar outros lá em casa, eu já pesquisa muita coisa da matéria de Biologia mesmo. (Excerto retirado das anotações do diário de leitura orientada do aluno A04, em 11/11/19).

A aula 12 foi ministrada no mesmo dia que a aula 13, no 2º e 3º horários, como não conseguimos concluir a aula 12 no primeiro horário, adentramos ao segundo, e o professor do terceiro horário também nos cedeu a sua aula, na qual conseguimos encerrar o bloco 4.

Concluindo o Bloco 4, propusemos uma atividade escrita na qual os alunos deveriam estabelecer redes interpretativas. Escrevemos na lousa a seguinte pergunta: Diante de tudo o que já estudamos sobre a vida de Cora, o filme ao qual assistimos e a visita ao museu online, o que nos foi possível apreender como informação nova?

Seguem as transcrições dos relatos.

- (22) A08: Eu aprendi que um museu é onde se guardam as lembrança das coisa de uma pessoa, aquilo que ela tinha de valor e importante, é muito importante o museu.
A03: Eu não tinha ido num museu, mas assim pela internet é a primeira vez...
A04: Eu achei bem legal visitar o museu pelo site do computador. (Excerto proferido pelos alunos, retirado das anotações do diário de leitura, em 11/11/19).

Apesar da simplicidade dos relatos dos estudantes percebemos que foi uma experiência interessante que poderia ter sido bem mais enriquecedora caso tivesse ocorrido conforme a proposta original, com todos acessando no laboratório de informática, entretanto, foi também um momento de descobertas significativas para os alunos perceberem que podem fazer pesquisas significativas via internet, tais como visitar museus virtuais em qualquer lugar do mundo, sem sair de casa.

Como o tempo necessário para a aplicação deste bloco foi um pouco longo, composto por 06 aulas de 50 minutos cada, e nós sugerimos o uso efetivo das tecnologias digitais, tivemos algumas dificuldades, pois em todas as aulas deveríamos fazer uso delas, o que não foi possível realizar, não prevíamos que as atividades deste bloco necessitariam de tantos ajustes, em razão dos equipamentos que, naquele momento, estavam sem assistência técnica, encontrando-se fora de funcionamento.

Este fato tem se tornado comum nas escolas públicas no interior de Goiás, nelas, o investimento do Poder Público nesse tipo de recurso educacional é bastante precário e insuficiente, por exemplo, no último semestre a internet, que antes era disponibilizada para vários setores da escola, somente está disponível para a realização das atividades de rotinas administrativas e, pelo fato de ter a velocidade muito baixa, não é disponibilizada aos alunos, aos professores e nem ao laboratório de informática educacional.

Quando planejamos a aplicação de nossa proposta, ao submeter nosso projeto à banca de qualificação, ainda havia internet disponibilizada na escola, no primeiro semestre letivo, entretanto começamos a aplicação em setembro de 2019, nessa época, infelizmente o governo já havia diminuído a cobertura da internet e a velocidade, para “cortar gastos desnecessários”, ficando disponível apenas às rotinas administrativas. Isso dificultou, enormemente, o desenvolvimento dessa etapa do trabalho, mas não seria inviável desenvolver o trabalho, pois dispúnhamos de outras alternativas. Pensamos em solicitar aos alunos que utilizassem seus celulares para a aplicação das aulas, mas 5 deles têm o chamado “bombinha”¹⁰ que é como eles chamam os celulares que não acessam a internet, e 03 alunos, que possuem smartphone, estavam sem acesso à internet, somente 12 alunos encontravam-se em condições de acompanhar as aulas acessando a sua própria tecnologia. Não há *tablets* na escola para os alunos usarem, e como já mencionado, o *datashow* estava queimado, por esse motivo foi encaminhado

¹⁰ Gíria utilizada para designar os primeiros celulares que não tinham tecnologia digital, eram usados mais para falar pois tinham tecnologia limitada.

à assistência técnica, porém esses motivos dificultaram, mas não inviabilizaram a aplicação da proposta tal qual fora pensada e planejada.

O exercício do protagonismo juvenil e a busca de conhecimentos foram bastante prejudicados neste bloco, foi bem difícil conseguir realizá-lo, tamanhas foram as dificuldades encontradas no tocante ao acesso às tecnologias digitais, no ambiente escolar, onde aplicamos nossa proposta, mas obviamente isso não inviabilizou nossas atividades, pois cada dificuldade se transformava em motivação para superarmos os desafios. E muitos deles foram superados.

É inegável que os desafios propostos aos professores das escolas públicas, em especial aos professores de Língua Portuguesa, começam a se agigantar à medida que as tecnologias de informação e comunicação (TDIC) tornam-se parte integrante do cotidiano dos alunos, pois percebemos que estamos todos imersos em uma sociedade digital, e a escola não deixa de ser influenciada por essa nova configuração cultural de busca por compreensão da tecnologia e adaptação ao ciberespaço. Desse modo, repensarmos as formas como iremos utilizar toda essa tecnologia para facilitar nosso trabalho, tornando-o mais real, conectado e eficiente é urgente e necessário.

Não deixamos de salientar que a inserção de práticas pedagógicas que privilegiem as práticas discursivas decorrentes do uso das tecnologias digitais devem ser implantadas paulatinamente, ao passo que se equipem as escolas com a infraestrutura adequada ao trabalho, bem como os governos promovam cursos de capacitação continuada para os profissionais lidarem com os equipamentos e aplicativos, de modo a se realizar um trabalho que privilegie a motivação dos alunos e uma aprendizagem significativa.

3.1.5 Bloco 5: Leitura / Interpretação / Intervalo de leitura / Produção oral e escrita

Conforme nossa proposta, neste bloco exploramos mais poemas por meio de atividades diversificadas, revisamos tudo que já fora trabalhado, praticamos a leitura crítica e produzimos textos poéticos.

Nas aulas 14 e 15, revisamos com a turma questões que foram trabalhadas acerca do gênero poema e da vida da poetisa Cora Coralina. Na sequência, deveríamos ir para o Laboratório de Informática Educacional da escola, entretanto, como já relatamos anteriormente, pelo fato de o mesmo encontrar-se sucateado, e não ter acesso à internet, tampouco todos os alunos terem aparelhos configurados para tecnologia digital, optamos por distribuir os textos xerocados (Assim eu vejo a vida, Mascarados e Mãe).

Os alunos foram organizados em grupos e cada grupo escolheu o poema que mais lhe chamou a atenção. Em seguida, explicamos-lhes que cada grupo planejará uma apresentação,

para a turma, do poema escolhido. Informamos-lhes que a apresentação dos poemas poderia ser feita da forma que melhor lhes conviesse, sugerimos, também que poderia ser gravada em vídeo pelo celular e exibida na sala, entre outras formas, desde que todos se envolvessem.

O primeiro grupo optou pela leitura jogralizada do poema Mãe, dividindo as vozes masculinas e femininas; o segundo optou pela técnica de leitura compartilhada, na qual cada aluno foi lendo um verso do poema Assim eu vejo a vida; o terceiro grupo, elegeu apenas uma pessoa para declamar o poema Mascarados; e o quarto grupo dividiu o poema Assim eu vejo a vida em estrofes e cada aluno foi declamando uma estrofe por vez.

Durante as apresentações dos quatro grupos formados, percebemos que alguns alunos ficaram com certa timidez para falar em público. Eles foram por nós encorajados, deixamos muito claro que todos temos certa dificuldade para expor nossas ideias em público, entretanto a escola deve proporcionar atividades nas quais os alunos participem de apresentações orais justamente para minimizar, se não dissipar, essa dificuldade. Esclarecemos que ninguém estava ali para ser exposto ou ridicularizado, que todos respeitariam o momento do colega e, em contrapartida, todos seriam respeitados em seus momentos de apresentação.

Em seguida às apresentações, os alunos sentaram-se divididos em grupos e procederam à análise do poema escolhido pelo grupo, seguindo roteiro previamente elaborado, conforme apresentado na proposta.

As imagens da Figura 15, a seguir, referem-se ao momento em que os alunos, em grupos, liam os poemas e respondiam às questões. Percebemos que houve boa participação das equipes, eles se envolveram bastante.

Figura 14 – Preparação para as apresentações orais



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Alguns com mais, outros com menos dificuldade, as análises transcorreram de forma tranquila, cada grupo seguindo o roteiro, os alunos foram expondo suas considerações a respeito dos poemas por eles analisados em grupo. É importante ressaltar que os alunos foram orientados a fazerem anotações em seus diários de leitura orientada sobre o que acharam mais interessante nos poemas estudados por seu grupo, além de registrarem como se sentiram ao participar de uma atividade de comunicação oral, as dificuldades, seus avanços e o que ainda precisavam melhorar para que essa habilidade fosse aprimorada.

Como cada grupo ficou com um poema já conhecido por todos, optou por seguir os roteiros para análise sugeridos, construindo cada qual um texto, baseando-se nas perguntas dadas. O grupo 1 ficou com o poema: Assim eu vejo a vida, e escreveu o seguinte excerto: GRUPO 1: “O texto Assim eu vejo a vida é um poema de Cora Coralina, é um poema de escrita bem simples e fala sobre as dificuldades da vida de antigamente, mas ela ensina que essas dificuldades não devem fazer a gente desistir dos nosso sonhos, fala que a vida, por mais dificuldade que tenha, ela tem uma face positiva e uma negativa, e nós aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo.

- (23) A03: O passado já passou, se deixou marcas tristes elas tem que ser esquecidas, mas o que importa é o presente, e a gente tem que saber viver, fazer as coisa certa e escolhe as atitudes certa. (Excerto retirado do diário de leitura orientada da aluna A03 – G1.).

O grupo 2 ficou com o poema Mascarados e escreveu o seguinte:

- (24) A08: Mascarados é um poema escrito por Cora Coralina, uma poeta aqui de Goiás muito conhecida e que já faleceu, nele a autora fala sobre as coisas que a gente semeia, que tem que ser coisas boas porque depois nós vamos colher. Nós temos que semear o otimismo e a esperança que as coisas vão melhorar pra todo mundo, aquilo de bom que a gente faz nós não precisamos sair falando, nos exaltando, fazer o bem sem olhar pra quem. A autora fala diretamente com os jovens pra ser esse semeador de esperanças e de justiça, porque a paz é a gente que faz. O poema tem 3 estrofes co 4 versos cada e só dois que rimam. (Excerto retirado do diário de leitura orientada da aluna A08 – G2).

O grupo 3 ficou com o poema Assim eu vejo a vida e escreveu o seguinte:

- (25) No poema que ficou pro nosso grupo analisar a autora descreve sobre o papel que a mulher e a mãe tem na sociedade. Cora Coralina compara a mulher do século passado com a mulher dos dias atuais, e diz que a mulher não deve trabalhar fora do lar, e nem colocar os filhos na creche. O que nós não concordamos, pois hoje em dia a mulher tem que exercer um papel social e profissional, além de ser aquela que cuida dos filhos e do lar. Ela diz também que ser mãe é um dom divino e que a mulher não deve fugir do seu destino, mas como hoje em dia as coisas mudaram muito e as mulheres são independentes, nós entendi que a mulher pode ser várias coisas e fazer vários papéis bem feitos, desde que ela queira, pode ser esposa, mãe, profissional, estudante, amiga e tudo o mais que ela quiser. (Excerto retirado do diário de leitura orientada da aluna A13 – G3).

Ao analisarmos as marcas discursivas presentes nas produções textuais dos grupos acima percebemos que em todos eles há uma forte evidência de os atores sociais se posicionarem nos textos, deixando claro o que é pensamento da autora e qual o seu pensamento acerca da temática abordada, nos poemas por eles analisados. Ao analisarmos as vozes presentes nos textos, vemos claramente o uso da terceira pessoa do singular para se referir à autora, e o uso da primeira pessoa do plural para se referir à opinião defendida pelos membros do grupo.

Compreendemos que essas produções dos grupos constituem práticas de linguagem que decorrem da interação ativa dos leitores – alunos participantes - com os textos escritos e de sua interpretação, conforme postulado sobre o eixo da leitura na BNCC (BRASIL, 2018, p. 71).

Ao fazer suas escolhas léxico-gramaticais na materialização de seus discursos, interpretamos que os estudantes almejam explicitar suas visões de mundo e projetar suas identidades, nesse caso, utilizando-se da linguagem se posicionam socialmente.

Nessa direção, sob a ótica da construção identitária dos sujeitos, observamos que os textos produzidos evidenciam que os atores sociais identificam-se como seres em construção, e essa construção é mediada não somente pelo conhecimento que eles adquirem em suas

relações profissionais, mas também quando se dirigem à escola para se informar e compreenderem melhor a realidade que os cerca, possibilitando o alargamento da visão crítica dos eventos sociais.

Olhar para os textos de nossos alunos, sob a perspectiva representacional (FAIRCLOUGH, 2003), implica perceber que, enquanto atores sociais, eles se representam como participantes ativos da sociedade na qual estão inclusos, entretanto percebem que são excluídos de alguns bens sociais que tornariam sua qualidade de vida bem melhor, por isso lutam, incansavelmente, para terem acesso aos bens de consumo e aos bens culturais, e acreditam que o fator que possibilitará a sua ascensão social e de toda a sua comunidade é o domínio do conhecimento escolarizado e das técnicas de produção.

Ao propor aos nossos alunos atividades em grupos, evidenciamos que somos favoráveis à construção do conhecimento por meio da prática dialógica. Acreditamos que as reflexões coletivas favorecem a auto apropriação de conhecimentos de forma crítica e reflexiva, assim concordamos que a escola é local privilegiado para propor situações típicas do cotidiano dos aprendizes, especialmente situações que incentivam atividades coletivas, visando tornar o ensino real e propício para que o estudante consiga promover mudanças interiores, mudanças de hábitos e comportamentos, e ainda estimule as melhorias em seu grupo social.

Conforme Ottoni e Lima (2014, p. 14), “A escola é um *locus* privilegiado para o investimento em possíveis mudanças sociais”, é o local onde podemos estimular a reflexão e o pensamento crítico para que os alunos discutam sobre as situações de injustiça vivenciadas por eles, e a partir daí percebam que há outros caminhos possíveis.

Visando mais um momento de interação discursiva entre os estudantes, e promover a identificação do leitor com a obra de Cora Coralina, discutimos as três questões abaixo, em roda de conversa.

- a) Após você ter lido todos esses poemas, qual deles você achou mais interessante?
- b) Pelo que já conhecemos da poetisa Cora Coralina, você acredita que algum dos poemas que você leu possa ter relação com a vida real dela? Descreva essa relação.
- c) Você acha que falar de nós mesmos, de nossas experiências pessoais pode servir de incentivo para outras pessoas? Por quê?

As alunas A13, A04 e A08 disseram ter se identificado mais com o poema “Mãe”, pois ele fala sobre a condição da mulher do século passado que só tinha como obrigação a procriação dos vários filhos que elas tinham, e ainda cuidar do marido e do lar, que geralmente era uma casa na fazenda, já que a população brasileira era predominantemente rural. Elas disseram que reconheciam com esse tipo de vida as suas avós, porque as mães já foram criadas na cidade

para trabalhar e estudar. E era exatamente assim que acontecia com elas, mal entravam na adolescência e tinham que se casar para gerar e educar filhos.

Mas a mulher contemporânea assume outros papéis que também a valorizam e a tornam empoderada, dona de suas escolhas e seus destinos.

As alunas acima citadas disseram que acreditam sim que o poema tenha relação com a vida de Cora, porque seus poemas são autobiográficos, inclusive ela sempre se refere à Aninha em seus poemas, e esse era o seu apelido de infância; muitos de seus poemas vêm escrito em primeira pessoa e com passagens que se assemelham muito com as passagens da biografia da autora, tornando-os, portanto autobiográficos.

Por fim, disseram que acreditam ser importante que as experiências que vivemos sejam compartilhadas com outras pessoas, e sirvam de exemplo ou inspiração para aqueles que nos leem.

Chegamos a mais um intervalo de leitura, no qual assistimos ao vídeo “O rolê é nosso”, lemos, ouvimos e cantamos a música: O rolê é nosso da funkeira Karol Conka, proporcionando aos alunos o contato com as mesmas temáticas descritas nos poemas e no filme, contudo, agora abordadas no gênero letra de canção. Desse modo, exploramos também a relação entre textos do campo artístico-literário (BRASIL, 2018).

Por se tratar de um gênero musical bastante envolvente, explicamos aos alunos que a letra fora escolhida em função de seu conteúdo, e por sua temática estar intimamente ligada com as temáticas desenvolvidas nos poemas estudados e no filme. Além disso, explicamos que sua escolha deu-se por se tratar de uma canção atual, que reflete sobre a necessidade de se superar a cada dia, de se levantar após cada derrota; por tratar-se de uma música envolvente e que tem uma batida que agrada ao público jovem e adulto que compõe o perfil do alunado da EJA, e principalmente por sua letra incentivar o empoderamento de todas as pessoas, especialmente do empoderamento feminino.

Como estava se aproximando o momento de os alunos produzirem seus textos, fizemos questão de esclarecer que, ao escrevermos, sempre recorreremos aos textos que conhecemos, assim, todo material escrito que produzimos é um recorte de todo o material escrito com os quais já tomamos contato, o que, de modo algum, significa cópia. Estabelecemos o diálogo com o que já lemos e ouvimos, por meio, por exemplo, de citações em discurso direto.

Por se tratar de uma aula explicativa sobre o conteúdo e por exibirmos o vídeo com a música, eles não participaram dando opiniões e nem levantando questionamentos. Compreendemos que a exposição dos conceitos e exemplos foi clara e objetiva, e eles compreenderam o significado de intertextualidade. Fizemos questão de deixar claro, também,

que o texto que eles produziram na próxima aula provavelmente apresentaria outras “vozes” que não somente a deles, e que não se surpreendessem se, de repente, percebessem a voz de Cora Coralina em suas construções escritas.

Nem todos gostaram da música por tratar-se do gênero funk, mas gostaram da batida dos instrumentos que é muito forte, e também da letra da canção, que incentiva a superação e a resistência às dificuldades encontradas pela vida afora. Os alunos gostaram especialmente dos versos “O mundo é meu / Eu sonho / eu faço / Eu posso! ” Durante as interações discursivas eles conseguiram estabelecer uma relação intertextual entre os poemas, o filme e a letra de canção estudadas por eles.

Enfatizamos que tanto os poemas, quanto o filme, quanto a música têm um apelo muito forte para a necessidade do empoderamento, que é um conceito muito discutido hoje em dia, e que nada mais é do que a pessoa tomar consciência de que situações de injustiça não precisam e nem devem ser toleradas. A pessoa empoderada promove mudanças tanto no campo pessoal quanto no campo social, tendo como foco a promoção da igualdade e da equidade.

O empoderamento significa que a pessoa deve tomar para si seus direitos e deveres individuais e sociais, revestindo-se e investindo-se de poder e coragem para exigir que todos os seus direitos e o da sua comunidade sejam cumpridos, pois “luta por seus direitos quem os reconhece, mas acima de tudo, quem se reconhece como digno deles. ” (FERRARI, 2013, p. 3).

Nesse sentido chamamos a atenção de nossos alunos para o despertar da cidadania, da inclusão e da justiça social, que em nosso entender deve passar por vários caminhos: pelo conhecimento dos direitos sociais, por sua inclusão social, acesso, permanência e sucesso educacional de qualidade , profissionalização, consciência de cidadania, bem como de sua consciência de classe, mas enfatizamos que nenhum desses direitos poderão ser garantidos se antes não garantirmos que vivemos em um país onde são respeitadas as liberdades individuais e a democracia.

Segundo Azevedo:

Assim, para além de seu aspecto político, as liberdades substantivas implicam direitos que garantem a qualidade de vida, a segurança econômica e física, a proteção contra fomes e doenças tratáveis, mecanismos de combate a diversas formas de discriminação e transparência nas relações sociais (AZEVEDO, 2012, p. 34).

A aluna A04 citou que já havia ouvido estes termos, e que acreditava que depois que voltou a estudar não admitia mais abusos com ela, nem em casa e nem no trabalho, tanto que

se demitiu de um emprego por ter limpado a garagem da casa onde trabalhava, e o patrão ter dito de forma áspera que o trabalho dela estava mal feito e que ela deveria fazer novamente.

Explicamos que a busca pelo empoderamento não se resume a uma pessoa querer ser melhor ou superior à outra, mas sim consiste na busca pela superação das desigualdades, sejam elas de gênero, de etnia, sociais, enfim, de toda natureza.

Para finalizar a aula 15, os alunos produziram um texto sobre o que pensavam de si próprios, e relataram também, de forma breve, sua história de vida. Por conter passagens de foro íntimo que dizem respeito somente aos alunos, não os compartilhamos.

Doze das produções se classificaram, quanto ao gênero, como relatos pessoais e três como páginas de diário. Questionamos se alguém gostaria de compartilhar a sua escrita, mas nenhum deles se dispôs e nós também não insistimos. Três alunos preferiram não escrever sobre suas vidas, fato este que compreendemos com naturalidade e respeitamos. Neste momento um dos alunos se sentiu motivado e tomou a palavra. O aluno A09 diz:

- (26) A09: Professora, eu observei que a poeta usa umas palavras difícil, mas a maior parte a gente entende bem, para falar sobre as coisas da vida dela mesmo, da vida no interior, de quando ela viveu na fazenda e sofreu muito, porque quem já morou na roça e teve que plantar roça sabe que é muito sofrido, apesar de ser um poema pra fazer a gente se emocionar, eu fiquei foi com vontade de chorar, porque eu também vivi nessa situação e passei até por coisa pior. Sabe gente, eu nunca tive um carrinho de brinca na minha vida, eu brincava com boizinho e vaca feito de mamão e chuchu, e com 7 (sete) anos eu já brincava era com a enxada, eu fui na escola da fazenda 3(três) meses, mas daí eu parei pra ajuda meu pai, por isso que entendo a Cora. Intão, professora, eu também entendo a Cora, porque eu como mulher e ela como mulher, a gente entende o que uma mulher passa nessa vida pra criar os filhos e cuidar da casa e do marido, não é fácil, e a juventude de hoje acha que tudo é fácil, que tudo é brincadeira, mas depois que a idade chega é que a gente vê que o tempo passou e aí a gente quer corre atrais do prijuízo, mas as vezes não dá mais tempo, por isso que eu falo pros meus filho, vocês aproveita pra estuda e forma pra ter um bom emprego, porque o tempo passa voando. Deixamos os alunos exporem livremente seus pensamentos, e percebemos que houve profunda identificação a autora e seus interlocutores. Eu reparei que em todos os poemas que nós leu ela usa o eu e o nós, isso quer dizer que ela tá dialogando diretamente com a gente, ela fala do seu passado e do seu sofrimento que ela passou, mas que ela venceu, e a vida dela melhorou, então ela mostra pros jovem que vale a pena lutar e não desistir, que um dia a vitória chega. É igual os professores aqui, eles não qué que a gente desiste, eles sempre dão uma chance, e essa chance tem que ser aproveitada. Eu já vejo a Cora como um exemplo de mulher forte e corajosa, não teve medo de nada em sua vida. Já eu me identifiquei com as coisas simples que a Cora fala, com as dificuldades e a força que ela para criar seus filhos trabalhando e para escrever suas poesias. (Trecho do relato de A09 da aula do dia 11-11-19).

Percebemos com essas análises, que tanto o sujeito poético quanto os alunos apresentavam traços que os identificavam e os aproximavam enquanto seres que se constroem e reconstroem, constantemente em sua relação com o espaço e com os seus pares, nesse momento por meio da interação com os demais colegas mediada pela obra de Cora Coralina.

Em sua fala, A09 deixa claro que ler ou ouvir os poemas de Cora o remete à sua infância, pois ele também passou por situações semelhantes. Em algumas passagens a semelhança é tão grande que ele chega a se emocionar com os versos da autora. Podemos perceber que o aluno compreende os poemas como a escrita de certas passagens de sua vida, e se identifica com as dores, sofrimentos, alegrias e esperanças que a autora materializa em seus versos.

A aproximação identitária sofre interferência também de uma aproximação afetiva, por ser a poetisa uma mulher idosa, que no auge de sua serenidade e lucidez aconselha aos mais jovens como deve ser vivida a vida, e como agir diante de todas as dificuldades que porventura vierem a ter ou passar, acreditamos que houve essa identificação tão profunda, porque em todos os poemas analisados percebeu-se que a autora segue o caminho da construção de sua identidade como mulher, como amiga, profissional, esposa, estudante, entre outras identidades que se fundem e confundem com as identidades construídas pelos estudantes da EJA, ao longo de sua caminhada.

Aulas 16 e 17 - Chegou o momento da produção autoral

As aulas 16 e 17 foram destinadas à produção autoral. Cada aluno teve a oportunidade de escrever seu texto, expondo suas ideias, pensamentos e sentimentos de acordo com o que lhe ocorria no momento. Orientamos também que eles poderiam escrever sobre o que imaginavam ou desejavam para o futuro, enfim as temáticas e as formas de abordagens seriam livres para que cada estudante pudesse expressar-se da forma mais fidedigna e original possível.

Não determinamos que o texto deveria ser escrito seguindo as convenções do gênero poema; deixamos essa escolha livre, pois assim acreditamos que, com liberdade para escrever, os alunos criariam textos mais autênticos e significativos, refletindo o que verdadeiramente sentiam, como de fato ocorreu, tal qual podemos constatar nos exemplos transcritos no anexo E.

A seguir analisamos um dos textos escritos pela aluna A08:

Minha história

Eu sou uma pessoa muito simples, gosto muito da verdade e da sinceridade, fui criada na roça, e de lá só vim pra cidade com 10 anos pra estudar, minha mãe era uma mulher muito séria, da igreja Assembléia de Deus, ela levava a gente pra igreja e não deixava a gente brincar com os vizinhos, na escola eu tive muita dificuldade porque sempre fui vergonhosa e isso me atrapalhou e atrapalha ainda hoje, tive que parar de ir na escola porque comecei a trabalhar de babá numa fazenda aqui pertinho, ia no domingo e voltava na sexta, era muito sacrificado porque a hora que a criança dormia eu tinha que lavar as roupas de todo mundo e dos pratos e tinha que lavar as vasilhas do almoço que era panela pesada. Depois de 3 anos eu quis sair do emprego e minha mãe deixou porque eu ia pro rio ajudar ela com as freguesias de roupa, eu ajudava cedo e estudava de tarde.

Comecei namora com um pedreiro vizinho nosso e logo casei com ele, o nome dele é Francisco, ele me batia porque eu não fazia as coisa direito, tenho com ele 3 filhos. As coisa foi melhorando e oje ele não é mais tão violento, mas oje moramos na mesma casa, mas em quarto separado. Faz 2 anos que eu faço o EJA, sou doméstica da área de faxina, e quero terminar meus estudos pra faze um concurso de limpeza.
(Texto produzido pela aluna A08).

Texto escrito pelo aluno A02:

Eu superei

Eu passei por muita coisa na vida
Muita luta, suor
Muita dificuldade sofrida
Um dia pensei em desistir
Pois não valia a pena essa vida

Chorei
Amei
Sofri

Por quantas decepções eu passei
Quantas lagrima derramei
Quanto me desesperei

Até que um dia percebi
Que a mudança começava aqui
Aqui no meu coração

Deixei de sofrer em vão
Passei a me valorizar
Desde então
E essa resposta eu só entrei
Através da educação
(Texto escrito pelo aluno A02).

Ao analisarmos os textos de A08 e A02, observamos que tanto um autor, quanto o outro se identificam como pessoas que lutam para melhorar sua qualidade de vida, estão sempre buscando se informar por meio da escola, e esta tem grande importância em sua trajetória e suas conquistas. Valorizam tanto o sistema educacional que chegam a atribuir a ele todas as mudanças positivas pelas quais suas vidas passaram, e conferem aos conhecimentos escolarizados todo o sucesso que virá.

Os gêneros escolhidos por nossos alunos, ao produzir seus textos, foram 1 poema, e os outros todos se classificam como relatos pessoais. Interessante foi observar que em momento algum daria tempo de trabalhar com esses dois gêneros, e nem era essa nossa proposta. Para dinamizar nossas aulas, fizemos parcerias com os estagiários da Universidade local, e cada qual foi orientando um ou dois alunos durante a construção do seu texto, em sala de aula ou por meio

do uso da tecnologia, no caso o celular, e as redes sociais, cada qual utilizou a rede que melhor se adequava às suas necessidades.

Assim, os textos foram sendo construídos em parceria e sendo compartilhados com toda a turma, pois cada vez que os estagiários não sabiam como proceder, entravam em contato conosco para tirarem suas dúvidas, principalmente no tocante às particularidades estruturais do gênero no qual os alunos estavam produzindo. Todos os textos escritos orbitaram na esfera artístico/literária, o que favoreceu a evasão no tempo, o aflorar do lirismo, bem como a verossimilhança, a intertextualidade e a interdiscursividade com os poemas estudados, garantindo o seu propósito comunicacional.

Após a escritura dos textos, solicitamos aos alunos que se sentassem em duplas, trocassem suas produções para que cada um pudesse conhecer a produção do outro, e tecer comentários que pudessem contribuir para a qualidade literária do texto. Como duas aulas foram insuficientes para a realização das duas atividades, fez-se necessário que os alunos levassem os textos para casa e lá terminassem a análise, dois dias depois, eles nos entregaram os textos lidos e comentados, com anotações que consideraram pertinentes.

Como os alunos optaram por não ler seus textos em voz alta, respeitamos este posicionamento, e, como sugere a proposta, nós, pesquisadoras, recolhemos os textos para que pudéssemos reanalisá-los, agora sob o olhar de professoras e pesquisadores da área de Linguagens e suas tecnologias. Observamos que muitos alunos fizeram análises linguísticas pertinentes nos textos que analisaram, demonstrando sólido conhecimento acerca da estrutura composicional, sobre o conteúdo temático e o estilo do gênero escolhido pelos colegas, além de os textos apresentarem fortes características de identificações e representações pessoais de seus autores, evidenciadas nas escolhas linguístico-discursivas utilizadas por eles. Podemos observar essas características no texto abaixo apresentado:

Texto produzido pelo aluno A01:

Minha vida

Eu sou uma mulher que desde cedo aprendeu a lutar pela vida trabalhando duro na cozinha dos outros, aos 12 anos eu arranjei meu primeiro emprego de doméstica, eu limpava a casa de uma senhora muito rica e sua família. Eles eram bom pra mim, me dava as coisa pra mim levar pra minha casa e ajudar na despesa de casa. Só saí de lá por motivo de doença, eu tive uns problema de saúde e tive que tratar, lá eu arrumava a cozinha de almoço e ia pra escola estudar de tarde, os meninos dela gostava muito de mim.

Quando eu melhorei ela já tinha outra pessoa, então eu fui trabalhar numa chacinha de uns parente. Lá conheci um moço bem legal que se chama Alexandre e namorei com ele até a gente ir morar junto. Não tivemos filhos, pois eu tenho problemas de

endometriose. Hoje moro eu e ele junto com minha mãe pra cuidar dela. Assim é minha vida. (Texto produzido pela aluna A18).

Acreditamos que os alunos conseguiram realizar a produção e socialização de seus textos pelo fato de todos eles serem comuns aos gêneros da esfera artístico/literária, e com os quais eles sempre tiveram muito contato. São exemplos desses textos: autobiografia, letras de música, biografias, contos, contos de fadas, contos de fadas contemporâneos, crônicas de ficção, fábulas, mantendo contato com esses gêneros, tanto dentro da escola quanto fora dela.

Como forma de incentivar a escrita de nossos alunos, explicamos que escrever bons textos independia de “dom” ou de experiência, salientamos que dependia muito mais do hábito da leitura, da identificação com o tema e com o esforço pessoal em querer fazer com que aquilo que escrevemos chame e prenda a atenção do leitor, do começo ao fim.

Toda atividade humana, quanto mais se pratica maior será a chance de nos aperfeiçoarmos nela, assim também acontece com a escrita, quanto mais escrevemos melhores nossos textos se tornam, isso tanto em quantidade quanto em qualidade, pois escrever bem depende de perseverança e disciplina.

Orientamos os alunos acerca da importância de se observar algumas dicas que podem ajudar seus textos a se tornarem interessantes e criativos sob a ótica dos leitores, por exemplo: fazer uso do gênero adequado aos propósitos da comunicação, tentar impressionar o leitor utilizando fatos interessantes e surpreendentes, a depender do gênero em uso, fugir do lugar comum e dos clichês, fazer referências a lugares, situações, pessoas notórias para ratificar o que está sendo dito, caso se faça necessário, descrições adequadas de tempo e ambiente social ou geográfico, editar materiais de qualidade, revisar e adequar, pesquisar bastante para conhecer bem o tema apresentado, utilizar adequadamente as convenções para a escrita da Língua portuguesa, enfim buscar técnicas e inspirar-se em referenciais de boa produção escrita.

A etapa seguinte foi a reescrita orientada dos textos, com base nas observações levantadas pelas professoras pesquisadoras. Optamos por destacar a criatividade e a qualidade composicional dos textos, os aspectos gramaticais foram tratados com menor rigor, neste momento. Salientamos que após a escrita dos textos produzidos pelos alunos, eles foram devolvidos aos autores para que eles refletissem sobre seus acertos e suas tentativas de acerto, tanto no nível semântico quanto no nível ortográfico, além do sintático, evidentemente que valorizamos a produção por completo, ao fazermos observações escritas acerca de sua habilidade de falar sobre si e a forma particular como vê o mundo.

Como pudemos notar pelas observações que fizemos, eles estão em processo de apropriação da escrita da variedade urbana de prestígio da Língua portuguesa, ou seja, as questões ortográficas, de regência verbal e nominal, pontuação, e o uso dos conectores do texto, tanto na forma oral quanto na escrita, são conceitos que estão sendo construídos e internalizados pelos alunos. Do mesmo modo observamos que questões relativas à coerência e coesão textual também devem ser constantemente bem exploradas pelo professor, para que os textos produzidos por eles, não se considerando o gênero em questão, sejam produções que se apresentem como produções que estão sempre melhorando a qualidade.

Optamos por não evidenciar este momento com fotos ou afins, por se tratar de um momento de criação espontânea onde os alunos deixaram fluir a imaginação, portanto não se preocuparam com assertivas gramaticais, seus textos apresentam alguns desvios gramaticais, sobre os quais foram feitas reflexões individuais, e em particular com cada aluno, para que não houvesse exposição e possível bloqueio criativo.

Consideramos o momento da reescritura dos textos essencial para que o aluno perceba que todos cometemos equívocos ao escrevermos, e que nossas tentativas são fundamentais para construirmos um conhecimento sólido acerca da nossa capacidade de produção crítica, de nossa interação pessoal, diríamos até, tratar-se de um diálogo entre nós mesmos e o produto que criamos, no caso o nosso próprio texto.

Nessa perspectiva, a reescrita dos textos de nossos alunos foi utilizada como estratégia de aprimoramento dos conhecimentos teóricos e técnicos para a reflexão sobre como a linguagem foi utilizada nas produções, pois reconhecemos a importância de o aluno saber adequar o uso da linguagem a diferentes situações de comunicação. Reconhecemos, ainda, a importância da linguagem em nível formal como auxiliar no tocante a facilitar a escalada social, bem como a facilitação nos processos comunicacionais nas esferas sociais em que se exigem o domínio da norma culta urbana de prestígio, bem como valorizamos todas as variações que a língua sofre quando está em uso.

Ao propormos que o aluno reescreva seus textos, estamos considerando-o como um sujeito que ao mesmo tempo que produz também reflete sobre o que produz, ou seja, nesse diálogo consigo próprio ele descobre, altera, reinterpreta e recria sobre sua criação, num processo de autorreflexão, assim como nos orienta os PCN de Língua portuguesa,

[...] o ensino da língua em sala de aula deve apoiar-se na maior diversidade de gêneros discursivos como unidade de estudo, após a exploração das dimensões selecionadas deve-se propor a produção pessoal dos alunos, em seguida, o professor deverá agir como coautor, apontando junto ao estudante seus avanços e pontos de observação, passando-se então para a reescrita do texto, agora não

de forma passiva ou inconsciente, mas sim tratando a obra como uma peça viva que dialoga com seu autor propondo mudanças, adaptações e melhorias entre criador e criatura (BRASIL, 1997, p. 22).

Nesse diálogo pessoal entre autor e texto, ao se tornar interlocutor de sua própria escrita, percebemos que o aluno aprimora sua capacidade de análise, reflexão e síntese de suas produções, aumenta seu protagonismo e atitude responsiva mediante a construção/solidificação de seus conhecimentos linguísticos, uma vez que apontados seus equívocos ele mesmo busca superar suas dificuldades, além de quebrarmos antigos paradigmas de que o professor é que é responsável e gerenciador dos conhecimentos dos alunos, sabendo-se que as necessidades de aprimoramento são diferenciadas, ou seja, cada aluno apresenta um grau específico de conhecimento linguístico.

Acreditamos que quando o aluno reescreve seu texto ele o faz de forma mais consciente e acertada, por não se tratar mais de um momento de criação intuitiva, de ação criativa, mas sim de um momento de reflexão e racionalização sobre o que deve ser mantido e o que deve ser retirado, consideramos esse um momento de confronto que tende a levá-lo a crescer enquanto produtor e crítico dos seus conhecimentos linguísticos, conseqüentemente, aprimorando, melhorando a qualidade de sua produção escrita.

De acordo com Bakhtin (1997, p. 332) “a produção do texto pelo sujeito [que se dá num processo de volta ao texto, releitura e nova redação] é um acontecimento novo, irreproduzível na vida do texto, é um novo elo na cadeia histórica da produção verbal”. Ao desenvolvermos essa prática com nossos alunos, o fizemos por considerarmos que esse é um momento fundamental para que o autor perceba o quanto a sua produção pode ser melhorada e com isso ele passa a ter efetivo domínio da modalidade oral e escrita da língua.

Consideramos que a atividade de reescrita dos textos constituiu-se como eficiente intervenção pedagógica e contribui grandemente para a formação de leitores críticos e responsáveis por seu aprimoramento linguístico.

Para fazer circular o gênero, não nos foi possível levar os alunos ao laboratório de informática, pois até então não tinha passado por manutenção, foi-nos possível, entretanto, sugerir que utilizassem as redes sociais deles próprios. Em casa, fizeram a publicação tendo sido mais utilizado o aplicativo *WhatsApp*, via captura de imagem, houve aqueles que preferiram digitar seus textos. Quem não possuía um usuário, criou, ou usou a plataforma de um filho ou parente emprestada.

Esta atividade foi desenvolvida com o intuito de valorizar as produções dos alunos e dar visibilidade aos projetos desenvolvidos na escola, também teve o objetivo de familiarizar

os alunos com as tecnologias digitais e as redes sociais, bem como promover os multiletramentos.

Como vem sendo explicitado ao longo deste relato, após estudarmos os poemas de Cora, utilizando de variadas estratégias de leitura, propusemos a facção e a refacção dos textos. Após recolhermos os textos, nós pesquisadoras, observamos o nível de textualidade dos mesmos, nos baseando nos avanços dos alunos em relação à produção textual deles próprios, desde o início do ano, e no que nos orientam os PCN de Língua portuguesa quanto ao objetivo das produções textuais:

[...] que os alunos tenham uma atitude crítica em relação à sua própria produção de textos, o conteúdo a ser ensinado deverá ter procedimentos de revisão [...], pois ensinar a revisar é completamente diferente de passar a limpo um texto corrigido pelo professor. No entanto, mesmo assim, ensinar a revisar é algo que depende de se saber articular o necessário (em função do que se pretende) e o possível (em função do que os alunos realmente conseguem aprender num dado momento). Considerando o conhecimento prévio do aluno como um princípio didático para todo professor que pretende ensinar procedimentos de revisão quando o objetivo é muito mais do que a qualidade da produção – a atitude crítica diante do próprio texto (BRASIL, 1997, p. 65).

Como proposta de atividade para encerramento do bloco 5 os alunos fizeram uma auto avaliação oral dos textos produzidos por eles, valorizando os pontos positivos e refletindo sobre os pontos que devem ser observados com maior atenção. A seguir, relatamos, de forma sucinta, as análises feitas por dois alunos.

A aluna A12 analisou que o texto de si própria e constatou que tinha como ponto positivo a temática que fora muito bem explorada por ela mesma, pois o texto mostrava exatamente como ela é, como se comporta e reage diante das situações, mostrou também as suas lutas, as adversidades pelas quais passou, e mostrou as conquistas, que apesar de poucas para ela eram muito significativas.

Texto da aluna A12:

Eu sou mais eu
 Eu sou uma mulher vivida e experiente das coisa, já fiquei viúva duas vezes, e ninguém sabe a dor da gente perder um companheiro que a gente ama e que entende e ajuda a gente. Tive muita sorte de ter 2 maridos bom, trabalhador e ótimo pais de família. O primeiro era pai dos meus 4 filhos e o segundo pai dos 3 mais novo. Eu não estudei porque eu morava naraça quando era pequena e depois que euvim pra cidade tive que casa logo porque eu engravidei e meu pai não aceitava filha barriguda sem casa dentro da casa dele, com 15 anos, eu mal sabia ler e escrever e já tavacuidando de um filho e grávida do outro. Era difícil pro meu marido, então eu passei a ajuda minha mãe a lava roupa no rio pros outro pra ajudar nas despesas de casa, e assim comecei a pegar outras friguissias. Trabalhei nisso por 11 anos até que arrumei emprego pra lavar roupa no asilo. Era muito melhor e eu trabalhava na sombra e ganhava mais. Depois de 7 anos meu marido caiu do trato na fazenda onde ele

trabalhava e morreu, e eu fiquei com os 4 filhos pra criar, um moço que trabalhava de guarda no asilo gostou de mim e disse que ia me ajudar com os mininos meus, e eu ajuntei com ele, tive mais 3 filhos e ele deu um infarte fuminante e também morreu, eu decidi q não ia mais mexecom homem, meus filho foi crescendo e casando e tem dois anos que a solidão bateu forte e o pastor da minha igreja achou que era bom eu me casa com o irmão Belmiro, já que ele também era viúvo soltero e sozinho. Nós converso e deu certo de casa no civil. Agora to estudando no EJA para passar o meu tempo e para aprende mais, mais tá diffl porque a matemática não entra na minha cabeça, mais eu vou vence porque toda dificuldade eu luto pra vence. (Texto produzido pela aluna A12).

O texto a seguir foi escrito e analisado pelo aluno A01, ele avaliou seu texto como muito bom, achou que estava bem escrito, com detalhes sobre sua vida, e sua personalidade, citou que havia encontrado certa semelhança com os textos e a vida de Cora, pois a realidade dos dois era bem parecida, lamentou que pela falta de tempo não deu para escrever mais. Segundo A01, seria bom se tivesse falado mais sobre os avós e a relação que tivera com eles, pois seria uma forma de agradecer e homenageá-los. Em relação aos pontos de atenção, disse que deveria ter usado “umas palavras diferentes” para incentivar mais o leitor a ler o seu texto, mas que de modo geral, tinha ficado satisfeito com o resultado de sua produção.

Falando de mim

Eu sou Laerte, nasci 30 de setembro de 1966, no interior de uma pequena cidade na Bahia, de família humilde, único filho homem de uma família com três irmãs, que não fomos criados juntos, por um motivo ou tragédia, quando eu tinha três anos perdemos a nossa mãe, então fui morar com meus avós paternos, enquanto minhas irmãs com as tias maternas.

Sendo cuidado com muito carinho pelos meus avós, fui crescendo e ajudando a eles, sendo uma criança obediente., com o sonho de ser alguém na vida, enfrentava todos os dias a longa caminhada para a escola, incentivado pelos os meus avós é claro, sonhava me formar e ser médico, pensando assim, me encorajava mais na caminhada do dia a dia.

Assim como no mundo nem sempre é como a gente quer, e a decepções e frustrações faz parte da vida e ajuda a gente a amadurecer e melhorar como pessoa, mas a maior decepção não foi por não ter sido médico, é por não ter lutado mais pelos estudos.

E com esse exemplo, descobrir a importância de lutar pelo que eu quero, por isso, tomei coragem e voltei aos estudos, depois de mais de trinta anos, hoje me considero uma pessoa determinada, focada, até um pouco teimosa, mais utilizando ao meu favor, transformando ela em força de vontade e persistência.

Assim estou eu aqui, perto de conseguir o meu mais novo objetivo que é o ensino médio, trazendo neste momento uma das maiores alegrias da minha vida.

Isso é um pouquinho de como foi e como é a minha vida.

Muito obrigado.

(Texto produzido pelo aluno A01).

3.1.6 Bloco 6: desenvolvendo talentos – Café literário

Finalmente chegamos à aula 20, na qual os alunos elaboraram os convites para o Café literário. Nesta aula os alunos se envolveram muito com a elaboração dos convites, houve

muitas negociações orais, para que fosse escolhida a melhor imagem, e que esta representasse aquele momento tão importante. Por 10 (dez) votos contra 6 (seis) a imagem vencedora foi a que está estampada abaixo.

Figura 15 - Convite do Café literário



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Cada aluno teve o direito de levar 3 (três) convidados.

Como já havíamos feito parcerias com alguns dos estagiários da Universidade local Unemat (Universidade Estadual do Mato Grosso – Campus de Alto Araguaia-MT), eles nos ajudaram durante o desenvolvimento da proposta em sala de aula, ornamentaram o local das apresentações e nos presentearam com os quitutes que foram degustados após os alunos apresentarem seus textos para o público presente.

Antes de se procederem as apresentações dos textos produzidos pelos alunos, fez-se necessário que eles ensaiassem a forma como deveriam se posicionar, no palco, para fazer uma boa apresentação. As pesquisadoras orientaram sobre como deve ser feita uma apresentação de comunicação oral, chamamos a atenção para a postura corporal, eles poderiam ficar de pé ou sentados, enfatizamos sobre a importância da impostação vocal, da entonação adequada, das expressões faciais, gestos, olhares, pois a linguagem não verbal aliada à linguagem oral amplia seus significados.

Como já citado, anteriormente, os acadêmicos do Curso de Letras da Unemat nos prestaram uma parceria que foi providencial.

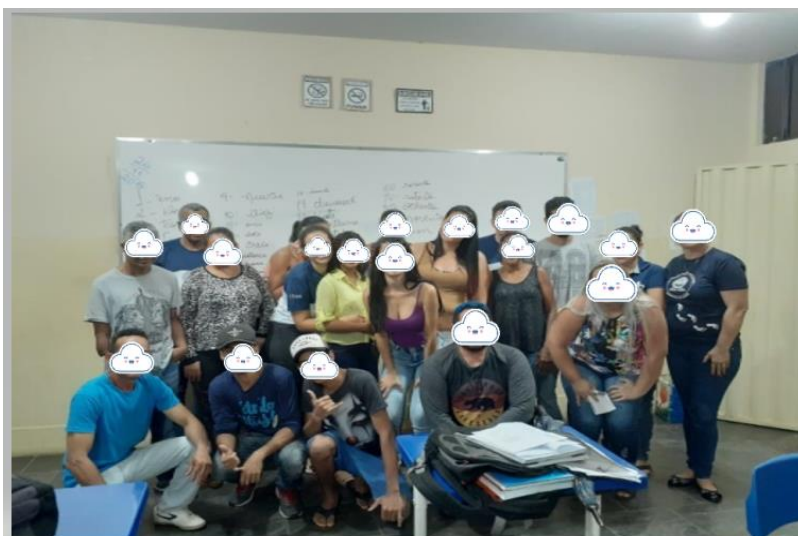
As imagens abaixo expostas são do momento do ensaio para as apresentações.

Figura 16 – Ensaio para as apresentações



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Figura 17 – Ensaio para as apresentações (continuação)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Aulas 23 e 24, tudo organizado, convidados chegando, é hora de começarem as apresentações.

Ao iniciar este momento, o aluno A01 cumprimentou os convidados, agradeceu a presença e o apoio deles, agradeceu a direção da escola, às professoras pesquisadoras, a coordenadora, aos estagiários da Unemat e aos alunos que participaram da aplicação da proposta, fez uma breve explanação sobre as etapas do projeto e a aplicação das aulas, para que os presentes entendessem a trajetória toda pela qual nossa proposta didática passou. Ainda demonstrou, por meio de fotos, os momentos principais em que estudamos os poemas de Cora

e as participações dos alunos. Foi interessante mostrar essa trajetória, porque em alguns momentos os alunos já tinham se esquecido e relembrando, tanto nós quanto alguns deles, nos emocionamos, ao percebermos que aqueles momentos foram intensos e importantes para chegarmos aonde chegamos, naquele momento.

Finalizada essa etapa introdutória, passamos às apresentações dos textos produzidos, importante ressaltar que tivemos vários gêneros apresentados, desde poemas, biografias, relatos de experiência, autobiografia, três relatos orais, entre outros gêneros.

Como encerramos o projeto com 18 (dezoito) alunos frequentes, e a proposta é composta por 6(seis) blocos, mais o bloco 7(sete) que contempla a avaliação dela, durante as apresentações dos textos, dividimos os alunos em trios, assim três alunos apresentavam, e A01 fazia a explicação de como fora desenvolvido o bloco seguinte da proposta, e sua fala era ilustrada com imagens das atividades sendo feitas.

Após todas as apresentações A01 fez os agradecimentos, e o café foi servido, com quitandas típicas de nossa região, além de um chocolate quente que os estagiários ofereceram aos alunos em forma de agradecimento por terem colaborado com o estágio deles.

A seguir apresentamos, na Figura 19, algumas imagens do momento das apresentações dos textos produzidos pelos alunos, no Café literário. Ressaltamos que demos liberdade para a construção do texto escrito ou oral, orientamos para a postura adequada no momento de apresentação da comunicação oral, por tratar-se de um momento formal, mesmo assim, por uma questão de timidez, alguns alunos optaram por se apresentar sentados.

Figura 18 – Apresentação dos textos durante o Café



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Figura 19 - Apresentação dos textos durante o Café (continuação)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Figura 20 - Apresentação dos textos durante o Café (continuação)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2019).

Percebemos, durante as apresentações, que os alunos se identificaram muito com as temáticas apresentadas por Cora nos poemas estudados, e isso foi importante para que os alunos se enxergassem como seres que também constroem suas histórias, e podem mudar o rumo delas a qualquer momento que lhes interessar.

Não faltaram momentos de surpresas por parte do público, ao percebermos as lutas e os desafios pelos quais os alunos passaram para chegarem ao ponto em estão, tais como abandono, violências físicas e psicológicas, traições, decepções, assédios, estupros, deficiência mental (um aluno é PCD), enfim feridas difíceis de serem cicatrizadas, entretanto estavam lá estudando, lutando para atingirem seus objetivos e nenhum deles manifestou a intenção de parar de estudar.

3.1.7 Bloco 7: Avaliação da proposta didática de leitura e de análise de poemas de Cora Coralina

Este bloco foi destinado para a avaliação da proposta didática, o tempo utilizado para esta atividade foi 1 (uma) aula de 50 (cinquenta) minutos.

Inicialmente, foi explicado aos alunos que aquele era o momento de eles avaliarem a aplicação da proposta, seus pontos positivos e suas fragilidades para que ela, caso fosse necessário, sofresse adequações para cumprir com eficiência o seu papel de instrumento pedagógico para a melhoria do processo ensino-aprendizagem dos estudantes da EJA e de outros níveis de ensino, da leitura, compreensão e produção textual. Para isso, aplicamos um questionário impresso com 8 (oito) questões, todas dissertativas, que os alunos responderam com base em sua participação nas aulas.

A seguir, passamos a analisar algumas das respostas dadas pelos alunos, que evidenciaram que eles gostaram bastante, e acharam que a proposta foi para o conhecimento da autora e de si próprios, além de proporcionar importante momento para o conhecimento do gênero poema, e dos colegas por meio das interações discursivas que foram realizadas.

Quanto à Questão 1 - Você pode me contar como foi a sua experiência de participar do desenvolvimento da proposta de leitura, análise e produção textual com base nos poemas selecionados de Cora Coralina, os participantes A09, A12 e A04 responderam:

- (27) A09: Foi uma experiência boa, porque aprendemos muito sobre a Cora Coralina e o que ela pensava sobre a vida, a mulher e as pessoas, e eu to gostando muito mais de le poemas.
- (28) A12: Eu agora presto mais atenção na hora que eu to leno, pra intender mais direitinho.
- (29) A04: Eu não sabia que a gente podia descobrir tanta coisa num texto de poema, ou em qualquer outro texto. (Transcrição da resposta à questão 1 do Questionário de avaliação, em 30/11/19).

As falas de A09, A12 e A04 podem exemplificar a opinião de todos os alunos. A esta primeira questão, todos responderam positivamente, dizendo ser relevante a aplicação da proposta de leitura crítica para os estudantes da EJA. Disseram ainda que a proposta contribuiu enormemente para despertar o gosto pela leitura do gênero poema e para o aflorar da consciência crítica, acerca das ideologias que os textos trazem em seu interior, algumas criticam as estruturas sociais clamando por mudanças e justiça, já outras, cumprem o papel de manter as estruturas sociais como elas se encontram, mantendo o domínio e o poder da hegemonia das classes dominantes.

No tocante à questão 2 - O que significou para você escrever e falar sobre si, no contexto escolar? Os alunos responderam:

- (30) A13: Foi bom porque aprendemos muito com os colegas.
 A05: No começo, eu tive vergonha, mas depois vi que todo mundo passa dificuldade, e ninguém é melhor que ninguém.
 A03: Eu não tenho o costume de me expor não, mas eu achei bom falar o que eu penso e ouvir dos colegas de sala.
 A17: Tranquilo.
 A06: Pra mim teve umas parte fácil e outras difícil.
 (Transcrição da resposta à questão 2, do Questionário de avaliação, em 30/11/19).

Ao analisarmos as falas dos alunos acima percebemos que pelo fato de muitos deles não terem o costume de falarem sobre si, no ambiente escolar, esta foi uma experiência nova para eles, difícil no início, mas importante e prazerosa ao final. Essa prática discursiva proporcionou que os estudantes se conhecessem melhor, interagissem, trocassem ideias e conhecimentos sem críticas ou coações, pois todos ficaram à vontade para participar quando e como quisessem.

Essa atividade nos mostrou o quanto é importante dar liberdade para o aluno falar sobre si no ambiente escolar, pois entre as inúmeras vantagens proporcionadas, gostaríamos de salientar a importância da construção do texto oral, pois a prática de oralidade, não muito valorizada pela escola tradicional, deve ser incentivada constantemente, porque ela favorece o desenvolvimento das linguagens, fazendo com que o aluno se torne um bom produtor de textos no tocante aos gêneros orais, ele ainda desenvolve sua autoestima em relação ao seu próprio idioma, além de atuar como um bom falante em diferentes situações comunicativas.

No que diz respeito à questão 3: Você percebeu alguma relação entre o que Cora Coralina representa em seus poemas e o que você vive? Comente sobre isso, obtivemos respostas como:

- (31) A07: Sim, ela tem porque ela era dona de casa.
 A04: eu percebo que ela teve origem humilde igual a gente, e lutou muito para criar os filhos, se tornar poeta e sobreviver.
 (Transcrição da resposta à questão 1 do Questionário de avaliação, em 30/11/19).

A questão 3 objetivou investigar a relação dos alunos com a autora, a obra e a realidade vivida por eles. Notamos que neste ponto os poemas estudados foram bastante significativos, pois todos os participantes da pesquisa conseguiram, por meio dos poemas, construir uma nova percepção da realidade social na qual estamos imersos, percebemos a necessidade de projetarmos um olhar mais crítico e reflexivo para as questões das discriminações de gênero,

de classes, etnias, etc., além de perceber que a luta por melhor qualidade de vida é histórica, devendo ser constante e incansável.

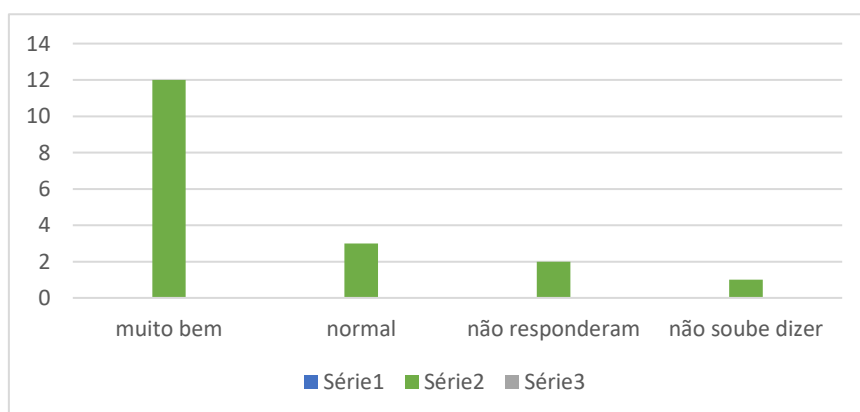
Acreditamos que o professor de Língua portuguesa, da escola pública, em sua prática pedagógica deve possibilitar aos estudantes da EJA a construção dessa consciência de identificação consigo próprio, com seus semelhantes, e com as questões sociais, numa concepção de ensino que valoriza a democratização do saber, numa perspectiva de evolução do aprendizado crítico, e da emancipação da participação cidadã.

Sobre a questão 4: Na sua opinião, o trabalho que desenvolvemos trouxe-lhe alguma contribuição? Todos os alunos responderam que a aplicação da proposta didática foi importante para que eles compreendessem melhor os gêneros textuais que eles mesmos produzem e os que tomam contato diariamente, bem como os tantos outros recursos discursivos da contemporaneidade, com os quais interagem em seu contexto sociocultural.

Na Questão 5: Em que a atividade pedagógica pode contribuir em sua vida? Todos os alunos responderam que a proposta didática contribuiu muito para a construção de sua criticidade, favorecimento do hábito de leitura, reconhecimento de si mesmo e de sua realidade social, desenvolvimento da produção escrita individual e coletiva, visando uma boa qualidade linguístico-discursiva em suas produções autorais.

Para a questão 8, dos 18 (dezoito) estudantes que tiveram acesso ao questionário, considerando que tivemos respostas muito semelhantes, optamos por organizar os dados no Gráfico 2:

Gráfico 2 - Questão 6: A partir de nossos estudos, como você se sente hoje ao ler um poema?



Fonte: A própria autora.

Concluimos que nossa proposta didática tem eficácia comprovada, ao ser aplicada aos alunos da EJA, pois ela contribuiu para alcançarmos todos os objetivos os quais nos propusemos a atingir.

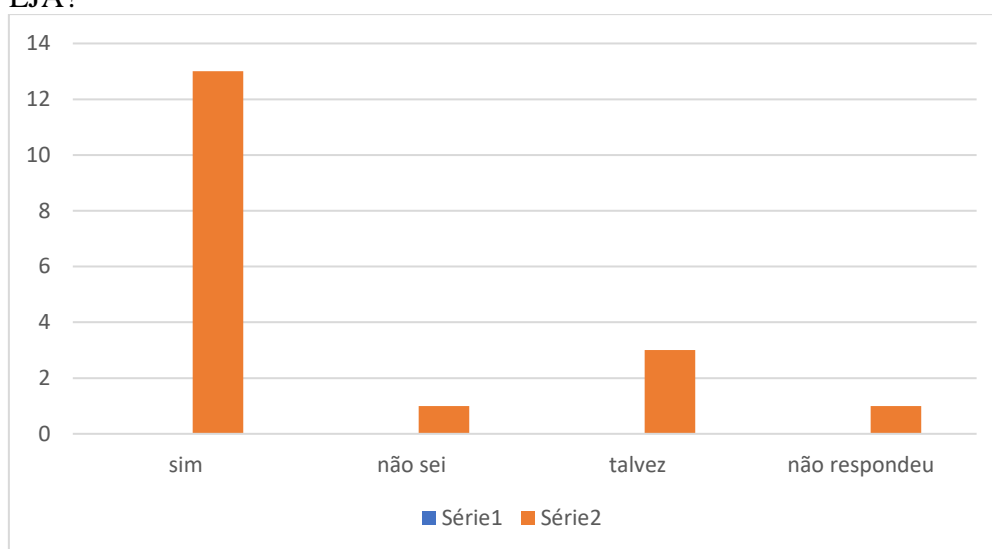
No que concerne à questão 7: Quais aprendizagens foram mais significativas para o seu reconhecimento e desenvolvimento pessoal? A seguir, transcrevemos a resposta de A08, que acreditamos ser uma fala que sintetiza o pensamento da maioria da turma:

- (32) A08: Bom, eu aprendi muitas coisas nessas aula, eu aprendi muita coisa a respeito do gênero poema e da vida da Cora Coralina, da leitura, da identidade, da luta contra a discriminação das mulheres, da importância de escrever pra chama a atenção do leitor, mas o mais importante que eu aprendi é que nós devemos estar sempre lendo pra melhorar a leitura cada vez mais.
(A08, transcrição da resposta à questão 1 do Questionário de avaliação, em 30-11-19).

Quanto à fala de A08, ela demonstra, por meio de suas construções lexicais, um discurso identitário que reforça a necessidade de a escola repensar a condução das aulas de Língua portuguesa e fomentar em seu seio um ambiente favorável à formação tanto do leitor quanto do escritor, de modo a levar os alunos a desvendarem a polissemia dos signos, criticando e minimizando as injustiças sociais.

Para a próxima questão inserimos os dados coletados no gráfico abaixo:

Gráfico 3 - Questão 8: Você acredita que atividades sistematizadas e direcionadas da forma com que estas foram podem contribuir para o despertar da consciência crítica dos alunos da EJA?



Fonte: A própria autora.

Por meio da leitura do gráfico podemos perceber que a proposta didática de leitura crítica dos poemas selecionados de Cora Coralina, desenvolvida e aplicada por nós, enquanto recurso pedagógico para a dinamização e melhoria do processo ensino-aprendizagem, é perfeitamente aplicável, ajustável e conveniente aos objetivos a que se destina, ressignificando o caráter educativo para um aprendiz tão peculiar quanto o estudante da EJA.

3.2 Reflexão sobre a análise e sobre a pesquisa

É chegado o momento de refletirmos sobre todo o caminho percorrido nestes dois anos em que estivemos de volta aos bancos escolares, debruçados sobre os livros, lendo e relendo os teóricos que nos orientaram em nossa caminhada, tornando possível a confirmação ou refutação daquilo que imaginávamos ser possível e aplicável para a melhoria da qualidade das aulas de Língua portuguesa, na EJA.

O caminho foi longo e árduo, entretanto conseguimos trilhá-lo, com nossos tropeços e acertos, tentando verificar se nossa proposta didática de leitura crítica dos poemas selecionados de Cora Coralina realmente funciona como referencial metodológico para auxiliar os trabalhadores estudantes, do curso noturno da EJA, a desenvolver sua capacidade de leitura crítica, ampliar seu conhecimento acerca do gênero poema, melhorar sua competência discursiva, contribuir em seu processo de identificação e representação, bem como envolver os alunos em seu processo de formação de leitores assíduos e proficientes em todo e qualquer gênero discursivo com os quais tiverem contato, nesse sentido promovendo os multiletramentos e o letramento literário dos alunos, tudo isso mediado pelas TDICs.

Consideramos importante salientar que tivemos muita dificuldade para articular o que se encontra na fundamentação teórico-metodológica de nosso trabalho à análise, e internalizar os constructos da ADC, em função de não termos tido contato anterior ao Mestrado com essa teoria. O tempo do 2(dois) anos para o Mestrado é curto, porém o fator preponderante foi o curso exigir que a formação seja feita com o professor em pleno exercício profissional. Com todas essas demandas e mais a vida doméstica e social, não sobrou muito tempo para nos dedicarmos às leituras necessárias à compreensão dessa teoria. Desculpamo-nos com nosso colega de profissão que porventura venha a perceber alguma falha em nossas análises, entretanto, dentro de nossas limitações, esforçamo-nos para representar da melhor forma possível o que fizemos e os resultados do nosso trabalho.

Em momento algum deixamos de considerar nosso interlocutor, que é o professor da escola pública brasileira, da disciplina Língua portuguesa, que trabalha no turno noturno, com alunos adultos que, geralmente, além do cansaço, trazem também grandes defasagens educacionais, encontram-se fora da idade-série, alguns são desmotivados e pouco esperançosos, outro fator preponderante é que os governos não direcionam políticas públicas suficientes para minimizar os grandes problemas do ensino noturno em nosso país, que a nosso ver são: investimento precário em tecnologia para tornar as escolas mais digitais, e quase nada de investimento em formação continuada para que os professores possam “aprender” formas mais eficientes de ensinar.

Tínhamos ciência de que nossa proposta didática era ousada e inovadora, principalmente no tocante ao uso das tecnologias, as quais não nos foi possível utilizar tal qual nossa proposta, no fato de os alunos não estarem acostumados a exercitar seu protagonismo, sobretudo nas aulas de Língua portuguesa, pois tradicionalmente sabemos que privilegia-se, no desenvolver destas aulas, a escuta desinteressada, o ensino de cópias e das estruturas linguísticas (listas de exercícios de gramática), entretanto nunca deixamos de acreditar na eficácia do ensino por meio dos gêneros discursivos (BAKHTIN, 1997, 2003), na necessidade de formar agentes culturais competentes para interagir, produzindo e consumindo, na sociedade digital, materiais multissemióticos, promovendo os multiletramentos (ROJO, 2012), na formação do leitor literário e no aflorar do gosto pelo poema (COSSON, 2012), na capacidade de o aluno despertar a sua consciência crítica, sua autonomia e o desejo de mudar sua condição social, por meio da análise mais atenta dos discursos que permeiam a sociedade (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Ainda consideramos salutar nossos alunos conhecerem mais profundamente a maior escritora do nosso estado, aquela que repudia em seus versos todo e qualquer tipo de segregação, que dá voz aos mais humildes, que crê no poder que a educação tem de transformar vidas, nossa poetisa, nosso orgulho, mulher admirável, expoente da cultura goiana, farol que nos ilumina com a beleza de seus poemas (CORALINA, 2013).

Sendo os célebres autores citados anteriormente, nossos basilares teóricos, partimos para a aplicação da proposta convictos de que tudo correria conforme o planejado.

Em nosso exercício profissional, para desenvolver nossa ideia, e embasar nossos estudos e opiniões, utilizamo-nos do arcabouço teórico-metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999). Após identificado o problema, nos dispusemos a pesquisá-lo buscando alternativas para minimizá-lo, quiçá eliminá-lo por meio de nossa sugestão, caso fosse viável a aplicação.

Nossa vasta experiência profissional já nos inquietava acerca da metodologia praticada, ainda hoje nas aulas de Língua portuguesa em que o professor prioriza a análise linguística em detrimento dos outros aspectos da língua que consideramos também importantes, principalmente com o público da EJA, que é a etapa de ensino com a qual trabalhamos há mais de 20 anos, e ainda hoje percebemos que nosso fazer dentro da sala de aula pouco tem contribuído para que o aluno, em seu processo de leitura possa desenvolva habilidades que favoreçam a ampliação de sua visão crítica e o uso competente da linguagem.

Buscamos ler, refletir, debater, buscar outras opiniões sobre o assunto e chegamos à conclusão que todos nós somos corresponsáveis por a escola pública, atualmente, apresentar índices tão baixos em relação à proficiência de leitura dos alunos. Os governos não investem recursos financeiros suficientes para garantir o acesso, a permanência e o sucesso dos alunos

no sistema educacional, e nós, profissionais em educação, somos mal remunerados, tendo que nos desdobrarmos em muitas aulas e muitas escolas, dificultando a dedicação para um trabalho de qualidade, principalmente para as classes mais populares. Além disso, a sociedade não nos valoriza enquanto profissionais da educação básica, os pais dos alunos que pouco exigem deles e pouco colaboram com a escola, os próprios alunos que, em sua maioria, não têm interesse em buscar a construção do conhecimento, querem tudo pronto, não são muito adeptos à leitura literária, os currículos são tradicionais e ultrapassados, as mídias que influenciam negativamente a dinâmica do espaço escolar, fazendo com que os alunos percam totalmente o foco, etc.

São muitos os entraves, e em se tratando da EJA, a problemática é muito maior, porque são alunos que por vários motivos já haviam abandonado a escola, e agora voltam na tentativa de concluir os estudos, pois precisam ingressar no mercado de trabalho, manter-se no posto que já ocupam, ou mesmo pleitear uma promoção ou mudança de emprego, e isso exige deles competência e certificação.

Para o estudante nessas condições, o ensino escolar tem que ser altamente significativo, pois é esse mesmo ensino que vai auxiliá-lo na conquista de metas e na realização de objetivos, assim sendo, o profissional da EJA deve, constantemente, ressignificar a forma como lida com a mediação do conhecimento que esse aprendiz traz consigo, resultante de toda a sua experiência, e com base no conhecimento prévio dele, desenvolver atividades para ampliar sua capacidade cognitiva.

Ao ingressarmos no Mestrado profissional em Letras (Profletras-UFU), tivemos a oportunidade de dar vazão às nossas inquietações, conhecer diversas teorias, até então por nós desconhecidas, que se propunham a discutir os problemas da educação como um todo, mas especificamente do ensino de língua materna, e tentar apontar caminhos para a solução desses problemas, foi assim que empreendemos, junto com nossa orientadora, o desejo de construir esta proposta didática, aplicá-la e ver se havia viabilidade ou não em sua execução.

Não foi fácil passar por todas as etapas, desde as leituras diversas, a escolha dos basilares teóricos, a aprovação do projeto pela banca de qualificação, a aprovação do CEP-UFU, o planejamento das 24 aulas que contemplam a proposta, a tessitura do texto contando a experiência desenvolvida e as reflexões que se fizeram necessárias para cada etapa vencida.

Ao mesmo tempo em que foi muito penoso, foi também muito prazeroso saber, por nossos alunos, que as aulas contribuíram bastante para o despertar da consciência crítica deles, entre outros aspectos, e para nós, pesquisadoras, foi um enlevo constatar, por meio das

atividades desenvolvidas, principalmente nas produções textuais individuais e coletivas, que todos os objetivos propostos foram amplamente alcançados.

É óbvio que tivemos dificuldades, pois, conhecedores da realidade das escolas públicas brasileiras, sabemos que a mudança de paradigmas enfrenta resistências e críticas por quereremos abolir a prática reducionista do ensino que usávamos até então. No início, nem mesmo os alunos queriam, pois nossas aulas os tiravam de sua zona de conforto e exigia deles uma postura proativa, quem agora deveria buscar o conhecimento e construir significados deveria ser o aluno, abandonar uma postura passiva e passar a ser o responsável pelo seu próprio saber gerou um certo medo e desconfiança.

Desenvolver a oralidade de alunos que pensam que a aprendizagem ocorre é no silêncio foi bastante desafiador, convencê-los de que atualmente é importante avaliar a situação comunicativa para fazer uso correto do nível de linguagem.

A análise dos poemas de Cora, que pertencente à esfera artístico-literária apresenta inúmeros dispositivos que permitem a construção de significados, o vocabulário, o valor das categorias gramaticais, as figuras de linguagem predominantes, o valor das construções sintáticas, o contexto histórico-social da obra, a biografia da autora, o papel social da autora, as intencionalidades e ideologias presentes nos textos, o contexto de produção da obra coralineana, a identificação entre obra e leitor, todos estes conceitos sendo construídos e explorados pelos alunos em uma dinâmica nunca antes experimentada, causou estranhamento aos colegas de área.

As alterações no calendário escolar que atrapalharam bastante a sequência das aulas, a faltas dos alunos, o fato de chegarem atrasados para a primeira aula e a fuga da última, o cansaço nosso e deles, a falta de recursos pedagógicos essenciais tais como folhas xerocadas, os eventuais desinteresses, o sono de alguns, às vezes dormiam a aula toda, os celulares e as redes sociais, o calor da sala sem um ventilador sequer, a reaplicação das atividades para os que faltavam, enfim os entraves foram inúmeros.

Entretanto, o que dificultou mesmo foi a falta dos recursos tecnológicos, que é precário na maioria das escolas, pois era nossa intenção intensificar o trabalho com os multiletramentos digitais, mas a proposta é perfeitamente adaptável a qualquer contexto, sem perder sua eficiência e eficácia, pois o objetivo principal que é o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos estabelecendo relações entre o lido e o vivido, depende muito mais da mediação consciente do professor ao aplicar a proposta, do que, necessariamente, da inserção de tecnologias digitais no processo educativo.

Se por um lado enfrentamos adversidades, naturais do processo, por outro, motivadas pela proposta didática criada por nós, e acreditando ser um caminho possível, nunca nos deixamos desencorajar, e exortados por nossos professores e orientadora, fomos retirando as “pedras” de nosso caminho e chegamos aqui com esta nova proposta de aulas de Português para os alunos da EJA, por meio do gênero poema.

Partindo do pressuposto da incompletude do processo educacional, salientamos que não intencionamos dizer que nossa proposta pedagógica é perfeita, ou pode resolver todas as dificuldades que os alunos da EJA apresentam em relação à leitura, em contrapartida, ela se constitui uma alternativa exequível, de resultado satisfatório, de fácil aceitação e flexível para adaptar-se às mais variadas condições.

Em nossa busca pelo exercício consciente da cidadania, apaixonadas e com profundo respeito pelo público da EJA, é que encerramos aqui nossa reflexão acerca da pesquisa que desenvolvemos, não com a certeza de termos cumprido uma exigência para a conclusão do nosso curso de Mestrado, mas sim com a certeza de termos experimentado as teorias às quais tomamos conhecimento ao longo desse mesmo curso que faz de nós, hoje, profissionais mais comprometidas com a ampliação da capacidade de nossos alunos de participarem criticamente das práticas sociais letradas.

Encerramos nossa reflexão, entretanto abrimos espaço, e colocamo-nos à disposição para um diálogo pedagógico aberto e franco sobre a proposta de leitura crítica que elaboramos, executamos e comprovamos a sua aplicabilidade. Esta que foi feita com muito zelo, respeito e consideração para a apreciação de nossos colegas de profissão OS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa dissertação desabrocha das nossas inquietações profissionais, pois há 29 anos e 4 meses nos tornamos professoras de Língua portuguesa, e ao longo de todo esse trajeto temos nos inquietado cada vez mais com a forma como se efetivam as aulas desse componente curricular nos mais diferenciados ambientes deste país.

O fato é que, como os alunos já não aprendem mais como antigamente, também já não podemos ensinar como antigamente, pois hoje vivemos mergulhados em tecnologia, em especial as de comunicação e informação, que faz com que interagamos com o mundo inteiro em tempo real, de forma individual ou coletiva.

O conhecimento construído por nossos antepassados também nos está disponível ao simples clique de um dedo, vivemos na era digital, em que o conhecimento desconhece barreiras e o contato com outras pessoas desconhece fronteiras. Assim sendo, somos adeptos das práticas educativas que consideram todas essas variantes, e muitíssimas outras mais, quando se propõe a prestar um serviço educacional de qualidade.

Nesse contexto, nossa pesquisa parte de nossa preocupação sobre a forma como o gênero poema é trabalhado nas aulas de Língua portuguesa para os alunos da EJA, que estudam no turno noturno, e que têm necessidades educacionais peculiares, diferentes dos estudantes que estudam durante o dia e estão em idade escolar, condizente com suas turmas, que normalmente não carregam as defasagens que os alunos da EJA carregam, não são trabalhadores, não são arrimo de família e nem foram expulsos do sistema educacional por motivos que merecem uma pesquisa séria para que se apontem as causas e essas sejam sanadas do sistema educacional e da sociedade brasileira.

Nossa pesquisa aborda um problema que nós evidenciamos na EJA, que diz respeito à carência de trabalhos com a leitura e a análise crítica do gênero poema, que aproxime mais os alunos do texto literário, destacando as relações entre o lido nos poemas e o vivido pelos alunos leitores, em especial, à falta de um trabalho com a leitura do gênero em evidência que privilegie o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos e seu processo de apropriação identitária construído por meio do letramento literário, pois o que se vê, ainda hoje, é o ensino descontextualizado das estruturas gramaticais, que não favorece em nada a apropriação dos conhecimentos linguísticos, menos ainda, o desenvolvimento da competência discursiva e de habilidades específicas ligadas à área da linguagem.

Baseando-nos em nossas experiências com o público da EJA, propusemos discussões acerca de como os poemas de Cora Coralina podem contribuir para a construção de identificações e representações dos alunos dessa modalidade escolar, além de contribuir para o

letramento literário e a ampliação da visão crítica por intermédio dos textos lidos e dos textos autorais produzidos pelos próprios alunos.

Assim sendo, nossa pesquisa surge como uma alternativa viável para promover o aprimoramento da competência discursiva dos alunos da EJA, como uma alternativa de promoção dos multiletramentos na escola e uma fonte para o desenvolvimento do letramento literário. Surge, também, como um caminho possível para se trabalhar com poemas de Cora Coralina.

Para o desenvolvimento do nosso estudo, identificamos uma lacuna no tocante à construção de uma proposta de intervenção centrada na leitura e na análise crítica de poemas de Cora Coralina, direcionada a aprendizes da EJA, não encontramos nenhuma proposta construída com base em pressupostos da Análise de Discurso Crítica, do letramento literário e dos multiletramentos, como recurso para que os alunos se aproximem mais do texto literário, analisem as identificações e representações construídas nos poemas, estabeleçam relações entre o lido e o vivido e, a partir disso, produzam diferentes textos materializando como eles se identificam, como se representam, como representam o mundo.

Com o intuito de suprir tal lacuna, realizamos nossa pesquisa, cujo objetivo geral foi elaborar e aplicar uma proposta de intervenção pedagógica, centrada na leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina e no diálogo desses poemas com experiências de vida de jovens e adultos, da Educação de Jovens e Adultos.

Para darmos vazão às nossas inquietações, partimos da seguinte questão de pesquisa: Como uma proposta didática de leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina pode contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, para o estabelecimento de relações entre o lido e o vivido e para a fala e escrita de si?

Para construir esta pesquisa e essa proposta, aplicá-la e para respondermos a essa questão de pesquisa, lemos e relemos a fundamentação teórico-metodológica e enfrentamos o desafio de articular os postulados teórico-metodológicos para o desenvolvimento de nossa pesquisa e elaboração de nossa proposta de intervenção.

Em consonância com o arcabouço para o desenvolvimento de pesquisas em ADC e com a proposta do Profletras, partimos da identificação de um problema que não é só escolar como também social; tecemos considerações sobre a conjuntura nas subseções 2.5 e 2.6 quando falamos do ensino de Língua Portuguesa, da EJA, da realidade da escola e da turma participante; elaboramos uma proposta, na qual contemplamos, além de outros aspectos, as especificidades do gênero, à luz da abordagem bakhtiniana com a qual Fairclough (2003) dialoga, e na qual construímos uma possibilidade de análise dos poemas, levando em conta os modos como o

discurso figura nas práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2003): como modos de (inter)agir (gêneros), como modos de representar (os discursos) e como modos de identificar (estilos); aplicamos a proposta de intervenção como um possível caminho para minimizar os obstáculos apontados e o problema identificado; analisamos relações do discurso com outros elementos da prática social de ensino de Língua Portuguesa, analisamos, ainda que de modo bem iniciante, o discurso propriamente dito, ao explorarmos as respostas e as produções dos alunos, na seção 4; e, por fim, fizemos uma reflexão sobre a análise e sobre a pesquisa na seção 5.

Em conformidade com os pressupostos do letramento literário e da proposta de sequência básica, focamos em um gênero do campo artístico-literário – o poema –, construímos a proposta com base nos passos da sequência básica – motivação, introdução, leitura e interpretação e, seguindo Cosson (2012, p. 126), investimos em um processo de leitura literária que contemplasse “práticas que levassem a uma maior interação com o texto, uma exploração de suas características, uma explicitação da construção de seus sentidos, uma compreensão de sua constituição estética, uma interpretação, enfim, que garanta a apropriação daquele texto como parte do letramento literário”, todo esse processo mediado por nós, professoras pesquisadoras.

Também em consonância com os estudos sobre multiletramentos, procuramos contemplar a diversidade cultural e social representada na turma da EJA, explorar a multiplicidade semiótica no trabalho com a capa do livro, com o filme, na elaboração de convite, por exemplo. Como dissemos na seção 5 a integração das tecnologias digitais foi comprometida na aplicação de nossa proposta devido a questões estruturais evidenciadas na escola. Isso repercutiu no que estava planejado, mas não inviabilizou nosso trabalho com multiletramentos, pois, como Rojo (2012, p. 8) explica, “trabalhar com Multiletramentos pode ou não envolver (...) o uso de novas tecnologias de comunicação e informação”. Tal trabalho “parte das culturas de referência do alunado (...) para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos”.

Acreditamos que nossos objetivos foram amplamente atingidos por meio da elaboração e aplicação da proposta e da análise dos resultados.

Desde a aplicação do questionário de sondagem, pelas respostas produzidas pelos alunos, começamos a comprovar nossas inquietações de que é precisamos rever nossas práticas em sala de aula, bem como é necessário que o poder público invista em cursos de capacitação para todos os profissionais, em recursos de consumo, e em equipamentos que subsidiem essas práticas por meio das novas tecnologias de comunicação e informação, pois sendo célula de um

mundo globalizado e tecnológico, jamais poderia a escola encontrar-se desconectada das novas TDIC, sob pena de oferecer formação escolar inadequada para conviver com os desafios da sociedade digital.

Assim sendo, estamos convictos de que nossa proposta de leitura, análise, reflexão e produção textual pode contribuir para a melhoria das práticas docentes, e quem sai ganhando são o professor e os alunos, que ao participarem das aulas se constroem e reconstróem suas identidades pessoais e coletivas como cidadãos responsáveis por ajudarem a promover as mudanças necessárias à formação de uma sociedade onde a equidade não seja apenas uma palavra bonita, de conceito abstrato, mas sim que possamos vivê-la, plenamente.

Quanto aos benefícios, acreditamos que o estudo trouxe muitos benefícios para os participantes e pode trazê-los para muitos outros professores de Língua Portuguesa. Dentre eles, podemos citar: o contato com exemplares de um gênero que os alunos apreciam; a oportunidade de os alunos falarem e de escreverem sobre si e compartilharem suas vivências e experiências pessoais, a produção de textos não só do gênero poema; o uso pedagógico das redes sociais; a participação em práticas de leitura e de escrita que contribuem para o desenvolvimento da competência discursiva dos discentes, de seu autoconhecimento, de sua capacidade de expressão e de seu relacionamento com o grupo.

Além disso, o trabalho com a Língua Portuguesa, tendo como base os poemas de Cora Coralina, constituiu uma excelente alternativa para contemplar os multiletramentos e o letramento literário, além de instigar a percepção dos envolvidos a conceberem como representam a vida e o mundo, como eles se representam e se veem diante da vida com todos os problemas e oportunidades, e de estimulá-los a se encantarem pelas aulas de LP e ainda desenvolver um olhar crítico sobre sua realidade comparando-a com a realidade da autora.

Em suma, esta pesquisa possibilitou aos alunos que estudam na EJA a oportunidade de participar de práticas sistematizadas de leitura, de oralização e de análise crítica de poemas. Isso contribuiu para: a aproximação dos discentes do texto literário; o desenvolvimento da capacidade de análise crítica de poemas, atentando-se para as especificidades do gênero, para as escolhas linguístico-discursivas e para as diferentes representações do mundo e identificações que elas constroem; o estabelecimento de relações, pelos participantes, entre o que leem e o que vivem; a reflexão sobre como representam o mundo, como se representam e se identificam.

Além disso, esta pesquisa poderá beneficiar muitos outros professores de Língua Portuguesa, atuantes em diferentes níveis de ensino, especialmente na EJA, uma vez que fornece, no formato de um caderno suplementar que acompanha esta dissertação, um material

didático-pedagógico de consulta para possam encontrar subsídios e motivação para dar um novo enfoque às aulas de Língua Portuguesa, partindo do estudo e análise de poemas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. Pesquisa científica: noções introdutórias. *In*: ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- ANJOS, J. H. R. dos. **Na minha vida, a vida mera das obscuras**: as representações do Eu e de outros espaços em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, de Cora Coralina. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras). Catalão, 2013 – Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013. Disponível em: https://mestrado_letras.catalao.ufg.br/up/570/o/NA_MINHA_VIDA__A_VIDA_MERA_DA_S_OBSCURAS_AS_REPRESENTA%C3%87%C3%95ES_DO_EU_E_DE_OUTROS_ESP_A%C3%87OS_EM_POEMAS_DOS_BECOS_DE_GOI%C3%81S_E_EST%C3%93RIAS_MAIS__DE_CORA_CORALINA.pdf . Acesso em: 31 jan. 2019.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de Metodologia Científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2011.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, S. M. de. Bases Filosóficas da Análise de Discurso Crítica. *In*: BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de. (orgs.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018, p. 36-47.
- BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de. **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.
- BESSA, D.; SATO, D.T.B. Categorias de análise. *In*: BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de (orgs.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018, p. 124-157.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 1ª e 4ª séries do Ensino Fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2018.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 jan. 2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 5º e 8º séries do Ensino Fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

BRASIL **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/109224/lei-de-diretrizes-e-bases-lei-9394-96>. Acesso em: 31 jan. 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parecer ceb 11/2000. **Diretrizes Curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº. 1/2000 de 3 de julho de 2000, que estabelece as **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos**.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Ciência e cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-9, set. 1972.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. 3.ed. São Paulo: Martins, 1969. VIA ATLÂNTICA, SÃO PAULO, N. 35, 69-85, JUL/2019 8 5

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

CANDIDO, Antonio. Na sala de aula: cadernos de análise literária. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. Vários escritos. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-63.

CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CANDIDO, Antonio. O socialismo é uma doutrina triunfante. Brasil de fato, São Paulo, 8 ago. 2011. Entrevista. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/node/6819/>. Acesso em: 16 maio 2019.

CANDIDO, Antonio. Professor, escola e associações docentes. Almanaque, São Paulo, v.11, p.83-7, 1980.

CERQUEIRA e FRANCISCO, W. de C. O filme Hotel Ruanda. In: **canal do educador**. [S. l.], [201-?]. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/o-filme-hotel-ruanda.htm>. Acesso em: 08 jun. 2020.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: Rethinking critical discourse analysis. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999. 168 p.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Multiliteracies: New literacies, new learning. **Pedagogies: An International Journal**, Nanyang Walk, v. 4, n. 3, p. 164-195, 2000. <https://doi.org/10.1080/15544800903076044>

CORALINA, C. **Meu livro de cordel**. 11. ed. São Paulo: Global, 2005.

CORALINA, C. **Vintém de cobre; meias confissões de Aninha**. 4. ed. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1987.

CORALINA, C. O que é viver bem. *In: CONTI outra*. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://www.contioutra.com/o-que-e-viver-bem-por-cora-coralina/>. Acesso em: 08 jun. 2020.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012. 139 p.

COSSON, R. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

DIAS, P. P. **Sociedade, cognição e discurso: desvendando Cora Coralina**. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_309763917dcc5ea5a6927533ef52bc8a/Details. Acesso em: 31 jan. 2019.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. *In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). Gêneros textuais: Reflexões e Ensino*. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005, p. 159-177.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. Traduz. I Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. London: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of Pragmatics**, v. 9, p. 739-763, 1985. [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(85\)90002-5](https://doi.org/10.1016/0378-2166(85)90002-5)

FAIRCLOUGH, N. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. Versão para o português de Iran F. de Melo. **Linha d'Água**, n. 25, v. 2, p. 307-329, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329>

FRANCISCO, W. de CERQUEIRA e. O filme Hotel Ruanda. *In: canal do educador*. [S. l.], [2020?]. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/o-filme-hotel-ruanda.htm#:~:text=A%20diversidade%20%C3%A9tnica%20no%20continente,n%C3%A3o%20respeitaram%20as%20diferen%C3%A7as%20culturais>. Acesso em: 13 maio 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 31 ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HAUY, A. B. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1994 (Série Fundamentos).

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, A. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: Cefiel - Unicamp; MEC, 2005.

LIMA, M. C. de. Discursos sobre gênero e identidade. *In*: OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. de. (orgs.) **Discursos, identidades e letramentos: abordagens da análise do discurso crítica**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 63-109.

LOPES_ROSSI, M. A. G. Procedimentos para estudo de gêneros discursivos da escrita. **Revista Intercâmbio**. São Paulo: LAEL/PUC-SP, v. 15, p. 1-1-10, 2006.

MAGALHÃES, I. Introdução: A Análise de Discurso Crítica. **DELTA**. Documentação em de estudos em linguística Aplicada, v. 21, p.1-9, 2005. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300002>

MAGALHÃES, I; MARTINS, A. R.; RESENDE, V. de M. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. <https://doi.org/10.7476/9788523013370>

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MELO, I. F. de. Histórico da Análise de discurso crítica. *In*: BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de (orgs.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018, p. 20-35.

MUSEU CASA DE CORA CORALINA. *In*: **Conhecendo Museus**. [S. l.], 2014, 1 vídeo (26 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xkqA_TIPqm4. Acesso em: 30 jan. 2019.

OLIVEIRA, L. A. Possíveis contribuições da Análise Crítica do Discurso para o ensino de português. **Línguas e Letras**. v. 13, nº 24, p. 143-160, 1º Sem. 2012.

OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. de. (orgs.) **Discursos, identidades e letramentos: abordagens da análise do discurso crítica**. São Paulo: Cortez, 2014.

OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. de. Apresentação. *In*: OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. de. (orgs.). **Discursos, identidades e letramentos: abordagens da análise do discurso crítica**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 13-18.

OTTONI, M. A. R. As representações identitárias de gênero no humor sexista. *In*: OTTONI, Maria Aparecida Resende; LIMA, Maria Cecília de. (orgs.) **Discursos, identidades e letramentos: abordagens da análise do discurso crítica**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 25-62.

OTTONI, M. A. R. **Os gêneros do humor no ensino da língua portuguesa: uma abordagem discursiva crítica**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PAULA, C. R. de; OLIVEIRA, M. C. de. **Educação de jovens e adultos ao longo da vida**. Curitiba: IBPEX, 2011.

- PEREIRA, I. M. V. B. **Cora Coralina: a mulher-poeta e suas múltiplas vozes.** 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8266>. Acesso em: 31 jan. 2019.
- PERFEITO, A. M.; VEDOVATO, L. O gênero poema em sala de aula: uma proposta de estudo e de transposição didática. **Línguas e Letras. LOCAL**, v. 12, n. 22, p. 241-264, 1º Sem. 2011.
- RAMALHO, V.; RESENDE, V. de M. **Análise de Discurso (para a) crítica.** São Paulo: Pontes, 2011.
- RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. Análise de discurso crítica, do modelo Tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 5, n. 1, p. 185-207, jul./dez. 2004.
- ROCHA, H. da. **Descaminhos e novos caminhos para o ensino de Língua portuguesa.** Disponível em: <file:///C:/Users/PROFa.%20ELIZ/Downloads/627-2293-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 maio 2020.
- ROJO, R. Textos multimodais. *In*: FRADE, I. C. A. S; VAL, M. da G. C. G; BREGUNCI, M. das G. C. (orgs.). **Glossário Ceale de termos de Alfabetização, leitura e escrita par educadores.** Belo Horizonte: CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2014. p. 1. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>. Acesso em: 17 jan. 2019.
- ROJO, R.; BARBOSA, J. (org.). **Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos.** 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROJO, R., H.; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R., H.; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.
- ROJO, R. Apresentação. *In*: ROJO, R., H.; MOURA, E. (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 7-9.
- ROJO, R. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- SCRIBNER, S.; COLE, M. **The psychology of literacy.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1981.
- SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SWALES, J. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. New York: Cambridge University, 1990.

TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**: São Paulo, Cortez, 1995.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TRAVAGLIA, L. **Competência discursiva**. In: FRADE, I. C. A da S.; VAL, M. da G. C.; BREGUNCI, M. das G. de C. (orgs.). **Glossário Ceale de termos de Alfabetização, leitura e escrita par educadores**. Belo Horizonte: CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2014. p. 1. Disponível em:
<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/competencia-discursiva>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

TRINCONI, Ana. **Ápis Língua portuguesa – 8º ano, Ensino Fundamental, anos finais**, 3. ed. São Paulo, Ática, 2017.

VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos – chave em Análise de discurso crítica. In: BATISTA JÚNIOR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de (orgs.). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018, p. 48-77.

WODAK, R.; MEYER, M. (org.). **Methods of Critical Analysis**. 2. ed. London: Sage, 2009.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido (pais)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL LEGAL POR MENOR DE 18 ANOS

Considerando a sua condição de responsável legal pelo(a) menor, apresentamos este convite e solicitamos o seu consentimento para que ele(a) participe da pesquisa intitulada: **Pelos becos de Goiás: uma proposta de leitura crítica dos poemas de Cora Coralina aplicada à Educação de jovens e adultos**, sob a responsabilidade dos pesquisadores Profa. Especialista Elizânia Rodrigues Oliveira (orientanda) e Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni (orientadora).

Nesta pesquisa nós estamos buscando desenvolver uma proposta centrada na leitura e na análise crítica de poemas de Cora Coralina e no diálogo desses poemas com experiências de vida de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com isso, objetivamos contribuir para o desenvolvimento da capacidade dos discentes de produzir textos adequados às mais diferentes práticas sociais das quais participam, de interpretar e analisar criticamente os textos com os quais têm contato na sociedade, de falar e de escrever sobre si e de perceber relações entre o que leem e o que vivem.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido, antes da coleta e da geração de qualquer dado, pela pesquisadora Profa. Especialista Elizânia Rodrigues Oliveira, na escola onde os/as alunos/alunas estudam, durante reunião bimestral prevista no calendário da escola, a ser realizada com a pesquisadora mestranda, os responsáveis dos alunos menores, os alunos maiores, e, se possível, o coordenador pedagógico da escola. Você disporá do tempo que lhe for adequado para a tomada de uma decisão autônoma.

Na participação do(a) menor sob sua responsabilidade, ele/a fará leituras e análises de poemas de Cora Coralina, responderá, oralmente e por escrito, a algumas questões de interpretação dos poemas, produzirá um diário de leitura e poemas. Além disso, participará de uma entrevista que será gravada em áudio e responderá a um questionário. Todo esse material será coletado e analisado. Após a transcrição da entrevista, o material será desgravado.

Em nenhum momento, nem o(a) menor, nem vocês serão identificados. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a identidade dele(a) e a sua serão preservadas. Nem ele(a), nem vocês terão gastos, nem ganhos financeiros por participar na pesquisa.

Os riscos da participação na pesquisa consistem na possibilidade de identificação do/a aluno/a e/ou de seu/sua responsável legal e na possibilidade de o/a participante sentir-se constrangido ao falar ou escrever sobre si, a partir do estudo dos poemas. Para evitar isso, será garantido o sigilo quanto à identidade do/a aluno/a e de seu/sua responsável legal e quanto ao nome da Instituição onde o/a participante estuda. Além disso, será dada total liberdade aos/às discentes para escreverem ou falarem de si apenas se se sentirem confortáveis tal e desejosos de fazer isso.

Quanto aos benefícios, esta pesquisa possibilitará aos/às alunos/as que estudam na EJA a oportunidade de participar de práticas sistematizadas de leitura, de oralização, de análise crítica e de escrita de textos poéticos ou não. Isso poderá contribuir para: o desenvolvimento da capacidade dos discentes de ler, de analisar e de produzir textos de forma crítica e reflexiva, atentando-se para as escolhas linguístico-discursivas e para as especificidades dos textos, especialmente dos poéticos, e para como elas constroem diferentes representações do mundo; o estabelecimento de relações entre o que leem e o que vivem; a reflexão sobre como representam o mundo, como se representam e se identificam. Além disso, esta pesquisa poderá beneficiar muitos outros professores de Língua Portuguesa, atuantes em diferentes níveis de ensino, especialmente na EJA, uma vez que gerará um material didático-pedagógico de consulta para possam encontrar subsídios e motivação para dar um novo enfoque às aulas de Língua Portuguesa, partindo do estudo e análise de poemas.

A qualquer momento, você poderá retirar o seu consentimento para que o(a) menor sob sua responsabilidade participe da pesquisa. Garantimos que não haverá coação para que o consentimento seja mantido nem que haverá prejuízo ao(à) menor sob sua responsabilidade. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos dados do(a) menor sob sua responsabilidade da pesquisa.

O(A) menor sob sua responsabilidade também poderá retirar seu assentimento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, ele(a) também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, você poderá entrar em contato com: Maria Aparecida Resende Ottoni, à Avenida João Naves de Ávila, 2121, bloco U, sala 220, telefone (34) 3239-4162, ou com Elizânia Rodrigues Oliveira, telefone (64) 99611-9752. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura dos pesquisadores

Eu, responsável legal pelo(a) menor _____ consinto na sua participação na pesquisa citada acima, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do responsável pelo(a) participante da pesquisa

APÊNDICE B – Termo de assentimento

TERMO DE ASSENTIMENTO PARA O MENOR ENTRE 12 E 18 ANOS INCOMPLETOS

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada: **Pelos becos de Goiás: uma proposta de leitura crítica dos poemas de Cora Coralina aplicada à Educação de jovens e adultos**, sob a responsabilidade das pesquisadoras: Profa. Especialista Elizânia Rodrigues Oliveira (orientanda) e Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni (orientadora).

Nesta pesquisa nós estamos buscando desenvolver uma proposta centrada na leitura e na análise crítica de poemas de Cora Coralina e no diálogo desses poemas com experiências de vida de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com isso, objetivamos contribuir para o desenvolvimento da capacidade dos discentes de produzir textos adequados às mais diferentes práticas sociais das quais participam, de interpretar e analisar criticamente os textos com os quais têm contato na sociedade, de falar e de escrever sobre si e de perceber relações entre o que leem e o que vivem.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido, antes da coleta e da geração de qualquer dado, pela pesquisadora Profa. Especialista Elizânia Rodrigues Oliveira, na escola onde os/as alunos/alunas estudam, durante reunião bimestral prevista no calendário da escola, a ser realizada com a pesquisadora mestrande, os responsáveis dos alunos menores, os alunos maiores, e, se possível, o coordenador pedagógico da escola. Você disporá do tempo que lhe for adequado para a tomada de uma decisão autônoma.

Na sua participação, você fará leituras e análises de poemas de Cora Coralina, responderá, oralmente e por escrito, a algumas questões de interpretação dos poemas, produzirá um diário de leitura e poemas. Além disso, participará de uma entrevista que será gravada em áudio e responderá a um questionário. Todo esse material será coletado e analisado. Após a transcrição da entrevista, o material será desgravado.

Em nenhum momento, você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos da participação na pesquisa consistem na possibilidade de você ser identificado/a e de se sentir constrangido ao falar ou escrever sobre si, a partir do estudo dos poemas. Para evitar isso, será garantido o sigilo quanto à sua identidade e quanto ao nome da Instituição onde você estuda. Além disso, será dada a você total liberdade para escrever ou falar de si apenas se se sentir confortável para tal e desejoso de fazer isso.

Quanto aos benefícios, esta pesquisa possibilitará aos/às alunos/as que estudam na EJA a oportunidade de participar de práticas sistematizadas de leitura, de oralização, de análise crítica e de escrita de textos poéticos ou não. Isso poderá contribuir para: desenvolvimento da

capacidade dos discentes de ler, de analisar e de produzir textos de forma crítica e reflexiva, atentando-se para as escolhas linguístico-discursivas e para as especificidades dos textos, especialmente dos poéticos, e para como elas constroem diferentes representações do mundo; o estabelecimento de relações entre o que leem e o que vivem; a reflexão sobre como representam o mundo, como se representam e se identificam. Além disso, esta pesquisa poderá beneficiar muitos outros professores de Língua Portuguesa, atuantes em diferentes níveis de ensino, especialmente na EJA, uma vez que gerará um material didático-pedagógico de consulta com subsídios para a promoção de práticas de leitura, de análise crítica e de produção de textos. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa. Mesmo seu responsável legal tendo consentido, você não é obrigado a participar da pesquisa se não quiser.

Uma via original deste Termo de Assentimento ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Maria Aparecida Resende Ottoni, na Av. João Naves de Ávila, 2121, bloco U, sala 220, telefone 3239-4162, ou com Elizânia Rodrigues Oliveira, fone: (64) 99611-9752.

Poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia –MG, 38408-100; telefone: 34-32394131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, _____ de _____ de 20_____

Assinatura dos/as pesquisadores/as

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada: **Pelos becos de Goiás: uma proposta de leitura crítica dos poemas de Cora Coralina aplicada à Educação de jovens e adultos**, sob a responsabilidade dos pesquisadores Profa. Especialista Elizânia Rodrigues Oliveira (orientanda) e Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni (orientadora).

Nesta pesquisa nós estamos buscando desenvolver uma proposta centrada na leitura e na análise crítica de poemas de Cora Coralina e no diálogo desses poemas com experiências de vida de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com isso, objetivamos contribuir para o desenvolvimento da capacidade dos discentes de produzir textos adequados às mais diferentes práticas sociais das quais participam, de interpretar e analisar criticamente os textos com os quais têm contato na sociedade, de falar e de escrever sobre si e de perceber relações entre o que leem e o que vivem.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será obtido, antes da coleta e da geração de qualquer dado, pela pesquisadora Profa. Especialista Elizânia Rodrigues Oliveira, na escola onde os/as alunos/alunas estudam, durante reunião bimestral prevista no calendário da escola, a ser realizada com a pesquisadora mestranda, os responsáveis dos alunos menores, os alunos maiores, e, se possível, o coordenador pedagógico da escola. Você disporá do tempo que lhe for adequado para a tomada de uma decisão autônoma.

Na sua participação, você fará leituras e análises de poemas de Cora Coralina, responderá, oralmente e por escrito, a algumas questões de interpretação dos poemas, produzirá um diário de leitura e poemas. Além disso, participará de uma entrevista que será gravada em áudio e responderá a um questionário. Todo esse material será coletado e analisado. Após a transcrição da entrevista, o material será desgravado.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto nem ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos da participação na pesquisa consistem na possibilidade de você ser identificado/a e de se sentir constrangido ao falar ou escrever sobre si, a partir do estudo dos poemas. Para evitar isso, será garantido o sigilo quanto à sua identidade e quanto ao nome da Instituição onde você estuda. Além disso, será dada a você total liberdade para escrever ou falar de si apenas se se sentir confortável para tal e desejoso de fazer isso.

Quanto aos benefícios, esta pesquisa possibilitará aos/às alunos/as que estudam na EJA a oportunidade de participar de práticas sistematizadas de leitura, de oralização, de análise crítica e de escrita de textos poéticos ou não. Isso poderá contribuir para: o desenvolvimento da capacidade dos discentes de ler, de analisar e de produzir textos de forma crítica e reflexiva,

atentando-se para as escolhas linguístico-discursivas e para as especificidades dos textos, especialmente dos poéticos, e para como elas constroem diferentes representações do mundo; o estabelecimento de relações entre o que leem e o que vivem; a reflexão sobre como representam o mundo, como se representam e se identificam. Além disso, esta pesquisa poderá beneficiar muitos outros professores de Língua Portuguesa, atuantes em diferentes níveis de ensino, especialmente na EJA, uma vez que gerará um material didático-pedagógico de consulta com subsídios para a promoção de práticas de leitura, de análise crítica e de produção de textos. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa, devendo o pesquisador responsável devolver-lhe o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por você.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Em caso de qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Maria Aparecida Resende Ottoni, na Av. João Naves Ávila, 2121, bloco U, sala 220, telefone (34) 3239-4162, ou com Elizânia Rodrigues Oliveira, fone: (64) 996119752. Você poderá também entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos na Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, *campus* Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; telefone: 34-3239-4131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, de de 20.....

Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante da pesquisa

ANEXO A – Questionário de sondagem

QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM

- 1- Você gosta de ler? Por quê?
- 2- Qual a importância da leitura em sua vida?
- 3- O que você costuma ler durante a semana?
- 4- Qual o tipo de leitura mais lhe chama a atenção?
- 5- O que você tem lido atualmente?
- 6- Você aprecia a leitura de poemas? Por quê?
- 7- Relate o que você sabe sobre poema:
- 8- Qual o seu poeta/poetisa preferido (a)?
- 9- Você já ouviu falar da poetisa Cora Coralina? Se sim, como e quando?
- 10- Caso sua resposta anterior seja sim, o que você sabe falar a respeito de Cora?
- 11- Você gosta de falar sobre si, sua vida, suas experiências e descobertas?
- 12- Qual o significado disso para você?
- 13- Você acha importante escrever textos que falem a respeito de si próprio?
- 14- Onde você costuma fazer tais registros?
- 15- Você acha importante a escola conceder a oportunidade de os estudantes falarem sobre si próprios? Justifique.

ANEXO B – Questionário de avaliação

QUESTIONÁRIO AVALIATIVO

- 1- Você pode me contar como foi a sua experiência de participar do desenvolvimento da proposta de leitura, análise e produção de poemas de Cora Coralina?
- 2- O que significou para você escrever e falar sobre si no contexto escolar?
- 3- Você percebeu alguma relação entre o que Cora Coralina representa em seus poemas e o que você vive? Comente sobre isso.
- 4- Na sua opinião, o trabalho que desenvolvemos trouxe-lhe alguma contribuição?
- 5- Em que a atividade pedagógica desenvolvida pode contribuir em sua vida?
- 6- A partir de nossos estudos, como você se sente hoje ao ler um poema?
- 7- Quais aprendizagens foram mais significativas para o seu reconhecimento e desenvolvimento pessoal?
- 8- Você acredita que atividades sistematizadas e direcionadas da forma com que estas foram podem contribuir para o despertar da consciência crítica dos alunos da EJA?

ANEXO C – Biografia de Cora Coralina

Biografia Resumida de Cora Coralina

Sem dúvidas, Cora Coralina é um excelente exemplo da literatura brasileira. Ela começou tarde e obteve grande proporção por seus pensamentos simples e profundos.

Então, se você quer saber um pouco mais sobre essa incrível mulher, continue lendo e descubra tudo o que você precisa saber sobre ela. Vamos lá?!

Quem foi Cora Coralina?

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que usava o pseudônimo de Cora Coralina, foi uma poetisa e contabilista brasileira. Ela nasceu na cidade de Goiás no dia 20 de agosto de 1889 e faleceu em Goiânia no dia 10 de abril de 1985.

Cora Coralina é considerada até os dias de hoje uma das mais importantes escritoras brasileiras. Isso, mesmo tendo começado tardiamente, lançando seu primeiro livro apenas em junho de 1965 quando já possuía 76 anos de idade.

Cora era uma mulher bastante simples, doceira por profissão e que viveu longe dos grandes centros urbanos a maior parte de sua vida. Assim, era alheia aos modismos literários, vindo a produzir obras ricas no que diz respeito a motivos cotidianos do interior do Brasil.

Juventude e início de carreira



Anna Lins, cujo pseudônimo era Cora Coralina, era filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, um desembargador nomeado por Dom Pedro II, com Jacyntha Luiza do Couto Brandão.

Ela nasceu e foi criada perto do Rio Assunção e a estimativa é que sua casa tenha sido construída por volta do século XVIII. Ela pode ter sido uma das primeiras edificações de Vila Boa, em Goiás.

Os seus primeiros textos foram escritos quando ela tinha cerca de 14 anos. Eles foram posteriormente publicados nos jornais de Goiânia e de outras cidades.

Embora tivesse pouca escolaridade, visto que só concluiu as primeiras 4 séries de ensino básico, ela não deixou de ser brilhante.

De acordo com Assis Brasil, o mais antigo registro de sua vida literária é datado de 1907, pelo semanário “A Rosa”. Mesmo assim, ainda constam registros de seus trabalhos em periódicos goianos.

No ano de 1911 ela mudou para o Estado de São Paulo com Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas. Ele era um advogado que exercia cargo de chefe de polícia no governo do presidente Urbano Coelho Gouvêa.

Ela viveu lá por 45 anos e foi lá que teve seus seis filhos. São eles: Paraguaçu, Eneas, Cantídio, Jacyntha, Ísis e Vicência. Vale lembrar que Eneas e Ísis faleceram logo após nascer.

No princípio, eles moravam na cidade de Jaboticabal, mas em 1924 se mudaram para a capital, São Paulo. Chegando lá, Cora Coralina passou algumas semanas trancada em um hotel porque os revolucionários haviam parado a cidade.

Em 1930, viu a chegar a Getúlio Vargas e seu filho Cantídio participou da revolução Constitucionalista de 1932.

Os primeiros passos literários de Cora Coralina

Com o falecimento de seu marido, Cora passou a comercializar livros. Depois, se mudou para Penápolis, no interior do estado onde trabalhava fabricando e vendendo linguças caseiras.

Ao chegar aos 50 anos, Cora relata que passou por uma transformação profunda no seu interior. Mais tarde, ela definiu esse processo como “perda do medo.

Foi então que ela parou de atender por seu nome de batismo e passou a responder pelo pseudônimo Cora Coralina, que já havia sido escolhido por ela há muitos anos atrás.

Nesses anos, Cora não se deteve de escrever sobre temas relacionados a sua própria história. Então, falou da cidade em que nasceu e do ambiente no qual foi criada. Ela até mesmo gravou um LP no qual declamava suas próprias poesias. Ele foi lançado pela gravadora Paulinas Comep e ainda hoje pode ser encontrado, mas em formato de CD.

No auge da sua carreira

Cora somente conseguiu abrangência nacional quando teve a segunda edição de “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”, impresso pelas Oficinas Gráficas da Universidade Federal de Goiás.

A capa da obra retratava um dos becos da cidade. Já a ilustração ficou por conta da artista consagrada Maria Guilhermina. A orelha da obra foi feita por J.B. Martins Ramos. Já o prefácio era de Oswaldino Marques.

Por essa obra, Cora foi saudada por Carlos Drummond de Andrade no Jornal no Brasil no dia 27 de dezembro de 1980.

Somente depois dessa obra, em 1978, que Cora Coralina conseguiu chamar a atenção do Brasil todo. Desde então, não deixou mais de ser admirada.

A primeira edição dessa obra foi lançado em 1965, quando ela já tinha 75 anos. Esse também foi seu primeiro livro a ser publicado. A responsável foi a Editora José Olympio.

Cora compôs, em 1976 o “Meu livro de Cordel”, 11 anos depois de seu primeiro livro. Já em 1983, houve o lançamento de “Vintém de cobre”.

Principais obras e poemas de Cora Coralina

Embora tenha começado tarde, Cora Coralina tem uma biografia muito respeitável. Embora não seja muito extensa. Sendo assim, vamos conhecer as principais obras dessa autora:

- 1965 (poesia) – Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais
- 1976 (poesia) – Meu livro de Cordel
- 1983 (poesia) – Vintém de Cobre – Meias confissões de Aninha
- 1985 (contos) – Estórias da Casa Velha da Ponte
- 1986 (infantil) – Meninos Verdes
- 1996 (infantil) – Tesouro da Casa Velha
- 1999 (infantil) – A Moeda de Ouro que o Pato Engoliu
- 2001 (poesia) – Vila Boa de Goiás
- 2002 (infantil) – O Prato Azul-Pombinho

Vale ressaltar que todas as obras aqui citadas que foram lançadas a partir do ano de 1986 são póstumas. Isso quer dizer que foram lançadas depois da morte da autora.



Frases marcantes de Cora Coralina

Como não poderia ser diferente, Cora Coralina possui muitas frases marcantes. Veja algumas delas:

” Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.”

“Fiz a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores.”

Morte e o legado de Cora Coralina

Em seus últimos anos de vida, Cora teve suas obras reconhecidas. Ela foi convidada a participar de conferência e também programas de televisão. Além disso, foi homenageada inúmeras vezes.

Já no que diz respeito ao seu legado, sem dúvidas ele foi muito além da literatura. Sua mensagem de vida foi de felicidade nas coisas simples.

Com isso, encantou o Brasil com suas ideias e escrita simples, mostrando que todos temos mais a ensinar do que percebemos.

Pronto, agora você já sabe um pouco mais sobre Cora Coralina, sua vida, sua obra e a mensagem que deixou para a eternidade. Aproveite esse material.

Disponível em: <https://biografiaresumida.com/cora-coralina/>. Acesso em: 27 jan. 2018.

ANEXO D – Poemas selecionados de Cora Coralina

Assim eu vejo a vida

Assim eu vejo a vida
A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
Mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
Dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
Lutas e pedras
Como lições de vida
E delas me sirvo
Aprendi a viver.
(CORALINA, 1987).

Aninha e suas pedras

Aninha e suas pedras
Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos
poemas.
Recria tua vida, sempre,
sempre.
Remove pedras e planta
roseiras e faz doces
Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.

E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que
hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos
os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
Aos que têm sede.
(CORALINA, 1987).

Ofertas de Aninha

Ofertas de Aninha
(aos moços)
Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
e angústias do presente.
Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências
do presente.
Aprendi que mais vale lutar
do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar.
(CORALINA, 1987).

Mascarados

Saiu o Semeador a semear
Semeou o dia todo
e a noite o apanhou ainda
com as mãos cheias de sementes.
Ele semeava tranquilo
sem pensar na colheita
porque muito tinha colhido
do que outros semearam.
Jovem, seja você esse semeador
Semeia com otimismo
Semeia com idealismo
as sementes vivas
da Paz e da Justiça.
(CORALINA, 1987).

Mãe

Renovadora e reveladora do mundo
 A humanidade se renova no teu ventre.
 Cria teus filhos,
 não os entregues à creche.
 Creche é fria, impessoal.
 Nunca será um lar
 para teu filho.
 Ele, pequenino, precisa de ti.
 Não o desligues da tua força maternal.
 Que pretendes, mulher?
 Independência, igualdade de condições...
 Empregos fora do lar?
 És superior àqueles
 que procuras imitar.
 Tens o dom divino
 de ser mãe
 Em ti está presente a humanidade.
 Mulher, não te deixes castrar.
 Serás um animal somente de prazer
 e às vezes nem mais isso.
 Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar.
 Tumultuada, fingindo ser o que não és.
 Roendo o teu osso negro da amargura.
 (CORALINA, 1987).

Amigo

Vamos conversar
 Como dois velhos que se encontram
 no fim da caminhada.
 Foi o mesmo nosso marco de partida.
 Palmilhamos juntos a mesma estrada.

Eu era moça.
 Sentia sem saber
 seu cheiro de terra,
 seu cheiro de mato,
 seu cheiro de pastagens

É que havia dentro de mim,
 no fundo obscuro de meu ser
 vivências e atavismo ancestrais:
 fazendas, latifúndios,
 engenhos e currais.

Mas... ai de mim!
 Era moça da cidade.
 Escrevia versos e era sofisticada.

Você teve medo.
 O medo que todo homem sente
 da mulher letrada.

Não pressentiu, não adivinhou
aquela que o esperava
mesmo antes de nascer.

Indiferente
tomaste teu caminho
por estrada diferente.
Longo tempo o esperei
na encruzilhada,
depois... depois...
carreguei sozinha
a pedra do meu destino.

Hoje, no tarde da vida,
apenas,
uma suave e perdida lembrança.
(CORALINA, 2005).

ANEXO E – Textos produzidos pelos alunos

TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS QUANDO DO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DO BLOCO 5 DA PROPOSTA¹¹

TEXTO 1

Minha vida

Meu nome é Antônio Carlos Ribeiro da Silva, nasci em Jataí e vivi minha infância desde os seis anos de idade até os nove anos na fazenda com meus onze irmãos. Minha casa foi feita por nós mesmos, de palha na beira de um corguinho e quando a gente precisava das coisas tinha que ir nos vizinhos das outras fazendas, era uma vida muito sofrida agente vivia com muito pouco. A distância da fazenda que eu morava era de 185 km distante da cidade mais próxima e não tinha como estudar, pois era muito longe.

Mesmo ainda pequeno eu e meus irmãos tinha que ajudar meu padrasto com o serviço na fazenda, ele era muito ignorante e se não fizesse o serviço direito, eu apanhava. Quando chegou o conhecimento da nossa situação a mãe de meu padrasto mandou nos buscar com o caminhão da prefeitura, com toda nossa mudança e fomos para a cidade de Altas Garça.

Com 15 anos que eu comecei a estudar, todos os outros alunos ficava admirado por mim ver já rapaz começando aprende a ler, fiquei até um ano e meio estudando, depois tive que abandonar os estudo para ajudar no sustento da família. Tive que vender pão, vender picolé na rua e engraxar sapatos também, mas com muito orgulho era o que ajuda a manter o sustento de casa, o que eu conseguia levava e entregava todo o dinheiro nas mão pra minha mãe.

Com tudo o que passei aprendi a dar valor nas pequenas coisas, e corri atrás de uma vida melhor, me profissionalizei em plantação de lavoura e serviço pesado de fazenda, com isso hoje tenho minha casa própria, consegui comprar um fusquinha, consegui comprar uma casa para minha mãe e sustento minha família.

Texto produzido pelo aluno A03

¹¹ Os alunos A11 e A13 produziram textos orais; Os alunos A15 e A09 não fizeram, pois tinham faltado à aula e os alunos A20 e A17 não concluíram o projeto.

TEXTO 2

Eu quando era menino criança eu brincava de bola muito todos os dias. Os meus colegas me chamavam para jogar e chamavam também para andar de Bicicletamais tarde a minha mãe me chamava para tomar o remédio é né claro tem que tomar o dotor mandou mim é muito importante eu tomo a dia cedo e de tarde e a noite.

Eu parei de estuda banos e fiquei triste porque a minha mãe mandou e depois eu voltei a estudar e curti muito e gostei de todos Professores eles me adora muito e tem duas Professora querida é Maria Zibia e também Maria Auxidora.

Texto produzido pelo aluno A16

TEXTO 3

IDADE

Será que importa mesmo Na verdade, o que eu acho que importa mesmo é o amor. Por exemplo, meus avós, desde que eles se casaram nunca se separaram, porque casamento é para sempre, houve algumas desavenças, mas nada que afetou o relacionamento dos dois. A diferença de idade entre os dois é de dez anos, o que normalmente uma pessoa com “padrões” não aceitaria.

Então se você ama uma pessoa, mesmo com todas suas características boas e ruins, ame ela, ame muito, pois ela será a única que ficará ao seu lado para o que precisar.

Texto produzido pela aluna A05

TEXTO 4

Eu Elson nasci em Alto Araguaia tive parte de minha infância até os 5 anos morando em Cáceres tive trez irmãos duas meninas e um menino ao retornar a Alto Araguaia meus pais se separaram, minha mãe foi morar com minha vó em uma cidade chamada Xavantina com meus irmãos, fiquei morando com uma tia (Roxa). Onde a mesma me deu todo apoio e educação que pode reencontrei minha mãe após 10 anos já com 16 anos não quis acompanhala por não ter sido educado por ela não a reconhecia como mae, só mente aos 18 anos pude perdoála e procureia, mas continuei morar com minha tia, meu pai era ausente muito pouco nosso contato aos 24 casei tive uma filha fiquei casado por 17 anos, a mais ou menos 1 ano e cinco meses sofri um acidente onde perdi o braço passei por um processo de adaptação ao longo desse dias estive 25 dias UTI 120 enternado após a minha recuperação passei por um processo de separação há um ano e meio encontrei outra pessoa para fazer parte de minha vida hoje estou

bem e com essa pessoa que está ao meu lado espero tudo de bom em minha vida começando com o retorno a escola e se Deus me permitir farei faculdade com o apoio dessa nova namorada e dos filhos dela seremos felizes.

Texto produzido pelo aluno A06

TEXTO 5

Falando de mim

Eu sou Laerte, nasci 30 de setembro de 1966, no interior de uma pequena cidade na Bahia, de família humilde, único filho homem de uma família com três irmãs, que não fomos criados juntos, por um motivo ou tragédia, quando eu tinha três anos perdemos a nossa mãe, então fui morar com meus avós paternos, enquanto minhas irmãs com as tias maternas.

Sendo cuidado com muito carinho pelos meus avós, fui crescendo e ajudando a eles, sendo uma criança obediente., com o sonho de ser alguém na vida, enfrentava todos os dias a longa caminhada para a escola, incentivado pelos os meus avós é claro, sonhava me formar e ser médico, pensando assim, me encorajava mais na caminhada do dia a dia.

Assim como no mundo nem sempre é como a gente quer, e a decepções e frustrações faz parte da vida e ajuda a gente a amadurecer e melhorar como pessoa, mas a maior decepção não foi por não ter sido médico, é por não ter lutado mais pelos estudos.

E com esse exemplo, descobrir a importância de lutar pelo que eu quero, por isso, tomei coragem e voltei aos estudos, depois de mais de trinta anos, hoje me considero uma pessoa determinada, focada, até um pouco teimosa, mais utilizando ao meu favor, transformando ela em força de vontade e persistência.

Assim estou eu aqui, perto de conseguir o meu mais novo objetivo que é o ensino médio, trazendo neste momento uma das maiores alegrias da minha vida.

Isso é um pouquinho de como foi e como é a minha vida.

Muito obrigado.

Texto produzido pelo aluno A01

TEXTO 6

MINHAS LEMBRANÇAS

Desde muito pequena fui de lutar pelo que eu queria. Minha mãe diz que eu sempre fui a que mais teimosa das filhas dela, porque nunca deixei me passarem para traz e sempre tive uma resposta na ponta da língua, e assim eu venho tocando a minha vida.

Comecei a estudar tarde, por conta que morava na fazenda, fiz até a quinta série tive que parar para trabalhar de doméstica e ajudar meus pais na despesa de meus irmãos. Mudei para Goiânia para morar com uma patroa e quando engravidei tive que voltar pq ela não me quis mais na casa dela. Aqui continuei como doméstica, me casei com um homem bom, hoje tenho quatro filhos, e a primeira não é dele,

A gente lutou muito pra fazer nossa casa no terreno que a gente ganhou da prefeitura, mas hoje nossa casa é boa e bem estruturada, meus filhos todos estudam, e a mais velha tá fazendo faculdade de fisioterapia em Mineiros, e eu resolvi estudar pra ter melhor chance de subir na empresa onde eu trabalho hoje na limpeza, assim que aparecer vaga eu quero ir pra outro setor que ganha mais.

Eu só sei que eu não me arrependo de tudo o que eu passei, mas a hora que eu terminar meus estudos e melhorar meu salario quero ver se eu troco a minha moto por um carro.

Texto produzido pela aluna A14

TEXTO 7

Minha vida em revista

Nasce em uma cidadezinha com pouco mais de 1.900 habitantes no dia 31 de dezembro de 2.000, depois fui morar na fazenda dos meus avôs, cresci literalmente na roça, correndo no mato, tomando banho de rio e correndo de vaca brava. Com 8 anos me mudei pra minha cidade natal onde nasci com meus pais e minha irmã na época com 5 anos, na cidade fiz muitos amigos, milhares de colegas e vários inimigos. Quando fiz onze anos meus pais se separaram, fui embora pro estado de SP com minha mãe e minha irmã, fiquei dois anos sem ver meu pai, depois disso, decidi voltar pra casa aí fiquei 1 ano sem ver minha mãe e minha irmã. Depois de 1 ano elas decidiram voltar, daí fui morar com elas, vivemos 7 bons e longos anos juntos, depois disso o inferno veio à tona, um demonho em forma de padrasto entrou em nossas vidas destruindo tudo que avia de paz e amor que tinha na casa, com uma alma fria, calculista, bipolar e muito agressiva, depois de um ano vivendo nessa situação, ele descide mostrar sua verdadeira face, tocando e marcando o rosto da minha rainha, de forma indevida e covardemente, fora da minha presença, isso fez que meu ódio e minha força evontade de vingança alimentasse ainda mais, mas até lá sego morando em outro estado com minha mãe e embreve com a minha irmã

Texto produzido pelo aluno A04

TEXTO 8

Eu sou mais eu

Eu sou uma mulher vivida e experiente das coisa, já fiquei viúva duas vezes, e ninguém sabe a dor da gente perder um companheiro que a gente ama e que entende e ajuda a gente. Tive muita sorte de ter 2 maridos bom, trabalhador e ótimo pais de família. O primeiro era pai dos meus 4 filhos e o segundo pai dos 3 mais novo. Eu não estudei porque eu morava naraça quando era pequena e depois que euvim pra cidade tive que casa logo porque eu engravidei e meu pai não aceitava filha barriguda sem casa dentro da casa dele, com 15 anos, eu mal sabia ler e escrever e já tavacuidando de um filho e grávida do outro. Era difícil pro meu marido, então eu passei a ajuda minha mãe a lava roupa no rio pros outro pra ajudar nas despesas de casa, e assim comecei a pegar outras friguissias. Trabalhei nisso por 11 anos até que arrumei emprego pra lavar roupa no asilo. Era muito melhor e eu trabalhava na sombra e ganhava mais. Depois de 7 anos meu marido caiu do trato na fazenda onde ele trabalhava e morreu, e eu fiquei com os 4 filhos pra cria, um moço que trabalhava de guarda no asilo gostou de mim e disse que ia me ajudar com os mininos meus, e eu ajuntei com ele, tive mais 3 filhos e ele deu um infarte fuminante e também morreu, eu decidi q não ia mais mexecom homem, meus filho foi crescendo e casando e tem dois anos que a solidão bateu forte e o pastor da minha igreja achou que era bom eu me casa com o irmão Belmiro, já que ele também era viúvo soltero e sozinho. Nós converso e deu certo de casa no civil. Agora to estudando no EJA para passar o meu tempo e para aprende mais, mais tá difíl porque a matemática não entra na minha cabeça, mais eu vou vence porque toda dificuldade eu luto pra vence.

Texto produzido pela aluna A12

TEXTO 9

A história da minha vida

Meu nome é Dara, tenho vinte e dois anos. Tenho duas filhas lindas, minhas princesas Nicolly e Helloisa. Venho de uma família muito doida, muito huilde e muito alegre. Temos altos e baixos, mas afinal qual família não tem problemas. Tenho sete irmãos.

Minha vó me pegou pra criar desde bebê porque minha mãe foi internada. Quando completei doze anos fui morar com a minha mãe, então conheci a vida dura de trabalhar.

Conheci meu ex marido quando eu tinha treze anos, foi muito louco porque ele e minha mãe tinham um caso e eu só fiquei sabendo quando estava grávida que no caso eu tinha quatorze anos. Então eu apanhava praticamente todo dia da minha mãe, mas não sabia o porquê. Só então ela me disse. Mas sabe aquela adolescente apaixonada cega de amor, era eu. Eu não dei o braço

a torcer então continuei com ele deu maior rolo minha mãe queria me dar até remédio de aborto. Daí eu acionei o conselho e deram minha guarda pro meu ex marido. Pior burrada da minha vida, mas é assim mesmo, vivendo e aprendendo.

Quando estava casada grávida apanhava feito condenada. Acho que naquele tempo eu nunca me amei de verdade só via ele, e não tinha coragem de largar.

Sempre trabalhei para ajudar em tudo em casa fiz até o que não devia pra arrumar dinheiro pra colocar dinheiro em casa porque o ex era meio difícil de serviço.

Quando que mudei pra Santa Rita fiquei ainda dois anos obsecada achando que era amor como dizem aqui também comi o pão que o diabo amassou até que quando comecei a ficar sozinha em casa me dei conta o tanto de tempo que eu perdi . não arrependo de ter minhas filhas mas de ter casado sim.

Hoje eu sei o valor que eu tenho, sei o quanto eu tenho capacidade de cuidar de mim e das minhas filhas, sei que eu preciso de Deus.

E essa é um pouco da minha vida, eu amo Deus, amo minhas filhas e me amo.

Texto produzido pela aluna A07

TEXTO 10

Minha história

Eu sou uma pessoa muito simples, gosto muito da verdade e da sinceridade, fui criada na roça, e de lá só vim pra cidade com 10 anos pra estudar, minha mãe era uma mulher muito séria, da igreja Assembléia de Deus, ela levava a gente pra igreja e não deixava a gente brincar com os vizinho, na escola eu tive muita dificuldade porque sempre fui vergonhosa e isso me atrapalhou e atrapalha ainda hoje, tive que parar de ir na escola porque comecei a trabalhar de babá numa fazenda aqui pertinho, ia no domingo e voltava na sexta, era muito sacrificado porque a hora que a criança dormia eu tinha que lavar as roupa de todo mundo e dos pião e tinha que lavar as vasilha do almoço que era panela pesada. Depois de 3 anos eu quis sair do emprego e minha mãe deixou porque eu ia pro rio ajuda ela com as freguesia de roupa, eu ajudava cedo e estudava de tarde.

Comecei namora com um pedreiro vizinho nosso e logo casei com ele, o nome dele é Francisco, ele me batia porque eu não fazia as coisa direito, tenho com ele 3 filhos. As coisa foi melhorando e hoje ele não é mais tão violento, mas hoje moramos na mesma casa, mas em quarto separado. Faz 2 anos que eu faço o EJA, sou doméstica da área de faxina, e quero terminar meus estudos pra fazer um concurso de limpeza.

Texto produzido pela aluna A08

TEXTO 11

Eu superei

Eu passei por muita coisa na vida

Muita luta, suor

Muita dificuldade sofrida

Um dia pensei em desistir

Pois não valia a pena essa vida

Chorei

Amei

Sofri

Por quantas decepções eu passei

Quantas lagrima derramei

Quanto me desperei

Até que um dia percebi

Que a mudança começava aqui

Aqui no meu coração

Deixei de sofrer em vão

Passei a me valorizar

Desde então

E essa resposta eu só entrei

Através da educação

Texto escrito pelo aluno A02

TEXTO 12

Passagem da minha vida

Eu vou contar uma pequena passagem da minha vida que me serviu de lição, isso aconteceu quando eu tinha us 17 anos de idade, e precisava estudar e trabalhar pra ajudar meus pais, eu tinha dó dever eles trabalhado tanto para criar eu e meus irmãos, e a vida já num era fácil naquele tempo, só tinha serviço de fazenda e eu num queria abandonar os estudos. Então sentei pra pensar e vi que tinha um jeito, eu podia vende verduras na rua durante o dia e estudar durante a noite, e assim eu fiz, mesmo sem ter idade, deram um jeito pra mim, eu consegui estudar até a sexta série, mas daí eu precisei ganhar mais e fiquei viajando e montando barracão em fazendas, hoje eu sou profissional disso. Depois que eu me acidentei e tive que parar daí voltei pra escola pra fazer o EJA e concluir meus estudos.

Texto produzido pelo aluno A19

TEXTO 13

Minha vida

Eu sou uma mulher que desde cedo aprendeu a lutar pela vida trabalhando duro na cozinha dos outros, aos 12 anos eu arranjei meu primeiro emprego de doméstica, eu limpava a casa de uma senhora muito rica e sua família. Eles eram bom pra mim, me dava as coisa pra mim levar pra minha casa e ajudar na despesa de casa. Só saí de lá por motivo de doença, eu tive uns problema de saúde e tive que tratar, lá eu arrumava a cozinha de almoço e ia pra escola estudar de tarde, os meninos dela gostava muito de mim.

Quando eu melhorei ela já tinha outra pessoa, então eu fui trabalhar numa chacinha de uns parente. Lá conheci um moço bem legal que se chama Alexandre e namorei com ele até a gente ir morar junto. Não tivemos filhos, pois eu tenho problemas de endometriose. Hoje moro eu e ele junto com minha mãe pra cuidar dela. Assim é minha vida.

Texto produzido pela aluna A18

TEXTO 14

Sempre que passo na rua daquela casa amarela recordo do meu passado e fico a imaginar o que seria de mim se eu tivesse tomado outro rumo pra minha vida, meus caminhos eram tão poucos e a estrada foi tão difícil, depois que fui pra Minas trabalhar com dona Celina passei 6 anos sem voltar pra ver minha família. Quando voltei meu pai tinha falecido, meus irmão tinha saído de casa, minha irmã mais nova com 2 filhos no colo, sem casar, vivendo da pensão da

mãe. Resolvi não voltar pra cuidar da minha mãezinha. Porque mãe a gente tem apenas uma. Comecei a fazer minhas roscas e pão pra vender e com isso ajudava na despesa, foi difícil mas a gente foi vencendo.

As crianças cresceram, minha irmã deixou eles comigo e foi morar com um moço em outra cidade, eu criei como se fosse filhos meu. Preferi dar estudos pra eles e só agora voltei pra terminar os meus.

Depois que a mamãe faleceu eu vendi a casa porque ficou muito triste sem ela lá, e comprei outra com um ponto pra vender as roscas e pães.

Meus meninos hoje tá tudo formado, cada um na sua casa, eu hoje trabalho na panificadora Bom dia, e tô namorando um rapaz muito bom pra mim. Acho até que vamos se casar.

Mas primeiro eu quero terminar meus estudos.

Texto produzido pela aluna A10



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS**

ELIZÂNIA RODRIGUES OLIVEIRA

CADERNO SUPLEMENTAR

**PELOS BECOS DE GOIÁS, POEMAS DE CORA CORALINA NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS: LAÇOS ENTRE O LIDO E O VIVIDO**

Uberlândia/MG

2020

Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas. Muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove. E isso não é coisa de outro mundo, é o que dá sentido à vida. Cora Coralina (Fonte: <https://www.recantodasletras.com.br/mensagens/1423994>. Acesso em: 20 mar. 2020.)

APRESENTAÇÃO

“Feliz aquele que transfere o que sabe
E aprende o que ensina.” Cora Coralina
(Fonte: <https://www.pensador.com/frase/NTYz/>. Acesso em: 20 mar. 2020.)

Caro colega, PROFESSOR!

Apresentamos-lhe este caderno suplementar, contendo uma proposta didática de leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina, que foi desenvolvida com uma turma do 8º ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em um curso noturno, de uma escola pública no Estado de Goiás. Tal proposta pode sofrer adaptações de toda e qualquer natureza para adequar-se às necessidades do professor que se sentir motivado a aplicá-la em seu contexto.

O estudo proposto justifica-se por várias razões. Primeiramente, porque, em uma pesquisa bibliográfica, identificamos que alguns estudos já foram direcionados à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e ao trabalho com a literatura, em especial com os poemas de Cora Coralina, mas que ainda não há um estudo centrado nos objetivos que propomos e desenvolvido com base nos aportes teórico-metodológicos que sustentam nossa proposta. Nesse sentido, nossa pesquisa mostra-se relevante e pertinente.

Com esse levantamento, identificamos trabalhos como o de Anjos (2013) que faz um levantamento bibliográfico dos poemas de Cora, buscando analisar as representações da autora e um levantamento historiográfico e literário dos poemas da escritora, procurando identificar as características comuns aos poemas modernistas de Bandeira e Drummond; o de Pereira (2009), no qual a autora analisa a obra de Cora Coralina, sob a ótica da superação pessoal dos problemas existenciais abordados em seus poemas, por meio de uma leitura crítica e reflexiva; e o trabalho de Dias (2008), no qual a autora discorre sobre as representações de Cora Coralina e as vozes presentes em seus poemas, fazendo um estudo aprofundado sobre suas reminiscências, mas não de maneira crítica, apenas enumerando e caracterizando-as.

Todos apresentam uma contribuição significativa, no tocante ao trabalho com a literatura e com os textos de Cora, mas evidenciam ainda lacunas e possibilidades de investigação voltadas para o texto literário, especialmente de Cora Coralina, na EJA.

Em segundo lugar, nosso estudo se justifica porque acreditamos que o material disponível na Rede Pública de ensino deixa lacunas que se tornam intransponíveis, caso o professor tenha como suporte apenas um dos livros didáticos disponibilizados pelo MEC. Durante a nossa trajetória profissional, não conseguimos encontrar um material que abarcasse

as possibilidades de análise crítica em consonância com a pedagogia dos multiletramentos. Talvez, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) possa contribuir para uma proposta de multiletramentos, no entanto, ela só será implantada em 2020, e ainda não temos resultados de sua implantação.

Assim sendo, percebendo que as aulas de LP da EJA precisam promover o desenvolvimento da competência discursiva dos estudantes, desenvolvemos esta pesquisa, em que apresentamos esta proposta didática centrada na leitura e análise dos poemas de Cora Coralina, para ampliar o repertório linguístico-discursivo dos alunos, explorar as especificidades do texto literário¹², e para possibilitar um espaço de reflexão sobre as representações construídas no texto literário e sua relação com o modo como os alunos da EJA representam o mundo e se identificam.

Acreditamos que os professores de LP devem sempre ter em mente que não se deve desvincular o ensino da língua do ensino de literatura, uma vez que as duas são associadas e não há como desvincular uma da outra em quaisquer níveis da Educação Básica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais¹³ (BRASIL, 1998), doravante PCN, preconizam que não se deve separar o ensino de língua portuguesa do ensino de literatura, sob pena de tornar o ensino ineficiente. O ensino da língua desenvolvido conjuntamente com a literatura vai proporcionar, além de uma aprendizagem significativa, possibilidades de reflexão crítica.

Além disso, observando as especificidades da EJA e a constituição dos seus alunos, podemos perceber que se trata de um curso noturno que atende aos operários da construção civil, empregadas domésticas, aposentados, vendedores de picolé, desempregados, cabeleireiros, manicuras, donas de casa, aposentados, trabalhadores de modo geral. Desse modo, compreendemos que o ensino de LP ofertado a esse público não pode se limitar a conteúdos relativos à análise linguística, mas deve lidar com valores, perspectivas de emancipação pessoal e social, percepção da realidade circundante, tornando-se uma educação que possibilite o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos.

No tocante à escolha da autora, Cora Coralina, ela se deu por considerarmos que Cora é uma das poetisas mais reconhecidas da Literatura Brasileira, por ser goiana, mulher simples e

¹² Podemos classificar um texto como literário ou não, pela forma de linguagem e a apresentação dos fatos evidenciados no texto. Assim classificaremos como texto literário aquele que é apresentado em uma linguagem pessoal, evidenciando as emoções, os valores, a subjetividade do autor e o emprego do lirismo. Já o texto não-literário, é aquele que tem função utilitária, ou seja, é objetivo, direto e real, e tem como característica principal a linguagem referencial. (TRINCONI, 2017, p. 32).

¹³ Os PCN constituem-se de uma coletânea de livros que servem como balizadores de como deve se dar o processo ensino-aprendizagem que fazem parte dos currículos estudados nas escolas brasileiras.

humilde, que escreveu sobre o cotidiano de sua vida humilde em Goiás, e até hoje inspira gerações com sua linguagem única e peculiar. Apesar de ter tido sua primeira obra publicada, pela primeira vez, apenas aos 75 anos de idade, Cora já escrevia desde os 14 anos e acumulou um belo acervo de poemas contos e outros escritos. Ainda a escolhemos, pelo fato de seus poemas terem grande relevância social, pois suas obras são objetos de reflexão sobre o papel da mulher, sobre a opressão, sobre as questões que atrapalhavam seu reconhecimento como poetisa, sobre a luta da mulher para conciliar as obrigações domésticas com a carreira profissional e os estudos.

Enfim, por todas as lutas e dificuldades que ela passou e venceu, tornando-se um exemplo de superação, que volta a estudar tardiamente e desabrocha como poetisa no sertão do Estado de Goiás, servindo de exemplo e inspiração para jovens, adultos, idosos vencerem suas batalhas do dia a dia.

Cora era uma doceira que sabia muito bem aproveitar a vida (em muitos momentos, ela acreditava ser melhor doceira do que poetisa), valorizar a juventude e, aparentemente, criticava o formalismo exagerado da norma culta da língua, como se pode observar em seu livro: Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais, no qual ela critica, em algumas passagens, a preocupação excessiva dos críticos literários com os aspectos formais do poema. Nessa mesma obra, percebe-se que ela era a favor da linguagem simples do povo e do sabor da palavra em sua pureza, como se pode notar também em vários outros poemas.

O contato dos estudantes da EJA com os poemas de Cora Coralina é de fundamental importância porque a temática desenvolvida pela autora se entrelaça perfeitamente com nossos alunos, público da EJA, uma vez que se trata de pessoas adultas, que vivem no interior do país e têm, tal qual a autora, uma infância sofrida, uma vida adulta de muita luta para criar seus filhos e exercer sua profissão. Por assim ser, tomando contato com esse universo, acreditamos que os estudantes se identificarão com a autora e, por conseguinte, perceberão que somos os agentes responsáveis por escrever nossa própria história e essa se constrói no cotidiano de vivência pessoal e social, ainda que não devemos desistir de nossos ideais, por mais difícil que pareça a jornada.

Percebemos que os poemas de Cora, além de mostrarem a realidade do povo humilde goiano, também deixam um rastro de esperança para aqueles que lutam, pois inspirados em seu exemplo de mulher trabalhadora, acreditamos que os alunos sentir-se-ão motivados a se esforçarem cada vez mais, para conquistarem seus objetivos.

A experiência de resgatar a simplicidade de Cora fará com que os alunos vivenciem momentos singulares ao estudar esses poemas, porque a escola é espaço privilegiado para tal

ação educativa, investigações, intervenções e promoções de mudanças sociais, pois no ambiente escolar, o fazer pedagógico e o discurso do professor podem promover uma educação libertadora sustentada no diálogo, e na interação com os textos estudados (FREIRE, 1987).

Como afirma Cosson (2012) o texto literário é essencial aos estudantes, ele assevera que o ensino de literatura ajuda a contemplar o processo de letramento literário e, além disso, proporciona experimentar o mundo por meio da palavra, além de envolver saberes e experiências. Cosson (2012) também diz que a literatura possui um papel humanizador e seus textos são capazes de dizer o que não sabemos expressar. Nessa perspectiva, é papel do educador levar aos estudantes a literatura, pois ela é capaz de promover transformações na vida dos estudantes, por meio da leitura.

Considerando o exposto, e o que se preconiza nas orientações curriculares da área de LP, acreditamos que nossa proposta de pesquisa faz-se relevante, porque entendemos que uma questão decisiva para o trabalho na EJA é o fato de os alunos serem capazes de analisar criticamente vários textos com os quais tomam contato, de relacioná-los ao que vivem e de, a partir da leitura e análise desses textos, serem capazes de falar de si e de escrever sobre si e sobre vários temas sociais.

Essa autora foi escolhida, primeiramente, por ser goiana, depois por ser de origem humilde, por ser exemplo de pessoa forte, que luta para superar as suas dificuldades, por ter fé e esperança nos jovens, na ciência, por acreditar que as coisas sempre caminham para um estágio de melhoria constante, por ter vivido intensamente, por ter buscado o seu empoderamento recorrendo ao poder emancipador da educação. Enfim, ela foi escolhida por ter deixado como legado uma vasta coleção de poemas com os quais, facilmente, nossos alunos conseguiram estabelecer laços de identificação, concomitantemente ao sentimento de representação de si como seres em construção.

Cientes da necessidade de o professor de Língua portuguesa provocar seus alunos a produzirem textos de qualidade, utilizando metodologias fáceis de serem desenvolvidas e adaptáveis a qualquer nível da Educação básica, elaboramos este material com atividades a serem aplicadas em sala de aula.

Cabe ressaltar que este caderno suplementar, com atividades pedagógicas, está vinculado à dissertação intitulada **Pelos becos de Goiás, poemas de Cora Coralina na Educação de Jovens e Adultos: laços entre o lido e o vivido** produzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia (Profletras – UFU), sob a orientação da professora doutora Maria Aparecida Resende Ottoni.

Felicitações!

Profa. Mestra Elizânia Rodrigues Oliveira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	197
2 PROPOSTA DIDÁTICA DE LEITURA E ANÁLISE DE POEMAS DE CORA CORALINA	203
2.1 Detalhamento da Proposta Didática de leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina	207
2.2 Bloco 1: Apresentação da proposta.....	207
2.3 Bloco 2: Motivação	211
2.4 Bloco 3: Introdução	213
2.5 Bloco 4: Leitura, interpretação e intervalo de leitura.....	219
2.6 Bloco 5: Leitura / Interpretação / Produção oral e escrita	228
2.7 Bloco 6: Culminância do Projeto	235
2.8 Bloco 7: Avaliação da proposta didática de leitura e de análise de poemas de Cora Coralina	237
3 PALAVRAS FINAIS.....	238
REFERÊNCIAS	239
ANEXO A - Biografia de Cora Coralina	240
ANEXO B - Poemas selecionados de cora coralina.....	243

1 INTRODUÇÃO

“Não há ensino sem pesquisa
nem pesquisa sem ensino.”
(FREIRE,1996, p. 32)

Caro professor, o material que você tem em mãos é o resultado de uma longa caminhada que nos dispusemos a empreender, juntamente com minha professora orientadora Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni, ante a exigência de desenvolver um trabalho de pesquisa e elaboração de material didático, na área de linguagens, direcionado ao Ensino fundamental, para conclusão de curso, no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (Profletras - UFU).

Para mais que uma obrigação, esta proposta didática é fruto de nossas inquietações e insatisfações ao percebemos a forma equivocada como o ensino de Língua portuguesa, principalmente, no tocante ao desenvolvimento da competência leitora, vem sendo desenvolvido nas escolas brasileiras, ainda hoje. Ensino que privilegia o estudo das estruturas sintáticas, sem nenhuma reflexão crítica acerca de todas as categorias que constituem um idioma.

Enquanto ensinamos, vamos percebendo as práticas que oferecem bons resultados e observando aquelas que precisam ser abolidas ou reinventadas. Assim, analisando os índices das avaliações externas, tanto nacionais quanto internacionais, percebemos que, se quisermos que nossos alunos alcancem melhores pontuações no que se refere ao eixo da leitura, devemos propor estratégias de ensino de língua que de fato favoreçam a construção de aprendizagens sólidas e críticas para que se caracterizem como leitores proficientes.

Concordamos com Freire (1997), quando ele diz que "não há ensino sem pesquisa, nem pesquisa sem ensino", pois, enquanto professores, somos também pesquisadores sociais que, observando a realidade, buscamos direcionamento nos teóricos com os quais nos identificamos, formulamos a pesquisa, aplicamos e analisamos seus resultados, para só então oferecermos o produto à parcela da sociedade à qual o experimento se destina.

Assim, compreendemos que, por natureza, todo professor é um pesquisador em potencial, e o resultado de toda pesquisa educacional deve ser compartilhado com os colegas de profissão. Nessa direção, apresentamos uma proposta didática de intervenção, centrada na leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina e no diálogo desses poemas com experiências de vida de alunos da Educação de Jovens e Adultos, fruto de nossa pesquisa. Dentre tantos poetas célebres, elegemos nossa conterrânea Cora Coralina, para com ela nos deleitarmos com a beleza de sua poesia, enquanto desvendamos os mistérios e encantos que se escondem "Pelos becos de Goiás."

A pesquisa da qual esta proposta foi originada é norteada pelos seguintes objetivos específicos:

8. Investigar como uma proposta didática de leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina pode contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos, para o estabelecimento de relações entre o lido e o vivido e para a fala e escrita de si;
9. Conhecer a biografia de Cora Coralina assim como o contexto social no qual está inserida e relacionar à biografia dos alunos da EJA;
10. Identificar as características do gênero poema, destacando as especificidades do texto literário;
11. Perscrutar como Cora Coralina representa discursivamente sua infância, a vida, e como se identifica em seus poemas;
12. Analisar e discutir essas representações e identificações, a partir das marcas linguístico-discursivas que as materializam no texto;
13. Perquirir como os alunos se identificam e como representam discursivamente sua infância, a vida, o cotidiano com todas as suas dificuldades e conquistas;
14. Produzir textos criativos sobre as experiências de vida dos alunos.

Para atingir esses objetivos, apoiamo-nos em pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003), em estudos sobre multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2000; ROJO 2009; ROJO 2012; ROJO; BARBOSA, 2015), letramento (KLEIMAN, 1995; SOARES, 2004), letramento literário (COSSON, 2012, 2014 a, b) e sobre o gênero poema (PERFEITO, VEDOFATO, 2011).

Sobre esses pressupostos e estudos, tecemos breves considerações aqui, para que você, professor, possa ter uma noção geral sobre eles.

Com relação à Análise de Discurso Crítica, segundo Fairclough:

é muito mais uma teoria que um método, ou melhor, uma perspectiva teórica sobre a língua e, de uma maneira mais geral, sobre a semiose (que inclui a linguagem visual, linguagem corporal, e assim por diante) como um elemento ou momento do processo social material (WILLIAMS,1977), que dá margem a análises linguísticas ou semióticas inseridas em reflexões mais amplas sobre o processo social.(FAIRCLOUGH, 2012, p. 307).

A ADC compreende que a vida social é constituída de práticas sociais e se volta para investigações sobre essas práticas. Estas são concebidas “modos habituais de ação social, ligados a um espaço e tempo particulares, nos quais as pessoas aplicam recursos (material e simbólico) para agir juntas no mundo¹⁴” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 21), e são constituídas de diferentes elementos, a saber: a atividade material, as relações sociais, o poder, as instituições, os fenômenos mentais (crenças, valores, desejos) e discurso/semiose¹⁵. Assim, Chouliaraki e Fairclough (1999) concebem o discurso/semiose como um dos elementos das práticas sociais.

Nessa perspectiva, Fairclough (2003) explica que o discurso/semiose figura de três modos nas práticas sociais: como modos de (inter)agir, como modos de representar e como modos de identificar e, nesse sentido, propõe a análise de três significados: acional, representacional e identificacional. O significado acional relaciona-se aos modos de agir e de interagir nos eventos sociais – os gêneros discursivos -; o significado representacional relaciona-se aos modos de representar diferentes aspectos do mundo – os discursos -; e o significado identificacional relaciona-se aos modos de ser, de identificar – os estilos.

Em nossa proposta, além de contemplarmos aspectos relativos ao gênero discursivo poema, exploramos como Cora Coralina representa discursivamente sua infância, a vida, como se identifica em seus poemas e como os alunos se identificam e representam discursivamente sua infância, a vida, o cotidiano com todas as suas dificuldades e conquistas, estabelecendo uma relação entre o lido e o vivido.

No tocante aos multiletramentos, o termo focaliza duas mudanças importantes e correlacionadas, conforme explicam Cope e Kalantzis (2000). A primeira refere-se ao crescimento da importância dada à diversidade cultural, isto é, em um mundo globalizado, precisamos entender e negociar diferenças e mudanças cotidianamente. A segunda trata da influência da linguagem das tecnologias, em praticamente todas as atividades humanas, especialmente da multiplicidade semiótica. No Brasil, Rojo argumenta:

¹⁴ Tradução de Ottoni (2007).

¹⁵ Conforme Ottoni (2007, p. 21), “O termo 'semiose' se refere a signos, que incluem palavras e imagens (cf. Kress, e Van Leeuwen, 1996 e Chouliaraki e Fairclough, 1999)”.

trabalhar com Multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e informação (“novos letramentos”), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (...) ou desvalorizados (...). (ROJO, 2012, p. 08).

Sobre o letramento literário, Cosson (2012, p. 12) argumenta que “o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio”.

Considerando que o uso da leitura literatura literária pode potencializar o desenvolvimento da criticidade dos alunos, proporcionando um ensino significativo e eficaz, concordamos com o pensamento de Cosson ao afirmar que,

[..] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2012, p. 23).

Ainda segundo Cosson (2012), o trabalho com a leitura literária deve ser efetivado de modo a contemplar a antecipação (postura do leitor antes de tomar contato com a obra); a decifração (leitura efetiva da obra), e a interpretação (momento de contextualizar e fazer inferências na obra), estes três tipos de aprendizagens são imprescindíveis para a formação de um leitor literário crítico, consciente e participativo nos destinos da sociedade. Para esse trabalho, Cosson (2012) propõe, dentre outras possibilidades metodológicas, a sequência básica, que é composta por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

- ✓ **Primeiro Passo: Motivação:** consiste na preparação do aluno para receber o texto. Deve se dar de forma lúdica, interessante, deve ser uma encarada como uma forma de estimular os alunos a ficarem curiosos para ler o texto.
- ✓ **Segundo passo: Introdução:** momento de apresentar aos alunos o autor e a obra e de explorar os elementos pretextuais do livro como capa, contracapa, prefácio e introdução, expondo as principais informações sem prolongar muito nos detalhes.
- ✓ **Terceiro passo: Leitura:** leitura do texto em si, com o acompanhamento do professor que deverá estar atento ao surgimento de dificuldades de qualquer natureza. Deverá o professor, também, utilizar-se de variadas estratégias de leitura objetivando o levantamento de inferências, a proximidade com o texto, a interpretação, e ainda que ela seja atrativa e prazerosa.

- ✓ **Quarto e último passo: Interpretação:** essa etapa se dá em dois momentos, o interior e o exterior. O momento interior é aquele que parte da decifração do íntimo do leitor, ou seja, é quando há o encontro do contexto do leitor com as ideias veiculadas pela obra, que deve ser feita de maneira direta, podemos denominá-la de interpretação pessoal. Já o momento exterior é quando o aluno constrói os sentidos da leitura por meio das interações discursivas realizadas com outras pessoas que também conhecem a obra, essa interação pode fazer com que o leitor reforce sua interpretação ou, pelo contrário, que reformule sua forma de ver e entender as ideias e conceitos veiculados pela obra. Importante ressaltar que toda atividade interpretativa deve ser feita objetivando a sua externalização, para que favoreça a confirmação ou a refutação das convicções do leitor. É o momento de se fazer considerações críticas e reflexivas com a mediação do educador. Importante ressaltar que, em conformidade com os objetivos, esse passo pode ser desenvolvido concomitante aos anteriores.

Cosson (2012, 2014) leva-nos a perceber a importância do trabalho com literatura em sala de aula, para que as práticas de letramento literário se tornem proveitosas, pois elas estão ligadas à concepção de saberes culturais e sociais, provocando a ampliação do universo do leitor em todos os campos tratados nos gêneros literários.

No que concerne ao gênero, apoiamo-nos também em Bakhtin (2003), para quem

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seu tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

E quanto ao gênero poema, Perfeito e Vedovato (2011) sintetizam, em um quadro reproduzido a seguir, as suas características, levando em conta os elementos constitutivos dos gêneros, seguindo Bakhtin (2003).

Quadro 1 – Características do gênero poema

Contexto de produção	Produtor: é representado sempre pelo papel social do poeta;
	Destinatário: varia de acordo com os objetivos do autor;
	Suporte: livros, revistas, internet, materiais didáticos diversos, entre outros
	Contexto histórico e pessoal: normalmente influencia a forma-linguagem empregada, bem como o arranjo do poema.
A construção composicional	Apresentação: organização em versos, estrofes, rimas ou em versos brancos e /ou livres. Pode respeitar, em casos específicos, a metrificação. O ritmo é marcado pela relação do poeta com o seu contexto. Assim pode pulsar desenfreado no Modernismo ou pode se apresentar de modo marcado como proposto pelos estudos literários tradicionais.
O conteúdo temático	Variável.
As marcas linguístico-enunciativas	Figura de linguagem e pensamento; forte presença de elementos fonéticos/ efeitos sonoros de linguagem. Preocupação com a construção visual. Possível emprego de neologismos, de utilização de palavras-imagem e de paralelismo sintático.

Fonte: Perfeito e Vedovato (2011, p. 251).

Todos esses elementos são levados em conta no trabalho com o gênero em nossa proposta. Ao elaborarmos e aplicarmos uma proposta centrada na leitura e análise crítica de poemas de Cora, sob a égide da ADC, da pedagogia dos multiletramentos e do letramento literário, nosso propósito é propor uma mudança na forma de lidar com o desenvolvimento das habilidades leitoras dos estudantes da EJA, por meio da configuração de um novo "trato" com a leitura e a produção textual.

Nossa proposta, convida você, professor (a), a valorizar mais as práticas de linguagem contemporâneas que são cada vez mais multissemióticas e multimidiáticas, bem como valorizar as novas formas de produzir, configurar, disponibilizar, replicar e interagir em ambientes reais ou virtuais, por meio da comunicação oral, escrita ou híbrida, considerando incessantemente a linguagem como produto das práticas sociais que se materializa por meio de múltiplas formas de interação discursiva. As atividades propostas por nós objetivam a formação de leitores\produtores ávidos e assíduos, capazes de estabelecer conexões entre o lido e o vivido, numa relação de simbiose com o texto, refletindo sobre as ideologias presentes nos discursos que permeiam a sociedade, lutando sempre contra a segregação imposta pelos discursos hegemônicos.

Por fim, professor, nossa proposta pedagógica de leitura de poemas selecionados de Cora Coralina, além de ser eficiente, eficaz, ao que se propõe, também é altamente adaptável e simples de ser desenvolvida. Ademais, ela pode se tornar uma forma prazerosa de se explorar a leitura crítica e a escrita com qualidade dos aprendizes, tornando-se uma constante em sala de aula.

Professor, os resultados da pesquisa, da qual esta proposta é parte, evidenciaram que ela possibilitou aos alunos que estudam na EJA a oportunidade de participarem de práticas sistematizadas de leitura, de oralização e de análise crítica de poemas de Cora Coralina, o que contribuiu para: a aproximação dos discentes do texto literário; o desenvolvimento da capacidade de análise crítica de poemas, atentando-se para as especificidades do gênero, para as escolhas linguístico-discursivas e para as diferentes representações do mundo e identificações que elas constroem; o estabelecimento de relações, pelos participantes, entre o que leem e o que vivem; a reflexão sobre como representam o mundo, como se representam e se identificam.

2 PROPOSTA DIDÁTICA DE LEITURA E ANÁLISE DE POEMAS DE CORA CORALINA

Figura 1 – Cora Coralina



Fonte: <https://www.revistaprosaveroarte.com/cora-coralina-poemas/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Nesta seção, apresentamos a proposta didática de leitura e de análise crítica de poemas de Cora Coralina. Ela foi elaborada de acordo com as Orientações Curriculares do Estado de Goiás, para ser aplicada em uma turma de 8º ano da EJA, durante o horário regular das aulas de Língua Portuguesa, em uma escola estadual de Santa Rita do Araguaia-Goiás, onde a pesquisadora mestranda leciona, regularmente.

A proposta de leitura e de análise crítica está pautada em pressupostos da pedagogia dos multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2000; ROJO; MOURA, 2012; ROJO, 2013), da

Análise de Discurso Crítica - ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003) e do letramento literário, especialmente na sequência básica (COSSON, 2012).

A seguir, apresentamos um quadro de organização das atividades a serem desenvolvidas na proposta. Conforme explica Cosson (2012), a sequência básica deve ter 4 passos, a saber: Motivação, Introdução, Leitura e Interpretação.

Na proposta, composta por sete blocos, articulamos a sequência básica, a pedagogia dos multiletramentos e a ADC. No bloco 1, temos a apresentação da proposta didática. Do bloco 2 até o bloco 5 exploramos os 4 passos da sequência básica de Cosson (2012), articulada com a ADC e com a pedagogia dos multiletramentos. Os blocos 6 e 7 correspondem à culminância do desenvolvimento da proposta e à avaliação do trabalho, respectivamente.

Quadro 2 - Organização das atividades a serem desenvolvidas na proposta

BLOCO	FOCO DO BLOCO	NÚMERO DE AULAS
Bloco 1: Apresentação Apresentação da proposta.	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar a proposta didática de intervenção aos alunos, explicando como ocorrerá e seus objetivos. • Aplicar o questionário de sondagem. • Construir o diário de leitura orientada. 	02 aulas de 50 minutos. Aulas 01 e 02.
Bloco 2: Motivação Neste momento, os alunos terão o primeiro contato com a poetisa que será estudada; pretende-se que seja um momento de encantamento e magia para que os alunos se sintam motivados a participarem do projeto com dedicação e entusiasmo.	<ul style="list-style-type: none"> • Solicitar que os alunos declamem o poema: Aninha e suas pedras. • Projetar <i>slides</i> sobre momentos da vida de Cora Coralina; • Conversar informalmente sobre Cora Coralina (levantamento de conhecimentos prévios); • Fazer anotações nos diários de leitura orientada. • Degustar os doces apresentados. 	02 aulas de 50 minutos. Aulas 03 e 04
Bloco 3: Introdução Esse será o momento de conhecer detalhadamente a vida e a vasta obra de Cora Coralina, desde o seu nascimento até a sua morte, sua produção literária e sua importância para a	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar <i>slides</i>, evidenciando a vida de Cora Coralina em uma linha do tempo. • Apresentar a obra física: Vintém de cobre, enfatizando a capa, contracapa, prefácio, introdução e poemas contidos na referida obra. 	03 aulas de 50 minutos cada uma. Aulas 05, 06 e 07.

<p>literatura goiana e brasileira, além de conhecer as especificidades do gênero.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • (Re)conhecer o gênero poema. • Identificar as características do gênero poema. • Assistir a um documentário sobre a vida de Cora Coralina. • Apresentar os poemas que serão trabalhados na execução do projeto (Aninha e suas pedras; Amigo; Ofertas de Aninha; Assim eu vejo a vida; Mascarados e Mãe). • Anotar as descobertas nos diários de leitura orientada. 	
<p>Bloco 4: Leitura /Interpretação Momento de fazer as leituras para compreender, identificar sentidos, inferir significados e registrar impressões. Conhecendo um museu online.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Acessar o <i>site</i> indicado, juntamente com os alunos participantes da proposta para leitura e análise das informações contidas nele. • Registrar as informações novas e importantes colhidas no <i>site</i>, pelos alunos, no diário de leitura orientada. • Sugerir que os alunos divulguem em suas redes sociais o <i>link</i> para acesso ao museu. • Conversar, informalmente, para socializar as descobertas feitas através das leituras feitas. • Ampliar os registros feitos nos diários de leitura orientada, agora com as informações que foram compartilhadas. • Ler, silenciosamente, o poema: Amigo para a construção de sentidos. • Ler e interagir discursivamente baseando-se nas ideias do poema: Ofertas de Aninha. • Analisar as especificidades do texto literário. • Identificar as vozes presentes no poema. • Analisar representações e 	<p>06 aulas de 50 minutos cada. Aulas 08, 09, 10, 11, 12 e 13.</p>

	<p>identificações construídas nos poemas e identificar as marcas linguístico-discursivas que materializam tais representações e identificações.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionar tais representações e identificações ao vivido pelos alunos. <p>Registrar os sentimentos, lembranças, sensações experimentadas, no diário de leitura orientada.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acessar site para conhecer um museu <i>online</i>. 	
<p>Bloco 5: Leitura / Interpretação / Produção oral e escrita Lendo para compreensão, análise e produção de textos orais e escritos, aliando essas práticas ao prazer que a leitura oferece.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ler utilizando diferentes estratégias, a coletânea com os textos poéticos de Cora Coralina selecionados para a proposta e sugeridos pela professora (Assim eu vejo a vida; Mascarados e Mãe). • Analisar as especificidades do texto literário. • Analisar representações e identificações construídas nos poemas e identificar as marcas linguístico-discursivas que materializam tais representações e identificações. • Relacionar tais representações e identificações ao vivido pelos alunos. • Conversar informalmente sobre os temas abordados nos poemas estudados. • Produzir poemas. 	<p>06 aulas de 50 minutos cada. Aulas 14, 15, 16, 17, 18 e 19.</p>
<p>Bloco 6: Culminância Diferentes olhares, diferentes caminhos, múltiplas aprendizagens.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar os poemas produzidos pelos alunos, utilizando técnicas da declamação poética, na culminância do projeto. • Publicar os poemas produzidos nas redes sociais dos alunos. • Produzir uma coletânea dos textos produzidos para deixar exposta na 	<p>05 aulas de 50 minutos. Aulas 20, 21, 22, 23 e 24.</p>

	biblioteca da escola.	
Bloco 7: Avaliação Momento de aferir o impacto da pesquisa no contexto educacional.	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistar os alunos para avaliar a proposta de intervenção pedagógica desenvolvida. • Dialogar com os alunos para avaliar, oralmente, a aplicação da proposta. 	01 aula de 50 minutos. Aula 25.

Fonte: A própria autora.

Segue o detalhamento da proposta desenvolvida.

2.1 Detalhamento da Proposta Didática de leitura e análise crítica de poemas de Cora Coralina

- Público-alvo: Alunos do 8º período da EJA. (Pode ser adaptado para qualquer outro período da EJA, ou outro ano do Ensino Fundamental II ou Ensino Médio).
- Quantidade de aula: 25 (vinte e cinco) aulas.
- Quantidade de blocos: 07 (sete) blocos.

2.2 Bloco 1: Apresentação da proposta

Este é o momento de apresentar a proposta aos alunos.

Tempo sugerido: 02 aulas de 50 minutos cada.

Material necessário: caderno para construir o diário de leitura orientada, imagens impressas de Cora Coralina (ver sugestões no final desse bloco), cola, tesoura, questionário impresso.

Possíveis dificuldades: Acreditamos que os alunos podem apresentar algumas dificuldades em organizar o diário de leitura crítica e eles podem ter dúvidas acerca da aplicação da proposta, se fará parte das avaliações aplicadas na turma. Para resolver isso, seria interessante um professor confeccionar um diário de leitura, com antecedência, e deixar como modelo para eles. Quanto à aplicação da proposta, o professor pode imprimir uma tabela com a quantidade de blocos e com as datas que serão desenvolvidos e se algumas dessas atividades vão ser usadas como avaliação. Sugerimos colocar apenas o número do bloco, para que algumas atividades sejam uma surpresa para os alunos.

Objetivos:

- Explicar aos alunos da EJA sobre a proposta e o que se pretende com sua aplicação.
- Aplicar um questionário para uma sondagem inicial.
- Iniciar a construção de um diário de leitura orientada, a fim de os alunos fazerem os

registros de todas as atividades, de todas as impressões, observações, no que tange à proposta aplicada.

Aula 1: Sondagem inicial e exposição sobre a proposta.

Professor, este é o momento de explicar aos alunos da EJA que será desenvolvida uma proposta didática de leitura e análise crítica. Explicar a eles o tempo de duração, quais materiais usarão. Ressaltar que todas as atividades que serão desenvolvidas têm por objetivo contribuir para a formação de alunos críticos e reflexivos, por meio do desenvolvimento de habilidades cognitivas. É também o momento de fazer uma sondagem inicial sobre as práticas de leitura dos alunos, sobre os seus conhecimentos acerca do gênero poema, sobre a poetisa Cora Coralina e sobre a produção de textos em que falam de suas vidas para, em seguida, apresentar-lhes a proposta. Para isso, sugerimos:

1. Entregar o questionário impresso aos alunos e solicitar que o respondam, individualmente.

Professor, o objetivo deste questionário de sondagem inicial é conhecer um pouco sobre as práticas de leitura dos alunos, sobre os seus conhecimentos acerca do gênero poema, sobre a poetisa Cora Coralina e sobre a produção de textos em que falam de suas vidas. Sugerimos que você faça cópia dos questionários respondidos, para que fiquem no seu acervo de material gerados por meio do desenvolvimento da proposta. Essa atitude é necessária para que você possa ter em mãos material de análise e possa recorrer às respostas dos alunos, sempre que necessário.

Questionário de sondagem

- Você gosta de ler? Por quê?
- Qual a importância da leitura em sua vida?
- O que você costuma ler durante a semana?
- Qual o tipo de leitura mais lhe chama a atenção?
- O que você tem lido atualmente?
- Você aprecia a leitura de poemas? Por quê?
- Relate o que você sabe sobre poema:
- Qual o seu poeta/poetisa preferido(a)?
- Você já ouviu falar da poetisa Cora Coralina? Se sim, como e quando?
- Caso sua resposta anterior seja sim, o que você sabe falar a respeito de Cora?
- Você gosta de falar sobre si, sua vida, suas experiências e descobertas?
- Qual o significado disso para você?
- Você acha importante escrever textos que falem a respeito de si próprio?
- Onde você costuma fazer tais registros?

- Você acha importante a escola conceder a oportunidade de os estudantes falarem sobre si próprios? Justifique.

2. Sugerir que se sentem em círculo e que socializem suas respostas, de forma voluntária.

3. Recolher os questionários e entregar de volta para eles na aula 2.

Aula 2: Apresentação e discussão dos resultados da sondagem e criação de um diário de leitura orientada.

- Apresentar e discutir com os alunos o resultado da investigação feita por meio do questionário de sondagem.

Professor, para apresentação desses resultados, você pode, por exemplo, elaborar slides, produzir gráficos e tabelas com os dados.

- Criação de um diário de leitura orientada.

Professor, caso considere pertinente, solicite aos alunos, com antecedência, um caderno em branco, ou você mesmo pode adquirir um para cada estudante. Este caderno será organizado de forma a se tornar um diário. Todas as atividades deverão ser registradas nele. Os alunos poderão ilustrar o diário de leitura orientada como acharem melhor. Sugira que eles usem imagens ou poemas de Cora Coralina, ou que desenhem. É importante valorizar a multiplicidade semiótica e seus efeitos na construção de sentidos.

A seguir, apresentamos sugestões de imagens que podem ser impressas para colarem no diário de leitura orientada.

Professor, é possível ampliar essas imagens, para que fiquem proporcionais à capa do diário. Caso o aluno não queira usar nenhuma dessas apresentadas, você pode estimulá-los a desenhar e/ou a buscar outra imagem representativa da vida e/ou da obra de Cora Coralina.

Figura 2 – Sugestões de imagens a serem coladas no diário de leitura orientada



Fonte: Imagens do Yahoo – poemas com imagens de Cora Coralina (2020).

Assim que os alunos terminarem os desenhos e a seleção de textos e de imagens para ilustração do diário de leitura orientada, sugerimos que escrevam na primeira página: Diário de leitura orientada para identificação do material. Na sequência:

- Solicitar que colem na próxima página o questionário aplicado na aula 1.

Professor, sugerimos ainda que estimule os alunos a escrever suas impressões sobre o resultado da socialização das respostas ao questionário, realizada na aula 1.

2.3 Bloco 2: Motivação

Este passo chamado motivação, segundo Cosson (2012), deve ser breve. O autor também defende que essa aula deve ser organizada de forma a levar o aluno a refletir sobre o tema a ser estudado e posicionar-se diante dele. Em nossa proposta, procuramos, ao desenvolver esse passo da sequência básica, estimular os alunos para a leitura dos poemas de Cora Coralina. Organizamos essa aula em 2 momentos.

Tempo sugerido: 02 aulas de 50 minutos.

Material necessário: Mesas com doces (goiabada, bananada, doce de leite etc.), *Slides* com imagens da vida de Cora Coralina para que, durante o recitar do poema, os alunos estabeleçam relações entre a vida dela com suas próprias vidas. Cópia do poema para cada aluno.

Possíveis dificuldades: Os alunos podem não saber a diferença entre poema e poesia. Além disso, eles podem não saber que Cora Coralina é um pseudônimo. Esclarecer isso a eles. Uma maneira de resolver isso é esclarecer alguns conceitos, algumas questões referentes ao que será trabalhado.

Objetivos:

- Preparar os alunos para estabelecer um contato com o poema, com a vida de Cora Coralina, sem silenciá-los.
- Possibilitar uma leitura sensível aos alunos e uma reflexão crítica de aspectos que envolvem vida e obra de Cora Coralina.

Aula 3: Conhecendo os primeiros poemas

Professor, salientamos que é importante que o poema seja declamado por você, por alguém convidado, por outro professor da turma ou por um aluno e sugerimos que o declamador caracterize-se como Cora Coralina. Para isso, a escolha não deve ser feita de forma aleatória e nem no momento da aula, pois, além de não garantir a surpresa, ainda compromete o planejamento das ações da aula. Então, é necessário que o declamador se prepare antes do dia da aula.

Aninha e suas pedras

Não te deixes destruir...
 Ajuntando novas pedras
 e construindo novos poemas.
 Recria tua vida, sempre, sempre.
 Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
 Faz de tua vida mesquinha
 um poema.
 E viverás no coração dos jovens
 e na memória das gerações que hão de vir.
 Esta fonte é para uso de todos os sedentos.

Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.
(CORALINA, 1987)

Professor, você também poderá sugerir que, posteriormente, os alunos declamem esse ou outro poema em casa, gravem a declamação e tragam o áudio ou vídeo para apresentação para a turma

Após a declamação do poema, o professor deve:

- Pedir aos alunos que reflitam sobre a poesia presente no poema e que identifiquem quais conselhos a poetisa dá aos leitores.
- Explorar como a Cora representa o significado de se produzir poemas. Identificar as marcas linguístico-discursivas que evidenciam isso.
- Solicitar que registrem no diário de leitura orientada se tem algo no poema Aninha e suas pedras com que eles se identificam.
- Apresentar a seguinte questão aos alunos: No poema, Cora diz “Não te deixes destruir... Ajuntando novas pedras e construindo novos poemas. Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.”. Considerando isso, você acredita que luta para não se deixar destruir, para remover os obstáculos que surgem em sua vida e que constrói novos caminhos?
- Organizar os alunos em círculo para socializarem as respostas.
- Estimular a participação dos alunos incentivando-os a falarem de si próprios e de suas batalhas.

Professor, em consonância com os pressupostos da Pedagogia dos multiletramentos, é necessário que se valorize a multiplicidade cultural representada na sala de aula e os itens acima expostos abrem espaço para que essa multiplicidade seja contemplada e valorizada.

Aula 4: Ao sabor dos poemas de Cora Coralina

Para esta aula, sugerimos que o professor leve doces como goiabadas, bananadas, doce de leite, doce de mamão para a sala ou que solicite, com antecedência, aos alunos que levem doces diversos para a sala.

Após organizar os doces na mesa, iniciar a discussão perguntando o seguinte:

- a) Vocês sabem por que foram trazidos doces para essa aula?

Professor, a intenção é que os alunos respondam que a Cora Coralina era doceira e que isso é representado em seus poemas de forma muito positiva, afinal, em muitos momentos, essa escritora afirmava que ela era melhor doceira do que poetisa. A simplicidade, a vontade de vencer, publicando seu primeiro livro de poemas com mais de 70 anos de idade, deve ser

discutida com os alunos, pois, como o público EJA é formado por pessoas que estão fora da faixa de idade-série, seria um exemplo, para que se sintam motivados a não desistirem dos estudos.

- b) Pedir aos alunos que, de forma voluntária, falem sobre o seu processo de identificação com o discurso do eu lírico presente no poema.
- c) Entregar a eles uma cópia do poema para colarem no caderno de leitura orientada e pedir que registrem nele, também, como forma de avaliação da aula, o que sentiram, ao ouvirem o poema recitado.
- d) Conversar informalmente sobre Cora Coralina para levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre a vida e o cotidiano da autora.
- e) Degustar os doces expostos na mesa para relacionar o gosto suave ao sentimento da poesia.

2.4 Bloco 3: Introdução

Neste momento, segundo Cosson (2012), o professor deve fornecer informações básicas sobre o autor, e se possível, relacionadas ao texto que está sendo trabalhado.

Tempo sugerido: 03 aulas de 50 minutos cada.

Material necessário: *slides*, poema impresso, *data show*.

Possíveis dificuldades: Alguns alunos podem argumentar que não conhecem a autora ou que não conhecem os poemas, outros podem argumentar que conhecem. Prevendo isso, uma solução seria fazer uma abordagem como sendo uma novidade para todos. Assim, quem já conhece poderá revisar e quem não conhece terá a oportunidade de conhecer.

Objetivos:

- Conhecer a vida e a obra de Cora Coralina.
- Retomar o resultado da pesquisa feita por meio do questionário de sondagem acerca do conhecimento prévio dos alunos sobre o gênero Poema e sobre a poetisa Cora Coralina.
- Compreender as especificidades constituintes do gênero poema.
- Apresentar os poemas que serão trabalhados.

Aula 5 - Conhecendo Cora Coralina

Pedir aos alunos que pesquisem no laboratório de informática sobre a vida e obra de Cora Coralina.

Apresentar, em slides, a vida e obra de Cora Coralina. (Sugerimos que o professor faça isso por meio de *slides*, mas se o professor preferir organizar de outra maneira, fica a critério).

Em vários livros e *sites*, é possível encontrar sobre a vida e obra dela. O professor poderá construir esses *slides* da forma que achar mais adequada para sua turma. Apresentamos no anexo A uma biografia da autora, com o intuito de facilitar a pesquisa do professor a respeito dos principais fatos da cronologia da autora. Feita a pesquisa, os próprios alunos deverão apresentar em *slides* para informar a turma sobre a biografia da autora estudada.

Professor, sugerimos que a apresentação seja feita em *slides*, mas você deve fazê-la de qualquer outra maneira que quiser. Caso tenha recursos disponíveis em sua escola, você também poderá levar os alunos ao laboratório de informática para que façam uma pesquisa na internet sobre a vida e a obra da autora e organizem uma apresentação dos resultados dessa pesquisa. Você poderá deixar livre também para que os alunos pesquisem em seus celulares pessoais.

Seguem algumas sugestões de *sites* que podem ser acessados para a pesquisa sobre a autora:

- https://www.ebiografia.com/cora_coralina/.
- <https://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1014>
- <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=14158:documentario-mostra-a-vida-e-a-obra-de-cora-coralina> HYPERLINK
"http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=14158:documentario-mostra-a-vida-e-a-obra-de-cora-coralina="=

Professor, como parte fundamental da introdução, conforme Cosson (2012), este será o momento de apresentar a obra física (livro) de Cora Coralina Vintém de cobre. Nessa apresentação, deverão ser exploradas a capa, com suas ilustrações, a contracapa, o prefácio e a introdução, sendo estes os elementos pré-textuais do livro. Em seguida, deverão ser apresentados os poemas contidos na obra, e ressaltados os poemas selecionados, explicando o porquê de eles terem sido selecionados.

Para justificar essa seleção, é importante ressaltar que os poemas foram selecionados em função de tratarem sobre temáticas pertinentes ao universo dos estudantes da EJA, sobre as lutas da vida cotidiana, as superações possíveis de serem alcançadas, a esperança no futuro, e por acreditarmos que tais poemas proporcionarão momentos de reflexão e identificação dos alunos com as ideias da autora veiculadas em sua obra e sua história de vida.

É também relevante esclarecer aos alunos que a autora produziu outras obras e, se possível, apresentá-las também, falando, brevemente, sobre algumas das temáticas abordadas.

Aula 6 – (Re) conhecendo o gênero

Entregar aos alunos os seguintes poemas: Assim eu vejo a vida, Mascarados e Mãe.

Quadro 3 – Poemas de Cora Coralina

<p style="text-align: center;">Assim eu vejo a vida</p> <p>A vida tem duas faces:</p> <p style="text-align: center;">Positiva e negativa O passado foi duro mas deixou o seu legado Saber viver é a grande sabedoria Que eu possa dignificar Minha condição de mulher, Aceitar suas limitações E me fazer pedra de segurança dos valores que vão desmoronando. Nasci em tempos rudes Aceitei contradições lutas e pedras como lições de vida e delas me sirvo Aprendi a viver. (CORALINA, 1987)</p>	<p style="text-align: center;">Mãe</p> <p>Renovadora e reveladora do mundo A humanidade se renova no teu ventre. Cria teus filhos, não os entregues à creche. Creche é fria, impessoal. Nunca será um lar para teu filho. Ele, pequenino, precisa de ti. Não o desligues da tua força maternal. Que pretendes, mulher? Independência, igualdade de condições... Empregos fora do lar? És superior àqueles que procuras imitar. Tens o dom divino de ser mãe Em ti está presente a humanidade. Mulher, não te deixes castrar. Serás um animal somente de prazer e às vezes nem mais isso. Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar (CORALINA, 1987)</p>
<p style="text-align: center;">Mascarados</p> <p style="text-align: center;">Saiu o Semeador a semear Semeou o dia todo e a noite o apanhou ainda com as mãos cheias de sementes. Ele semeava tranquilo sem pensar na colheita porque muito tinha colhido do que outros semearam. Jovem, seja você esse semeador Semeia com otimismo Semeia com idealismo as sementes vivas da Paz e da Justiça. (CORALINA, 1987)</p>	

Fonte: A própria autora.

Após colarem os poemas no diário de leitura orientada, os alunos irão preparar uma leitura oral dos poemas para apresentação na sala de aula. Para isso, eles poderão ser organizados em duplas ou trios.

Na sequência, vamos explorar algumas especificidades do gênero poema.

- Entregar o seguinte roteiro de perguntas para que colem no diário. Todas serão respondidas oralmente ao longo do desenvolvimento da dinâmica denominada “Batata-quente”.

Professor, o jogo da batata-quente é muito simples e provavelmente a maioria dos alunos o conhecem, entretanto foram feitas algumas adaptações em função do público-alvo e dos objetivos da dinâmica. Você poderá acessar o site: <http://jogodobrincar.com/batata-quente/> para obter mais informações sobre a brincadeira. Abaixo seguem-se as adaptações que fizemos para que a brincadeira se adequasse aos nossos propósitos.

Informações sobre a dinâmica batata-quente

Participantes: alunos do 8º ano da EJA.

Local: Sala de aula.

Estimular: Estimular a curiosidade e a participação dos estudantes na dinâmica.

Material: Uma caixa surpresa decorada com o livro Vintém de cobre, com poesias de Cora Coralina.

Como brincar

Os jogadores formam um círculo, com um deles sentado ao centro da roda com os olhos vendados. No círculo, cada jogador deve passar a caixa – chamada de batata – para o participante que está à sua direita. Enquanto o objeto circula, todos cantam: ‘Batata quente, quente, quente...’. A qualquer momento o jogador que está vendado pode gritar: “Queimou!” Quem estiver com a caixa nas mãos nesse instante será o próximo a ir para o centro da roda e tentar adivinhar as respostas a uma das perguntas que tem na caixa. Caso não acerte, deverá pagar uma prenda, seguindo assim até que um dos jogadores acerte o que tem dentro da caixa.

Dica: para deixar mais divertido, o jogador central pode dar ordens para os outros participantes. Se ele gritar ‘Meia-volta!’, a caixa deve girar no sentido contrário; ‘Com uma mão!’, os jogadores passam a caixa entre si com uma mão só.

Por meio de dinâmica da batata-quente, uma caixinha surpresa deverá passar de mão em mão para que onde a “batata queimar” deverá ser o aluno que tentará adivinhar a resposta da pergunta que há dentro da caixa, entretanto deixar livre para quem quiser contribuir/participar tentando adivinhar, mesmo não sendo sua vez de jogar.

Fonte: <https://delas.ig.com.br/filhos/brincadeiras/batata=quente/4e3d7dce5cf358183f00000e.html>. Acesso em: 30 jan. 2020.

Sugestões de perguntas a serem colocadas dentro da caixa batata-quente:

- Vocês acabaram de ler três textos que seguem as convenções de qual gênero? Por que você acredita que é esse gênero?
- Quem os produziu? É uma produção coletiva ou individual?
- Qual é ou quais são o/s propósito/s desse gênero?
- Para quem os textos foram produzidos?

- Eles são consumidos individual ou coletivamente?
- Onde eles costumam circular?
- A sua distribuição é simples (só se dá face a face) ou complexa (pode ser distribuído em vários espaços)?
- Quem costuma ler esse gênero discursivo? E por que o lê?
- Após ler os 3 poemas, você consegue identificar qual o papel social de Cora Coralina?
- Após discutir essas questões relacionadas às condições de produção, de distribuição e de consumo do gênero e aos seus propósitos, apresentar perguntas relacionadas aos elementos constituintes do gênero, em conformidade com Bakhtin (2003) com quem Fairclough (2003) dialoga, para que sejam respondidas por escrito no diário de leitura orientada:

Quadro 4 – Roteiro

CONTEÚDO TEMÁTICO	CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL	ESTILO
1. Sobre o que se trata nesses exemplares do gênero poema? Sobre o que mais se pode tratar nesse gênero? 2. Os temas tratados nos poemas são de seu interesse? Justifique. 3. Considerando tudo isso, o que é dizível no gênero poema?	<ul style="list-style-type: none"> • O texto está escrito em prosa ou verso? Explique. • Qual ou quais pré-gênero¹⁶ podemos identificar no texto? • Você saberia nos dizer quais palavras no poema formam rimas? • O poema é composto por quantos versos? E quantas estrofes? • Quais linguagens entram na composição do gênero? • Qual é a superestrutura do gênero poema? 	1. A linguagem é objetiva ou subjetiva? Por que chegou a essa conclusão? 2. O poema está escrito em qual pessoa do discurso? Por que você acha que foi usada essa pessoa do discurso? 3. Quais figuras de linguagem você consegue identificar no texto? Com qual objetivo ela foi usada nesse texto? 4. Quais os tempos e os modos verbais recorrentes nos poemas lidos? 4. Quais são os tipos de frases prevalentes? 5. Há mais nomes, atributos, verbos ou elementos que representam circunstâncias? Você consegue dizer por quê?

Fonte: A própria autora.

¹⁶ O termo pré-gêneros é de Swales (1990) e utilizado por Fairclough (2003). Os pré-gêneros são definidos como categorias com um alto nível de abstração, que entram na composição de vários gêneros. Assim a narração, a descrição, a exposição, por exemplo, são pré-gêneros.

Professor, caso você disponha de estrutura e recursos tecnológicos na escola em que atua, os alunos poderão responder as perguntas do quadro utilizando os computadores da escola, no laboratório de informática.

Após os alunos terem respondido às perguntas, as respostas serão socializadas e discutidas. Além disso, os alunos devem ser motivados a expor suas opiniões sobre os poemas lidos.

Para sistematizar o que foi estudado sobre o gênero, é importante seja feita uma síntese de todas as características do gênero que foram contempladas por meio das questões propostas. Essa síntese pode ser feita pelo professor e exposta no quadro, ou por meio de slides, ou de cartazes, por exemplo, ou pode ser feita pelos próprios alunos.

Aula 7 - Assistindo ao documentário: Assim eu vejo a vida

Exibir o seguinte documentário para os alunos:

Figura 3 – Assim eu vejo a vida (vídeo)



Documentário Cora Coralina [blogdaagenciaa.blogspot.com]

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=gSgSCMSennQ>. Acesso em: 30 jan. 2020.

- Solicitar que expliquem sobre qual parte mais gostaram do documentário e por qual razão.
- Após assistir ao documentário iniciado com a declamação do poema, “Assim eu vejo a vida”, de Cora Coralina, e discutir sobre ele, solicitar que produzam um texto do gênero que achar mais conveniente, representando como você vê a vida. Sugira a eles que escrevam um pequeno texto no diário de leitura orientada com o título: “Assim eu vejo a vida”. O título ao lado é apenas uma sugestão, caso o aluno queira escolher um outro título ele terá toda liberdade para tal.
- Pedir que ilustrem o texto da forma que desejarem. Explique a eles que um texto pode ser composto tanto por elementos verbais como não verbais, tais como letras, imagens,

cores etc. Ressalte que a imagem significa e que não podemos ignorar isso. Peça que façam com calma, que reflitam e depois registrem a sua representação de como veem a própria vida.

Professor, trabalhar com questões socioemocivas é um dos objetivos da Base Nacional Comum Curricular. Acreditamos que atividades como essa podem levar o aluno a ter mais confiança em si mesmo e a acreditar que pode seguir em frente, que conseguirá concluir os estudos que outrora não tenha conseguido.

- Solicitar que troquem os diários de leitura, para conhecerem as produções dos colegas, e socializem com a turma a representação de vida que construíram.
- Em seguida, o professor deverá apresentar, brevemente, todos os outros poemas que serão trabalhados, em linhas gerais, e solicitará que todos os pontos que os alunos considerarem importantes deverão ser anotados no diário de leitura orientada.

Professor, neste momento você deverá apresentar, o nome de todos os poemas selecionados que serão trabalhados no desenvolvimento da Proposta, solicitando que os alunos façam uma leitura silenciosa de todos eles para que tomem conhecimento das temáticas abordadas em cada peça literária.

2.5 Bloco 4: Leitura, interpretação e intervalo de leitura

Contemplando o trabalho com leitura e interpretação, esse é o momento em que os alunos serão preparados para construir outros sentidos diante daquilo que leem, a partir das metáforas, comparações entre outras figuras de linguagem presentes nos poemas e no filme que será apresentado na seção intervalo de leitura e comparações presentes nos poemas. Para Cosson (2012, p. 64), “a interpretação envolve práticas e postulados numerosos e impossíveis de serem conciliados, pois toda reflexão literária traz implícita ou explicitamente uma concepção do que seja interpretação ou de como se deve proceder para interpretar textos literários.” Enfim, nesta etapa, os alunos poderão reconhecer e valorizar a literatura como uma das formas de compreensão do mundo e de si mesmo, baseando-se nas leituras e interpretações feitas, e nas descobertas sobre Cora Coralina, seus postulados e o contexto.

Tempo sugerido: 06 aulas de 50 minutos (8, 9, 10, 11, 12 e 13).

Material necessário: *Data show*, caixa de som, internet, computadores, poema impresso.

Possíveis dificuldades: Os alunos da EJA, assim como outros de diferentes segmentos da educação básica, podem apresentar dificuldades de interpretação, dificuldades em construir sentidos diante daquilo que leem. Para contribuir com a habilidade de interpretar textos que circulam socialmente, cabe, ao professor, promover atividades diversas que façam com que o

aluno reflita criticamente sobre o que está lendo: escolher local adequado, onde tenha silêncio, ofertar uma grande quantidade de textos para serem lidos, promover rodas de conversas para discutirem o texto, propor perguntas que levem o aluno a entender que em um processo de construção de sentidos, é preciso elucidar o contexto daquilo que foi produzido.

Pode ocorrer de alguns alunos não saberem como encontrar *sites*, por não terem o hábito de acessarem a internet. Pensando nisso, podemos promover o protagonismo, solicitando que os alunos que dominem mais possam ensinar seus colegas, exercendo o papel de monitores.

Objetivos:

- Utilizar a tecnologia como recurso para a aprendizagem
- Entender a importância de um museu e de patrimônios históricos.
- Revisar sobre o que já foi estudado sobre a vida e obra de Cora Coralina.
- Exercer o protagonismo por meio da ajuda aos colegas que não têm domínio sobre o acesso à internet.
- Construir sentidos sobre o que é lido.
- Promover uma discussão coletiva sobre a visita feita ao museu virtual.
- Discutir sobre representações e identificações construídas no poema de Cora Coralina, a partir das marcas linguístico-discursivas que as materializam no texto.

Aulas 8 e 9 - Construindo sentidos por meio da leitura de poemas

- Entregar, aos alunos, o seguinte poema de Cora Coralina, impresso, fatiado em estrofes, para leitura e interpretação:

Amigo

Vamos conversar
 Como dois velhos que se encontraram
 no fim da caminhada.
 Foi o mesmo nosso marco de partida.
 Palmilhamos juntos a mesma estrada.

Eu era moça.
 Sentia sem saber
 seu cheiro de terra,
 seu cheiro de mato,
 seu cheiro de pastagens.

É que havia dentro de mim,
 no fundo obscuro de meu ser
 vivências e atavismo ancestrais:
 fazendas, latifúndios,
 engenhos e currais.

Mas... ai de mim!

Era moça da cidade.
Escrevia versos e era sofisticada.
Você teve medo. O medo que todo homem sente
da mulher letrada.

Não pressentiu, não adivinhou
aquela que o esperava
mesmo antes de nascer.

Indiferente
tomaste teu caminho
por estrada diferente.
Longo tempo o esperei
na encruzilhada,
depois... depois...
carreguei sozinha
a pedra do meu destino.

Hoje, no tarde da vida,
apenas,
uma suave e perdida lembrança.
(CORALINA, 2005)

Professor, você deverá “fatiar” o poema em estrofes para os alunos tentarem construir o todo primeiro. Pensamos que se trata de uma boa estratégia. Pensamos, ainda, que poderia apresentar primeiro só o título para que levantem hipóteses sobre o que será abordado no poema. Depois, poderia entregar as estrofes “fatiadas” e pedir que organizem a sequência. Em seguida, comparar a organização deles com o poema original. Depois disso, realizar leitura silenciosa, depois leituras orais: a) um aluno lê o título e, na sequência, cada verso é lido por um aluno diferente; b) cada grupo prepara a declamação de uma estrofe diferente e, após a preparação, é feita a declamação de todo o poema pelos grupos em conjunto. Além disso, você poderia pedir que fizessem uma ilustração que representasse o poema, na opinião de cada um e que, depois apresentassem essa ilustração e justificassem a sua relação com o poema. Pensamos que só depois disso é que seriam exploradas as questões do roteiro.

- Apresentar, no quadro, as duas perguntas a seguir para que os alunos as respondam oralmente.

- Do que trata o poema?
- O que você sentiu no momento em que estava sendo lido o poema?

Professor, estimule a discussão acerca dos sentimentos que a leitura de poemas desperta em nós, leitores.

- Entregar aos alunos o roteiro a seguir com questões relacionadas ao poema Amigo, para que colem no diário de leitura orientada e para que respondam por escrito.

Roteiro para abordagem do poema amigo

- Considerando o que estudamos sobre a vida de Cora Coralina, que relação é possível estabelecer entre a representação que você construiu da poetisa com o que está presente no seguinte trecho:

É que havia dentro de mim,
no fundo obscuro de meu ser
vivências e atavismo ancestrais:
fazendas, latifúndios,
engenhos e currais.
(CORALINA, 2005)

- O que podemos compreender, em termos de representação do homem na sociedade, tomando como base a seguinte estrofe:

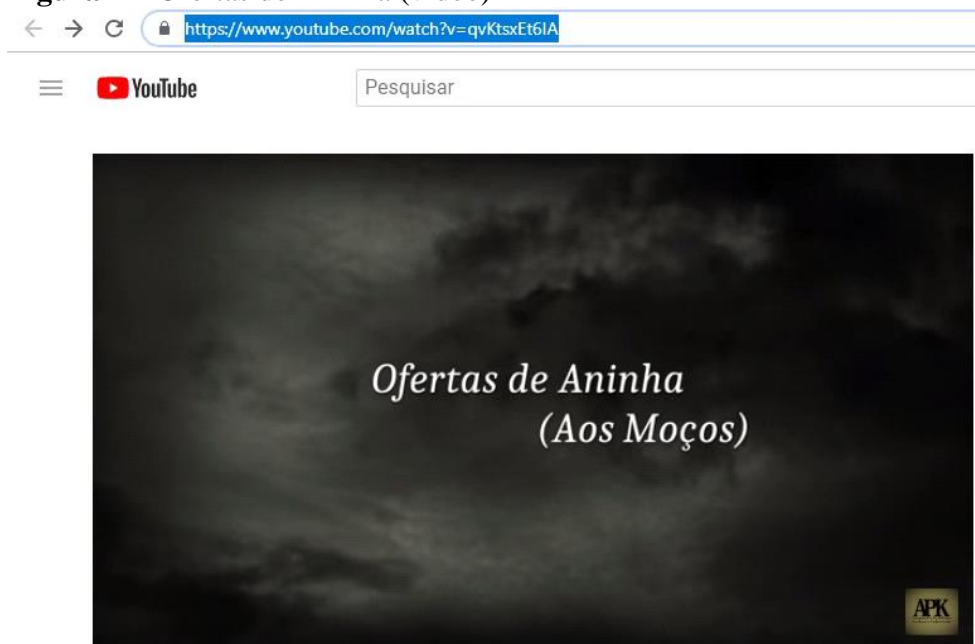
Mas... ai de mim!
Era moça da cidade.
Escrevia versos e era sofisticada.
Você teve medo. O medo que todo homem sente
da mulher letrada.
(CORALINA, 2005)

- Em algum momento de sua vida alguém ficou constrangido com você por considerá-lo (a) mais inteligente?
 - Como você se identifica discursivamente?
 - Como você imagina que as pessoas o identificam discursivamente?
 - Você se identificou com a temática abordada? Explique.
 - Pensando em aspectos semânticos, a palavra medo pode ser entendida como um estado de consciência que se tem diante do perigo. Geralmente, sentimos medo da violência, da morte, de algo que possa prejudicar nossa existência. No poema, qual (is) sentido (s) podemos construir a partir da palavra medo? E você, tem medo de quê? Quais são os seus grandes desafios?
 - Como podemos avaliar o eu lírico do poema? Que atributos (adjetivos) são usados a fim de reforçar a identidade do eu lírico? Que características do eu lírico ficam evidentes no poema e que se identificam com você?

Professor, após concluírem as respostas, sugerimos que estimule os alunos a lerem as respostas a cada questão e que promova uma discussão sobre o que foi lido, interpretado e acerca do que os alunos escreveram sobre seus próprios medos e desafios e acerca das relações que estabeleceram entre o que leram e o que vivem.

Aula 10 e Aula 11: Interpretando poema representado em vídeo

Figura 4 – Ofertas de Aninha (vídeo)



Poesia Social - Ofertas de Aninha Aos Moços - Cora Coralina

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=qvKtsxEt6IA>. Acesso em: 20 marc. 2020.

Ofertas de Aninha (Aos Moços)

Eu sou aquela mulher
 a quem o tempo
 muito ensinou.
 Ensinou a amar a vida.
 Não desistir da luta.
 Recomeçar na derrota.
 Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
 Acreditar nos valores humanos.
 Ser otimista.
 Creio numa força imanente
 que vai ligando a família humana
 numa corrente luminosa
 de fraternidade universal.
 Creio na solidariedade humana.
 Creio na superação dos erros
 e angústias do presente.
 Acredito nos moços.
 Exalto sua confiança,
 generosidade e idealismo.
 Creio nos milagres da ciência
 e na descoberta de uma profilaxia
 futura dos erros e violências do presente.
 Aprendi que mais vale lutar
 Do que recolher dinheiro fácil.
 Antes acreditar do que duvidar.
 (CORALINA, 1987)

1. Exibir, em *Datashow*, o poema: Ofertas de Aninha (Aos moços), que está disponível no seguinte *link*:: <https://www.youtube.com/watch?v=qvKtsxEt6IA>

Nesta aula, o aluno terá a oportunidade de ver, ouvir o poema em vídeo e de reconhecer-se nas vozes presentes do poema de Cora Coralina. Os alunos deverão receber, o poema também impresso para que possam ler, depois de assistirem ao vídeo, e colar no diário. Essa segunda leitura, feita por diferentes vozes, para que os alunos experimentem a prática da recitação jogralizada de poemas.

2. Dividir os alunos em dois grupos: de um lado as alunas e, de outro, os alunos. Pedir que cada grupo recite, coletivamente, tendo cuidado com a entonação e com o ritmo da poesia.

3. Orientar os dois grupos a fazerem anotações sobre como foi a recitação do poema feita em sala e a feita no vídeo exibido. Peça para eles apontarem o que mais gostaram e o que acham que precisa ser melhorado. A fim de ajudar nessa avaliação, escreva na lousa, as seguintes perguntas:

- Você gostou mais do poema recitado em forma de vídeo ou como recitaram em sala?
- Observou se o poema foi recitado com ritmo?
- Acredita que o fundo musical, as imagens, as cores contribuíram para entenderem o poema exibido em vídeo? Explique.
- Como a postura dos membros do grupo, suas expressões faciais e seus gestos contribuíram para a construção de sentidos do poema recitado?
- Quais foram os pontos positivos e negativos da recitação feita em sala?

Professor, o objetivo não é o aluno valorizar o poema recitado no vídeo em detrimento do poema recitado pelos colegas. O objetivo é demonstrar que temos diferentes formas de ler um texto e que podemos utilizar essas possibilidades para conseguirmos desenvolver nossas habilidades de interpretação. O fato de ter assistido ao vídeo não impede que no momento em sala de aula, usando outros modos semióticos, tais como expressões faciais, gestos etc., o poema sensibilize o interlocutor. Buscamos uma leitura sensível, que valorize o poético e aproxime os alunos do texto literário.

Ainda utilizando o poema impresso, o professor deverá fazer aos alunos as seguintes perguntas, a serem respondidas no diário de leitura:

- De quem é a voz que expõe seus sentimentos no poema? Por que chegou a essa conclusão? Dê exemplos utilizando versos do poema.
- Para quem, na sua opinião, o poema foi escrito?
- Qual a importância de o eu lírico falar com seu interlocutor? Você sentiu que ele se reportou a você? Em quais momentos?

- Como Aninha é representada no poema? Quais suas características físicas e psicológicas?
- Você se identificou com o eu lírico do poema? Por quê?
- Qual o verso do poema chamou-lhe mais a atenção? Por quê?
- Você acredita que os jovens de hoje vivem de maneira condizente com os conselhos que Cora Coralina dá a eles em seu poema? E você considera esses conselhos importantes?
- E você, que hoje se encontra na fase adulta, poderia nos dizer como foi a sua juventude? Quais as semelhanças entre a sua infância e a de Cora Coralina? E as diferenças?
- O que você fazia para se divertir naquela época? Sente saudade daquele tempo?
- No auge de sua maturidade e experiência, que conselhos você daria aos jovens com os quais tem contato, em casa, no trabalho, nas ruas, etc.
- O que o tempo ensinou ao eu lírico no poema Ofertas de Aninha? E o que o tempo tem ensinado a você?
- Em que o eu lírico acredita? E em que você acredita?
- Alguma vez, em sua vida, você já teve que “Recomeçar na derrota”? Você poderia relatar como foi essa experiência?

Nesse momento, o professor poderá colocar para que os alunos possam refletir sobre os momentos não tão felizes que a vida oferece, como a perda de um parente ou amigo querido, do emprego, de um bem material, de um amor etc. Para finalizar a aula, os alunos deverão registrar nos diários de leitura como se sentiram na aula de hoje.

Intervalo de leitura

O intervalo de leitura proposto para esse momento, de acordo com a sequência básica de Cosson (2006), é considerado parte das estratégias de leitura utilizadas para dinamizar o processo de compreensão e interpretação dos gêneros abordados nessa proposta. Esses intervalos visam diversificar momentos de leituras de trechos da obra ou de outros textos que se identificam a ela no tocante às temáticas abordadas.

Professor, para esse intervalo de leitura, propomos a projeção do filme Hotel Rwanda. A escolha desse filme deve-se ao fato de objetivarmos relacioná-lo às temáticas abordadas nos poemas de Cora Coralina, os quais orientam os leitores sobre as dificuldades da vida e a necessidade de lutar, persistir nos objetivos e superar todas as dificuldades encontradas pelo caminho.

Segue abaixo o resumo do filme: *Hotel Rwanda*, retirado do site: <https://direitosociais-aec.blogspot.com/2009/02/resumo-do-filme-hotel-ruanda.html>. Acesso em: 31 jan. 2020.

Figura 5 - Filme Hotel Ruanda



Fonte: <https://direitosociais-aec.blogspot.com/2009/02/resumo-do-filme-hotel-ruanda.html>. Acesso em: 31 jan. 2020.

Hotel Rwanda é a história do poder de sobrevivência e força interior de um homem face ao genocídio de 1994 na capital de Ruanda, Kigali. Onde foi atrás das suas vontades perante o cenário macabro, chacina de muitas pessoas e conflitos entre tribos devido à morte do presidente de Ruanda na sua viagem onde ia acordar um tratado de paz à Tanzânia e o seu avião foi abatido, os elementos do governo da tribo Hutu culpavam os Tutsis por este acontecimento, aí instalou-se o caos. Deu-se início ao genocídio. Durante o conflito Paul Rusesabagina pertencendo à tribo Hutu, deixa os ideais da sua tribo para ouvir o seu interior, então protege a sua família e os seus mais chegados, fazendo de tudo, subornando os militares com dinheiro, uísque, cerveja... para salvar a sua família, amigos que pediram refúgio na sua casa e turistas do hotel que ele geria (Hotel des Mille Collines)... Face à situação descontrolada, tropas canadianas vindas pela parte da Nações Unidas, tentam proteger os estrangeiros instalados no meio do caos, para que nada lhes acontecesse. Entretanto surgem tropas belgas com apenas o objetivo de resgatarem os estrangeiros. Paul vê-se numa situação difícil de digerir, tenta encontrar ajuda através do General, mas sem sucesso. A sua família fica a salvo depois de uma lista dos que vão ser cambiados para fora daquela situação, a sua família consta na lista, mas Paul não consegue virar costas aos outros então manda a sua família no caminho de uma cilada engenhosa dos Hutus, sem se aperceber de tal coisa. Durante este cenário, alguns dos Direitos Humanos foram violados, apenas um homem seguiu o seu padrão de ideais, não se deixando levar pela sua crença na tribo Hutu e seguindo os valores humanos, combateu a desvalorização da vida humana naquele massacre, dando bens materiais e dinheiro em troca de vidas. Desfazendo-se de quase tudo o que possui-a. Violou-se a liberdade de escolha ao fazer-se distinção entre quem era de uma das tribos, então quem pertencesse à tribo Tutsi era abatido e alguns dos traidores da tribo Hutu, então é um pouco de racismo não de cor mas de um tipo de crença. Todos os humanos têm direito à liberdade, segurança pessoal e direito à vida, o que não aconteceu também. Todos são iguais perante a lei, não é verdade aos olhos destes acontecimentos. Direito de igualdade violado, inúmeras vezes.

Invasão de privacidade, quando o Paul e a sua família estavam a dormir, apareceram os militares no seu lar, violando o seu espaço sem qualquer tipo de mandato. Todo o indivíduo tem o direito de abandonar qualquer país, sem serem diretamente ligados a qualquer tipo de infracção. Enfim, bastantes violações aconteceram neste genocídio de 94, em Ruanda. Nos tempos que correm deve-se respeitar as decisões de qualquer um, os seus gostos, as suas crenças e não culpar qualquer acontecimento mencionando grupos, crenças, religiões. Tudo ao que pertencer a um tipo de crença é castigado.

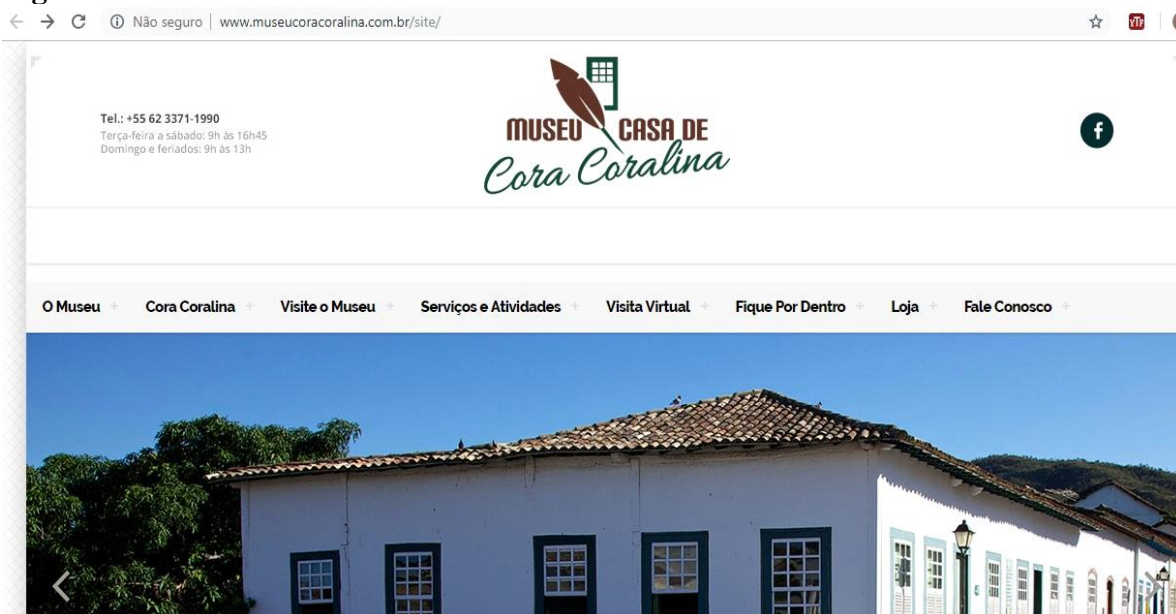
Incorreto, deve-se julgar e apurar individualmente independentemente da religião, etnia, raça ou estilo de vida. Quem tem poder tem quase tudo, quem possui coração realmente é completo. A união dos dois poderá fazer maravilhas pelo mundo, aqui ficou um exemplo de uma história que as uniu. (Fonte: <https://direitosociais-aec.blogspot.com/2009/02/resumo-do-filme-hotel-ruanda.html>. Acesso em: 31 jan. 2020).

- Projetar em *Datashow* o filme: *Hotel Rwanda* e, em seguida, promover uma discussão sobre o filme, buscando também estabelecer relações possíveis com os poemas de Cora Coralina.
- Pedir aos alunos que, ao final da atividade, registrem, no diário de leitura orientada, suas impressões sobre o filme e as relações que estabeleceram com os poemas já lidos.

Aula 12: Conhecendo um museu *online*

Acreditamos que nem toda escola terá condições de promover uma viagem até a Cidade de Goiás, a fim de conhecer mais sobre a vida de Cora Coralina, sobre aspectos históricos e culturais. Assim, pensando em uma atividade de multiletramentos, letramento literário e de leitura crítica, propomos uma visita a um museu online: Museu casa de Cora Coralina.

Figura 6 – Museu Casa de Cora Coralina



Fonte: <http://www.museucoracoralina.com.br/site/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

Por meio dessa atividade, será possível visitar o museu de forma online, conhecer um pouco de nossa cultura além de permitir ao público da EJA o acesso às tecnologias.

- Levar os alunos ao laboratório da escola, desenvolver as ações listadas e lhes fazer as seguintes perguntas:
 - Você já foi a um museu? Quando? O que viu?

- Você sabia que existem vários museus *online*? Que tal fazer uma rápida pesquisa e procurar alguns? Anote os *sites* encontrados no seu diário, para depois compartilhar com a turma.
- Explicar aos alunos que agora conhecerão um museu muito importante, que é um patrimônio histórico. Perguntar a eles:
 - Vocês imaginam que museu é esse? Pedir que verbalizem seus conceitos e informe a eles o nome dos alunos que acertaram.
 - Apresentar o museu *online* Casa de Cora Coralina.
 - Informar a eles que deverão acessar a barra de tarefas, inicialmente para conhecer o museu, depois, lerão sobre Cora Coralina, assistirão aos vídeos e documentários e acessarão os serviços e atividades disponíveis.
 - Solicitar que anotem em seus diários todas as informações que consideraram importante e que avaliem o site.
 - Sugerir a eles que divulguem em suas redes sociais o *link* do museu, a fim de que outros leitores possam conhecer.
 - Vocês perceberam que a casa de Cora Coralina é um museu? Vocês acham importante manter esse patrimônio histórico? Por quê?
 - Depois de conhecer um pouco mais sobre a vida de Cora Coralina, você recomendaria a leitura de suas obras? Por quê?
 - Vamos fazer a leitura em voz alta, em forma de jogral, dos poemas de Cora disponíveis no museu?
 - Divulgar o site nas redes sociais dos alunos.

Aula 13: Estabelecendo redes interpretativas

- Escrever na lousa a seguinte pergunta: Diante de tudo que já estudamos sobre a vida de Cora Coralina, a visita à página do museu trouxe alguma informação nova? Qual?
- Organizar os alunos em círculos e solicitar a eles que socializem suas respostas. As respostas devem ser registradas no diário.
- Discutir com os alunos aspectos do patrimônio histórico da Cidade de Goiás, para que eles possam conhecer, caso não tenham oportunidade de visitá-la.

2.6 Bloco 5: Leitura / Interpretação / Produção oral e escrita

Explorando mais poemas por meio de atividades diversificadas.

Esse é o momento de revisar tudo que já foi trabalhado, além de praticar a leitura crítica e produzir textos poéticos.

Tempo sugerido: 06 aulas (aulas 14, 15, 16, 17, 18 e 19).

Material necessário: Computador com acesso à internet.

Possíveis dificuldades: Os alunos podem apresentar dificuldades em acessar a internet. Sugerimos que escolha alguns alunos para serem monitores, a fim de ajudar os colegas.

Objetivos:

- Ler, utilizando diferentes estratégias, a coletânea com os outros textos poéticos de Cora Coralina selecionados para a proposta.
- Analisar as especificidades do texto literário.
- Analisar representações e identificações construídas nos poemas e identificar as marcas linguístico-discursivas que materializam tais representações e identificações.
- Relacionar tais representações e identificações ao vivido pelos alunos.
- Praticar a interação discursiva oral por meio de relatos sobre a compreensão dos textos analisados;
- Ler por prazer;
- Produzir textos orais e escritos.

Professor, nesta aula, deverão ser apresentados os poemas selecionados para leitura e análise todos de uma só vez. Os alunos estarão organizados em grupos e discutirão questões relacionadas às temáticas abordadas nos poemas e às representações discursivas e identificações neles construídas. É importante ressaltar que essas questões são apenas sugestões e outras podem ser elaboradas, de acordo com os objetivos e as necessidades de cada turma. Acreditamos que seria interessante incluir aqui um intervalo de leitura e se trabalhar a letra de canção sugerida ou uma outra que seja adequada ao gosto da turma, enfocando as temáticas abordadas nos gêneros contemplados.

Aula 14 e Aula 15:

Lendo poemas para compreender a ideia principal apresentada no texto, analisar as representações de mundo que a autora constrói, as identificações e os recursos utilizados pela autora para construir textos literários, entre outros.

- Revisar com a turma questões que foram trabalhadas acerca do gênero poema e da vida da poetisa Cora Coralina.

Professor, nesta aula você deverá fazer uma breve revisão das aulas já trabalhadas pedindo aos alunos que reflitam.

- Levar os alunos ao laboratório de informática para acessar o site:

<https://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-cora-coralina/>.

- Solicitar que leiam os poemas: Assim eu vejo a vida, Mascarados e Mãe, que se encontram no site, que são os mesmos poemas selecionados para o desenvolvimento da proposta.

- Organizar os alunos em grupo e explicar que cada grupo deve escolher um dos poemas descritos no site, lê-lo, e planejar uma apresentação do poema escolhido para a turma. Essa apresentação pode ser ao vivo, pode ser gravada em vídeo pelo celular e exibida na sala etc. Ela acontecerá antes da socialização das análises que serão feitas de cada poema.

- Discutir e analisar o poema escolhido, partindo do roteiro de análise proposto pela professora para cada poema. É importante que cada grupo trabalhe com um poema diferente.

- Compartilhar com a turma o que cada grupo entendeu do poema analisado, os resultados da análise, como o texto se conecta com a realidade de cada um.

Professor, os roteiros apresentados para análise de cada poema são apenas uma das possibilidades de abordagem, tendo em vista alguns dos objetivos de nossa proposta, especialmente o que se relaciona à investigação do modo como Cora se identifica e se representa discursivamente e como representa diferentes aspectos do mundo.

Ao analisar os poemas: Assim eu vejo a vida, Mascarados e Mãe o professor poderá seguir os seguintes roteiros de perguntas para que o grupo de alunos possa compreender melhor as identificações e representações contidas nos poemas, em conformidade com os objetivos desta proposta.

Roteiro de análise para o poema: Assim eu vejo a vida

- Quais as características do gênero poema que você vê materializadas em Assim eu vejo a vida?

- Como a poetisa representa discursivamente e identifica o eu lírico do poema?

- Que acontecimentos do passado você tem tentado esquecer? Ou se perdoar?

- Você acredita que o tempo cicatriza todas as feridas

- O que você compreende do verso: “Saber viver é uma grande sabedoria”?

- Como você tem dignificado sua condição de ser humano?

- Qual foi a maior lição que a vida lhe ensinou até hoje?

- Como você se representa e se identifica? Na sua opinião, há alguma relação entre o modo como você se representa e se identifica e o modo como o eu lírico do poema é representado e identificado pela poetisa?

Roteiro de análise para o poema: Mascarados

- Quais características do gênero poema você vê materializadas em Mascarados?
- Como a poetisa representa discursivamente e identifica o sementeiro?
- Quais são as marcas linguístico-discursivas do poema que materializam essas representações e identificações?
 - O que você compreendeu do poema?
 - O que você semeia no dia a dia? Considerando isso, como você, sementeiro, pode ser representado e identificado?
 - Você convive com pessoas que não semeiam coisas boas? O que pensa sobre isso?

Roteiro de análise para o grupo que escolher o poema: Mãe

- A quem especialmente Cora se dirige no poema?
- Quais características do gênero poema você vê materializadas em Mãe?
- Como a mulher- mãe é representada discursivamente e identificada por Cora no poema Mãe?
 - Quais são as marcas linguístico-discursivas do poema que materializam essas representações e identificações?
 - Você concorda com as representações construídas no poema?
 - Como você representa sua mãe? Como representa a mulher?
 - PARA AS ALUNAS MÃES: Como você se representa e se identifica?

Professor, após o término das análises, os grupos farão as apresentações dos poemas como planejaram e, em seguida, das análises feitas. Ao final da exposição da análise por cada grupo, é importante que sejam promovidas discussões sobre o poema analisado e sobre a análise exposta.

- Em roda de conversa, compartilhar com a turma o que cada grupo entendeu do poema analisado, os resultados da análise, como o texto se conecta com a realidade de cada um. Para uma discussão sobre todos os poemas apresentados, sugerimos o seguinte roteiro:
 - a) Após você ter lido todos esses poemas, qual deles você achou mais interessante?
 - b) Com base nos textos lidos e analisados, quais temas podem ser contemplados no gênero poema?
 - c) Pelo que já conhecemos da poetisa Cora Coralina, você acredita que algum dos poemas que você leu possa ter relação com a vida real dela? Descreva essa relação.

d) Você acha que falar de nós mesmos, nossas experiências pessoais podem servir de incentivo para outras pessoas? Por quê?

- Orientar os alunos para que registrem no diário de leitura orientada como se sentiram e o que aprenderam ao participar dessa aula de interação oral.

Intervalo de leitura

Ouvir e cantar a música: “O rolê é nosso”, de Karol Conka – proporcionando aos alunos o contato com as mesmas temáticas abordadas no gênero poema por meio do gênero letra de canção.

O rolê é nosso

Karol Conka

O Rolê É Nosso

Karol Conká

Aha, uhu

O rolê é nosso

O mundo é meu

Eu sonho, eu faço, eu posso

Aha, uhu

O rolê é nosso

O mundo é meu

Eu sonho, eu faço, eu posso

Hoje eu vou jogar, jogar pra ganhar

Eu nasci pra vencer, nada pode me parar

Somos mulheres guerreiras, verdadeiras heroínas

Juntas quebramos barreiras, vencemos qualquer partida

Hoje eu vou jogar, jogar pra ganhar

Eu nasci pra vencer, nada pode me parar

Somos mulheres guerreiras, verdadeiras heroínas

Juntas quebramos barreiras, vencemos qualquer partida

Juntas nos afirmamos

Criamos e transformamos

Sabemos que a renovação é parte do plano

Acreditamos que o progresso tá no coletivo

E que o sucesso verdadeiro é um sincero sorriso

Aqui nessa competição

Leva quem é merecedor

Tem que ter fé na missão

Mas eu não posso ter medo da dor

Fazer valer o suor

Derramado no chão que eu pisei

A queda pode ser maior

Mas eu fui melhor quando me levantei

Hoje eu vou jogar, jogar pra ganhar
 Eu nasci pra vencer, nada pode me parar
 Somos mulheres guerreiras, verdadeiras heroínas
 Juntas quebramos barreiras, vencemos qualquer partida
 Aha, uhu
 O rolê é nosso
 O mundo é meu
 Eu sonho, eu faço, eu posso

Aha, uhu
 O rolê é nosso
 O mundo é meu
 Eu sonho, eu faço, eu posso

Aha, uhu
 O rolê é nosso
 O mundo é meu
 Eu sonho, eu faço, eu posso

Aha, uhu
 O rolê é nosso
 O mundo é meu
 Eu sonho, eu faço, eu posso
 (CONKA, [2020?])

Professor, essa música foi escolhida por tratar-se de uma canção atual e que reflete sobre a necessidade de se superar a cada dia, de se levantar após cada derrota, e ainda por tratar-se de uma música envolvente e que tem uma batida que agrada ao público jovem e adulto que compõe o perfil do alunado da EJA, mas principalmente por sua letra incentivar o empoderamento de todas as pessoas, especialmente do empoderamento feminino.

- Solicitar aos alunos que escrevam o que pensam sobre si próprios e sua História de vida. Esse texto não deverá ser compartilhado, pois poderá conter fatos muito íntimos e particulares dos alunos, acreditamos que o mesmo poderá ser classificado como uma página de diário ou um relato pessoal, portanto para não expor o aluno esse texto poderia ser pessoal, somente deveria ser exposto se o aluno fizer muita questão.

Aula 16 e Aula 17: Minha produção autoral

Professor, esse será o momento de produção autoral. Os alunos deverão escrever seus poemas e aqueles que se sentirem à vontade poderão compartilhá-los em sala de aula com os colegas.

- Apresentar aos alunos o vídeo em que Cora Coralina declama o poema: Todas as vidas dentro de mim, que se encontra no *link*: www.youtube.com/watch?v=zSECOdMGHzM.
- Discutir com eles aspectos já estudados sobre o gênero poema e sobre o estilo

literário de Cora Coralina.

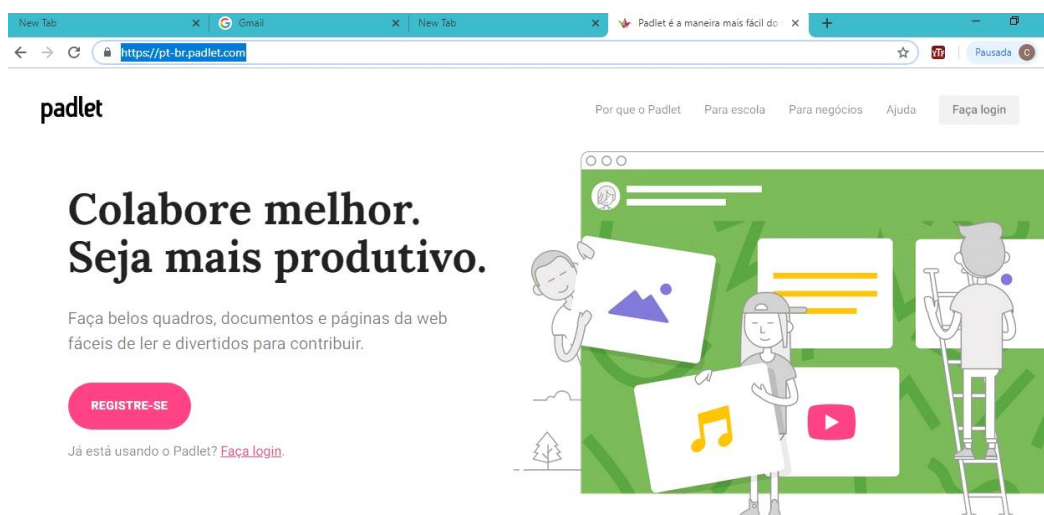
- Pedir aos alunos que produzam um poema de acordo com o tema de sua preferência.
- Solicitar aos alunos que se sentem em dupla e troquem a produção com o colega para que um conheça a produção do outro e teça comentários que possam contribuir para tornar o texto do outro melhor. Caso não consigam terminar nessa aula, levar pra casa e trazer corrigida na aula seguinte. Peça que façam as anotações a lápis, pois depois o professor fará a conferência. Conscientizar os alunos de que precisam respeitar a produção do outro, que façam os comentários com respeito.

- Considerar interessante e o autor esteja de acordo, os textos poderão ser lidos oralmente.
- Recomendar que o professor também faça a correção dos textos e os alunos pratiquem a reescrita.

Aula 18 e Aula 19: Circulando o gênero produzido

- Levar os alunos ao laboratório de informática e apresentar-lhes o mural *online* chamado Padlet.
- Orientar que acessem, usando o seguinte endereço: <https://pt-br.padlet.com/>

Figura 7 – Padlet



Fonte: <https://pt-br.padlet.com/?ref=logo>. Acesso em: 20 mar. 2020.

- Solicitar aos alunos que façam o *login*. Depois que digitem a produção que foi feita na aula 3 e afixem no mural *online*.
- Orientar os alunos a compartilharem suas produções nas redes sociais. Essa opção de compartilharem suas produções afixadas em um mural online é uma forma a mais de

publicação de seus escritos.

- Pedir aos alunos que façam uma avaliação de suas produções no diário.

2.7 Bloco 6: Culminância do Projeto

Neste bloco, serão desenvolvidas atividades com vistas a produzir um Café literário. Acreditamos que essa atividade permitirá o envolvimento dos alunos e dará a eles a oportunidade de serem protagonistas nesta atividade escolar. O café literário será nomeado pelos alunos, porém ao final de todas as sugestões a professora contribuirá com o seguinte nome: **Desenvolvendo talentos: Café literário.**

Tempo sugerido: 05 aulas de 50 minutos.

Material necessário: Cenário, som, poemas.

Possíveis dificuldades: Pode ser que alguns alunos, por estarem muito tempo fora do contexto escolar, tenham perdido a prática no que se refere à apresentação em público. Uma possibilidade para sanar isso seria propor um trabalho interdisciplinar com a área de linguagens, códigos e suas tecnologias. Assim, os alunos teriam mais oportunidades de ensaiarem, de ouvirem sugestões de outros professores.

Objetivos:

- Proporcionar aos alunos momentos de ação e de interação.
- Contribuir para socialização da comunidade escolar.
- Oportunizar a construção de um projeto educacional interdisciplinar.

Fortalecer a integração e a identidade da comunidade escolar por meio de manifestações artístico-culturais.

- Elaborar convites.
- Produzir uma coletânea de textos escritos pelos alunos para ficar no acervo da biblioteca da escola.

Aula 20: Elaborando um convite

• Solicitar aos alunos que escolham um tema ou passagem interessante de sua vida para que escrevam poeticamente, encantando e seduzindo os espectadores das apresentações, prováveis leitores da coletânea que será organizada com os textos por eles produzidos e deixados na biblioteca da escola para consulta pública, despertando nos leitores/espectadores o sentimento de identificação com as temáticas abordadas nos poemas dos alunos/autores de sua comunidade, e talvez até e motivem a escrever literariamente, também. Esses textos

Professor, sugerimos que seja organizada uma mesa com café, biscoitos, bolos e afins. Você poderá organizar isso com a direção da escola, com os alunos, enfim, de acordo com suas possibilidades e poderá sugerir que alguns interessados venham caracterizados de Cora Coralina. Caberá aos organizadores do evento a preocupação com filmagem, sonorização, fotos, ornamentação. É importante que os grupos sejam organizados com antecedência, e que as funções sejam distribuídas entre eles.

Neste momento os convidados de honra deverão participar de um café literário oferecido pela turma do 8º ano da EJA.

2.8 Bloco 7: Avaliação da proposta didática de leitura e de análise de poemas de Cora Coralina

Tempo estimado: 01 aulas de 50 minutos.

Materiais necessários: folhas xerocadas.

Possíveis dificuldades: Alguns alunos podem apresentar dificuldades no que se refere a avaliar um trabalho de um professor. Explique a eles que as considerações que fizerem serão muito importantes para que essa proposta sofra adequações, caso necessário.

Objetivos:

- Avaliar se o desenvolvimento da proposta contribuiu para atingir os objetivos propostos.

Aula 25: Avaliação da proposta

- Explicar aos alunos a importância desse momento, entrevistar os alunos, tomando como referência o roteiro a seguir:

Professor/a, caso não seja possível fazer a entrevista, sugerimos que transforme o roteiro de entrevista em um questionário para que os alunos o respondam. Esse questionário pode ser feito usando, por exemplo, o Google.docs, para que as respostas sejam on-line. Se não puder contar com esse tipo de recurso, uma opção é imprimir o questionário ou exibi-lo por meio do DataShow para que os alunos o respondam.

Roteiro de Entrevista:

- Você pode me contar como foi a sua experiência de participar do desenvolvimento da proposta de leitura, análise e produção de poemas de Cora Coralina?
- O que significou para você escrever e falar sobre si, no contexto escolar?
- Você percebeu alguma relação entre o que Cora Coralina representa em seus poemas e o que você vive? Comente sobre isso.
- Na sua opinião, o trabalho que desenvolvemos trouxe-lhe alguma contribuição?
- Em que a atividade pedagógica desenvolvida pode contribuir em sua vida?

- A partir de nossos estudos, como você se sente hoje ao ler um poema?
- Quais aprendizagens foram mais significativas para o seu reconhecimento e desenvolvimento pessoal?
- Você acredita que atividades sistematizadas e direcionadas da forma com que estas foram podem contribuir para o despertar da consciência crítica dos alunos da EJA?

Analisar os resultados e agradecer aos alunos por terem participado da pesquisa.

Professor, não se esqueça de solicitar aos alunos que comentem sobre as atividades realizadas, as dificuldades, as facilidades e do que gostaram mais. Nesse momento o professor convidará a turma para que façam uma roda de conversa e compartilhem suas experiências, descobertas e aprendizados oriundos da aplicação da proposta, com base no roteiro de entrevista. Finalizada e apresentada a proposta didática de leitura e análise crítica, o professor deverá tecer seus comentários e agradecimentos aos participantes da proposta a fim de motivá-los a querer buscar cada vez conhecimentos.

3 PALAVRAS FINAIS

Caro professor, ao encerrarmos nossa proposta esperamos que este material didático-pedagógico possa subsidiar o seu trabalho, especialmente no que concerne à leitura e à análise de gêneros do campo artístico-literário.

Esperamos que você o receba como um suporte a mais a ser utilizado como estratégias adaptáveis ao belo trabalho que você já realiza com os estudantes da EJA, público que em particular tem a característica de respeitar, admirar e agradecer tudo o que nós, professores fazemos para contribuir com a sua formação.

Encerramos a apresentação da proposta e coloca-nos à disposição para aquela interação discursiva saudável, prenhe de vivências, carregada das ideologias dos estudiosos com os quais tomamos contato ao longo de nossas carreiras e que inspiram, a cada dia, o nosso fazer em todas as salas de aula deste país, não importando as condições, acreditamos sempre que a melhoria da qualidade de vida de nossos alunos e a efetivação da justiça social passe pela educação, portanto passa por minhas mãos, passa por nossas mãos!

Confessamos que produzimos este material para aquele colega de jornada, professor de Língua Portuguesa, que assim como nós acredita no poder libertador da educação, por este motivo, às vezes fomos insistentes ao frisar certos aspectos acerca de uma boa aula de Português, pois redefinir o ensino-aprendizagem, em todas as áreas, em especial na área de Linguagens, faz-se necessário se objetivamos promover os multiletramentos e formar um cidadão capaz de redimensionar sua vivência, prosseguindo na conquista de seus objetivos.

Aprender continuamente é o que nos faz seres em construção, e é assim que acreditamos compor nossa História, fecunda, renovada, experimentada, ininterrupta, estimulada, brilhante e esperançosa de que nossos alunos sejam pessoas capazes de falar, ler, escrever, ouvir, refletir, produzir textos orais e escritos, verbais e multissemióticos cada vez melhores. Que nossas aulas de Português possam proporcionar que nossos alunos constituam um novo discurso, reinventando-se para a elaboração de uma nova sociedade, que a atuação deles, concomitante à nossa seja capaz atuar na edificação de um mundo cada vez melhor, mais fraterno, equânime, justo e feliz. Viva Paulo Freire! Viva Cora Coralina! Viva todos os professores do Brasil!

REFERÊNCIAS

- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: Rethinking critical discourse analysis. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999. 168 p.
- CONKA, C. O rolê é nosso. *In: vaga-lume*. [S. l.], [2020?]. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/karol-conka/o-rol-e-nosso-part-tropkillaz.html>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- COPE, B.; KALANTZIS, M. Multiliteracies: New literacies, new learning. **Pedagogies: An International Journal**, Nanyang Walk, v. 4, n. 3, 350 p., 2000. <https://doi.org/10.1080/15544800903076044>
- CORALINA, C. Feliz aquele. *In: Pensador*. [S. l.], [2020?]. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTYz/>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- CORALINA, C. **Meu livro de cordel**. 11. ed. São Paulo: Global, 2005.
- CORALINA, C. Não sei se a vida. *In: Recanto das letras*. [S. l.], 2009. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/mensagens/1423994>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- CORALINA, C. **Vintém de cobre; meias confissões de Aninha**. 4. ed. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1987.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2012. 139 p.
- COSSON, R. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014. 189 p.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. Traduz. I Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.320 p.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003. 270 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo:

Paz e terra, 165 p.

ROJO, R., H.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *In*: ROJO, R., H.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p.11-32.

ROJO, R. Apresentação. *In*: ROJO, R. H.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p.7-9.

ROJO, R. **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. 216 p.

ANEXO A - Biografia de Cora Coralina

Biografia Resumida de Cora Coralina

Sem dúvidas, Cora Coralina é um excelente exemplo da literatura brasileira. Ela começou tarde e obteve grande proporção por seus pensamentos simples e profundos.

Então, se você quer saber um pouco mais sobre essa incrível mulher, continue lendo e descubra tudo o que você precisa saber sobre ela. Vamos lá?!

Quem foi Cora Coralina?

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, que usava o pseudônimo de Cora Coralina, foi uma poetisa e contabilista brasileira. Ela nasceu na cidade de Goiás no dia 20 de agosto de 1889 e faleceu em Goiânia no dia 10 de abril de 1985.

Cora Coralina é considerada até os dias de hoje uma das mais importantes escritoras brasileiras. Isso, mesmo tendo começado tardiamente, lançando seu primeiro livro apenas em junho de 1965 quando já possuía 76 anos de idade.

Cora era uma mulher bastante simples, doceira por profissão e que viveu longe dos grandes centros urbanos a maior parte de sua vida. Assim, era alheia aos modismos literários, vindo a produzir obras ricas no que diz respeito a motivos cotidianos do interior do Brasil.

Juventude e início de carreira



Anna Lins, cujo pseudônimo era Cora Coralina, era filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, um desembargador nomeado por Dom Pedro II, com Jacyntha Luiza do Couto Brandão.

Ela nasceu e foi criada perto do Rio Assunção e a estimativa é que sua casa tenha sido construída por volta do século XVIII. Ela pode ter sido uma das primeiras edificações de Vila Boa, em Goiás.

Os seus primeiros textos foram escritos quando ela tinha cerca de 14 anos. Eles foram posteriormente publicados nos jornais de Goiânia e de outras cidades.

Embora tivesse pouca escolaridade, visto que só concluiu as primeiras 4 séries de ensino básico, ela não deixou de ser brilhante.

De acordo com Assis Brasil, o mais antigo registro de sua vida literária é datado de 1907, pelo semanário “A Rosa”. Mesmo assim, ainda constam registros de seus trabalhos em periódicos goianos.

No ano de 1911 ela mudou para o Estado de São Paulo com Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas. Ele era um advogado que exercia cargo de chefe de polícia no governo do presidente Urbano Coelho Gouvêa.

Ela viveu lá por 45 anos e foi lá que teve seus seis filhos. São eles: Paraguaçu, Eneas, Cantídio, Jacyntha, Ísis e Vicência. Vale lembrar que Eneas e Ísis faleceram logo após nascer.

No princípio, eles moravam na cidade de Jaboticabal, mas em 1924 se mudaram para a capital, São Paulo. Chegando lá, Cora Coralina passou algumas semanas trancada em um hotel porque os revolucionários haviam parado a cidade.

Em 1930, viu a chegar a Getúlio Vargas e seu filho Cantídio participou da revolução Constitucionalista de 1932.

Os primeiros passos literários de Cora Coralina

Com o falecimento de seu marido, Cora passou a comercializar livros. Depois, se mudou para Penápolis, no interior do estado onde trabalhava fabricando e vendendo linguças caseiras.

Ao chegar aos 50 anos, Cora relata que passou por uma transformação profunda no seu interior. Mais tarde, ela definiu esse processo como “perda do medo.

Foi então que ela parou de atender por seu nome de batismo e passou a responder pelo pseudônimo Cora Coralina, que já havia sido escolhido por ela há muitos anos atrás.

Nesses anos, Cora não se deteve de escrever sobre temas relacionados a sua própria história. Então, falou da cidade em que nasceu e do ambiente no qual foi criada. Ela até mesmo gravou um LP no qual declamava suas próprias poesias. Ele foi lançado pela gravadora Paulinas Comep e ainda hoje pode ser encontrado, mas em formato de CD.

No auge da sua carreira

Cora somente conseguiu abrangência nacional quando teve a segunda edição de “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais”, impresso pelas Oficinas Gráficas da Universidade Federal de Goiás.

A capa da obra retratava um dos becos da cidade. Já a ilustração ficou por conta da artista consagrada Maria Guilhermina. A orelha da obra foi feita por J.B. Martins Ramos. Já o prefácio era de Oswaldino Marques.

Por essa obra, Cora foi saudada por Carlos Drummond de Andrade no Jornal no Brasil no dia 27 de dezembro de 1980.

Somente depois dessa obra, em 1978, que Cora Coralina conseguiu chamar a atenção do Brasil todo. Desde então, não deixou mais de ser admirada.

A primeira edição dessa obra foi lançada em 1965, quando ela já tinha 75 anos. Esse também foi seu primeiro livro a ser publicado. A responsável foi a Editora José Olympio.

Cora compôs, em 1976 o “Meu livro de Cordel”, 11 anos depois de seu primeiro livro. Já em 1983, houve o lançamento de “Vintém de cobre”.

Principais obras e poemas de Cora Coralina

Embora tenha começado tarde, Cora Coralina tem uma biografia muito respeitável. Embora não seja muito extensa. Sendo assim, vamos conhecer as principais obras dessa autora:

- 1965 (poesia) – Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais
- 1976 (poesia) – Meu livro de Cordel
- 1983 (poesia) – Vintém de Cobre – Meias confissões de Aninha
- 1985 (contos) – Estórias da Casa Velha da Ponte
- 1986 (infantil) – Meninos Verdes
- 1996 (infantil) – Tesouro da Casa Velha
- 1999 (infantil) – A Moeda de Ouro que o Pato Engoliu
- 2001 (poesia) – Vila Boa de Goiás
- 2002 (infantil) – O Prato Azul-Pombinho

Vale ressaltar que todas as obras aqui citadas que foram lançadas a partir do ano de 1986 são póstumas. Isso quer dizer que foram lançadas depois da morte da autora.



Frases marcantes de Cora Coralina

Como não poderia ser diferente, Cora Coralina possui muitas frases marcantes. Veja algumas delas:

” Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.”

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.”

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.”

“Fiz a escalada da montanha da vida removendo pedras e plantando flores.”

Morte e o legado de Cora Coralina

Em seus últimos anos de vida, Cora teve suas obras reconhecidas. Ela foi convidada a participar de conferência e também programas de televisão. Além disso, foi homenageada inúmeras vezes. Já no que diz respeito ao seu legado, sem dúvidas ele foi muito além da literatura. Sua mensagem de vida foi de felicidade nas coisas simples.

Com isso, encantou o Brasil com suas ideias e escrita simples, mostrando que todos temos mais a ensinar do que percebemos.

Pronto, agora você já sabe um pouco mais sobre Cora Coralina, sua vida, sua obra e a mensagem que deixou para a eternidade. Aproveite esse material.

Disponível em: <https://biografiaresumida.com/cora-coralina/>. Acesso em: 27 jan. 2018.

ANEXO B - Poemas selecionados de Cora Coralina

Assim eu vejo a vida

Assim eu vejo a vida
 A vida tem duas faces:
 Positiva e negativa
 O passado foi duro
 Mas deixou o seu legado
 Saber viver é a grande sabedoria
 Que eu possa dignificar
 Minha condição de mulher,
 Aceitar suas limitações
 E me fazer pedra de segurança
 Dos valores que vão desmoronando.
 Nasci em tempos rudes
 Aceitei contradições
 Lutas e pedras
 Como lições de vida
 E delas me sirvo
 Aprendi a viver.
 (CORALINA, 1987).

Aninha e suas pedras

Aninha e suas pedras
 Não te deixes destruir...
 Ajuntando novas pedras
 e construindo novos
 poemas.
 Recria tua vida, sempre,
 sempre.
 Remove pedras e planta
 roseiras e faz doces
 Recomeça.
 Faz de tua vida mesquinha
 um poema.

E viverás no coração dos jovens
 e na memória das gerações que
 hão de vir.
 Esta fonte é para uso de todos
 os sedentos.
 Toma a tua parte.
 Vem a estas páginas
 e não entres seu uso
 Aos que têm sede.
 (CORALINA, 1987)

Ofertas de Aninha (aos moços)

Eu sou aquela mulher
 a quem o tempo
 muito ensinou.
 Ensinou a amar a vida.
 Não desistir da luta.
 Recomeçar na derrota.
 Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
 Acreditar nos valores humanos.
 Ser otimista.
 Creio numa força imanente
 que vai ligando a família humana
 numa corrente luminosa
 de fraternidade universal.
 Creio na solidariedade humana.
 Creio na superação dos erros
 e angústias do presente.
 Acredito nos moços.
 Exalto sua confiança,
 generosidade e idealismo.
 Creio nos milagres da ciência
 e na descoberta de uma profilaxia
 futura dos erros e violências
 do presente.
 Aprendi que mais vale lutar
 do que recolher dinheiro fácil.
 Antes acreditar do que duvidar.
 (CORALINA, 1987)

Mascarados

Saiu o Semeador a semear
 Semeou o dia todo
 e a noite o apanhou ainda
 com as mãos cheias de sementes.
 Ele semeava tranquilo
 sem pensar na colheita
 porque muito tinha colhido
 do que outros semearam.
 Jovem, seja você esse semeador
 Semeia com otimismo
 Semeia com idealismo
 as sementes vivas
 da Paz e da Justiça.
 (CORALINA, 1987)

Mãe

Renovadora e reveladora do mundo
 A humanidade se renova no teu ventre.
 Cria teus filhos,
 não os entregues à creche.
 Creche é fria, impessoal.
 Nunca será um lar
 para teu filho.
 Ele, pequenino, precisa de ti.
 Não o desligues da tua força maternal.
 Que pretendes, mulher?
 Independência, igualdade de condições...
 Empregos fora do lar?
 És superior àqueles
 que procuras imitar.
 Tens o dom divino
 de ser mãe
 Em ti está presente a humanidade.
 Mulher, não te deixes castrar.
 Serás um animal somente de prazer
 e às vezes nem mais isso.
 Frígida, bloqueada, teu orgulho te faz calar.
 Tumultuada, fingindo ser o que não és.
 Roendo o teu osso negro da amargura.
 (CORALINA, 1987)

Amigo

Vamos conversar
 Como dois velhos que se encontram
 no fim da caminhada.
 Foi o mesmo nosso marco de partida.
 Palmilhamos juntos a mesma estrada.

Eu era moça.
 Sentia sem saber
 seu cheiro de terra,

